



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

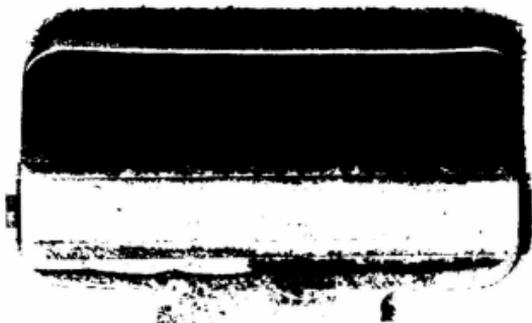
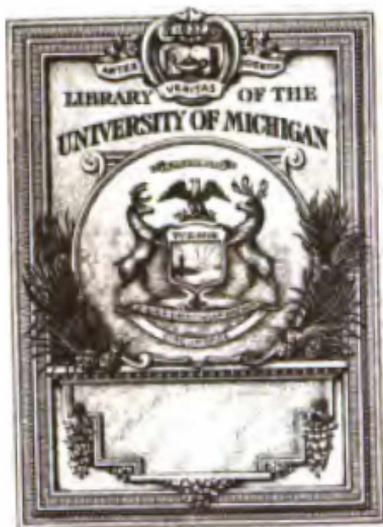
Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

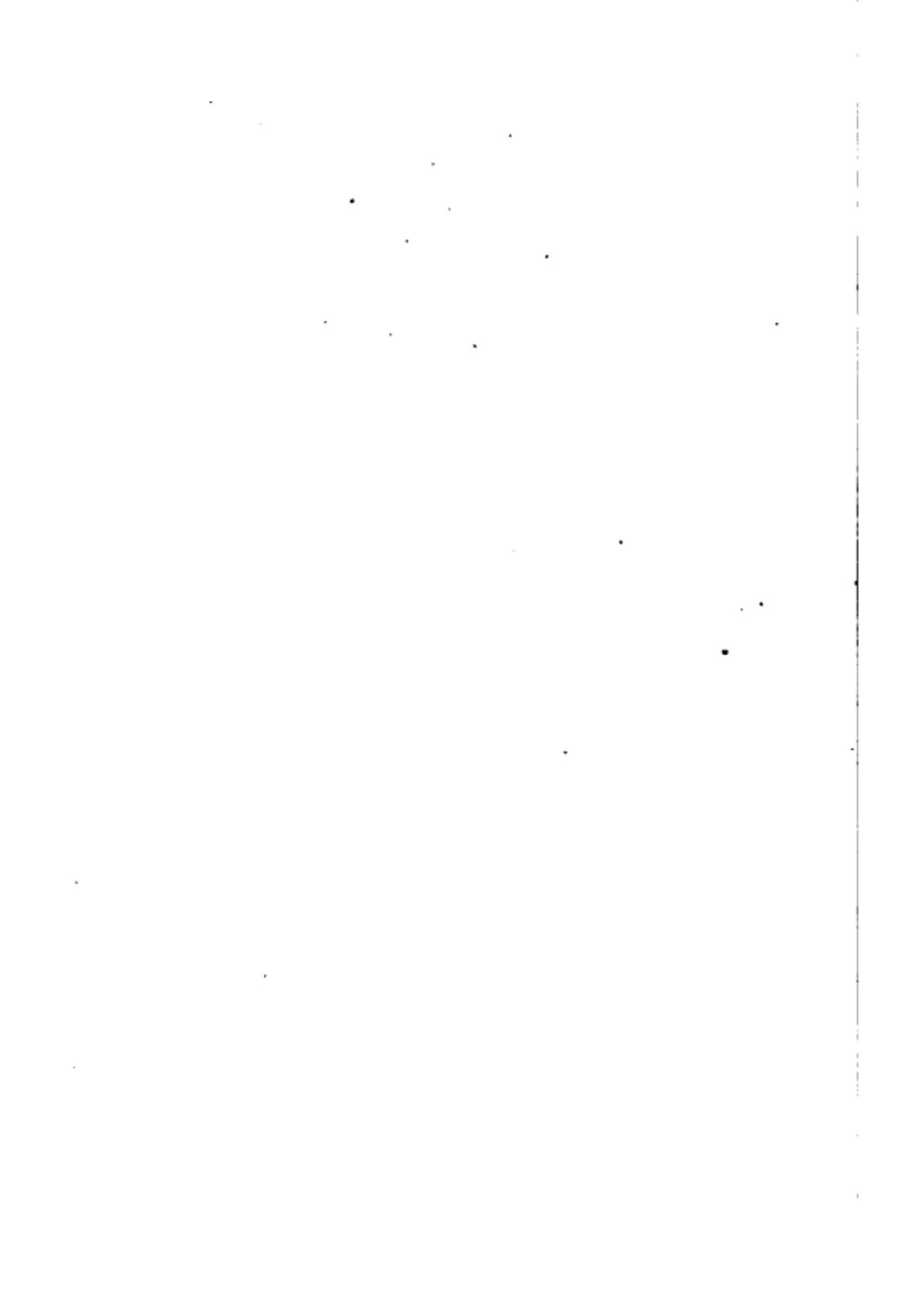
- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



869.8
P26



Parnaso Lusitano

OR

Poesias Selectas.

PARIS. — DE L'IMPRIMERIE DE FIRMIN DIDOT,
rue Jacob, n^o 24.

Parnaso Lusitano

OU

Poesias Selectas

DOS

AUCTORES PORTUGUEZES ANTIGOS E MODERNOS,

ILLUSTRADAS COM NOTAS.

PRECEDIDO

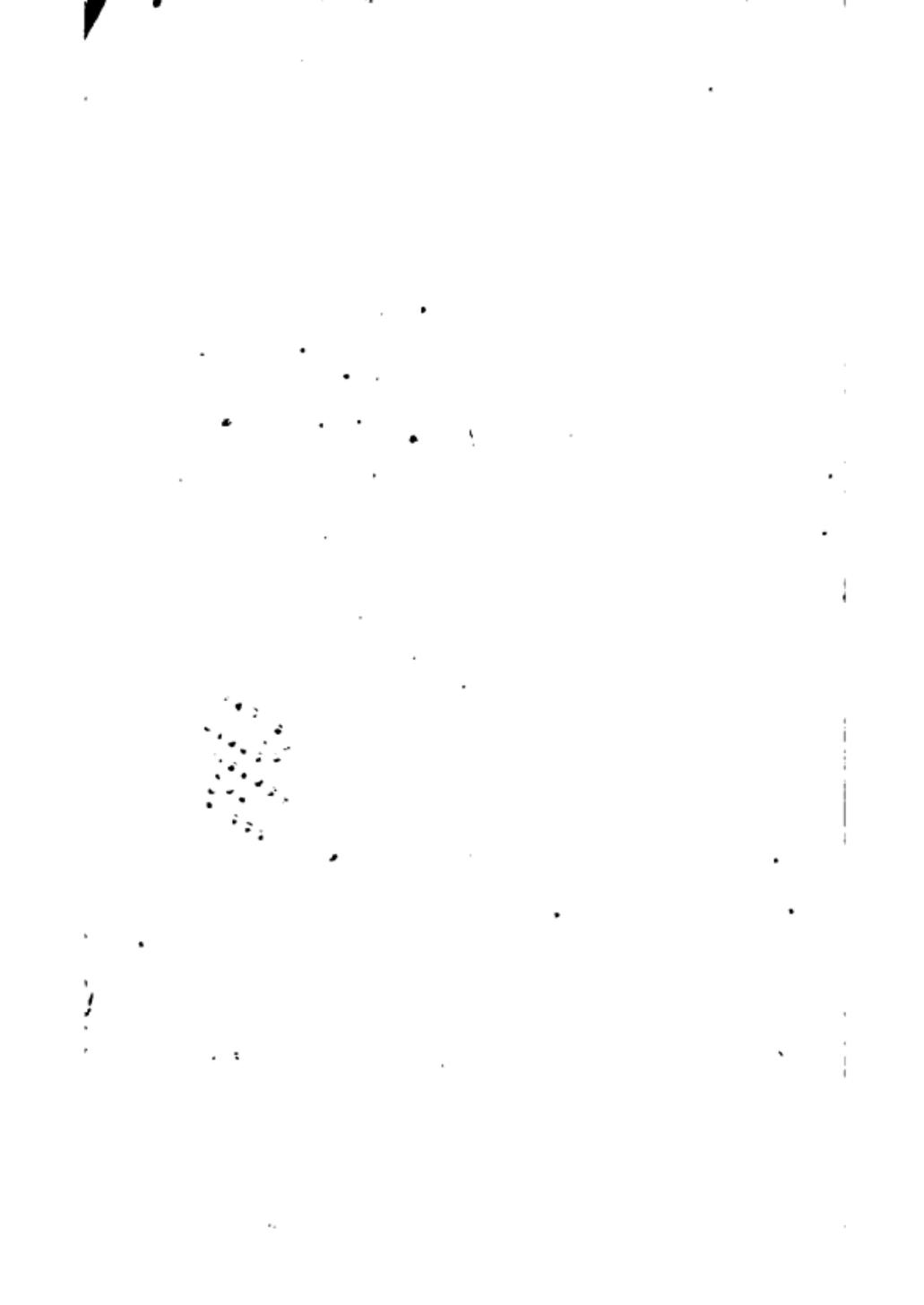
DE UMA HISTORIA ABREVIADA DA LINGUA
E POESIA PORTUGUEZA.

TOMO V.

PARIS,

EM CASA DE J. P. AILLAUD,
QUAI VOLTAIRE, Nº 11.

M DCCC XXVII.



PARNASO LUSITANO.

Epistolares.

CARTA. *

LIB. COM.
LIBERMA
SEPTEMBER 1928
17636

R_{ei} ** de muitos reis, se um dia,
Se uma hora so mal me atrevo
Occuparvos, mal faria,
E ao bem commum não teria
Os respeitois, que ter devo.
Que em outras partes da sphaera

* Pedes tu por ventura ás castas musas
Em didactico stylo puro e bello
Poetica moral? na clara Lysia,
Inda muito melhor que em Grecia e Roma,
Monumentos te off'recem, consagrados
A's instrucções do homem: té as *cartas*
Do grave e docto Sá.

A. R. DOS SANTOS.

** El-rei D. João III.

V.

X

Em outros ceos differentes,
 Que Deus té-gora escondera,
 Tanta multidão de gentes
 Vossos mandados espera.

Que sois vós tal, qu'elles sós,
 Justo e poderoso rei,
 Ou lhe desdais os seus nós,
 Ou cortais; porque entre nós
 Vós sois nossa viva lei.

Onde ha homens ha cubiça,
 Ca'e la, tudo ella empeça,
 Se a sancta, se a igual justiça
 Não corta, ou não desempeça
 O que a má malicia enliça.

Senhor, que é muito atrevida,
 E onde ella nós cegos deu,
 Cortar é cousa devida;
 Exemplo o jugo de Mida,
 Que el-rei vosso avêtz seu.

Ora eu, que respeito havendo
 Ao tempo, mais que ao estilo,
 Irei fugindo ao que intendo;
 Farei como os cães do Nilô,
 Que correm, e vão bebendo.

A dignidade real,
 Que o mundo a direito tem,
 Sem ella ter-se-hia mal,

É sagrada , e não leal
 Quem limpo ante ella não vem*
 Não fallemos nos tyranos ,
 Fallemos nos réis ungidos ;
 Remedeiam nossos danos ;
 Soccorrem os affligidos ;
 Cortam pelos maus enganos .

As vossas vélas , que vão
 Dando quasi ó mundo volta , *
 Raramente contarão
 Gente d'outro algum rei solta ;
 Sem cabeça o corpo é vão .

Dignidade alta e suprema ,
 Quem ha que a não reconheça ?
 Viu-se em Marco Antonio Thema
 De pôr real tiadema
 A Cesar sobre a cabeça . **

* Os Lusitanos , passando aos reinos da China , se atreveram olhar aquelle tam recatado imperio , que nunca soffreu a communicacão de gentes estrangeiras , e la fundaram a cidade de Macau . D' aqui se divertem pera as innumeraveis ilhas do Japão ; de sorte que as vélas portuguezas , com incançavel navegacão , rodeiam a maior parte do mundo em distancia de mais de nove mil leguas .

FREIRE , *Vida de D. J. de Castro.*

** Certo dia , em que se celebravam as festas Lupercaes , quiz Marco Antonio pôr o diadema na cabeça de Cesar : o que deu causa a este ser apunhalado no mesmo anno .

PARNASO LUSITANO.

Que o nome de imperador
 D'aítes a Cesar se dera
 Sem suspeita, e sem temor;
 Que inda então muito mais era
 Ser consul, ser dictador.

Um rei ao reino convem;
 Vemos que alumia o mundo;
 Um sol, um Deus o sostem:
 Certa a quéda, e o fim tem
 O reino onde ha rei segundo.

Não ao sabor das orelhas,
 Arenga studada e branda;
 Abastam as razões velhas:
 A cabeça os membros manda;
 Seu rei seguem as abelhas.

A tempo o bom rei perdoa;
 A tempo o ferro é mezinha:
 Fôrças e condição boa
 Deram ao leão coroa
 Da sua grei montezinha.

Ás aves, tammanho bardo
 D'outra liga, e d'outra lei,
 Por vencer todas voando,
 A aguia foi dada por rei,
 Que o sol claro atura olhando.
 Quanto que sempre guardou
 David lealdade e fé
 A Saul, quanto o chorou!

Quanta maldição lançou
Aos montes de Gelboé!

Onde caíra o escudo
De seu rei, indaque imigo,
Indaque ja mal sesudo
Saíndo de tal perigo,
E subindo a mandar tudo.

O senhor da natureza,
De quem ceo e terra é cheia,
Vindo a ésta nossa baixeza,
Do real sangue se preza:
Por rei na cruz se nomeia.

Sóbre obrigações tammanhas
Velem-se comtudo os reis
Dos rostros falsos, das manhas
Com que lle querem das leis,
Fazer teias das aranhas.

Que senão póde fazer
Per arte, per fôrça ou graça,
Salvo o que a justiça quer;
Senhor, não chamam valer,
Salvo ao que lbes val na praça.

E por muito que os réis olhem,
Vaõ per fóra mil inchaços,
Que ante vós, senhor, se encolhem
D'uns gigantes de cem braços
Com que dão, e com que tolhem.

Quem graça ante el-rei alcança,
E hi falla o que não deve,

Mal grande da má privança,
Peçonha na fonte lança,
De ~~ela~~, toda a terra beve.

Quem joga, onde engano vai,
Em vaõ corre e torna atrás;
~~Em~~ vaõ sôbre a face cai:
Mal hajam as manhas más
D'onde tanto damno sai!

Homem de um ão parecer,
D'um so rosto, uma so fé,
D'antes quebrar, que torcer,
Elle tudo póde ser,
Mas de côrte homem não é.*

Gracejar ouço de cá
De quem vai inteiro e são,
Nem se contrafaz mais lá;
Como este vem aldeão,
Que cortezão tornará?

As sanctidades da praça,
Aquelles rostros tristonhos,
C'os quais este, e aquelle caça;
Para Deus, senhor, é graça;
Para nós tudo são sonhos.

E os discursos que fazemos,
Póde ser, não póde ser,
Mais diante o intenderemos:

* Esta *quintilha* é citada per todos os conhecedores, e corre hoje como proverbio.

EPISTOLARES.

Agora mortos por ver;
Então todos nós veremos.

Senhor, hei-vos de fallar
(Vossa mansidão me esforça)
Claro o que posso alcançar;
Andam para vos tomar
Per manhas, que não per força.

Por minas trazem suas azes
Os rostos de tintureiros,
Falsas guerras, falsas pazes;
De fóra mansos cordeiros;
De dentro lobos roazes.

Tudo seu remedio tem,
E que assi bem o sabeis,
E ao remedio tambem;
Querei-los conhecer bem,
No fruto os conhecereis.

Obras, que palavras não:
Porém senhor, somos muitos,
E entre tanta multidão
Tresmalham-se-vos os frutos,
Que não sabeis cujos são.

Um que por outro se vende,
Lança a pedra, e a mão esconde;
O damno longe se estende;
Aquelle a quem doe e intende,
Com so suspiros responde.

A vida desaparece,
E entretanto geinc e jaz

O que caiu : e acontece,
 Que d'um mal, que se lhe faz,
 Outro mor se lhe recrece.

Pena e galardão igual,
 O mundo a direito tem,
 A uma regra geral;
 Que a pena se deve ao mal,
 E o galardão ao bem.

Se algum' hora aconteceo
 Na paz, muito mais na guerra,
 Que a balança mais pendeo,
 Faz-se engano ás leis da terra;
 Nunca se faz ás do ceo.

Entre os Lombardos havia
 Lei escripta, e lei usada,
 Como se sabe hoje em dia;
 Que onde a prova fallecia,
 Que o provasse a espada.

Alli no campo ás singellas,
 Einfin morrer ou vencer,
 Fosse qual quizesse d'ellas:
 Não era melhor morrer
 A ferro, que de cautellas?

Ao nosso alto e excellente
 Dom'Diniz, rei tam louvado,
 Tam justo, a Deus tam temeute,
 Falsa e maliciosamente,
 Foi grande alcive assacado.*

* O principe D. Afonso publicou um manifesto

EPISTOLARES.

9

Elle pósto em tal perigo,
Rei que réis fez e desfez;
Contra o malicioso imigo,
Foi-lhe forçado ésta vez
Chamar-se a ésta lei que digo.

E junctamente ás cidades
A quem cumpriu de accodir
Polas suas lealdades:
Que tam más são as verdades
A's vezes de descobrir!

N'este tempo quem mal cai,
Mal jaz; e dizem que á luz
Per tempo a verdade sai;
Entretanto poem na cruz
O justo, o ladrão se vai.

Da mesma casa real,
Em verdade um grande Ifante
Tractado ás escuras mal,
Bradava por campo ignal,
E inimigos claros diante.

Enfim vendo a industria e arte

contra seu pae, no qual o accusava de haver pedido ao Papa a legitimação de Afonso Sanches seu filho natural, a fim de o declarar seu successor. Mas el-rei protestou— que tal cousa nem somente lhe lembrara. — E o Papa declarou solemnemente, — que nuaca se lhe pedira graça semelhante: — e deu-se por muito offendido do que se dizia a este respeito.

MORAES.

Quanto que podem, chamou
 Um leal conde de parte;
 So co'elle se apartou;
 Foi viver a melhor parte.

Onde tudo é certo e claro,
 Onde são sempre umas leis;
 Princípios no mundo raro,
 Sobre tanto desemparo
 Foram tres seus filhos reis.

Ó senhor! quantos suores
 Passa o corpo e alma em vão
 Em podèr d'involvedores!
 Emfim, batalhas que são?
 Salvo desafios mores.

Com a mão sôbre um ouvido
 Ouvia Alexandre as partes,
 Como quem tinha intendido,
 Por fazer certo o fingido,
 Quantas que se buscam d'artes.

Guardava elle o outro inteiro
 Á parte não inda ouvida:
 Não vai nada em ser primeiro:
 Quem muito sabe duvida;
 So Deus é o verdadeiro.

A tudo dão novas cores
 Com que enleiam os sentidos:
 Ah maus! ah enliçadores!*

* Enredadores.

EPISTOLARES.

11.

Ante os reis, vossos senhores,
Andais com rostros fingidos!

Contais, gabais, estendeis
Serviços e lealdades:

Olhai que nan os daneis:

Fallai em tudo verdades
A quem em tudo as deveis.

Senhor, nosso padre Adão
Peccou, chamou-o o juiz,
Tenha que dizer ou não;
Hi sua fraca razão,
Porém livremente diz.

Sempre foi, sempre ha de ser,
Que oude uma so parte fala;
Que a outra haja de gemer:
Se um jogo a todos iguala,
As leis que devem fazer?

Vidas e honras guardais
Debaixo de vosso empenho
D'estranhos e naturais;
Suspiram, não podem mais,
E ás vezes não muito claro.

Tambem após aquella arde
A cubiça da fazenda
Por mais que se vele e guardê;
Tinha ella melhor emenda
Senão fosse mal e tarde.

Geralmente é presunçosa
Espanha, e d'isso se preza,

Gente ousada e bellicosa ,
 Culpam-na de cubiçosa :
 Tudo sabe vossa alteza.*
 - Pensamentos nunca cheios ,
 Não teem fundo aquelles sacòs ;
 Inda mal , porque tem meios
 Para viver dos maíß fracos ,
 E dos suores alheios .

Que eu vejo nos povoados
 Muitos dos salteadores ,
 Com nome e rosto de honrados ,
 Andar quentes e forrados
 Das pelles dos lavradores .

E senhor não me creais
 Se as não acham mais finas ,
 Que as de lobos cervais ,
 Que arminhos , que zebelinas ,
 Custam menos , cobrem mais .

Ah. seuhor! que vos direi
 Que acode mais vento ás velas ;
 Nunca se descuide o rei ;
 Que inda não é feita a lei ,
 Ja lhe são feitas cautelas .

Então tristes das mulheres ,
 Tristes dos orphãos coitados ,
 E a pobreza dos mesteres ,

* Versos de um laconismo admiravel.

Que nem fallar são ousados
Diante os mores poderes.

Os quais quem os assí quer,
Quem os negoceia assí,
Que fará quando os tiver?
Nossos houveram de ser;
Tomaram-nos para si.

Ora já que as consciencias
O tempo as levou consigo,
Venhamos ás penitencias,
Senhor, se eu vira castigo
Boas são as residencias.

Mas eu vejo ca na aldeia
Nos enterros abastados,
Muito padre que passeia,
Emfim, ventre e bolsa cheia
Absoltos de seus peccados.

Si se hão de reconciliar,
Uns c'os outros teem seu trato;
Basta-lhes so acenar:
Não nos fazem tam barato
Ao tempo de confessar!

Senhor, ésta vossa vara
Em quais mãos anda, tal é:
A boa é ave mui rara;
Sabei que ésta nunca é cara,
Que seja muita a mercé.

Livre de toda cubiça,
A Deus temente, e a vós,

Sem respeito, e sem prigniça,
Vara direita sem nós,
Se quereis que haja hi justiça.

Tomai senhor o conselho
Do bom Gethro ao genro amigo:
É verdade, é evangelho,
(Como disse aquelle velho)
Humildemente vos digo.

Que éstas leis justinianas,
Seuão ha quem as bem reja,
Fóra de paixões humanas,
São um campo de peleja
Com razões francas e ufanas.

Morre o nobre Conradino
C'o parceiro em tudo igual:
Cadaum de tal morte indino,
Polo pesado ou malino
Doctor, que interpreta mal.

Diz o texto: « O sangue cesse;
Per batalha a guerra finda. »
Vem com grossa outro interesse;
Diz que ande o cutelo, ainda
Que em prisão certo o tivesse.

Mas, senhor, melhor o temos
Sendo vós o que mandais:
Todos nos revolveremos,
Os que tanto não podemos,
E aquelles que podem mais.
Que por amor se encadeia,

(Não é nome errado ou novo)
Se por livre se nomeia ;
Não tem rei amor de povo
Tanto, em quanto o mar rodeia.
Aqui não vemos soldados ;
Aqui não soa atambor ;
Outros réis, os seus estados
Guardam de armas rodeiados,
Vós rodeiado de amor.

Achar-nos-hão as divinas
No meio dos corações
Entalhadas vossas Quinas :
Estas são as guarnições
De vós, e dos vossos dinas.

Tem na verdade o Francez
A seu rei amor acceso ;
Não lh'o nega o Portuguez ;
Porém traz guarda Escocez,
Que não é de pouco peso.

O Padre-Sancto assi faz,
A quem certo se devia
Alto assocego, alta paz ;
Mas tem guarda, todavia,
Com que vai seguro e jaz.

Que se póde ir mais ávante,
Com quanto alcança o sentido
Sem ferro, ou fogo que espante :
Com duas canas diante
Is amado, e is temido.

Uns sobr'os outros corremos
 A morrer por vós com gosto :
 Grandes testemunhas temos
 Com que mãos, e com que rosto
 Por Deus, e por vós morremos.

Outrosi para os reveses
 (Queira Deus que não releve)
 Em vós teem os Portugueses
 O bom rei de Athenienses *
 Codro, que outrem algum não teve.
 * Do vosso nome um gran' rei **
 N'este reino lusitano,
 Se poz ésta mesma lei :
 Que diz o seu Pelicano
Pola lei, e pola grei.

Mas eu sou d'uns guarda-cabras
 Que se vão de ponto em ponto ;
 Querem so duas palavras ;
 Que dos gados, que das lavras
 Depois não teem fim, nem conto.
 Assi que seja aqui fim ;
 Tornem as prácticas vivas ;

* Rei dos Athenienses, o qual por salvar sua patria, se entregou á morte.

** D. João II. amava muito o seu povo; e por empresa d'este amor que lhe tinha, escolheu um Pelicano, ferindo com o bico o peito, para alimentar com o seu sangue os seus filhinhos.

Perdestes meia ora em mim,
Das que chamam *successivas*
Estes que sabem latim.

SA' DE MIRANDA.

* Esta carta a el-rei D. João III. é considerada pelos doctos e intendedores como a obra prima de Sá de Miranda. Outras tem excellentes, e bem assi Antonio Ferreira e Diogo Bernardes; mas não pude inseri-las n'esta escolha, porque me faltava logar para outras peças igualmente estimaveis.

 CARTA. *

Fez fôrça ao meu intento a doce e branda
 Musa tua, Bernardes, ** que a meu peito
 Dá novo sprito, novo fogo manda.
 Como um juizo queres que sujeito

* Não são menos credoras dos maiores louvores as *cartas* de Ferreira; por se encontrarem n'ellas os documentos mais solidos da móral, correndo parêlhas na fôrça com a suavidade da poesia. Todas as excellencias de Horacio (seu original) se achem alli exacta e felizmente desempenhadas. Seriam sem número os logares, se houveram de apontar-se, em que o nosso poeta se apropria os pensamentos d'este principe dos lyricos latinos. A imitação de Horacio, que é a mais ordinaria, como a de todos os antigos poetas gregos e romanos, se ve sempre em Ferreira feliz e acertadissima. Os que souberem adverti-lo, poderão aprender de tam admiravel exemplar o modo, porque ésta deve fazer-se exempta d'aquella servidão e balxeza, que de commum a desfigura e envilece.

P. J. DA FONSECA.

** Diogo Bernardes.

Vive a tantos juizos , se não guarde
De tanto riso e rosto cóntrafeito ?

Quanto em mi mais das musas o fogo arde ,
Tanto trabalho mais por apagalo :
Quanto o silencio val , sahe-se tarde.

A mêdo vivo , a mêdo screvo e fallo ;
Hei mêdo do que fallo so comigo ;
Mas inda a mêdo cuido , a mêdo calo.

Encontro a cada passo c'um inimigo
De todo bom espirito ; este me faz
Temer-me de mi mesmo , e do amigo.

Taes novidades este tempo traz ,
Que é necessario fingir pouco riso ,
Se queres vida ter , se queres paz.

Vida em tanta cautela , tanto aviso ,
Quando me deixarás ? quando verei
Um verdadeiro rosto , um simples riso ?

Quando a mi me crerão , todos crerei
Sem dúbidas , sem côres , sem enganos ,
E eu , que de mi mesmo seja rei !

Ah tantos dias tristes , tantos anos
Levados pelos ares em desejos
De falsos bens , e nossos tristes danos !

A quem os deixa e fuge , quãr sobejos
Lhe parecem mais bens que os que so bastam ,
Desviar da virtude os cogos pejos.

Quantos as vidas , quantos almas gastam
Em buscar seu perigo , e sua morte ,
E trás ella seus jugos crueis arrastam !

Aquelles vivem so, a que coube em sorte
Ao som da frauta, que dos hombros pende,
O mundo desprezár com sprito forte.

Toda minh'alma em desejar se estende
A doce vida, que tam doce cantas,
Que quasi a fôrça quebra, que me prende.

Mas ajuncta a estas fôrças outras tantas,
Todas quebraria eu, se azas tivesse
Com que chegasse onde me tu levantas.

S'eu pudesse, Bernardes, se eu pudesse
Ser senhor so de mi, eu voaria
Onde do vulgo mais longe stivesse.

Alli quam livremente me riria
De quanto agora choro! alli meu canto
Livre per ares livres soltaria.

Em quanto me ves préso, amigo, em quanto
Sem sprito, sem fôrças, não me chames
Com teus versos, que a ti so honram tanto.

Por mais que me desejes, mais que me ames,
Não empregues em mi tam cegamente
Teu canto com que é bem que heroes afames.

Mas tractarei contigo amigamente
Do conselho que pedes, juizo e lima
Tem em si todo humilde e diligentè.

Quem tanto a si mesmo ama, tanto amima,
Que a si se favorece, e se perdoa,
Que sprito mostrará em prosa ou rima?

Taes são alguns a que triste a hera croz
Rouhada do vão povo ao claro sprito

Que esconder-se trabalha, e então mais soa.

Aquelle dá de si publico grito:

Este cala, e s'encolbe: o tempo emfim

Um apaga; immortal faz d'outro o scrito.

A primeira lei minha é, que de mim
Primeiro me guarde eu, e a mi não creia,*

Nem os que levemente se me riam.

Conheça-me a mi mesmo: siga a veia

Natural, não forçada: o juizo quero

De quem com juizo, e sem paixão me leia.

* *Sumite materiam vestris qui scribitis æquam
Viribus, et versate diu quid ferrè recusent,
Quid valeant humeri. Cui lecta potenter erit res
Nec facundia deseret hunc, nec lucidus ordo.*

HORACIO.

Não basta fazer bem uma *decima*, para haver arrôjo de intentar um *soneto*; nem compor bem um *soneto*, para desempenhar uma *epopeia*. Conheço pessoa, que por fazer uma *loa* passageira, emprehendeu logo uma *comedia*, que fez como esperavam os que conheciam as poucas forças de seu auctor. Póde ser que Virgilho fizesse mal uma *ode*, e Horacio um *poema*. Com effeito o nosso Francisco Rodrigues Lobo foi felicissimq no *pastoril*, e infelicissimo no *epico*: de sorte que mais honra lhe faz uma sua *ecloga*, que todo o seu *Condestabre*. Todos os dias stamos vendo d'estes exemplos, e facilmente os apontaríamos, se nos quizessemos fazer odiosos. Tudo se evitava se cada um pesaase suas forças com o péso da materia que toma para discorrer.

F. J. FAZRE.

Na boa imitação e uso, que o fero
 Ingenho abranda, ao inculto dá arte,
 No conselho do amigo docto espero.

Muito, ó poeta! o ingenho póde dar-te;
 Mas muito mais, que o ingenho, o tempo estudo;
 Não queiras de ti logo contentar-te.

É necessario ser um tempo mudo:
 Ouvir e ler somente: que aproveita
 Sem armas, com fervor, commetter tudo?

Caminha per aqui. Esta é a direita
 Estrada dos que sobem ó alto monte
 Ao brando Apollo, ás nove irmans acceita.

Do bom screver, saber primeiro é fonte:
 Enriquece a memoria de doutrina
 Do que um cançe, outro ensine, outro te conte.

Isto me disse sempre uma divina
 Voz á ofelha; isto intendo e creio;
 Isto ora me castiga, ora m'ensina.

Cadaum para seu fim, busca seu meio:
 Quem não sabe do officio, não o trata;
 Dos que sem saber screvem o mundo é cheio.

Se ornares de fino ouro a branca prata
 Quanto mais e melhor ja resplendece,
 Tanto mais val o ingenho, s'á arte se ata.

Não prende logo a planta, uão florece

* *Scribendi rectè, sapere est et principium, et fons.*

Sem ser da déstra mão limpa e regada,
 C'o tempo e arte flor fruito parece,
 Questão foi ja de muitos disputada *
 Se obra em verso arte mais, se a natureza?
 Uma sem outra, val ou pouco, ou nada.

Mas eu tómaria antes a dureza
 D'aquelle que o trabalho e arte abrandou,
 Que d'est'outro a corrente e van presteza.

Vence o trabalho tudo: o que cançou
 Seu espirito e seus olhos, algum' hora
 Mostrará parte alguma do que achou.

A palavra que sai uma vez fora,
 Mal se sabe tornar: é mais seguro
 Não tê-la, que escusar a culpa agora.

Vejo teu verso brando, stylo puro,
 Ingenho, arte, doutrina: so queria
 Tempo e lima d'inveja forte muro.

* *Natura feret laudabile carmen, an arte,
 Quæsitum est. Ego nec studium sine divite vena
 Nec rude quid prosit video ingenium.*

HORACIO.

Ferreira parece, que se declara mais pola *arte*, do que pola *natureza*: a sentença mais segura é a de Horacio, em que diz: • Que uma ha de adjudar a outra; porque a *arte* sem a *natureza* é rude, esteril e sècca; e a *natureza* sem *arte* é uma nau sem piloto, que so per milagre, não padecerá naufragio. •

F. J. FREIRE.

Ensina muito, e muda um anno e um dia :
 Como em pintura os erros vai mostrando
 Depois o tempo, que o Olho antes não via.

Corta o sobejo, vai acrescentando
 O que falta, o baixo ergue, o alto modera,
 Tudo a uma igual regra conformando.

*Nonumque prematur in annum.
 Membranis intus positis delere licebit
 Quod non edideris.*

HORACIO.

Este costume tiveram sempre os grandes poetas, gastando muito mais tempo em reter as obras em sua mão do que em compo-las. De Helvio Cinna, famoso poeta, nos diz seu intimo amigo Catullo, que nove annos gastara em compor o seu poemã intitulado—*Smyrna*—, e outros tantos o retivera em seu podêr sem o publicar, a fim de sempre o podêr corrigir. O célebre Sannasaro, vinte annos gastou em compor e limar o seu pequeno poema—*de Partu Virginis*— Tam difficuloso era em publicar seus scriptos, que até um *epigramma* ou *ode* não publicava, se não depois de longo tempo que gastava em emendas. O mesmo practicava Angelo Bergeo, negando longos annos a luz publica ao seu poema *de Venatione*, e á sua *Syriada*, que começou sendo mancebo, e publicou-a tendo settenta annos. Fui alguma cousa prolixo em apontar mais de um exemplo, porque vejo que este conselho de Horacio é muito desprezado n'êsta idade, dando-se á luz scriptos com tanta pressa, que mais tempo levaram a imprimir, do que a compor.

F. J. FREIRE.

Ao escuro dá luz, e ao que podéra
Fazer dúvida, aclara: do ornamento
Ou tira, ou põe: c'p decoro o tempéra.

Sirva propria palavra ao bom intento;
Haja juizo e regra e differença
Da práctica commum ó pensamento.

Damna ó stylo ás vezes a sentença;
Tam igual venha tudo, e tam conforme,
Que em dúvida esté ver qual d'elles vença.

Mas diligente assi a lima reforme
Teu verso, que não entre pelo são,
Tornando-o, em vez de orna-lo, então disforme.

O vicio que se dá ó pintor, que a mão
Não sabe erger da tábua, fuge; a graça
Tiram, quando alguns cuidam que a mais dão.

Roendo o triste verso, como traça
Sem sangue o deixam, sem espirito e vida:
Outro o parço sem forma traz á praça.

Ha nas cousas um fim, ha tal medida,
Que quanto passa, ou falta d'ella, é vicio:
É necessaria a emenda bem regida.

Necessario é, confesso, o artificio,
Não affeitado: empeçe á tenra planta
O muito mimo, ó muito beneficio.

Ás vezes o que vem primeiro, tanta
Natural graça traz, que uma das nove
Deusas parece qua o inspira e canta.

Qual é a lingua cruel, que inda ouse e prove

Em vão alli seus fios ? deixe inteiro

O bem-nascido verso, o mau renove?

Não mude, ou tfre, ou poaha, sem primeiro *

Vir ós ouvidos do prudente experto

Amigo, não invejoso ou lisonjeiro.

Engana-se o amor proprio, falso e incerto;

Tambem s'engana o médo de aprazer-se;

Em ambos erro ha quasi igual e certo.

Para isto é bom remedio ás vezes ler-se

A dous ou tres amigos; o bom pejo

Honesto adjuda então melhor a ver-se.

Alli como juiz então me vejo :

Sinto quando igual vou, quando descaio,

Quando d'outra maneira me desejo.

Quando eu meus versos lia ao meu Sampaio,**

« Muda (dizia) e tira. » Ia, e tornava :

« Inda (diz) na sentença bem não caio. »

O que mais docemente me soava,

O que m'enchia o espirito, por mau tinha;

O que me desprazia me louvava.

Então conheci eu a dita minha

Em tal amigo, tam desenganado

Juizo e certo, em que eu confiado vinha.

* *Si quid tamen olim
Scripseris, in Meti descendat iudicis aures,
Et patris, et nostras.*

HORACIO.

** *Quinctilio si quid recitares, etc.*

HORACIO.

Quem d'olhos tantos lido , quem julgado
De tanto imigo ás vezes ha de ser,
Convem tempo esperar, e ir bem armado.

Isto me faz , Bernardes meu , temer
No teu, como no meu : não val escusa ;
Doe muito ver meu êrro , e arrepender.

Quem louva o bom ? quem bom e mau não accusa ?
Mas tu não tens razão de temer muito,
Assi te alça, e te leva a branda musa.

Deixa so madurar o doce fruto
Um pouco : deixa a lima contentar-se :
Inventa e escolhe então o melhor do muito.

Eu vejo cada dia accrescentar-se
Em ti fogo mais claro, e o ingenho teu
Cada dia mais vivo levantar-se.

Então darás, com glória tua, o seu
Gran' prêmio ás musas, que te tal crearam,
Vida a teu nome, qual a fama deu

A muitos, que da morte triumpharam.

ANTONIO FERREIRA.

Quanto Antonio Ferreira fundamente conhecesse as especulações da arte, com evidencia o mostra esta carta escripta a Bernardes, na qual depositou quanto sobre as regras geraes da poesia encerra a epistola de Horacio aos Pisões. Era por esta causa consultado como o melhor critico pelos seus contemporaneos, a quem a sua falta se fazia n'esta consideração muito sensivel.

P. J. DA FONSECA.

CARTA. *

Antonio,** quando vejo o ingenho raro,
 O puro sprito que nos vás mostrando,
 O stylo facil, alto, limpo e claro;
 Vejo que vas em tudo renovando
 Aquella antiguidade, qu'inda agora
 Com grande nome e fama stá spantando.
 Vejo em ti sempre maravilhas, ora
 Cantes da viva, da amorosa chamma
 Que um' alma faz captiva, outra senhora:
 Ou nos mostres do que baixamente ama
 Amores em baixeza so fundados,
 Destruidores maus da limpa fama:
 Ora sejam teus versos entoados
 Ó som da doce fruta, a cujo som

* As cartas do poeta Caminha não são sem merecimento; ellas tem o genero de calor que convem á poesia didactica, e um colorido agradavel no stylo; mas ellas são menos ricas em pensamentos que as de Ferreira.

** Antonio Ferreira.

Foram os do gran' Tityro cantados :

Ou, em outro mais alto e triste tom ,
Nos mostres da fortuna as variedades,
Mais vezes polo mau, mais contra o bom :

Ora chores a perda das idades,
Em que o bem tinha prémio, o mal castigo.
E mostres de mil erros as verdades :

Ora coosoles o teu triste amigo,
Ou congratules quando stá contente,
Accodindo ós prazeres, e ó perigo :

Agora te levantes altamente
A altos feitos, a empresas, que gloriosa
Fama, mas merecida, deixa' á gente :

Ou temas a suberba, a perigosa,
A van, a ingrata cõrte d' almas, a vidas,
A honras, a bons spritos tam danosa :

Ou desejes as fontes so bebidas
Dos que passam quietamente a vida,
Nãõ invejando as aguas mais seguidas :

Ou te alces sobretudo áquella crida
Vida de nós, de todos desejada,
De muitos mal, de poucos bem seguida :

Quando tudo isto vejo, quando a estrada
Que té-gora seguiste, e o cuidado
De per ti nossa lingua ser honrada :

* A fôrça de razões com que Antonio Ferreira
convence vigoroso aos que se dão a screver em
linguagem estrangeira, a ingratiidãõ de que os argue,

E vejo d'outra parte já acabado
 (Com mágoa o digo assi) o tempo que usava
 Os ingenhos honrar de que era honrado :

Que não hei de sentir ? Tudo levava
 Phebo após si , movia com seu canto
 Condições feras , gente dura e brava.

É tido agora em pouco , grande espanto
 D'espritos raros , de que n'êsta terra
 Nunca houve tantos em que houvesse tanto :

Mas conhecidos mal , fazem-lhes guerra ;
 Captivam-nos com serem mal ouvidos ;
 E assi vemos qu' em si cad'um se encerra.

Mas se os vemos assi mal recebidos ,
 (Não sei se é isto mágoa ou phantasia)
 Cuido qué porque são mal entendidos.

Se nos ja manhecesse um alvo dia ,
 E após elle outros muitos , que tirassem
 A este enganado tempo sua porfia ;

Que muitos zelos maus desenganassem ,
 Que muitos zelos bons favorecessem ,
 Porque assi maus temessem , bons ousassem :
 Quem duvida qu'então cad'hora erguessem

os exemplos que lhes allega , e a viveza com que
 insta a seus amigos , para que volvam da errada
 carreira que levavam , indicam ser este o ponto
 que mais tinha a peito , e que com mais interêsse o
 disvelava.

P. J. DA FONSECA.

Ó ceo novos espiritos, novos cantos,
Que iguais ó canto antigo se fizessem.

Poderíamos ter menos espantos
D'ingenhos peregrinos, que os dará
(Quando pouco) ésta terra tais e tantos.

Se algu' hora tal tempo nos virá
Que veja levantados bons espiritos?
Que derribada esté a condiçã má?

Que despreza bons versos, bons escritos,
Por mau zélo, por odio, ou por inveja,
Qu'estes tais entre os cegos sejam scritos?

Tempo em que levantado assi te veja
Qu'em ti s'alegre Apollo, em ti das nove
Irmans o casto côro alegre seja:

E em mi, a quem agora o peito move
Teu alto canto, qu'eu vou mal seguindo,
Outro mais alto canto então renove,

Com que me pouco a pouco va subindo
Trás as Musas com tua guia clara,
Que pera ellas meus olhos vai abrindo.

Musas, com que se um' alma tanto empara
De todo golpe, com que se defende
Na van fortuna, ou prodiga ou avara.

O tam ditoso que por ellas vende
Todo outrò gôsto vão, de vãoos desejos
Livre, n'outros melhores alma accende.

Os suberbos estados, os sobejos
Despreza, o campu mais que o povo estima;
Não sofre suas solturas, seus despejos.

Conversações de livros põe acima
De quantas ha entre a gente, tam buscadas
Do tam cego que aquellas desestima.

Horas ditosas, doces, bem gastadas,
As que longe da gente e povo cego
N'uma san liberdade são passadas!

Livres de tanto mau desásocego,
De tanta inquietação, que so a lembrança
Tirárá ó socegado seu socego:

D'uma esperança van n'outra esperança
Não se anda alli, seguro o sentimento
Está alli de sentir tanta mudança.

Alli os olhos não dão ó pensamento
Tanto a que se abaixar; alli o desgosto,
S'acerta de vir, dura um so momento.

Alli do sol nacido té o sol posto,
E d'elle pôsto té outra vez nacer,
Não esconde a alegria seu bom rosto.

Alli se ve mais cedo amanhecer,
Mais tarde a noite, que em mil lumes arde:
Quam poucos este bent sabem escolher,

Que por cedo que se ache, acha-se tarde!

CAMINHA.

CARTA I. *

Lame das nove irmãs, mais que o sol claro,
Francisco, ** em cujo peito Apollo inspira
Um saber peregrino, um canto raro.

Ha muito já, se tam alto subira
O baixo ingenho meu, que no gran' Pindo,
Com Febo mão por não cantar te vira.
Que fôra a minha musa descubrindo

* . . . Lê as cartas

Do grave e docto Sá : torna a Bernardes ;
Que gran' riqueza n'elles ! que doctrina !
Que profundo saber do mundo ! quanta
Do coração humano alta sciencia !
Quantas regras de bem viver se encerram
Na rica lingua, no sisudo metro,
Que a henhum ja de Luços, ja d'estranhos,
Antigos ou modernos, dão vantajem !
- Separae estes livros d'ouro (disse
Um dia ás Musas Phebo) ponde-os ambos.
Nas sacras aras da immortal virtude. *

A. R. DOS SANTOS.

** A Francisco de Sá de Miranda.

A sua pobre veia em teu louvor,
Outros versos tecendo, outros urdindo.

Julguei sempre o silencio por melhor,
Por fugir da peçonha, que derrama
A lingua má do mau murmurador.

O bom espirito, que pretende fama,
Ser louvado do povo não deseja;
Que sempre ao menos sabe-o mais a fama.

Queres que de meus versos juiz seja
Um mau, um ignorante? d'ambos temo;
A ignorancia d'um, d'outro a inveja.

Trabalho por sair a véla, e a remo
D'antre Scylla e Caribdes: não qneria
Por fugir d'este, dar n'aquelle extremo.

O doce stylo teu tómo por guia;
Escrevo, leio e risco: vejo quantas
Vezes s'engana, quem de si se fia.

Se guardo teus preceitos, que t'espantas
De não me conhecer? mais certo espanto
Recebe o mundo todo do que cantas.

Eu ja nm novo templo te levanto
Dentro na minha ideia, onde offereço
A teu immortal nome este meu canto.

Não te contarei n'elle de começo
Qual minha vida foi, por não cançarte;
Contrario effeito de quanto ás Musas peço.

Isto so te direi; a melhor parte
D'ella levou amor, la onde o Tejo
Perde o sabor das aguas, com que parte.

Alli me convertia o vão desejo
Em agna, em fogo, em fera, em pedra, em planta:
Agora vejo tudo, porque vejo.

Amor não usa d'hervas quando incanta;
Nem cura das palavras, nem dos signos
De Circe, de quem tanto Homero canta.

Ja livre de tammanhos desatinos,
O fogo morto, rotas as cadeias,
Canto alegre ao ceo odas e binos.

Cobrei (desque bebi n'estas Leteias
Aguas do patrio Lima) o ser perdido;
Esta verdade quero que me creias.

Do tempo mal-gastado, arrependido,
Queria (se pudesse) o que me fica,
Que fosse em melhor uso despendido.

Por isso não s'afaste a tua rica
Musa de dar a mão á minha pobre,
Que no caminho do Parnaso embica.

Que se fez das medalhas d'ouro e cobre?
Das estátuas de pedra, e de metal?
O tempo gasta tudo, tudo cobre.

No mundo aquelles tem fama immortal
De quem nos canta um peregrino ingenho:
O mais bem sabes tu que pouco val.

D'alguns cantarei eu, se por ti venho
A levantar-me tanto, que na fonte
Castalia mate o grande ardor que tenho.

Cingida de louro verde a branca fronte
Então ouvirás tu mais alta rima

Ledo , que por ti cante , e por ti conte.

Agora rio abaixo , rio acima ,
Que vai suavemente murmurando ,
So me vou pela beira do meu Lima.

Ora enganos d'amor lhe vou contando ;
Outr' hora de sereno , claro e pno ,
O vou , como costume , celebrando .

Da loura e branda nympha o pastor duro
No bosque ouço queixar ; sem lhe valer ,
D'ambos me rio ja , pôsto em seguro .

Que mor contentamento pôde ver ,
Que ver-se livre quem no mundo vive .
Sem ter ja que sperar , nem que temer ?

O cubiçoso e cego se tative
De seu ouro , sem Deus , ajuncte e guarde ;
Que nunca guardar muito por bom tive .

É peito sem ventura , aquelle que arde
N'este fogo cruel , que tanto lavra
Que mata cedo , e quando morre é tarde .

Emfim , por não gastar tanta palavra
Na traça do desejo , no retrato ,
Que tu Francisco ves , sem que mais s'abra ;

Queria boamente , sem mau trato ,
Passar per ésta vida de maneira
Que fosse ao ceo acceito , á terra grato .

Tu que seguindo vas a verdadeira
Via , que do ceo mesmo te faz dino
Com fama sempre clara , sempre inteira ;
Diz-me per onde va ; o peregrino

Quando pizando vai terras estranhas
Ha mister certa guia, certo ensino.

Não te deram os ceos graças tammañhas
Pera so as logreres, mas por seres
Boim mestre d'artes boas, boas manhas.

Se te roubou a morte os teus prazeres,
O tempo (como dizes) fôrça e gôsto,
O melhor te deixaram, que mais queres?

Em rico diamante scrito e pôsto
No templo da segura eternidade
Teu nome vejo a todos anteposto.

Nem morte contra ti, nem longa idade
Tem ja poder nenhum; pôdes te rir
Das suas fôrças, da sua crueldade.

Podem-se derrubar, podem cair
Os edificios de que tu m'escreves,
Teu nome não, que sempre s'hade ouvir.

Se te devem as Musas, se lhe debes,
Não sei determinar; tu as honraste;
Ellas não te negaram azas leves,
Com que da terra ó ceo te levantaste.

CARTA II. *

Musa de Lusitania ; pouco digo ,
Das nove do Parnaso a principal ,
Que menos não partiu o ceo contigo .

Indaquê sei que pouco ou nada val
Natureza sem arte , e sem doutrina ,
Que pôde , com amor , parecer mal ?

Se tal razão em tal materia é dina ,
Bem te podem mens versos parecer ,
Pois m'os inspira amor , pois m'os ensina .

Ha n'elles que cortar , ha que stender ;
Vão como parto d'Ursa , buscam vida ;
Outra fôrma melhor , um novo ser .

Que lhes podes dar tudo , quem duvida ?
Eu que lhes posso dar senão amor ,
Suspiros tristes , dor mal intendida ?

Suberbo me fazia o teu louvor ,
Se me esquecer a môço , que caindo
Deixou o mar com nome , o pae com dor .

* A Antonio Ferreira .

Este me fez temer, e o que subindo
No carro, que pediu, morto deceu,
Inda debaixo d'agua ardor sentindo.

Pôstoque logo então tanto s'ergueu
A van presumpção minha sobre si,
Que mal seu desengano recebeu.

Digo, quando meu nome scrito vi
D'aquella penna, que com raro ensino
A nós prudencia dá, dá fama a ti;

O louvor traz comsigo desatino,
Altera e cega a quem é cubitoso
D'elle, por tal respeito, mais indino.

O que fama não quer por virtuoso;
O que de todo a vicios s'entregou,
Não póde. (ainda que lembre) ser famoso.

Senão vejam a fama, que deixou
O que poz fogo ao templo por memoria,
Que nem somente o nome conservou.

Outros conselhos das na triste historia
Da triste dona Ignez, outras lembranças
Dignas de fama ca, no ceo de gloria.

As nossas bem-fundadas esperanças
Virtude devem ter por seu objecto,
Pera firmes estarem nas mudanças.

Quem viu o virtuoso andar sujeito
A successos do mundo duvidosos?
Quando não foi seu bem firme e perfeito?

Os que chegam a termos tam ditosos
Que mais temem que sperar, ou que temer?

De que podem na vida andar queixosos ?

Não ousa de fallar, pôde-se crer ;

As musas livres de sua natureza ,

Um médo vão as faz enmudecer.

Pêza-me de vir dar n'êsta certeza:

Mas quem pôde escusar tristes queixumes

Vendo que o bem s'engeita, o mal se preza ?

Pouco presta screver grandes volumes

Pôr parte da virtude, contra o vicio :

Vencem boas palavras maus costumes ?

Se buscas Alexandre, se Fabricio ,

Achas tu senão Elios, senão Midas ,

Que fazem , com dor nossa , seu officio ?

Quanto melhor seria ver perdidas

Êstas vans pretensões atrás que andamos

Aventurando as almas polas vidas.

Mil cousas , que no publico tachamos ,

Seguimos no secreto á redea solta ;

Cuidando d'enganar , nos enganamos .

Em tanta confusão , n'êst'agua envolta

Faremos da voutade nossa guia :

Mas onde vai parar quem não dá volta ?

Que dizes tu d'aquelle que confia

Do seu juizo tanto , que vanmente

Screve quanto lhe vem á phantasia ?

Este tal sente tudo , ou nada sente :

Extremos perigosos , pera quem

Seguindo o fio vai da cega geute.

Que gôsto dás na vida , que mor bem ,

EPISTOLARES.

41

Que ter homem de si conhecimento;
Quem isto so alcança, tudo tem.

Não se deixa virar de cada vento;
Não morre por viver; não lisonjeia;
Não faz em peito albeio fundamento.

Rocolhe com prazer; o que semear,
Com gôsto come; dorme descansado:
Da sua vida vive, e não d'alheia.

Dos antigos Romãos, foi perguntado
Apollo, qual dos homens d'êsta vida
Julgava por mais bemaventurado?

Respondeu á pergunta referida,
« Que Giges » cousa mais não declarando;
O que a resposta fez mal entendida.

Elles, que d'elle stavam esperando,
Que nomeiasse algum mui conhecido
Dos grandes, que no mundo tinham mando;

Querendo conhecer quem preferido
Fôra em ventura á regia dignidade,
Acharam, tendo ja muito inquirido,

Ser um homem, que fôra da cidade,
No campo cultivava uma horta pobre;
O qual era mais pobre da vontade.

Parece que ja então era de cobre
A idade, que télli fôra de prata,
E d'antes de metal muito mais nobre.

O tempo tudo gasta e desbarata:
Acabou, começou êsta de ferro,
Onde tractam melhor quem peor trata.

A terra , que nos deram por desterro ,
Esquecidos nos faz da patria propria ,
Que má desculpa tem taminanho erro.

Enfim , ésta materia é-me impropria ;
É péso p'outros hombros, d'outro sprito ,
A quem Phebo de si dá maior copia.

Por tanto meu desejo , e não meo dito
Recebe com amor e attenção pura ,
Que chega , onde não chega o curto scrito.

E se tua clara luz, que a nevoa scura
Dos bons ingenhos vai alevantando ,
E do Pindo lhes mostra a mór altura ;

Mé for per ésta selva lumiando ,
Onde amor me metteu , alta e sombria ,
Per onde vou a médo caminhando ;

Inda eu spero que vejas algum dia
Com novo louvor teu mais doce canto ;
Porque tendo tam certa e fiel guia ,

Não é muito de mi prometter tanto.

BARNARDES.

CARTA. *

Qual sordido pedreiro, que doente
De um hospital jazeu no leito pobre,
Quando torna d'alli conyalescido,
Mais esbelto, pellado e macilento,
Em casa não acerta com a trolha,
Picareta e colhér; tudo lhe falta:
Assim depois de tantos negros dias,
E noites longas, mais que de Lamego
Em funebres ideias mal-gastadas,
Com pennas e papel não sei haver-me.
Quero grasnar em verso, mas não posso:
Dos olhos me fugiu o sançto lume
Que me guiava ao cume do Parnaso.
Por fatuo me tivera, se a Fortuna,
Em cambio da alegria que me rouba,
Me dêsse dous rabões com tres laçaios
Brilhantes, rendas finas e velludos,

* Ao doctor João Evangelista.

Mas de Poeta, amigo, so me resta
Desastres e miserias; filhós rotos;
De valadio o tecto; a vinha calva;
Caseiros, architectos e criados
Mais duros que as catastas de Perillo:
E n'este bom estado me provocas
A cantar e tanger na doce lyra?
Que ha de fazer um cysne desazado?
Um cançado rocim, que ja não chega
Á méta desejada, sem mil vezes
Cair, dando aos ilhaes na lisa areia?
Mas se pragas me rogas, que mais queres
Que ver Heitor dos fervidos cavallos,
Do cholerico Achilles arrastado,
Tingindo a dura terra o negro sangue?
Supponho que a metaphora percebes?
O Nadegas, que este esfrangalhado
A passapello vir da pobre aldeia;
Porque lhe devo ja uns tantos mezes,
Me ralha, e me governa fucinhudo;
C'o rabo agasalhado ja capeia
As aias, as rascoas da cozinha:
Eu d'elle me recato, so me falta
Lucrecia vir a ser d'este Tarquimo.
Agora te ris tu; e Manuel Gomes,
O nariz encrespando, te pergunta
Que fabulas são éstas? Não lhe expliques
O sentido moral; deixa-o confuso:
Não convem que criados tudo saibam.

Dize-lhe que sou doudo, que desprezo
Opulentas heranças ; que inflexibil,
Com semblante sereno e socegado ,
Não me cança soffrer a mão pesada
Da fome , e da penuria ; não me espanta
A carregada nuvem da desgraça ,
Que aos olhos me fuzila ha ja dés annos.
Nem sonho com perdizes , nem lampreias :
Com mui pouco se calam meus desejos :
• A males sempre afeito , não se accênde
Na torpe phantasia a luz brilhante
De fartas mentirosas esperanças.
Nem com legados , quintas , beneficios ,
Promessas e presentes póde um velho
O curvo anzol cevar, para pescar-me.
O peixe ja saugrado desconfia ,
Se ve surdir a isca á tona d'agua.
Eu que o trapo mordia , e que inda tenho
As cicatrizes da farpada ponta ,
Nunca mais caírei em esparrellas.
Antes quero jazér na estreita lapa ,
Que embrulhado ficar em negras redes.
Mas para que poeta não me chames ,
Quero p ponto explicar-te ; attento escuta :
N'aquelles priscos tempos que fallavam
Os animaes, as árvores , as pedras ;
O cerval lobo a calida raposa ,
Em juizo accusava , e lhe pedia
Restitpição do furto que fizera :

Um moço petulante, mas sisudo,
Era o juiz, que as partes escutava,
E, lançando a sentença, disse ao lobo:
« Não julgo que te falte o que tu pedes;
Porém creio, ó raposa! que roubaste
O que negas com tanta subtileza. »
Esta fábula, amigo, nos ensina,
Que quem mente per genio, e per costume,
Quando diz a verdade, não é crido.
Agora applica o conto, e la contigo
Pésa bem as razões, as vans promessas,
Com que um astuto velho marralheiro
(Até que lêste Tacito e Comines)
Te fez estar quieto, e hallucinado,
Tirando-te per arte de Berliques,
Do nariz cascaveis, fitas da boca.
O prazo de Valdeste são os philtros
Com que ésta Circe torna em leões fulvos,
Em sedeúdos porcos grunhidores
Do sabio Grego os fortes companheiros,
Que em falsas apparencias embebidos,
Entram nos paços da famosa bruxa.
Não julgues tam boçal este moleque,
Que saia da cenzala por missanga.
Ao Minho passarei, se tu quizeres,
Nos altos tectos, onde ja brilharam
Preciosos rubís, a agasalhar-me;
E sem mais esperança, que o desejo
De ver-te, de tractar-te, e de passarmos

Bocejando a miudo as frias noites
Do enregelado hiberno, que ja chega :
A roda da fogueira aqueceremos
As engelhadas mãos : d'entre o brazido,
Saltando as rebordans, que na deveza
O Domingos colheu inda orvalhadas.
Alli te contarei como em Lisboa
Se douram os carrinhos sem dinheiro ;
Como tufa o José ; como o Lourenço,
Que duque foi no pateo, e conde em Cintra,
Agora se vai pôr a chapeleiro ;
E a pallida infeliz Sebastiana
Condemnada a torcer negras presilhas :
E se d'isto me ouvires, te enfadasses,
Tangendo a doce lyra em brando verso,
Mil hymnos cantaria á tua Laura,
A tia Catharina, Dulcinea
Por quem vences chymeras e gigantes :
E tomando no lar um carvão liso,
Te pintara o retrato na parede,
D'aquelles olhos onde tu suspiras ;
Por quem vives e morres de saudade.
Que facil é sonhar felicidades !
Tu ja fico me crês ; eu ja supponho,
Agora que te screvo, e que te fallo :
Mas ésta scena subito se muda :
O Chico mostra rotos os sapatos ;
Uma quer lenços, outra quer roupinhas ;
O Nadeas dinheiro para a ceia ;

À porta está batendo o alfaiate.

Se alguém aos cães lançou os patrios ossos,

Se foi traidor á patria, se é falsario,

Seja lançado a filhos e credores.

GARÇAÕ.

CARTA I.*

Senhora, tambem um dia
Entrarei c'o a frente erguida
Não serei na vossa meza
Dependente toda a vida.

Nem sempre abatido pejo
Dirá n'êsta cara feia,
Quanto doe a um peito altivo
Matar fome em casa albeia.

Airoso gordo perum,¹
É meu subarbo presente;
Traz inda as pennas molhadas
C'o pranto da minha gente;

No sancto dia esperavam,
Quebrando antigo jejum,
Cravar inexpertos dentes
N'este primeiro perum;

* Offerecendo um perum em casa, aonde todos os domingos davam ao auctor este prato.

A ruça magra Josephina,
 Ergueu queixume sentido;
 Custou-lhe mais ésta ausencia,
 Que a do defuncto marido.

O louro alvar galleguinbo
 Chegou aos olhos seu trapo;
 Tiuba vistas sóbre a carne,
 E muitas mais sobre o papo.

Seu almoço requerendo,
 Em luzindo a madrugada,
 Na esquerda, grossa fatia
 D'ambas as partes barrada:

Na dextra, com branda cana
 O seu pupilo guiava;
 Em tenras publicas malvas,
 Para si o apascentava:

Quando lhe mandei trazer-vos
 O bom companheiro seu,
 Pedindo-me coxos mezes,
 Me disse « que o trouxe se eu.»

Eu o trago: a offerta é pura,
 Mas a tenção a envenena;
 Traz escondida uma usura,
 Maior, que a da *meia sêna*.*

Com um sorriso accetai
 O atraídoado convite;
 Vem a morrer uma vez,

* Partida de jôgo.

EPISTOLARES.

51

Porque muitas resuscite.

Curai todos os domingos

A minha doença eterna :

Sobre a meza milagrosa

Seja ésta ave, uma ave eterna ;

De outra, que finge a poesia,

Trocae em verdade a pata ;

E seja um negro perum

A phenis d'este poeta ;

Na ondada pia toalha,

Co' a benção da vossa mão,

Seus frios despidos ossos,

De carne se cubrirão.

Consenti, que este oco peito

Ao prodigio se consagre ;

E que dentro em si colloque

A mor parte do milagre.

Quanto ao padre prégador,

Meu voto é não convida-lo ;

Porque ha de comer o assumpto,

Muito melhor que préga-lo.

 CARTA II. *

Domingas, de balde queres,
 N'esse canto da cozinha,
 Vencer a invencível teima
 Da rebelde carapinha:

Em vão te arripia a frente,
 De que zomba o deus de amor,
 Alvo côto de pomada
 Furtado do toucador:

De balde tufado laço
 De atadeira fita Ingleza
 Te asombra a leveda popa
 Riçada per natureza.

De balde alteias as ancas
 Esguias e enganadoras,
 Com as velhas algibeiras
 Que vão deixando as senhoras:
 Amor, fingindo dotar-te,
 Te poz, com traidora mão,

* A uma preta, que pretendia que a obsequiassem.

Juncto dos dentes de neve,
Faces tinctas de carvão.

Índaque ancião pesado,
Desprézo tens vãos intentos;
Debaixo de murchas cans
Nutro alívios pensamentos.

Vejo a quebrada madeixa,
Ja tornada em gèlo frio:
Tudo o tempo me levou,
Mas não me levou o brio.

Debaixo da zona ardente
Jurar-te-hia amor e fé;
Mas não teem culto na Europa
As deidades de Guiné.

Se ás vezes te ponho os olhos,
Não é de amor signal acerto;
São desejos de levar-te
Á casa de João Alberto.

A engomada casaquinha
Te descobre novas faltas:
Para outro corpo foi feita;
Dizem-no as feições mais altas.

Ja n'outros pés teus sapatos
Soffreram do tempo o açoite:
Cançada fendida sedá,
Mostra dedos cõr da noite.

E poisque a amor queres dar-te,

Eu te aponto um chafariz ,
Onde achas dignos amantes
Assentados em barris :

Acharás o pae Francisco ,
Homem a bulhas contrario ,
Ja duas vezes juiz
Na irmandade do roزاریo :

Acharás o forro Antonio ,
Que o tabaco e vinho enjoa ;
E tem nos calmosos junhos
Caiado meia Lisboa :

Verás esbelto crioulo ,
Dado ao vento o peito nu ,
Levantando airosos saltos
No manejo do bambu :

Que avidos cães enxotando ,
Tão , com braço arregaçado ,
Nas ormas praias do Tejo
Cem cavallos esfolado .

N'estes , vaidosa Domingas ,
Assenta bem teu amor :
Chovam setas de teus olhos
Em peitos da tua cor .

Vai da janella da escada
Acolhér , com doce agrado ,
Os suspiros que te enviam
Ao som do londum chorado :

E deixa de atormentar-me
Com tuas loucas ideias ;

Tambem sinto dôres proprias,
E escuto pouco as alheias.

Sim, Domingas, nós marchamos
Na mesma infeliz estrada;
E do amor, que tu te não pago,
Assás estás bem vingada.

Tu pozeste em mim teus olhos,
E eu fui pôr em Marcia os meus;
Que me paga mil extremos,
Assim come eu pago os teus:

Marcia, que em alçando os olhos,
Mil settas n'êsta alma crava;
E em cuja casa tu tens
A dita de ser escrava.

Tens-me a mim por companheiro;
Temos o mesmo senhor;
Tu por casos da fortuna,
Eu por castigo de amor.

E poisque eu não posso amar-te,
Seguirás melhor esteira,
Se de meus ternos suspiros
Quizeres ser messageira;

Em vendo que ella está so,
Vai-lhe expor a paixão minha:
Eu peço a Amor, que entretanto
Tome conta na cozinha.

Amor lavarâ teus pratos
E escumarâ a panella,
Em quanto tu a seus pés

Dizes « que eu morro por ella »

Teus grossos trombudos beiços,
Lhe vão expôr meus cuidados;
Hão de ser melhor ouvidos,
Que sendo per mim contados.

Pinta-lhe as lagrymas tristes
Em que meu rosto se lava;
Por um infeliz captivo
Peça uma ditosa escrava:

Dize-lhe, que não se assuste
De meu cabello nevado;
Jura-lhe que não são annos,
Mas penas que me tem dado.

Que a causa das minhas rugas
É o seu desabrimento;
E vai da minha velhice
Fazer-lhe um merecimento.

Ah Domingas! se em seu peito
Me fazes achar piedade,
Tambem eu juro fazer
A tua felicidade;

E poisque o teu coração
Somente é baixo e grosseiro,
Em preferir liberdade
A tam feliz captiveiro;

Por amor serei mesquinho;
Meus gastos verás cortar
Para ajunctar-te quantia
Com que te passas forrar.

EPISTOLARES.

57

Cheia de teus beneficios
Minha mão agradecida
Te irá pôr, em larga praça,
Rendoso modo de vida.

E assentada em novo estrado
De fasquiada madeira,
Ondeiando ao sem do vento
Trémulo tecto de esteira ;

Teus negros airosos braços,
Chocalhando um assador,
Encherão famintos peitos
De castanhas, e de amor :

Terás bojudas tigellas
Sobre incendidos tições,
Onde fervam em cardumes
Saborosos mexilhões :

Teus doces sonoros echos,
Sem mentir apregoarão
O azeite de Santarem,
O cravo do Maranhão. ❀

Domingas, segue este rumo ;
Que teu amor reloucado,
Sem te fazer venturosa,
Me deixa a mim desgraçado :

E se sem dó dos meus ais,
Teimas nos projectos teus,
Fallando nos teus amores
Em vez de fallar nos meus ;

Trocando boa amisade

Por entranhado rancor,
Vou descobrir teus intentos
A teu austero senhor :
 Que em zélo honroso inflamado,
Sem ser preciso aticallo ,
Vai a casa da Lagoia *
Trocar-te por um cavallo.

* Comprador.

CARTA III.*

Poisque o talento inquieto
Até em poesia provas,
E queres ás mais desgraças
Ajunctar desgraças novas;

Poisque em galantes cantigas
Teu rival pozeste rasó,
E coroadó de trovas
Vas entrando no Parnaso;

Quero em trovas avisar-te,
Que ha baixios n'êsta barra;
Vou ser prégador trovista,
Vou ser um novo Bandarra.

A occupação de poeta
É nobre per natureza;
Mas todo o officio tem ossos,
E os d'este são, a pobreza.

* Aconselhando a um cabelleiro, que não continuasse a fazer versos.

Os dentes do bom Camões
 Sejam fiéis testemunhas ;
 Muitas vezes esfaimados
 Não acclamam senão unhas.

Depois que seus frios olhos
 Se fecharam no hospital,
 Logo as filhas da Memoria
 Lhe ergueram busto immortal.

De que serve honra tardia ?
 Bem sei, que o rifão vem torto ;
 Mas faz lembrar a cevada,
 Que se deu ao asno morto.

So as Musas o choraram ;
 E o entêrro devia ser
 Como hoje nos pinta o Lobo
 O de João Xavier.

Homero, o divino Homero,
 Honra de antigas idades,
 Por cujos inuteis ossos
 Brigaram sette cidades ;

Doces versos recitando,
 Pela Grecia discorria,
 Tinha os thesouros de Apollo,
 E esmola aos homens pedia :

Mas se de auctores antigos
 Tens tido pouco exercicio,
 Eu te aponto um bem moderno,
 E até do teu mesmo officio :

Foi este o famoso Quita,

EPISTOLARES.

61

A quem triste fado ordena,
Que a fome lhe tragã o pente,
E da mão lhe tire a pena.

Em quanto na çuja banca
Pobre tarefa tecia,
Seu espirito sublime
Sôbre o Parnaso se erguia:

Cosendo sôbre o joelho
Em dura falsa caveira,
A sua alma conversava
Com Bernardes e Ferreira.

Mil vézes travessas Musas
Da baixa obra o desviam;
E mostrando-lhe o tinteiro,
Pós e banha lhe escondiam.

Mas de que servem talentos
A quem nasceu sem ventura?
Vale mais, que cem sonetos,
A peor penteiadura.

Amigo, vames esrados;
Escolhemos muito mal;
É o fado dos poetas
Não professarem real.

Péga no parda baralho,
E sôbre a cama assentado,
Fisga as bisças conhecidas
Ao parceiro descuidado.

Matando boças tafues,
Vai mexendo os papelinhos;

Nem poupes no cadafalso
As gargantas dos sobrinhos:

Em lhe vendo uma de seis,
Arma-lhe os laços viscosos,
Antes que lhe caia a xina
Na ceira dos laparosos.

Imita ondados cabellos
C'o rubro lapis na mão:
Éstas pinturas dão xina;
As da poezia, não.

Se emroda de louras nymphas
Gyram emtórno teus ais,
Em quanto lhe deres versos,
Acharás sempre vestais.

Fallo, como experimentade;
Fallo com peito sincero:
Póde uma vara de fita,
Mais que a Iliada de Homero;

No sonero bandolim
Fortuna as armas te deu:
Não ha dama, que resista
Á moda do *Melibeu*;

Toca-lhe mil contradanças;
Mas se não tiverem dom,
Entre ellas não sevandijes
O fidalgo *Cotilhom*;

N'éstas cousas é que eu creio;
Poesia é malfadada;
Assenta, amigo Luis,

Que nunca serviu de nada.

Focas damas a conhecem ;
Se a pedem , e se a festejam ,
Gostam do que não intendem ;
Pedem o que não desejam .

Indaque per moda querem ,
Que lhes repitam versinhos ,
Toem por modas de mais gdsto
Convulsões e Josézinhos .

Uma Venus me pediu ,
(Por quem inda eu hoje peno)
Que lhe fizesse um soneto ,
Indaque fosse pequeno .

Dinheiro , invicta, diabeiro ,
So em ti é que eu me fundo ;
Tens o direito da fôrça ,
Es o tyranno do mundo .

Amigo , escolhe um peralta ,
Corpo esbelto , perna toma ,
O chapeo tocando as nuvens ,
As fivellas é Malteza :

Ornem-lhe louros canudos ,
Pendientes com igualdade ,
Tenras faces , onde moram
A saúde , e a mocidade :

Chegue á boca rubicunda
Cheiroso lenço anilado ;
Dé bilhetinho discreto ,
De uma novella furtado ;

Põe da outra parte um Ginja ,
Fivella de ouro no pé ,
Boim vestido de lemiste ,
Boa meia grudifé ;

Com oculos no nariz ,
Mas com a penna na mão ,
Assignando vinte lettras
Pará Londres e Amsterdão ;
E dize-me, qual assentas,
Que será o mais querido ?
Aposto que as damas todas
Cuidam que o velho é Cupido ?

Amigo, tenho acabado
O meu comprido sermão :
Préguei-te as altas verdades
Que trago no coração.

Abre mão das poesias ,
Que nenhum prestimo tem ;
E cuida em solidos meios
De ganhar algum vintem.

Se dizes, que contra os versos,
Em verso uma carta ordeno,
E que aqui me contradigo,
Practicando o que condeno ;

A teu forçoso argumento
Respondo com Fr. Thomaz ;
« Faze o que o prégador diz,
Não faças o que elle faz. »

MEMORIAL A SUA ALTEZA.

Senhor, senão é injusto,
Que um triste afinando a lira,
Entre esperanças e susto
As cançadas cordas fira
Ante vós, Príncipe Augusto:

Nos sons que ella der ao ar
Irão meus ais de mistura;
E dignai-vos de escntar
Desconcertos da ventura,
Que Vós podeis emendar.

Em nada á verdade falto;
A dor me aviva a memoria;
E por não entrar de salto,
Deixa, Senhor, que ésta historia
Tome o fio de mais alto.

Entre faixas de pobreza
Meus tristes paes me involveram;
Desde então em crua empresa,

Contra mim as mãos se deram
A fortuna , e a natureza.

Da terna mãe abraçado,
Fui em silencio profundo
Com triste pranto banhado;
Ja antevia, que o mundo
Tinha mais um desgraçado.

Meu bom pae de balde quiz
Enxugar-lhe o pranto ardente,
Que ella, alçando-me, me diz:
—« Vem , ó v'ctima innocente,
De um amor casto e infeliz :

Toma os tristes cabedais ,
Em que teu fado te lança ;
Toma pranto e inuteis ais ;
Entra na funesta herança
De teus desgraçados pais. »

Mas, Senhor, é pouco aviso
Reaes ouvidos magoar ;
Mudar de estylo é preciso:
E se a dor me der logar ,
Unirei pranto com riso.

Depois que plano caminho
Ja meu pe trilhando vae,
Pobre alfaiate vizinho ,
De um capote de meu pae
Me engenhou um capotinho :

Talhando a obra , maldiz
A empresa que lhe incumbira ,

Fez nigromancias com giz ;
Sette vezes lhe caíram
Os oculos do nariz :

Sua obra se consagre
No portal das Barraquinhas
Com grossas letras de almagre :
Tapou geiras , passou linhas ,
Fez um capote e um milagre.

Colchete no cabeçaõ ,
Sai novo Adonis bello ,
Figa no coz do calção ,
Carrapito no cabelo ,
E um biscoutinho na mão.

Sobre sisudo gallego ,
Que vasa barril fiado ,
Ja aos trabalhos me entrego ;
E em triste pranto lavado ,
Á porta de um mestre chego.

Debalde o botm mariola
Dourava razões pequenas :
Minha dor não se consola ;
Presagio talvez das penas
De outro tempo , e de outra eschola.

Entre médos e violencia
Entrar no latim ja posso ;
E jurei obediencia
A um clerigo , que era um poço
De tabaco , e de sciencia.
D'entre o sordido roupão ,

Com a pitada nos dedos ,
E o Madureira na mão ,
Revelava altos segredos
Do adverbio e conjunção.

Era em grammatica abismo ;
Honrava o seculo nosso ;
Porém de tal rigorismo ,
Que poz na rua o seu moço ,
Por lhe ouvir um solecismo .

Entre o jota , e o I romano ,
Que differença se achasse ,
Trabalhava havia um ano :
Obra , que se elle a acabasse ,
Feliz do genero humano !

Em quanto a minha alma emprego
N'éstas cançadas doutrinas ,
A'doutrada idade chego
De ir ver as vastas campinas ,
Que banha o claro Mondego .

Co'as cabeças mal compostas ,
Vejo entre gostos e medos ,
Mãe e irmans á adufa postas :
Choviam cruzes e credos
Sôbre as minhas bentas costas .

Ja em rapidas carreiras
Calcava a real estrada ,
Sem chapeo , sem estribeiras :
Ja a catana emprestada
Cortava o vento , e as piteiras .

Curta embrulhada quantia ,
Que ao despedir me foi dada ,
Espirou no mesmo dia ;
E fui fazendo a jornada
Quasi com carta-de-guia .

Mas ja vejo a branca fronte
Da alta Coimbra , fundada
Nos hombros de erguido monte :
Ja sôbre a areia dourada
Vejo ao longe a antiga ponte .

Povo revoltoso e ingrato
Dentro em seus muros encerra ;
Em vão de adoça-lo trato :
É um titulo de guerra
A chegada de um novato .

Pão amassado com fel ,
E involto em pranto , comia :
Levei vida tam cruel ,
Que peor não a teria
Se fôsse estudar a Argel .

Soffri continua tortura ;
Soffri injurias e acintes ;
Lancei tudo em escritara ;
E nos novatos seguintes
Fiquei pago , e com usara .

Da bolsa os bofes lhe arranco
No fresco pateo de Cellas ,
Pedindo com genio franco
Doces gratuitas tigellas

PARNASO LUSITANO.

Do famoso manjar-branco.

Sette annos de verde idade
Fui mettendo a déstra mão
Em muitas d' ésta entidade:
Chamou-se boa feição;
Mas era necessidade.

Achava-me sempre o dia
No tecto os olhos pregados;
A sagaz economia,
Revocando nos telhados,
Ao conselho presidia.

Gemer em segredo pude;
Que o bom pae, falto de meios,
Quanto cheio de virtude,
So mandava nos correios
Novas da sua saude.

Quiz de taes ondas sair,
E algum bom porto aferrar;
Quiz ao publico servir;
E mandaram-me ensinar
As regras de persuadir.

Triste enganosa sciencia!
Dão-lhe louvores, mas falsos;
Dizem que póde a eloquencia
Ir tirar dos cadafalsos
A perseguida innocencia:

Que chega do peito ao fim;
Que arranca forçado pranto;
Mas, Senhor, não é assim:

EPISTOLARES.

71

Ésta arte, que louvam tanto,
So me faz chorar a mim.

Pende da hora opportuna ;
Sem ella verá, rasgadas
As sôltas velas que enfuna :
Arrasta véstes douradas ,
E é escrava da fortuna.

Não a vejo em mim frustrada ,
So porque pouca me coube ;
De si mesma é mal fadada :
A lingua que mais a soube ,
Foi em Roma retalhada.

Déseseis annos gastados
Ja no ingrato officio vão :
Tristes versos, mal limados
Puz na vossa Augusta Mão,
Em dor, e em pranto forjados.

N'elles, Senhor, vos contei
As minhas longas fadigas :
Hoje o mesmo não direi,
Nem co'as lagrymas antigas
Os vossos pés banharei.

Para néva e justa dor
Peço hoje a vossa piedade :
Prestae-lhe ouvidos, Senhor :
Funda-se na humanidade ;
Merece o vosso favor.

Rotos os laços do mundo ,
Entre palavras truncadas ,

PARNASO LUSITANO.

Que bem mostram d'alma o fundo ,
Orfans, em pranto banhadas,
Me entrega o pae moribundo.

— « Filhas, ja o sprito cae ;
Ja o sangue gela e cança ;
Meus frios olhos cerraes :
Ahi tendes a vossa herança,
Ahi tendes o irmão , e o pae. »

Eu , entretanto , suspiro ;
Sôbre o pranteiado leito
D'entre os braços o não tiro :
Quebrou juncto do meu peito
O seu último suspiro.

Senhor , de meios sou falto ;
Mas do pae, que aos ceos subia ,
Em nada aos preceitos falto :
Debaixo da campã fria
As cinzas me falam alto.

Vai com mão igual cortado ,
Entre os irmãos infelizes ,
Pão com lagrymas ganhado ;
Que sem os fazer felizes ,
Me deixa a mim desgraçado.

So nos officios se approva
Haver augmento e progresso ;
Não haja tarifa nova :
Não seja o meu duro accesso
Da cadeira para a cora.

Antes que me adorne a fronte

Barrete felpudo e denço ;
E ao sol no alpendre do monte ,
Esfregando o crespo lenço ,
Casos do meu tempo conte :

Antes que as forças se vão ,
E que eu viva agasalhado ,
Boldrié sôbre e roupão
N'uma botica sentado ,
Vendo jogar o gamão :

Antes que entre vis sequazes ,
Sendo victima irrisoria
De mil galopins vorazes ,
Em logar da palmatoria ,
Dê c'o bordão nos rapazes :

Tende dó do meu lamento ,
Poisque benigno o escutaes :
A piedade, e o acolhimento
São dos Corações Reaes
O mais honroso ornamento.

Pobres chorosos irmãos ,
Que em mim tem debil coluna ,
Não ergam desejos vaões ;
Vejam na minha fortuna
A obra das vossas mãos.

Proteger a causa honesta ,
Ter dos tristes dó profundo ,
Trocar-lhe a sorte funesta ;
Senhor , a glória do mundo ,
Ou a não ha , ou é ésta.

Mas ja longa narraçãõ
Vai levando longe a meta ;
Ja parece , e com razãõ ,
Mais que papel de poeta ,
Ou testamento , ou sermão.

Minha dor me fez fallar ;
Fiz queixas assás compridas ;
Dignae-vos de desculpar ,
Que mostre o enfermo as feridas
A quem lh'as póde sarar.

NICOLAU TOLENTINO .

EPISTOLA I.*

So conheço de ti grandeza e nome ,
Magnanimo Pombal ; ** jamais teus olhos
Com doce amavel usual brandura,
De mens destinos a humildade honraram :
Sempre fortuna, do meu mal sedenta,
Vedou que , em teu louvor pulsando a lyra,
Arremessasse o canto a fim dos tempos ,
E em prémio fosse de té dar meus hymnos
Comtigo reluzir na eternidade :
Declive espaço , que entrè nós se estende
Froxo alento abatia ao vate ancioso ,
Quando apenas tentava o cume excelso ,
Onde, récta uma vez , não caprichosa ,
Te ergueu, te amima , te laureia a Sorte.

* As bellissimas *epistolas* dirigidas aos marquezes de Ponte-de-Lima, Abrantes e Pombal, são um eterno testemunho dos talentos de Bocage, e da sua desgraça.

J. M. DA C. E SILVA.

** O marquez de Pombal.

Hoje, porém, senhor, que má ventura
Golpes e golpes sobre mim desfecha;
Hoje que ferrea lei de negros fados
Me esmaga o coração, me enlucta os dias,
Ao desmedido espaço a dor se arroja,
Lenitivo benéfico implorando,
Vence o longo intervalo, a ti se eleva.
Dá-me tam alto jus tua alta fama,
Minha tribulação tem juz tam alto:
Perante as almas, que a virtude accende,
É grave intercessor a adversidade:
O mortal infeliz, o desvalido
Invoca o generoso, o pio, o grande;
O grande, o pio, o generoso abriga
Das furias do destino o malfadado.
Carcere umbroso, do sepulcro imagem,
Caladas sombras de perpétua noite
Me anceiam, me suffocam, me horrorizam.
Não rebelde infracção de leis sagradas;
Não crime, que aos direitos attentasse
Do solio, da moral, da natureza,
N'este profundo horror me teem submerso.
A calúmnia fallaz, de astucias fertil,
Urdiu meus males, afeiou meu nome;
Mil e mil vícios extrahiu do Averno.
Minha fama, senhor, que, honrada, illesa,
Vagava o seio de Ulyseia altiva,
Foi pelo estygio bando assalteiada:
Bramindo, lhe ennegrece a tez lustrosa,

Torna-lhe a nivea côr da côr do abysmo : :
Doura zêlo impostor paixões damnadas ;
Delatores crueis com arte envolvem
Vis interesses no exterior brilhante
Da razão , da justiça , e da verdade :
Cai a innocencia , vítima da inveja ;
Dos Zoilos o rancôr da mim triumpha.
Eis-me vedado ao sol , vedado ao mundo ;
Eis a reminiscencia apenas traça
O quadro do Universo á minha ideia ,
Que , se aos olhos illusos dera assento ,
Julgara que inda os ceos , que inda as estrellas
Não tinham rebentado á voz do Eterno ;
Que a antiga escuridão , que o chaos informe,
No que hoje é natureza , inda reinava ;
Que na mente immortal do rei dos fados
Inda em mudo embrião jazia a terra.
Memoria e dor minha existencia provam ;
Porém dor e memoria o ser me azedam,
E a desesperação , desfeita em pranto ,
Inutil vida aborrecendo , anhela
A paz , e o somno do insensibil nada.
Sôbre meu coração tormentos fervem ;
E pela phantasia exacerbados ,
Se embebem no pavor da morte horrenda.
D'nm lado em traje infame a vil Affronta ,
Sordido espectro , me affogueia o rosto ;
A doce Patria de outro lado afflicta
Um doloroso adens me diz carpindo :

Aquí e allí mil pallidos phantasmas,
 Prole do mêdo, com visagens feias,
 Serie me agoaram de amargosos damnos.
 N'estes horrores a existênciã pasma;
 O exercicio vital em ócio fica;
 Sentidos, fôrças o terror me absorve.
 Tal é, Genio preclaro, a ordem triste
 De meus funestos nebulosos dias;
 Dias marcados no volume eterno
 Pela torrida mão da Desventura.
 Ah! do maligno seculo corrupto,
 Em que o duro egpismo abrange a terra,
 Inda restam, senhor, ao desditoso,
 Benignos coraçõs, que se repartam,
 Que para os seus prazeres so não vivam,
 Que sintam, que venerem, que practiquem
 Lei no altar da Razão per Jove escripta;
 Lei na infancia do mundo ao mundo imposta:
 —*O homem favor e asylo ao homem preste;*
 —*Mutua beneficencia os entes ligue.*—
 Teu grande coração colheu taes dotes
 No thesouro, onde os zela a natureza,
 Mesquinha de seus dons co' a terra ingrata.
 Além da condiçã o heroico exemplo
 Em teu peito arreigou feliz semente,
 Da qual se engueram generosos fructos.
 O varão providente, o pae da patria,
 O assombroso Carvalho, o Inso Atlante,
 Cuja vista mental descortinava

Os sumidos arcanos tenebrosos,
Onde sagaz política se entranha :
O decantado heroe , que d'entre as cinzas ,
D'entre os dispersos lugubres estragos,
Effeitos de fenomeno terribil ,
Mais ampla fez surgir , surgir mais bella
A vasta fundação dos Gregos duros ;
Que de suberbas tórres magestosas ,
De ingentes sumptuosos edificios
Os hombros carregou d'alta Lisboa :
O politico excelso , a cujo aceno
Vinham , prenhes de fulgidos thesouros ,
Alterosos baixeis arfar no Tejo;
E a risonha abundancia dadivosa
Da fausta Lusitania enchia os lares :
O zelador fiel do altar , do throno ,
O escudo , o creador das leis , das artes ꝓ
Aquelle, enfim, senhor, que , o véo soltando ,
Em que etherea porção luzia involta ,
Vive nos corações , nos ceos , na fama ;
Teu memoravel pae te abriu a strada ,
Per onde foste ao Pólo , em que es lustiro.
Nos Elysios curvada a sombra illustre ,
Olhos fitos em ti , de la te acena ;
De la te influe espiritos sublimes ,
Prestante emulação , com que o renova.
Heroe , fructo de heroes , protege , ampara
Bute oppresso , infeliz , que a ti recorre ;
Lava-lhe as manchas da calúmnia torpe :

Ao throno augusto da immortal Maria .
Com lamentosa voz dirige , alteia
Do misero Bocage os ais , e as preces :
Desfaz a treva , que lhe espanca o dia ;
Rompe as correntes , cujo som medonho ,
De Phebo os gratos sons lhe descompassa ,
Tremendo ao feio estrondo a voz , e a dextra.
Ja tocaste , senhor ; da glória o cume :
Socios (indaque raros) tens contudo :
D'elles póde isolar-te um grau mais alto ;
Grau onde o fado occulta o bem , que imploro.
Das avarentas mãos sóbe a arrancar-lhe
O defeso penhor , minha ventura .
N'isto é virtude transcender o extremo :
Remindo um triste de oppressão tam crua ,
As balisas transpõe da heroicidade :

EPISTOLA II.*

Se aos miseros, senhor, não é vedado
No abysmo, em que os confunde a desventura,
Seus males exprimir, chorar seu fado :

Minha consternação, minha amargura
Vai demandar em ti sagrado asilo,
Acolheita efficaz em ti procura.

Teem as angústias enfadoso stilo;
Mas tu, attento ás leis da humanidade,
Tu não te has de enojar, senhor, de ouvido.

Outros querem louvor, eu so piedade;
Piedade, que a perder o gosto á fama
Até ja me ensinou a adversidade.

De ethereo dom, que spiritos inflama,
A chamma nos suspiros se evapora,
Ou se apaga nas lagrymas a chama.

Dos louros, que cingi, não cuidou agora :

* Ao marquez de Ponte-de-Lima.

É meu unico objecto o lenitivo
Da tenaz afflicção, que me devora.

Em carcere, a que o sol medroso, esquivo
Seu lume bemfeitor jamais envia,
E onde somente a dor me diz que vivo :

Na ideia, com que apenas sei que ha dia,
Encarando, senhor, tua grandeza,
Tua alma generosa, affabil, pia :

D'entre as sombras da noite, e da tristeza
Vendo luzir mil dons, com que a ventura
Se nuiu por gloria tua á natureza:

A sorte se me antolha menos dura;
Pondero o teu favor saudavel porto
Contra os horrores de procella escura :

Per vil calúmnia moralmente morto,
À physica extincção darei o alento,
Se imaginario for este conforto :

O rumor, que me ultraja, é fraudulento;
Senhor, meu coração não jaz corruto,
Corrupto não está meu pensamento.

Detesto o falso, o ingrato, o dissoluto;
Do triste, do infeliz não ólho ao dano
Com ferreo desamor, com rosto enxuto.

Vejo a cópia de um Deus no soberano;
Curvo-me ás aras; em silencio adoro
Alta religião o eterno arcano.

Sim, erros commetti, mas erros choro,
Não com pranto sagaz, que a vista illude:
Da abjecta hypocrisia ardis ignoro.

O brilhante character da virtude ,
Arma contra os asperrimos destinos ,
Tem cultos meus : o imparcial me stude.

Na quadra das paixões , dos desatinos ,
Se deixei de cumprir , fiel e exato
Preceitos veneraveis , são , divinos :

Não sou para com Deus so eu o ingrato ;
Muitos , que me ennegrecem , que me afeiam ,
São talvez meu modelo , ou meu retrato .

Remorsos devorantes não me anceiam :
Mais fraqueza do que indole , meus vicios
As forças da razão me não sopeiam .

Eis , senhor , por que espero achar propicios
Teus influxos comigo , e que derrames
Por minhas afflicções teus beneficios .

De mordazes insectos vis enxames
Me ferem , me envenenam , vão lançando
Sobre o character meu labeos infames .

Embebe o coração flexibil , brando
Na maviosa dor , que em mim suspira ,
Que em mim por teu socorro stá chamando .

O Deus , a que um so ai remove a ira ,
O Eterno , o Bemfeitor , o Omnipotente
Doce clemencia na tua alma inspira .

Se apraz aos ceos um ânimo innocente ,
Tambem é grato aos ceos o arrependido :
Uma lagryma extingue o raio ardente .

Deixa pousar , senhor , no attento ouvido
A queixosa tristissima linguagem ,

As súplicas , e os ais de um perseguido.

Do susto, da oppressão, do horror, do ultrage

Sólta, restaura com piedade intensa,

Os agros dias do infeliz Bocage :

Teu braço , teu podêr , meus fados vença ,

Como átras nuvens de vapor maligno

Rebáte o sol co' a fúlgida presença ;

Ganha-me a compaixão do heroe benigno ,

Do Principe immortal , que em nós impera ,

Não so de um throno , de mlti thronos digno :

Tolhe-me ás farias da calúmnia fera ,

Que o prêmio singular , prêmio sublime ,

O que mundo não dá , nós ceos te spera :

Teu peito de meus males se lastime ;

Erros tenho , não crimes commettido ;

O erro exige perdão , castigo o crime.

Indaque da ventura es tam quecido ,

Indaque o ceo te ergueu a excelso stado,

Mais é valer , senhor , ao desvalido ,

Mais é tornar feliz um desgraçado.

EPISTOLA III.*

Tu, de antigos heroes progenie exalta,
Ramo, de régia planta derivado,
D'accodir ao pequeno, ao desvalido
Tens, benigno marquez, dever sagrado.

Depois de conferir-te um grau sublime,
Ainda não contente a divindade,
Une-te á posse de inclyta grandeza
O sancto ministerio da piedade:
Occasião te dá para exerceres
Affébil, paternal beneficencia
Na estancia da oppressão, ca onde o crime
Caminha par a par com a innocencia.

Afferrolhada miseravel turba,
A quem cinge o grilhão, e a fome abate,
Ja cuida que te ve na mão prestante
Dadiva pia e próvido resgate.

Qual per ermos incognitos perdido

* Ao Marquez-de-Abrantes.

O lasso caminhante o dia anhella ,
 Deseja d'entre sombras triste chusma
 Ver lazir teu favor nos males d'ella.

De número infeliz , que te suspira ,
 Lastimosa porção me fez a sorte ,
 Lançou-me em feio abysmo , onde parece
 Que entre seus cortezãos preside a morte.

Que é morte ? solidão ? silencio ? trevas ?
 Tudo isto occupa o lugubre aposento :
 Silencio , trevas , solidão me abrangem ,
 E horrores multiplica o pensamento.

De atroz perfídia as nodoas não me infamam ;
 Remorsos me não fervem na tristeza ;
 Em barbaras acções , em negros crimes
 Não teahô profanado a natureza :

Com ferro abominabil entre as furias
 Impio golpe não dei no patrio seio :
 Sempre a cauta razão me tem sostido
 Reluctantes paixões com útil freio.

Desventurado sou , não sou perverso ;
 Ao jugo de altas leis o collo inclino ;
 E no humano poder contemplo , adoro
 Augusta imagem do poder divino.

Torpe invejosa perfida calúmnia ,
 Monstro devorador da honra alheia ,
 Não me prostra o valor de todo ainda ,
 Com vê-la tam cruel , com ser tam feia.

Os damnos , que me urdiu , baldar-lhe spero .
 Nos sentimentos meus , e em ti fiado ;

Tu , grande , tu , benefico , tu , forte ,
Emprende a glória de vencer meu fado :
Protege a causa do infeliz , que invoca
Teu nome , o teu fervor , tua piedade ;
Guia os suspiros meus , e as preces minhas
Ao throno , onde reluz a humanidade .

A' grandeza e virtude asylo imploro ;
Tu gozas da virtude ; e da grandeza :
Estes brilhantes dons comigo apura ;
Terá mais um triumpho a natureza .

EPÍSTOLA IV.*

Ao gran' vate Salicio, 'o vate Elmano,
Como elle devedor á natureza,
Mas não como elle devedor ao Fado,
Ca dos lares tristissimos que habita,
E onde quasi evaporo em aís o alento,
Se é que a póde enviar, saúde envia.
Acolhe, doce amigo, ás musas dado,
Acolhe ingenuos sons de afflicta musa,
Que entre flôres outrora, entre delicias,
Entre os sonhos de amor, verdade ás vezes,
Cópia do ceo, no candido regaço
De alvas fagueiras perigosas Lílias,
Passou dias de glória, instantes de ouro,
Do Tejo transparente á margem bella
Cantando a vida, como o cysns a morte.
Comtigo fallo, que do Pindo houveste
O solemne idioma, o tom dos numes,

* Ao Illustrissimo senhor Sebastião Botelho.

A voz, que longe vai, que longe sóbe,
Que soa além do mundo, além dos tempos ;
Fallo contigo, a ti, que tens na mente
O thesouro brilhante, inexhaufibil,
O igneo foco de altívolas ideias,
Em que Jove relax, qual é no Olympo :
Fallo contigo, a ti, que tens na mente
Podér de eternizar, e eternizar-te.

Estranho não será nos teus ouvidos,
(Aos milagres da lyra, e do estro afeitos)
Que, ufano do que foi, blasone um vate,
Ja, claro como tu, nos dons de Phebo.

Contra a nobre altivez, que em mim resurge,
Uive o Zoilo mordaz, injúrias ladre ;
De rôjo pela terra a vil serpente,
D'aguaia, que arrosta o sol, deteste os vãos ;
Sejam no tribunal do vulgo inerte
Sombra o fulgor, o enthusiasmo insania ;
Veja olhados d'alli, qual ócio inutil,
Seus mil suores o immortal de Suggna :
A cega opinião, que reina em tudo,
Ponha embora a nivel Marões e Bavios ;
Que eu, tu, e alguns, (quam raros!) ja vingando
Cúmes e cúmes de entrepostas serras,
Trilhâmos fadigosa strada immensa
Que vai da natureza á eternidade.

Dignamente de nós fallar podêmos ;
Não se ata o desar nosso ao nosso alarde :
Quem de celestes dotes se gloria

Honra menos a si do que honra os numes.
 E se a turba sem nome, avêssa aos vates,
 Este firmado orgulho em mim condemna,
 Bem da minha altivez meus ais a vingam;
 Bem descontado stá nos meus desastres,
 E nos tormentos meus a glória minha;
 Tórmentos que me agouram tenue res to
 Ao que é mais duração do que existencia.

Entre os damnos de smor, e os da ventura
 Quasi lenho agitado em altas ondas,
 E entre negros tufões, que oppostos bramam,
 D'um lado, sôbre nuvem côr do Averno,
 Ólho a deusa do mal, do horror, do pranto,
 Vejo ô que tu não ves, nem ver mereces,
 (E nem eu mereci) vejo a desgraça,
 De ameaço no rosto, a mão no raio,
 A meu peito assestando o tiro, a morte,
 Mas sem de audaz vigor despir meu peito.

De Ulna ingrattidões, eis d'outro lado
 Contra mim, como furias, arremetem.
 Aqui cerradas trevas me apavoram,
 Esmorece o valor, naufraga o siso,
 Sossobra o coração: para a minha alma
 Nas procellas de amor não ha Santelmo.

Prêsa a tantos martyrios a indigencia,
 Os apura, os irrita, os desespera:
 É ella, caro amigo, é mais que Phebo
 Quem me arranca do spirito enluctado
 O metro carpidor em que a deploro,

EPISTOLARES.

9x

Qual nas margens do Tibre ao Venusino.

Tuas virtudes , teu character grande

Na patria , que honras , a experiencia aclama:

Mas tenho a meu favor para invocar-te

Jus mais alto : es feliz , e tu desditoso.

ВОСЛОЖ.

 EPISTOLA I. *

Em quanto cem poetas, care Amigo,
 Levam de rôjo com desdouro eterno
 Pelos profanos côros as divinas
 Canções das castas musas, mendigando
 Aos pés dos cortezãos fortuna e nome;
 Tu sobranceiro a tudo, ó gran' poeta!
 Canta so cousas dignas d'alta estima:
 Nem tu pejes a lyra d'ouro fino,
 Que do Permesse te doara Apollo,
 Co' assumptos baixos de lisonja insana. **
 Se heroes queres cantar, té ás estrellas
 Alça em teu canto os nomes sublimados

* A Almeno.

** Não ha nação culta, cuja poesia presentemente seja mais digna de desprezo pelo futil de seus exemplos, do que a Portuguesa; a qual vemos quasi reduzida ao soneto, e á decima: annas e glosas futeis os argumentos mais debatidos.

D'esses mortaes que ao homem bem fizeram.
Sonoroso clarim á fama entrega,
Que todo o mundo discorrendo leve
Do Pólo austral ao congelado Arcturo
Os nomes immortaes que os deuses amam,
Do divino Platão, do Stagyrita,
Philosopho profundo; dos dous astros
De Tusculo, de Cordova. Mais alto
Se inda queres subir, ás musas manda
Que em claro metro aos deuses alevantem
O claro Atheniense que primeiro
Chamou dos ceos a san verdade á terra,
E a mostrou aos mortaes, póstoque ingrato
Povo lhe désse em galardão funesto
Copo de morte. Nem tu deixes outros,
Que mais perto de nós mil bens fizeram
Ao homem, e á razão: num hymno sacro,
Croada a fronte d'amarantho eterno,
Sóbre as estrellas lucidas consagre
O famoso barão de Verulamio,
Que o nexo e ordem das sciencias vira,
E fatidico vate adivinhara
Não-trilhadas veredas, que aos vindouros
Suas vastas ideias abririam.

Eis a razão por que muitos vêem primeiro a morte de suas obras, que ellas o fim de seus scriptores.

J. F. BARRETO.

As extremas do mundo leva ufano
Em eterno pregão a nobre fama
Do sabio Locke, que a razão aclara,
Do docto Malebranche, que descobre
As nossas prevenções, os nossos erros.
Que voz sublime te não stá pedindo
O excelso Newton, que a natura alcança !
Poz n'ella os olhos d'alto lume accesos,
E a noite escura, que a cubria; abysma,
E faz raiar a clara luz do dia.
Estes, Almeno, são os que merecem
Um eterno padrão de jaspe e bronze;
Uma státua sublime que honre a praça;
Um nobre quadro do famoso Apelles:
A estes taes de juro é que pertencem
Os sagrados poemas, almos hymnos,
E o harmonico som da eburnea lyra.

EPISTOLA II. *

SÔBRE OS PRAZERES INNOCENTES DA VIDA.

A pompa, e a escravidão á côrte deixa,
E aos philosophos vaõs, que se debatem,
Sua louca ignominia, e seu orgulho:
Deixa ao avaro o ouro, que amontoa,
Que hade largar á borda do sepulcro:
Deixa aos homens crueis o vil cuidado
De enganar a innocencia, deixa tudo,
Ó meu Nogueira! ** ó honra da amizade!

* Em quasi todas as *epistolas* de Antonio Ribeiro, transpira a mais pura e san philosophia. Este sabio scriptor não seguiu a vereda trilhada pela mór parte dos modernos vates lusitanos (cujas poesias applicadas a objectos de pouca monta) raramente instruem os leitores. Os assumptos que elle escolheu requeriam vastissima e apurada leitura antiga e moderna. Eis a razão porque as suas obras so vieram a luz quando elle contava avançados dias.

** O doctor Nogueira.

Se'claro ves, o que é o mundo, busca
 N'elle ao menos viver, fiando pouco
 De quanto te apresenta: poucos dias
 Ja nos restam da vida incerta e fragil,
 Que longas esperanças nos defende:
 Cuidemos de passar alguns ainda,
 Em quanto duram, em prazer honesto.
 Amigo, o são prazer somente vive
 No seio de uma casa sem tumulto,
 Sem requerente, sem creder á porta;
 Sem mor cuidado do futuro incerto,
 Que poucas provisões da vida pede:
 Vive no tracto dos fieis amigos;*
 Nas prácticas suaves, que entretenham
 Nosso ávido sprito em ledas horas;
 Na lição de bons livros, bons poetas,
 Nas chronicas, que os grandes feitos guardam,
 Que as varias scenas d'esse antigo mundo,
 Melhor do que este nosso, nos amostram:
 Vive o prazer tambem no honesto jôgo,
 Limpo de int'resse, de mil graças rico;
 No passeio per sitios deleitosos,
 Livres de gentes; per um campo ameno,

** Is est amicus, qui in re dubiá, rejuvat, ubi re-
 est opus.*

PLAUTO.

Vulgare amici nomen, sed rara est fides.

PNEURO.

Onde te assentes, comoquerque apraza,
 Ou sôbre um alto outeiro, d'onde rejas
 Vergeis e prados, d'onde o mar descubras;
 Ou ja sob a copada faia ou olmo,
 D'onde te cantem aves sonoras
 Cantigas natraes de seus amores:
 Vive na fresca veiga, matizada
 De boninas gentis, de belvederes,
 Juncto á matriz da resonante lympha,
 Que excita leves somnos saborosos;
 Sob o docel das parras, d'onde estende
 O roixo Baccho os pampanos frondentes;
 N'uma meza, não parca, não sobeja,
 Mas simples e frugal, singela e limpa,
 De so dous convidados rodeiada,
 Que te brindem a ti, a quem tu brindes
 Com sobria taça do liquor divino,
 Que esforça o coração, remoça a vida:
 Vive a par do fogão no frio inverno;
 Que os tremedores gelos afugente:
 Entre os zephyros vive que bafejam
 Frescor das azas no calmoso estio:
 Pousa no molle somno em brando leito,
 Onde não chegam pallidos terrores;
 Em fortuna mean, que não se inveje,
 Que te dê, quanto baste á vida breve,
 Sem fausto, mas sem míngua, e sem cuidados.
 Se isto tiveres es um deus na terra:
 Eu desejo estes bens, e t'os desejo.

EPISTOLA III. *
OS CAUSTICOS.

Amigo, s'eu podesse ter sobejo
 Tempo, que te screvesse longa carta,
 Uma screvera em verso, qual desejas,
 Como outrora ja fiz: porém não posso;
 Tomam-me o tempo mil cuidados duros,
 Pensões da vida pública pesada,
 Que ja me caçam nos cadentes annos.
 Mas tudo fóra menos, tudo houvera
 De soffrer, se não fossem uns teimosos,
 Uns causticos cervaes, que me não deixam,
 Qu'eu apontando, as mnsas estremeçam,
 E quaes aves, que vêem falcões rapaces,

* Esta *epistola* (em que o auctor imita a Horacio e a Boileau) é admiravel pelo modo como elle zurze certos importunos, que (sem respeitarem o util emprego que os sabios fazem do tempo) vão molesta-los com seccantes e insípidas prácticas. Todas as ex-

Batem azas presto , e vão fugindo :
 Geração imprudente , infesta praga ,
 -Que nas horas mais de ócio , ou de trabalho ,
 Me vêem pejar o tempo , sem piedade.
 Um , qual gusmento ganso vagaroso ,
 Com voltas e rodeios longa historia ,
 Per incidentes varios balbucia :
 Conta o que fez , e quantos passos dara ,
 Per onde foi , q'actos encontrou , que disse ,
 Que nada d'isso serve ao fim da historia.
 Outro refere , não já comas novas ,
 Saborosas de ouvir ; porém já velhas ,
 Ja soadas noticias per matlheres ,
 Que as não póde aturarum peito d'aço :
 Este toca de docto , e se refere
 Frias empólas , leves maravilhas :
 Aquelle seus serviços que asoalha ,
 Que tem feito sem prémio ; e ja descendo
 A' vida alheia , que me nunca importa ,
 Falla de uns taes , que não valiam nada ,
 E comtudo comendas conseguiram :
 E eu , ó deuses ! ouvindo disparates ,
 Mais medo de que státua taciturna !
 Pois que te hei de dizer de uns pegamãos

pressões tem aquelle cunho classico , aquella elegante propriedade e pureza , que este illustre Magistrado bebera na lição dos bons scriptos do aureo seculo luptano.

Que ainda ao despedir se me atravessam
No patamal da escada, aonde enfia
O negro Bóreas, que constipa o peito,
E alli revezam novas vans arengas,
Que estoiro de os soffrer, e fico morto.
Ja te ouço repor-me, um pouco irroso,
—« Porque lhe fallas, porque não te negas
A gente tam tenaz e pegajosa? »
Negu-me uma e mais vezes; mas não basta:
Se saio de passeio, ao recolher-me
Dão-me caça, e de encontro me abalroam:
Quando me safo d'elles; eis ja outro
A fugitiva espalda me insta, e destro
Vem-me no encaço, e colhe-me de involta,
Põe-se logo a la par, e vem comigo:
Um outro, quando eu passo, da janella
Mal me vislumbra, qual soldado hardido
Do tope das ameias brada: — « Á tarde
La sou comvosco. » Se á janella chego,
Outro apparece, salva-me da rua,
E me empraiza mofino, e vou soffre-lo:
Mas é peor ainda um mais manhoso
Que me screve com grandes comprimentos,
E uma hora certa de fallar me pede,
E que lhe heide fazer? safa-te d'estes.
Amigo, basta: dá remédio a isto;
Ensina-me a fugir d'estas ciladas,
Que será arte nova, se a descobres,
Que fico seja a mor das artes todas:

EPISTOLARES.

101

Eu prometto studa-la, e ser um dia
Discipulo o melhor da tua schola,
Que livre ja de causticos pesados
Com verso inda melhor, do que este agora,
Lhe darei fuma, e exaltarei teu nome.

EPISTOLA IV. *

A DESIGUALDADE DOS PRÉMIOS E FORTUNAS.

Tu lamentas, amigo, muitas vezes,
Quam mal os bens da vida se repartem,
Que uns la gemem na mísera pobreza,
Outros no seio da abundancia dormem:
Não me espanta comtudo, não me espanta
Ésta desigualdade: este é activo;
Aquelle inerte; est'outro ingenho e arte
Recebeu ao nascer, e sabe de stro
O campo cultivar, que os ceos lhe deram:
Aquell'outro porém, a quem não coube
Dom algum da natra, em vão se esforça,
Que quanto mais trabalha, menos lucra.

* Com razão deplora, e se indigna n'êsta *epistola* o nosso philosopho contra a mor parte dos homens, que, hallucinados pelas apparencias, menosprezam o cidadão util á patria, e vão extasiar-se e rojar ante esses entes indolentes e nullos á sociedade.

Mais me offende (se devo abrir meu peito)
Outra maior differença , que vê ca vejo :
Vejo muitos poltrões , ao estado inúteis ,
Em brilhante fortuna ; e muitos vejo
Que teem servido a patria com seus braços
Sem nenhum galardão. Como é possível
Que quem nas artes pródigas trabalha ,
Viva em desprezo , pobre , e sem ventura ,
E quem descança , em ócio vil sentado ,
Em pródiga riqueza sté padando ?
Não ves coíno , rompendo o alvor do dia ,
Vai o obreiro amanhecer na obra ;
Em quanto o cortezão , a somno sólto
Toda a manhan em torpe leito dorme ;
Nem se ergue a mais , que a profanar o resto
Do almo dia , e a consummar seus crimes ?
Mas um que galardão recebe ? o outro
Que affronta , que castigo ? A noite desce
Em sombras , d'altos montes despenhada ,
Sóbre os tectos das villas e cidades ;
Cançado o obreiro do trabalho cessa ,
Recolhe os instrumentos , e caminha ,
Suado o rosto , ao denegrido alvergue ,
E que acha n'elle que o console ? Apenas,

os quaes intumecidos de suberba e egoísmo, so para si vivem. As idéias conteem grande provisão de moral para os que fojem de incensar esses idolos frageis e caducos.

A afanada malher, e 'os rotos filhos
 Em tosca banca sôbre o lar fumoso
 Lhe apresentam do alho a sorda esquiva,
 Ou salgada sardinha de mistura
 Com pão de soborralho; e muitas vezes
 Nem isto lhê quer dar a escassa meza:
 Porém emtanto o cortezão soberbo*,
 Sem officio, sem arte, sem trabalho,
 Vive em descanzo, em ócio vil prostrado;
 Em sumptuosas ceias ceva a gula;
 E em bacchanaes regalos se apascenta.
 Se a razão, n'outro tempo do Universo,
 A rainha, outra vez voltasse á terra,
 Que rico prémio não daria áquelle,
 Que em quentes bagas de suor banhado,
 Os seios abre da fecunda terra;
 Que o duro ferro na bigorna dura
 C'o possante martello vai batendo;
 Que as pedras corta, que altos lenhos fende;
 Que apascenta lanigeras manadas;
 Que lança as redes sôbre os bravos mares,
 E arranca ao fundo pego a turba immensa

* Se abrisse a Natureza o grande repositório, e amostrasse a verdadeira árvore genealógica d'estes *empaturrados*, que galante comedia para as gentes de juízo, que ceque da clava de Hercules para certas cabeças fofas! Que paes lacaios, mouros, judeos, etc. etc. não tem dado descendencias nunca

Dos escamosos peixes nadadores;
 Que tece o branco linho, e as lans do gado;
 Que c'os braços da indústria trabalhando
 Os homens alimenta, os homens véste!
 Porém a ti, ó cortezão inerte!
 Que inntil péso ao mundo, a ti so vives,
 Qual rocim mazellado te arroja
 La'no almargem deserto, onde acabasses,
 Sem ca ficar de ti memoria oa rasto
 De existires na terra. Ó men Barroso!
 Eu ia agora longe e arrebatado,
 Não' sei*, não sei como perdi meu tino;
 Fallei a puro esmo, em quanto disse:
 Torno-me a mim, e a ti, que ja deixara;
 E poisque ja não tem remédio o mundo,
 Sofframo-lo; paguemos-lhe calados
 Ésta alcavala e foro. O ceo te guarde.

suspeitadas? Quando stou de pachorra, mando re-
 presentar entremezes d'êsta laia no theatro da
 minha imaginação, para rir á custa d'essas bexigas
 inchadas de ar fedorento.

FRANCISCO MANUEL.

* O doctor José Barroso.

EPISTOLA V.*

JORNADA QUE O AUCTOR FEZ DA CIDADE DO
PORTO A VALLONGO.

Pedes novas de mim , e sabes queres?
Como fiz a jornada : ora eu t'o digo
Em breves termos , que logar não tenho
De escrever mais de spaço : concordamos
Eu , o João , e Çonego , e o Sampaio
Em ir de calvagata até Vallongo
Por fazer a vontade ao nosso Marques.
Eis raia o dia , e cadaqual , as botas
Calçando , cuida de se pôr mais prompto
Que um gamo na carreira : ja com brio
O vermelho Sampaio se apresenta
N'um formoso ginete bem montado ,

* Com as tintas mais frescas e agradaveis, bosquejou o auctor n'êsta bella *epistola* um d'aquelles passatempos, que os Portuguezes muito estimam.

Qual leva o Delio Apollo com gran' fausto
 Nas Pythonicas festas galopando :
 João n'uma bestinha mansa e linda ,
 Que inveja foi das damas cavalleiras :
 O Conego no seu rocim, nascido
 Nos curtos dias do engelhado inverno :
 E eu , que sabes sou como um rabaça ,
 N'um esgalgado macho de Vallongo ,
 Que o bom do Marques me mandou por peça-
 Monto, tremendo, na escaldada sella ,
 E benzo-me tres vezes mal-seguro ,
 E aos lombos d'alta bésta me encomendo :
 Logo ao sair comigo deu em terra ,
 Não sem motates dos amigos : subo
 Outra vez ao gigante em novos sustos ;
 E assim tal e quejando* fui meus passos
 Atrás de todos co'a poeira em rosto :
 Mil vezes me lembrei de D. Quixote ,
 E mil de Sancho n'éta cavalgata ;
 Mas elles iam ver formosas damas
 Filhas do Sol, e eu o padre Marques.
 Depois de varios trances e paradas ,
 Alfim chegamos a Vallongo : o Marques
 Com mui grandes salás e folias desce

* *Que tal.* Também usou d'este termo Francisco Manuel na sua versão das fábulas de La Fontaine, tomo I, pag. 34 :

Logo na obra se ve *quejando* é o obreiro.

Á porta a receber-nos, rindo muito,
E tomando pitadas de tabaco.
Apenas da fadiga descansamos,
Eis nos dá c'o jantar na meza prompta,
Adevinhador da fome que ja todos
Trazia-mos : no meio se apresenta
Verde alguidar vidrado d'alto brio
De açafroado arroz arrebrandando,
Que elle so bem podera em grandes bodos
Fartar per dias dés todo o Vallongo.
Um gran' prato de vacca, a quem faziam,
(Que era muito de ver) brilhante escolta
Um lamegal presunto e quatro paios,
Valentes capitães de almogavares.
Geme c'o péso enorme a velha meza,
Que steve a pique de arrasar per terra
A toalha, o comec, baixella e copos,
E banhar de bom vinho o pavimento.
Per remate do splendido banquete,
Um atacado prato de altas bordas,
Suberbo com dourada sopa, chega,
Que des o albor do dia arregaçadas
Duas môças esbeltas trabalharam,
Mais guapas e gentis, que as cyprias rosas,
Que as cerejas de maio mais coradas,
Por quem dons Faunos namorados morrem.
Findo o banquete pela tarde fomos
A ver os Fojos, decantado monte,
De que muito se falta : alli talhadas

Em viva fragoa , dura penedia ,
Concavas casas vimos , não sem susto ;
Que ainda foi maior , quando avistámos
Rotas cavernas , temorosas furnas :
Pedras lançámos dentro , que troando
Com medonho fragor per largo espaço
Iam caindo no profundo abysmo.
O vulgo julga ser obra moderna
De Mouros incantados , quando Cale
Era em poder das Agarenas tropas ;
E o fero' Aboazar , fronteiro em Gaia ,
Regia as margens do paterno Douro :
Outros porém com melhor tino intendem
Que ja foram mineiros , que se abriram
Per sagazes romanos , que romperam
As entranhas da terra , cubiçosos
Por ouro e prata , stimulos do crime ,
Que natura escondêra em estygia sombra.
Tu julgaras , que alli do escuro Averno
Eram as fauces horrorosas : creras
Que per alli entrara o pio Eneas
Co' a tremenda fatidica Sybilla
A ver Anchises dos elysios campos ;
E o Grego astuto a visitar Laerte :
Se t'eu quizesse , amigo , per miudo
Contar tudo o que vi , tu clamarias
Que te contava fábulas , patranhas
De Esplandiano , ou de Amadis de Gaula ;
Mais isto basta : o mais direi outr' hora.

 EPISTOLA VI. *

Assim é, assim é, ó Serra amigo !
 Homens desnaturaes, filhos ingratos
 Ao leite que mamaram, desmandados
 Despeitam nossa lingua veneranda :
 Querem deixá-la á rustica gentilha,
 Ou qual velha entrevada aposenta-la
 No hospital dos invalidos. Não fallam
 Ja nossos moços portuguez, so parlam
 Ou linguas estrangeiras, que mal sabem,
 Ou nm dialecto informe, nunca ouvido,
 De portuguez, e de francez misto.
 Assim se educam no collegio os moços ;
 Assim se falla em público theatro ;
 Assim nos vêem de fóra parolando
 Mancebos viajantes, que aprenderam
 Quatro termos da moda, vinte phrases
 Do estrangeiro romance mal trazidas.

* A Francisco José da Serra.

Se assim se desaforam, certo em breve
 Acaba o luso jdioma : nem mais podem
 Intender-nos a nós , nem nós a elles.
 N'este transtórno , em que isto vai, depressa
 Ficar á mesquinha lingua , outrora
 Tam tractada em civil cortejo e rica ,
 Ora pobre e deserta e montesinha ,
 D'nrzes e tojo e cardos abafada ;
 E cédo em seu logar ja so-veremos
 O fanado nazal francez reinando : *

* A'lerta, áleria, amigos! ólho vivo:
 Corramos a aprender melhor language;
 Dêmos côres da moda e seclo trage
 Ao alberniz do portuguez nativo.

No francez se acha tudo : até a lingua :
 Haja vista ao Telemaco capado;
 Que tendo o Bluteau bem folheado
 So deparou com aspereza e mingua ¹.

De nobres, de espanhecos doctores
 Que dizem *massacras*, *rango*, *conducta*,
Affrôso, *affays* venha devoluta
 A cópia, a ornar os vates e oradores.

Ponhamos Barros, Souza, e o bom Ferreira
 No cadoz de sedições livrarias,
 Que enraivem la das guapas bizarras,
 Do fallar culto d'um cabal Faceira.

Este se a esmo leu livro francez,
 Tem de verter lições de lingua lusa:

1 Assim m'o affirmou mui de véras o traductor.

Que estranha servidão! se ainda agora
 O cabelludo Godo dominasse
 Sôbre o throno de Hespanha, se inda agora
 O feroz Agareno nos pizasse
 As frescas ribas do sagrado Tejo,
 Fôra menos desar tomar a lingua
 Dos fortes vencedores; porêr sendo
 Nós outros livres de nações estranhas,
 Sendo senhores no solar nativo,
 É mui grande sandice e desgôvêrno
 Pagar a estranhas linguas alcavala.
 Mas tu, com alguns poucos amadores
 Das cousas patrias, que ja poucos vejo,
 Que conheces melhor, do que eu os dotês
 Do lusitaniã lingua veneranda, *

E nós de ir á tal fonte encher a Infusa,
 Pexotes, que so lemos portuguez.

Vistos os progressos que vai fazendo a lingua dos
 tarellos, vêem-me âncias de trasladar as *Decadas* de
 Barros, e os *Lusiadas* de Camões em lingua da mo-
 derna moda, para mais clara intelligencia dos nos-
 sos Francelhos e Francelhas. É pena que steja eu ja
 tam velho, que não possa vir a cabo com a empre-
 sa. Atrás de mim virá algum ânimo compadecido,
 que remoce e ponha mui garridos á francelha os
 nossos zoupeiros classicos quinhentistas.

FRANCISCO MANUEL.

* Não te pafêça trabalho sobejo intender tanto na
 propria language; porque se fores bem doctrinado

EPISTOLARES.

113

Sua riqueza e magestade e brios,
E o jus que tem a se manter no throno,
Farás, com teu exemplo illustre e claro,
Que ella seja mantida e respeitada
Nas doctas obras, que la stás compondo.

n'ella levemente o serás em as alheias. Este é o modo que tiveram todos os Gregos e Latinos: tomaram per fundamento saber primeiro o seu que o alheio.

BARRAOS.

EPISTOLA VII.

OS PRAZERES DA VIDA.

Os prazeres, senhora são diversos,
Como o são sempre as condições do homem:
Chamam-me godo, solitario e triste,
E sem prazer na vida; e eu vivo alegre.
A mim, e aos meus; e de mim so contente,
E d'aquelles que eu amo, estimo e prézo
Per cima das estrellas; que mais quero?
Um la se apraz, bemque vizinho á morte,
D'erguer palacio, que assuberbe a praça,
Alvo da inveja: aquelle so procura
A montoar attalicos thesouros,
Desbarato de prodigos herdeiros;
Este ja regalar com seus banquetes
A cortezãos vorazes, so constantes
Em quanto venta a splendida fortuna:
Aquelle cavalgar gentil cavallo,
Ou com veloz carroça de seis urcos
A tormentar as ruas de Ulyseea,

Com quem vão a la par duros cuidados.
Um folga de bater a mata umbrosa
C'os sabujos ; varar c'o dardo as feras ;
Prear as aves ; e por so recreio
Tirar-lhe a liberdade ou dôce vida ,
Que, como a nós , natura lhes doara.
Outro ja de gastar o dia, e a noite
No ardido-jôgo , em que o dinheiro perde ,
Com que falta a si mesmo, á sposa, aos filhos.
Quantos ha , que em molleza e ócio inerte
Curam so de contar de seus maiores ,
A que não se assemelham, feitos raros
Ou na paz, ou na guerra ! Quantos outros
Ja vivem so de cortejar firosos
Com vãgabundo amor garridas damas ,
Como elles , infieis ; ou de ir na noite
Consummar do mal-gasto dia o resto
No comico theatro , não pudica
Eschola de costumes , de acções bellas ,
Qual foi na Athenas ; e qual ser devia ;
Ver os Jonicos bailes devassados ,
E ouvir de impuro amor mil garridices ,
Que ver não podem sem corar de pejo
Graves donas e moços , castas virgens !
Eu ca n'outro bordo : outros prazeres
Me embalam dia e noite mui sereno.
Quereis saber, sênhora , em que consistem ?
Em gozar de meus lares , de meu predio ;
Ter uma casa minha so , não d'outrem ;

Não sumptuosa e grande , que se espantem ;
Mas nem pequena , em que eu respiro largo ,
Aonde tenho em çamara risonho
Leito , tambem so meu , não compartilhado ,
Sem cuidado de filhos , que me chorem ,
E sem sustos , que emtôrço de mim voem ,
E meu placido somno me quebrantem.
Onde tenho a banquinha testimnha
Fiel de meu pensar , de meus escriptos ,
Que eu desejo , que suba aos astros , quando
Finar meus dias , feita clara estrella :
Aonde a boa fe , onde a verdade ,
Lisura , quietação e paz serena
Moram comigo ; aonde nunca chega
Um so oredor , nem ja cruel demanda
Que venha perturbar meus doces lares :
Onde me assista uma familia antiga ,
Que me ama e estima , e me alivia em parte
O péso dos domesticos cuidados :
Onde ha decentes movejs , não modernos ,
Não splendidos , mas limpos e arrançados ;
Pouca alfaja e baixella , mas que basta ,
E nada deve a quem a obrou do preço :
Onde ha vinte paineis de mão de mestre ,
Que quanto mais os vejo , mais me agradam.
E em longa sala estantçs enfiadas
De bons livros da docta antiguidade ,
Que ensinando mil cousas me delectam
Sem risco de lisonja ou vil engano ,

Tam geral entre os homens , que ora vivem.

Que vos direi do meu terrão campestre ,
De meu vergel , não um jardim vistoso ,
Esteril a seu dono , que o cultiva ,
Mas natural e util , que Pomona
C'o Pan Tegeu da Arcadia , e com Silvano ,
De pomíferas árvores me croa ,
Onde Baccho de pampanos frondente
Com o córo das Menades Thyrsigeras
Me vêem tingir no deleitoso outono
De purpura luzente os racimosos
Bagos das vides; onde a ôlho cria,
Inda sem rega d'aguas fluctuantes ,
As nutriticias plantas saborosas ,
E odoríferas hervas , que temperam
Singelas ignarias n'uma meza ,
Não lauta , não mesquiaba , mas poupada ,
Em que possa off'recer a meus amigos
Sobrio jantar de mil amores rico.
Nem me falta , se quero , a branda Flora ,
Que seu almo regaço leda abrindo ,
Per entre as verdes plantas me derrama
De mui vário matiz mimosas flôres.
Nem as doces toadas , que me enlevam ,
Dos ledos passarinhos sonorosos :
Nem bafejos de zephyros suaves ,
Que cruzam entre as árvores viçosas :
Nem debruçadas sombras d'altas parras ,
Que dão frescura no calmoso estio.

Se ja fóra d'aqui lanço meus olhos,
 Quantas vistas e scenas ; quaes paizagens
 Quam largos orizontes se apresentam !
 D'aqui stou vendo sobranceiro o Tejo ,
 Famoso mais , do que o romano Tybre ,
 De undívagos baixeis suberbo e ufano ,
 Onde ainda diviso n'essas aguas ,
 Qual lactea via , impressa a grande esteira
 Que abriu o Gama , desferindo as veias ,
 Intrepido argonauta , o deus das ondas ,
 Desde éstas praias té o mar da Aurora ,
 Té o bérço do sol , e fins do mundo :
 Vejo d'aqui d'além do Tejo a croa
 D'esses montes , em linha repartidos ,
 Da frónteira Almadem * da gran' Palmella
 Que escala as nuvens co'a cabeça altiva ,
 D'onde o ceo commetter Typhéu podera :
 Da piscosa Cezimbra , da cimeira
 Arrabida , de rubra gran vestida ,
 Que ja tingia reaes purpureos mantos
 De triumphantes Cesares romanos :
 Os frescos valles das gentis villagens
 Da frondosa Azeitão , ja n'oufro tempo
 Graio recreio a duques : d'essa antiga
 Estatuaria Equabona ** inda suberba
 Da via militar , que alli cursava

* Nome antigo arabigo de Almada.

** Coína.

Até a grande e imperial Salacia ; *
 Per onde cuido , que inda vão marchando
 Os lusos esquadrões do gran' Sertorio ,
 D'esse gran' Viriato , horror de Roma.

Quero subir mais alto em meus prazeres ,
 O sprito aos ceos ceruleos se remonta ;
 Contemplo o pae da luz, auctor do dia,
 Seve de fogo , que fecunda o Orbe ;
 Contemplo n'uma noite magestosa
 Essa filha do sol , argentea lua ;
 E os bellos astros , tantos sóes brilhantes ,
 Que fulgem deredor de immensos globos ,
 Que n'esse espaço eterno vão gyrando ,
 Sem de seu curso desmentir um ponto ;
 E cheio de tam altas maravilhas ,
 Das creaturas , que contemplo absorto ,
 Alço meu espirito ao Creador potente ;
 E lanço-me n'um vasto mar profundo
 Do Immenso-Ser, que todo o ser creara.

Dos astros, e de Deus , em que me abysmo,
 Torno-me a mim : acho prazer interno
 Em pensar so comigo na existencia ,
 O que fui , o que sou , o que inda espero
 Que serei per mais tempo sóbre a terra ,
 Se assim prouwer a meu Senhor, que eu viva.

* Via militar que corria desde Equabona , ou
 Coina, até Salacia , ou Alcacer-do-Sal , chamada an-
 ticamente *Cidade-imperatoria*.

Sinto grande consólo , quando penso
Nas vivas energias de minha alma ,
Que circulam meu corpo: quando penso
Nas affeições do coração sensibíl ,
Que não as deu debalde a natureza :
Na saúde , que tenho ; nos sentidos ,
De todo inda do tempo não gastados :
No desejo constante, e alegre e limpo
De fazer, s'eu pedesse, bem aos homens ;
De dar soccorro ao misero indigente ;
De prestar meu conselho , a quem m'o pede ;
De espinar o caminho áquelle' que erra :
Ao pensar n'estas cousas docemente
Todo m'encho de mim , e mais do Nume ,
Que me deu o ser, e que meu ser conserva.

Esta epístola é d'um philosopho , que dando de mão a todas as futilidades e ambelecos pelos quaes tanto se afanam os mortaes , sabe apreciar e desfructar aquelles bens d'onde emana a vera felicidade. O stylo , e os pensamentos respiram a mais sublime e christian philosophia ; e é digno de notar-se o modo per que o poeta descreve a sua habitação ; que realmente stá assentada em logar elevado e aprazivel , nos suburbios da capital , e d'onde se descortina a margem opposta do Tejo , e um bellissimo horizonte.

EPISTOLA VIII.*

Tu dizes que stou so , e vivo triste ,
Longe do tracto social ; mas chamas
Viver em solidão quem vive ledo
De Lucrecio , de Horacio , de Virgilio ,
De Sá , e de Ferreira acompanhado ?
Que conversa Cãbões , Menezes , Castro ,
E outrós vates illustres d'alta Lysia
Aos Romanos iguaes , iguaes ao Gregos ?
Nas horas ao prazer so dadas entra
Ora um , ora outro : quantas cosas
Me contam que meu sprito me arrebatam ;
Quantas me mostram de belleza rara ,
Que os olhos prendem com suave incanto ?
Eis vem Lucrecio com sublime aspecto ,
E vem com elle em leda companhia
A casta Venus , mãe da natureza ,
Nobre como ella é , risosha e bella

* Ao. doctor Ricardo Raimundo Nogueira.

Desdobra a deusa o rico véo que a cobre ,
E a meus ávidos olhos espantados
Os divinos arcanos me descerra :
Como na mão tomardo o facho ardente ,
Que tenebrosos mundos allumia ,
Próvida desce aos penetraes sagrados
De toda a redondeza; e sacudindo
Vivas faiscas sôbre o Orbe inteiro
Fecunda o ceo , o ar, a terra, os máres
De infindos seres, que povoam tudo.
Outras vezes convérso gravemente
O sabedor Virgilio : elle me conta
Os altos feitos do varão pledoso ,
Que deixando de Troia os abrasados
Muros , primeiro demandou a Italia ,
E as praias de Lavinio ; e me refere
Quantas côusas no mar, quantas na terra
Soffreu constante, entregue ao rancor d'iro
Da rainha dos deuses vingativa ,
Até que edificasse a alta cidade ,
E n'ella collocasse os patrios deuses ,
D'onde descende a geração latina ,
E os albanexes padrea , e as muralhas
D'altiva Roma que deu leis ao mundo.
Umaz vezes em dia mais sereno
O venusino Horacio me apparece
Risonho e festival : — « Anda comigo »
(Me diz) da mão me pega , e vamos ambos
Per um campo de flôres estrellado ;

De passagem me leva a ver Glycerá ,
Que em viva chamma o coração lhe torra :
A ver Licymnia de fulgentes olhos ,
E a mais que todas Lalage formosa ,
Gentil de doces fallas, doces risos.
Quando quebra do ardor o sêcco estio
Pelos altos Sabinos vou com elle ,
Ora aos liquidos Baios sonororos ,
Ora á fria Preneste, prazer doce
Dos antigos Romãos : ora aos cabeços
Da Herculea Tibur que se stá rindo ,
Ora de Argeu colono : muitas vezes
Á antiga Alba concorreremos ambos
E ao smeno Lucretil, onde Fauno
Costuma passeiar, e com semblante
Risonho visitar as tenras crías.
Outr' hora vamos ao Galeo, rio
Do laconio Phalante, e ás terras, onde
Não cede o mel a Hymetto, aonde a baga
Com o verde Venafro se debate.
Ora subimos Formiano outeiro ,
E la onde as falernas uvas nascem :
Com que gôsto não vemos d'altas rochas
O Anio reluzente despenhado ,
Que com aguas mais claras do que electro
Os campos rega, e a resonante Albunea
Onde steve Mecenas, onde Augusto!
Sentamo-nos alli; alli desfere
O vate a Leabia lyra, e ao som divino

Canta as graças, e os jocos prazenteiros
 Que emtorno voam da Acidalia deusa,
 E os prazeres do deus, que a fronte cinge
 Com o pampano verde : alli bebemos
 Bojudas taças de purpureo vinho,
 Que ja próvida mão tinha assellado
 Desde o consul Metello : eis que no meio
 Dos formosos festins que o estro excitam,
 O vate illustre derrepente se ergue;
 — «Vos (me diz) De brancas azas logo
 Me impluma todo; ja com elle vós
 Á Rhodope cursada de pe barbaro
 E á odrysia Thracia, em frio gêlo branca,
 De la me mostra o Hebro preenhe de ouro,
 O Cáucaso medonho, a Assyria praia,
 Brava c' o ardor das aridas areias;
 Mostra-me Baccho nas remotas fragas
 C' os sátyros capripedes emroda,
 E ás auricomas nymphas ensinando
 Canções divinas que nos ares soam;
 E em roda d' elle as Thyades protervas
 As torneiras de vinho deatando.
 Eis vou d' alli com elle arrebatado
 Per sôbre as altas nuvens galopando :
 Do Beotico monte a testa altiva
 Sublime toco, vejo alli e adoro
 Os divinos rochedos consagrados
 Pelas musas Ladonides, e as aguas
 Que das torrentes fozes de Hippocrene

A borbotões rebentam: D'alli vdo
luda mais alto , os ceos afronto , e firo
Co' a excelsa fronte os radiosos astros ;
Entro no Olympo , assento-me c'os denses.
As sacras mezas de diamante, e d'ouro.
Ves tu , amigo , quanto mundo corro
Quantos astros e ceos ? Ves quantos numes
Tracto aqui, de Virgilio, de Lucrecio,
Do venusino vate so guiado ?
Que te direi dos Lusos ? Que formosa ,
Que nobre companhia me não fazem
O docto Sá, e inclyto Ferreira ?
Que solidas sentenças , que virtudes ,
Que gran philosophia me apresentam ?
Não essa de theoricas altivas ;
Que ignotas regiões invias veredas ,
Sem prumo e lastro vagabundas correm ;
Mas práctica e segura e certa guia
Na carreira da vida : quando os ouço ,
Que conselhos , que maximas prudentes ,
Que regras sociaes d'elles aprendo !
Tã alta, tã christan philosophia
Traglux nas suas obras , nos seus dictos
Que outro em Lysia não acho mor, do que elles.
Depois d'estes se quero outra companha ,
Quantos amigos não véem ter comigo !
Vem o terno Caminha mavieso,
Nascido para amar, e ser amado ;
E uma a uma me conta as graças bellas

Da sua ingrata Lylia : vem Bernardes ,
 E em brando stylo do seu Lima canta
 Ora gostos de amor, outr' ora mágoas.
 Quantas vezes comigo ca practica
 O Lobo cortezão altos primores
 Da vida social, e quantas outras
 Pelos formosòs campos discorremos
 Do Lis e Lena , que inda agora levam
 Ao som das mansas aguas os amores
 Do Pastor peregrino que chòrava
 Os claros males da travessa flecha.
 Se quero variar , eis outros tenho
 Perto de mim , amigos deleitosos ,
 Ora te ouço cantar , ó sabio Amphisè!
 Co'a lyraigual á venusina lyra ,
 Da tua Laura bella as gentis graças ,
 Lunes dos astros que se accendem d'ellas.
 Ora chega co'a cythara dourada ,
 De gangeticas perlas guarnecida ,
 O inclyto Fernão , e canta n'ella
 Da Transformada-Lysia altas historias ,
 E segredos , que envolve em variás flôres.
 Que visita melhor, que companhia
 Que se iguale a Camões ? Camões divino
 Não se peja de vir honrar-me a casa ,
 E em alto metro recontar-me como
 Ceruleo Gama , destemido e forte
 Arrancando a Néptuno o poderoso
 Trisulco sceptro , inselita carreira

Abriu per máres nunca navegados,
Quantos cabos dobrara, quantas ilhas
Barbaras costas, descampadas praias;
Quantas gentes de estranho gesto e lingua,
Quantos ceos, quantos novos astros vira;
Até que pôde vencedor dos máres
O bérço registrar do sol luzente,
E os thalamos da Aurora, d'onde nasce
O radiante dia, sempre o mesmo;
Onde alçaram Pachecos, Castros fortes
Da nova Lysia o oriental imperio.
Após este vêem outros, vem Menezes,
E a chrysea Málaca, empresa nobre
Do feroz Albuquerque, me apresenta,
Hoje emporio fatal do fulvo Belga.
Vem o Corte-Real, e em solto metro
Da sem-ventura Leonor me conta,
E do sposo infeliz os duros fados,
Que sôbre o horrendo tormentorio cabo
Entre trovões e raios crepitantes
O fero Adamastor vaticinara:
Nem me falta tambem o docto Castro,
C'o sagrado poema, em que elle sóla
Muitos seus varonis do vate Argivo
Do Mantuano vate: reina n'elles
Vencedor d'alta Troia, o vago Ulysses,
Que transpondo os limites que posera
No Calpe tingitana o forte Aleides,
Do tremendo Oceano as ermas ondas

Impavido afrontou, e sôbre o Tejo,
Que ve banhar-se o sol nas rubras'aguas,
Ergueu aos astros a cidade aliiva,
Rainha do Oçcidente, mãe dos Lusos.

ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS.

CARTA I. *

O BANQUETE.

Eu bem sei marquez ** preclaro ,
Que tens o tempo occupado
Em reflexões e discursos
Tendentes a bem do Estado.
Vejo , illustre patriota ,

* Do auctor d' esta, e da seguinte peca, póde-se dizer o mesmo, que disse Francisco Dias Gomes acerca do irmão do mesmo auctor Antonio Gomes da Silveira Malhão, e vem a ser: - Que metrificava com summa velocidade, pôstoque conhecidamente abundasse em defeitos de metro e lingua; e forçosamente assim havia de ser; porque a poesia foi sempre em todas as linguas de mui custosa execução, polo grande número de difficuldades, que tem de vencer nas suas operações. ;

** O marquez das Minas.

Que a todos serves d'espelho,
Quer nos ritos cortezãos,
Quer nas funções de conselho.

Mas, senhor, nem sempre a ideia,
Deve audar n'isto entretida;
Ha de haver um passatempo
Em desafôgo da lida.

Um arco atesado sempre,
De seus braços perde a força;
Depois sai-lhe a setta fraca
Por mais que a corda se torça.

Eisaqui, porque tu me atrevo
A pôr na tua presença,
Estes versos pequeninos,
Partos de musa crieiça.

Alcanço, que altos senhores,
D'altas camenas são dinos;
E so devey ser cantados
Pelos Pindares divinos.

Mas o nosso João terceiro
Ouvia, com rosto sereno,
O Sá de Miranda antigo,
Cantando em verso pequeng.

Por isso a meus versos debes
Mostrar carinhoso âspeto,
E ja, que no mais o vemos,
Mostra n'isto que es seu neto.

E se eu não pude, senhor,
Entre muitos ir contente,

A beijar-te a mão piedosa
A cinco do mez corrente.

Sempre te quero contar
Nos meus versos pequeninos,
A festa que aqui fizemos
Eu, a mulher, e os meninos.

Apenas a roixa aurora
No dia quinto assomou;
E com seus raios, os raios
Das estrellas apagou:

Depois de ja ter gozado
Sonhos cheios d'alegria,
Como presagios felices
Da volta de tam bom dia:

Surjo da cama; a mulher
Me diz — « que espertina é ésta? »
Eu lhe tórno — « vai-te erguendo,
Que temos dia de festa. »

— « Festa! (dis ella) não sei
Se festeje sancto algum! »
— « Este sancto (repliquei)
É contra o nosso jejum. »

Dize-me, não me tens visto
Às vezes, nas precisões,
Apparecer de repente
Esfregando alguns dobrões?

Não vistes quando queriam
Ir-me alguns ao gallinheiro,
Que milagrinho nos fez

O Pinete feiticeiro?

Não me chorastes sarnento,
Sem podêr ganhar real,
E vir da terra do enxofre
Correndo o louro metal?

Não sabes quem o mandava,
E mñ vezes dado o tem?
Diz ella — « o marquet das Minas. »
Torno-lhe eu — « pois muito bem: »

Se reconheces o sancto,
Que me ampara n'estes danos;
Preciso é tambem que saibas
Que n'este dia faz anos.

Não sei, senhor, o que tem
Ésta arte de bem fazer;
Vi-lhe nm pranto de alegria
O seu rosto humedecer.

Gritei-lhe — « Sai-te da cama,
Vai-te vestir e tocar,
E c'os fatos domingueiros
Os pequenos enfeitár. »

Assim se fez; e adornados,
Segundo o permítte o fado,
Todos quatro em procissão
Fomos ao templo sagrado.

Por tua saúde ouvimos
O sacrificio da missa;
E por teus annos rogámos
Ao Deus de snmma justiça.

Pois de justiça é marquez
Que amos conte dilatados
Aquelle que se decide
A favor dos desgraçados.

Que os olha sincero e meigo,
E d'elles tem dó profundo;
Virtudes, que pouco a pouco
Vejo mingar n'este mundo.

É porque isto de semana,
Em mim não é mui frequente;
Ficou d'esta acção, por boa,
Em cnidos bastante gente.

Julgaram que era promessa,
E n'isto não houve engano;
Que eu votei de o repetir
N'este dia d'aunó em ano.

Tornado a casa, dei ordem
Á caroucha cuzinheira,
Que as fôrças me calculasse
Da despensa e capoeira.

Havia um pato durazio,
Duas frangas, um capão,
Um pinto ja d'evangelho,
E o gallo da geração.

Na despensa, que não via
Jamais sortimento munto,
Restava um pe pendurado,
Que dizem foi de presunto.

Publiquei mortal sentença

Às frangas, pato e capão ;
 E dei os cobres precisos
 Para adubar-se a função.
 Minha sogra, que isto ouviu,
 E soubè o dia, em que stava,
 Deu um sueto á familia
 Que deredor trabalhava.

Deitou polvilhos nas cans ;
 Poz seus pentes no topete;
 Sentou-se d'alto embuçada
 No seu roixo mantilete.

Assim stivemos derodá
 Em quanto se preparava
 Um banquete, que a pobreza
 Com alegria temprava.

Eis minha sógra, que é velha,
 Mas d'éstas que não lêem sinas,
 Me rogou que lhe dissesse

— « Quem era o marquez das Minas ? »

— « Para dizer-lho, senhora,
 (Respondi) não sou bastante;
 Mas vejamos se lhe mostro
 Pelos dedos o gigante.

Polo que á vista nos toca,
 É um fidalgo bem feito,
 Bem dado com todo o mundo,
 Sem que manche o seu respeito.

É d'estatura elegante,
 Animado no seu rosto;

Visto, alegre a quem o avista,
E conversado dá gosto.

Tem os olhos prespicazes;
Suas palavras, são certas;
E as mãos, bem dignas d'um sceptro,
São para os pobres abertas.

Emfim, senhora, é aquelle,
Per cujo alto valimento,
Vossa mercê, em Val-Bemfeito,
Teve regio acolhimento.

E depois de pretensões
Vagas, diversas, immensas,
Per seu abrigo somente
Conseguiu as suas tenças.

Contente stava de ouvir-me
Muito attenta a velhazinha,
Quando de dentro se disse
« Que stava feita a cozinha. »

Seriam ja duas horas;
Á meza fomos chegando;
E n'ella em grossa terrina
Se via a sopa fumando.

Tracalham * pobres colheres;
Oiço cadeiras puchar;
Uns tiram, outros assopram,
Outros vejo a mastigar.

— « Não te çujes, diz a mãe

* Tinem.

Ao filho desinquieto. »
D'outro lado a tia grita :
— « Menino , esteja quieto. »

Atam-lhe pelos pescoços
Em tufões os guardanapos,
Que lhes incham as bochechas,
Dignas de mansos sopapos.

Nunca se viu um banquete,
Como o que eu fiz n'este dia ;
Nem tam falto de comida,
Nem tam farto de alegria.

O animal , que se chrisma
Quando lhe poem o cutelo ;
E depois de boi de canga,
Is vos torna a vitelo :

Em largo prato de barro
Appareceu derepente,
Com couves, pe de presunto,
E toucinho competente.

Não lhes valeu a dureza,
Pois mal se viram trinchados,
Foram despojos da gafa
Os seus ossos esbrugados.

Mandei aqui fazer pausa ;
E per um copo somente ;
Á saude de teus annos,
Fix beber a toda a gente.

E cadaqual, quando tinha
O seu cabimento e vez,

Erguendo a taça, dizia :

—« A' saúde do marquez ! »

Eu, que fui o derradeiro,
Disse, antes de ver-lhe o fundo :

—« Á saúde de quem tenho
De Deus abaixo, no mundo ! »

E levantando-me em pe
Cheio de satisfação,
C'os olhos vermelhos, piscos,
Cantei os versos, que ahí vão :

Salve dia venturoso
Na leve roda marcado,
Para dar feliz remedio

A um poeta desgraçado :
Sempre eu te veja nascer
Per entre as nuvens rosadas,
Festejando a quem nos déstes
Por idades dilatadas.

Saudemos filhos
O heroe nascido,
Que de venturas
Nos tem enchido.

A cinco nasceu Afonso,
Terceiro de Portugal ;
A cinco nos deu novembro
Um'alma, á sua alma igual.
Até foi quinto no sceptro ;

Porque este número quinto ,
Nas mesma Quinas do reino ,
É entre os Lusos distinto .

De novo a taça
Ledos chupemos ,
Seus annos, filhos ,
Ledos saudemos .

Quem viu seu rosto sereno ,
Que não lhe ganhasse amor ?
Quem lhe fez súplicas justas ,
Que não achasse favor ?
O seu peito , em piedade
Sempre se ve abundar ;
As suas mãos são mais francas ,
Que as mesmas praias do mar .

Filhos , saudemos
Tam bello dia ,
Fonte da noçsa
Doce alegria .

Elle é cedro , cujas ramas
Tocar o ceo avistâmos ;
E nós heras desvalidas ,
Que so com elle trepâmos .
Elle é quem é ; e mal póde
Quem o consulta dizê-lo :

Ouso na lyra canta-lo,
Mas não chego a comprede-la.

Ternos meninos,
Cheios d'amor,
Saudae comigo
Meu bemfeitor.

Aqui tens, marquez augusto,
O que estes pobres serranos
Fizeram no dia alegre
Dos teus venturosos anos.

CARTA II.

EM VISITA.

Doze vezes tem, compadre*
A lua enchido e vasado,
E umas trezentas e tantas
A Aurora o carro montado,
Des que nas praias do Tejo
As plantas não venho pôsto;
Pois hoje só venho à corte
Por precisão, não por gosto.
Não quero mais tempo corra,
Sem que me torne mimoso
De beijar-te a mão sagrada,
A cujo aceno reposo.

Não sei se estás mal ou bem
Com teu compadre Malhão;
Se mal, para o meu castigo
Me entrego na tua mão:

* O principal Castro.

Se bem, para ser contente
Com teu rosto respeitoso,
E dar-te notícias frescas
D'um afilhado goloso.

É uma joia a criança!
Tem descripções e belleza;
Umas, que a gente lhe'ensina,
As outras da natureza.

Dizem lá os sabedores:
« Se o pequeno ávante vai
Hade na idade vindoura
Ser traíte melhor que o pai. »

Além de ler ja per cima
Os escriptos que lhe dão,
É um lince na bilharda,
É uma aguia no pião.

Mette a saque os do seu tempo;
Monta em cavallo de pau;
E estruge as tias, e a avó
A toque de berimbau.

Em tudo tem graça ás pilhas:
E em natural tentação,
Ja me arremeda rosnando
Com sen machete na mão.

So me afflige, porque rompe
Em tam pneris gravanas,
Botas novas em tres thezes,
Chicos em duas semanas.

Fina-se ja pela idade

De vir do Tejo ás campinas,
A ver de Lisboa a velha
As enfeitadas ruidas.

Deseja mais a jornada
A fim da mão te beijar;
E na tua protecção
Seu destino afixar.

Pois ja que a sorte lhe deu
Um pae de fado mesquinho;
Augura o mudar d'estrella
Á sombra de seu padrinho.

Será mais, que sorte escura,
Se querem minhas desgraças,
Que fazendo o bem de tantos,
So d'este pobre o não faças.

Mas em quanto elle não sai,
Voa o pae em seu logar;
Qual ave, aos filhos implumes,
O sustento a mendigar.

A natureza me dicta
A precisa obrigação
De ir, per todo o meio justo,
Haver-lhe o vestido, e o pão.

E como não póde tudo
Do officio, que tenho, vir;
A ti, e aos da tua igualha,
Não me scanho de carpir.

Sei por isto me teem pôsto
O labéo de pedinchão;

EPISTOLARES.

143

Mas antes este mil vezes !
Que uma so vez de ladrão !

Antes quero , que me vejam
Andar de capote roto ;
Antes quero ás vezes fome
Do que ser rico e maroto.

Antes quero que meus filhos
Andem c'os dedos de fóra ,
Que asseitados n'um pontinho ,
E a fama da irman na nóra.

Tu , antes de meu compadre ,
Ja meu caridoso amigo ,
Stás na posse d'ajudar-me
A vencer o fado inimigo.

Não te peze , continúa
A repetir-me o favor :
A maior glória do homem
É ser d'entros bemfeitor.

F. M. G. DA S. MALHAO.

CARTA.

DIRIGIDA A MEU AMIGO JOÃO DE DEUS PIRES
FERRERA, EM QUE LHE DESCREVO A MINHA
VIAJEM * PER MAR ATÉ GENOVA.

Meu Pires,

Despontava o dia em que a meus
olhos, não sem saudade, havia por
alguns mezes dasapparecer. Lisboa,

Que mercede bem o nome
De Bysancio occidental;
Onde o saber pouco val;

* Ésta agradável *viagem*, em que o auctor rivalisa
com Chapelle e Bachaumont, occupará um lugar
destincto entre o pequeno número de obras estima-
veis, que se leem sempre com gosto sem nunca en-
fastiar.

Tem valor so prata e ouro;
 Branco assucar, rijo couro,
 É melhor *ter*, que virtude :
 Polo menos assim pensa
 Gente docta, e povo gude.

Dir-me-ha que de Londres, Ams-
 terdam, Berlin, Vienna, se póde di-
 zer que *sicut et nos manquejam de um*
ólho; não duvido : de París por ora
 nada digo; espero as leis civís para
 ajuizar se fizeram n'ellas o que devem.

É então que a minha musa,
 De cantar mais anciosa,
 Ferirá de novo as cordas
 De sua lyra saudosa.

Entretanto vamos ao ponto, que é
 a descripção da minha viagem até Ge-
 nova. Per onde começarei?

Cançada mimosa Aurora,
 Para o leito se acolhia,
 Em quanto Apollo açoutava

Os mensageiros * do dia.

Em vão Pyrois retorcia
As orelhas fumegantes,
E com rinchos dissonantes
Ethonte o ar aturdia;

Porque Apollo enfurecido

Mais e mais os fustigava,
Vibrando a torta manopla
Com horrroso estampido:

Vinte vezes foi ouvida,
Qual o vento, sibilar,
E nas ancas revoltosas
Dos ginetes estalar
Per tal modo

que amanheceu emfim de todo. Confesso que é uma das manhãs longas que se teem visto raiar sôbre o Ori-sonte : mas emfim amanheceu. Era de

* É hem singular a variedade que acerca d'estas designencias, *em*, temos notado em algumas edições antigas : para exemplo citaremos as palavras *Mensage* e *messageiro* que em Barros, Fr. Luis de Souza, e outros, assi se acham impressas, quando em todas as edições das obras de Camões achamos *mensagem* e *mensageiro*. Estas palavras vindo-nos da lingua franceza que as formou das duas vozes lati-

esperar que , depois de tanto trabalho de Apollo , a manhan fósse clara e brilhante : não succedeu assim ;

Porque densa escura névoa,
Per entre o freio , escumavam
Os cavallos furiosos.
Dos açoutes que aturavam.

Se lhe não agrada ésta theoria, para explicar a origem das nevoas ; saiba que em poesia ainda se não deu melhor ; e se não é certa , aomemos é assás intelligivel para mostrar que a manhan foi nebulosa. Irra ! que manhan ! eu mesmo ja não sei como hei de chegar a este dia ; a não ser de pulo. Saltemos pois

nas. — *Missum gerens, ou qui missum gerit*, messager, — e *missum gestans*, message, d'ellas igualmente fizeram. Italia os *messaggio* e *messaggero* : parece pois um extrahido que Camões, bom sabedor que foi não só das linguas grega, latina, e da nossa, que tanto enriqueceu ; mas até da italiana, e da franceza, como no-lo certifica Fernão Alvaes do Oriente (prosa VI, liv. a, da *Lusit-transf.*) hou

PARNASO LUSITANO.

Zuniu hos ares
 O meio dia ;
 Batel ligeiro
 Ja conduzia
 O Palinuro
 De aspecto duro ,
 Que promettera
 Ser nosso guia.
 Corpo pequeno ;
 Rosto tostado,
 Magro , escarnado ,
 De frouxa rugas
 Entretecido ;
 De cans oitado ,
 O mal búruido
 Cabello preto :
 Eis o retrato
 D'este bisneto
 Do gran Neptuno.
 Dizem que João

vease de screver *mensagem* e *mensagemiro* ; quando a propriedade de nossa lingua (segundo Duarte Nunes de Lião) e a prova constante da etimologia nas palavras derivadas do latim *mensura* v. De nos imputar a amanuensis *mensura* ananiam tam desarrasoada, e não a *Camões*, que certamente não teve a pretensão de adulterar tal palavra com *cons* nasacs, nas syllabas, primeira e última. Em quanto

Já pretendera
 Fazi-lo spóso
 De uma Sereia ,
 Que mal o viu,
 De mêdo cheia ,
 A côr perdeu ,
 E entre gemidos
 Emfim morreu.
 Jaz sepultada
 No fundo mar
 Perto do estreito
 De Gibraltar.

Mal gaçimpon sôbre o navio, deu
 tres passeios, mediu o ceo com os
 olhos, e de commum acordo ,

As vélas se desfraldaram ;
 Dinamarqueza bandeira
 Pelos ares ondeiava ,

não apparecer algum anthographo de Camões, d'es
 sa, e d'outras poucas falhas em orthographia , que
 se acham na primeira edição dos *Lusiadas* de 1572,
 não lhe faremos cargo : e quando fôra possibil appa
 recer com ellas, diriamos que, alguma vez tambem,
 poude *dormitar*, qual outro Homero.

T. L. V.

Com apparencia guérreira :

Mas , ó caso nunca visto !

Ó maravilha estupenda !

Não se assuste : é pouco mais de nada : o Hiaté do piloto da Barra tinha protestado n'aquelle dia desarvorar ; e , sem ondas , nem vento que tanto podesse , desarvorou com effeito ; e foi-se ambora , deixando o bom piloto

Que passeia , a nm lado e outro

Volve os olhos pensativo ;

E ora froxo , ora mais vivo ,

Tudo quer , tudo rejeita .

A buzina pede e emboca ,

Gritos asperos soltando ,

Ás inhospitas Muletas *

Piedade supplicando .

Quiz consola-lo , mas de balde lhe dizia : — « que elle ia ver as columnas de

* Embarcação de pescadores.

Hercules *, a victoriosa rocha ** d'on-
de , balas ardentes, disparadas a tem-
po , lançaram per terra projectos con-
cebidos sôbre numerosas esquadras , e
desatinaram generaes esperançosos :
debalde lhe descuevia a alongada costa
de Hespanha , o nunca assás temido
golpho de Lyão , o prazer que teria
de avistar-se face a face com a Sere-
nissima Republica de Genova, que sem
dúvida lhe forneceria todos os soccor-
ros , que elle tivesse meios para pa-
gar :

Tudo em vão lhe pintaria ;
Pois n'aquelle duro instante ,
Terno spôso , pae amante ,
Da consorte so ouvia

* Hercules separou os dous montes Calpe e Abyla ,
e fez assim communicar o Oceano com o Mediterra-
neo. Suppondo que era alli o fim do mundo , plan-
tou duas columnas, que depois se chamaram *columnas de Hercules* , e sôbre as quaes se suppõe que
stava a pretendida inscripção : — *Non ultra.* —

** Gibraltar.

Os gemidos, e a saudade
 Dos filhinhos que deixava,
 E tam mimosos creava.

D'isto conclue V. m. muito bem,
 que o dicto piloto era casado, e ti-
 nho filhos. Apesar do que, seria obri-
 gado a navegar té Genova, se não
 fôsse

Barco atrevido
 Que ouve o clamor,
 E condoido
 Gyra aoredor,
 Offerecendo
 No alagadiço
 Salgado bojo,
 Doce hospedage.
 Então descendo
 — « Aqui me alojo »
 (Disse) e entoando
 « Boa viagem »,
 Clamaram todos,
 Dinamarquezes
 E Genovezes,
 « Boa viagem. »
 Por largo tempo

Os tons dispersos
Se revezaram,
E retumbaram,
Amedrontando
De vagos peixes
Immenso bando.

Vendo-me so, é sêm haver quem
fizesse retinir a meus ouvidos.

Da lusitana lingua o tom canoro,

Resolvi-me restituir aos amigos,
pelo modo possibil, o tempo que lhes
roubava da minha companhia, de que
tantas vezes pareciam fazer caso. Vie-
ram-me então á lembrança os nomes
de Bachaumont e Chapelle: *

Dous famosos bebedores
Que, intentando tornar fixas

* Este poeta francez nasceu na aldeia de *La Cha-
pelle* perto de san' Diniz, em 1624, e morreu em
Paris, em 1683. A sua *satyr a Montpellier* (na
qual Bachaumont, trabalhou mui pouco) é uma
obra prima de jovialidade, de finura, e de graça.

Do rosto as vermelhas cores ,
Da *Champanha* bellicosa ,
Do *Bordeus* , e da viçosa
San Borgonha visitaram
As adegas afamadas.

Ah ! quantas vezes ,
Sem se assustarem
De mil revezes
Que a historia aponta ,
Guerra emprenderam
Contra esquadões ,
Em ala postos
De garrações,
A que arrancarain
Rólhas teimosas ,
E despejaram
Nas sequiosas
Goelas vorazes ;
Sem, um momento ,
Ovidio a pazes
Quererem dar.
Depois tocando,
Na docil lyra ,
E descantando
Suas victorias ,
Nos descreveram
Quanto beberam.
A viajar ,
O Tejo e Nilo

Talvez bebessem
Se em vinho os rios
Se convertessem:
Pois ha quem diga
Que transportados
Em alegria,
E coroados
De verdes parras,
A Baccho um dia
Quasi estiveram
Para votar
Que o mesmo mar
Buxugariam;
Se as soas águas
Baccho pudesse
Vinho tornar.

Isto me resolvem a imita-los, não em beber, mas em referir a minha viagem. Bom será comtudo dizer, para não denegrir a reputação d'estes senhores, mais do que merecem, que elles não eram bebados, mas amadores de bom vinho. Se não intênde bem a differença que ha entre éstas duas cousas, consulte a sociedade dos bebe-

dores, que diffundida per todo o
Portugal, tem o Gran' Mestre em
Coimbra.

Em espirito de vinho
Conserva os estatutos,
Que o liquor, ó cousa rara!
Respeita e mantem enxutos.

Ensopando a branca penna
No Carcavellos brilhante,
E no Porto fumegante
O Gran' Mestre os escreveu.

Montesquieu e Plutarcho
Longos annos revolueu,
Antes qu' esta obra findasse,
A maior que o mundo deu!

Das Bacchantes toda a historia
Em tres regras decifrando,
Em outras tres, mil diversas
Novas cousas desenhando.

Encerra em pequeno espaço,
Quanto, na paz, e na guerra,
O magistrado, e o soldado
Necessita sobre a terra.

Muito tinha a dizer sobre esta obra
admiravel, se não fôsse a vozeria da

equipage, que me obriga a largar mão da penna para attender a um individuo, que nos põe a todos de mau humor, e a mim em susto.

Um Tritão todo cuberto

De marisco e verde limo,

Traz somente descuberto

O nariz agudo e frio.

Pelas ventas vem soprando

Vento *Leste* enregelado,

E dobra, de instante a instante,

Seu furor endiabrado.

Treme o mar encapellado,

O baixel torcido geme,

Mal segura o indocil leme

O mancebo debruçado.

Que hade ser de mim, meu Pires? em que lingua hei de fallar a este Tritão para abrandar a sua cholera? portuguez, italiano, latim, francez, inglez, é de que eu sei alguma cousa: mas quem póde adivinhar a lingua dos Tritões? Experimentemos; vou fal-

lar-lhe em todas ellas , talvez que intenda alguma :

Basta ja , senhor Tritão ,

(Não intende.)

Per pietà , Tritone amato ,

(Menos.)

Triton , I can no more ,

(Tempo perdido.)

Prudence , seigneur Triton ,

(Pior.)

Ó Triton , esto pacato

Cordø , animo , naso e ore.

Com effeito a ésta última lingua fez um leve aceno; e é indubitavel, que até os Tritões veneram a antiguidade; mas ou seja perrice, ou tenção anticipada, cada vez se accende mais em ira:

Eis que as bochechas engrossa ;

Ai de mim , onde esconder-me !

Parece querer no abysmo ,

De um so sôpro, soverter-me.

Boa vontade tinha de lhe pintar aqui

uma tempestade; não faltará occasião: entretanto imagine serras, montanhas, ondas, máres, çeos, abysmos, Bóreas, Austro, Leste, Oeste, e toda a caterva dos ventos; ajuncte-lhe quatro adjectivos e tres verbos para os unir, e terá uma tempestade completa. O peor é que não se applaca a que me persegue: vou de novo supplicar o Tritão na lingua que parece entender... Bravo! começa a adoçar-se, aplacou-se de todo; vai-se embora,

Depois de roncar seis vezes
 Com medonho horrendo ronco,
 E de sorver outras tantas,
 Por ser um Tritão mui porco,
 O limoso verde monco;
 Escorregando
 Contradanzando
 Ligeiramente
 No fundo mar
 Em lisa grntta
 Foi-se obrigar.

Bravo! bravissimo!

Baixa do Olympo
Terna Alegria,
Meigo sorriso :
De companhia
As lindas Graças
De braços dados
Picantes Dictos
Venham ligados.

Entretanto começa a apparecer o Estreito : delicioso espectáculo ! incantadores momentos ! o vento tempestuoso tornou-se em um zephyro agitado : o mar embravecido apenas se move assás para impellir o navio. Quanto é bello contemplar o Auctor da natureza ! (se este nome adoravel pôde repetir-se entre as frivolas pinturas da minha penna) dando leis ao Oceano para estreitar-se derepente e vorrer ameaçando em vão as costas de Barbaria e Hespanha , ao longo das quaes lhe manda que se estenda lambendo-as, e deixando aos homens ha-

litações, que cultivem e fecundem
com facil trabalho.

Meu senhor e meu Deus,
Como ao longe se estende sôbre a terra
De vosso nome a glória!
Disseste, e logo rebentou, no seio
Do informe *nada*, creadora fôrça.
Onde stavas, ó homem!
Quando a luz entre as trevas resurgia,
E qual suberbo spôso,
No leito nupcial erguendo a frente
Banhada em mil prazeres,
Assim raiava de esplendor cercado,
O sol, para emprender sua carreira?
Com gigantesco passo
Desde um Pólo a outro Pólo se abalança
Da terra que alumia
As geladas entranhas animando
Com celeste calor, prenhe de vida.
Em que mata embrenhado
Orgulhoso gemias, quando tudo
Ao aceno cedia
Do Soberano-Ser, que tudo impera?
De lucidas estréllas se adornava
O firmamento altivo,
De verdes plantas se vestia a terra,
E sôbre os eixos seus se equilibravam

Os mundos que lançara ,
 Com mão omnipotente sóbre os ares.
 Meu senhor e meu Deus ,
 Ah ! cante a minha voz, antes que eu morra,
 Um hymno de louvor ao vosso nome ,
 Ao vosso nome sancto !

Não cuide porém , querido amigo ,
 que ficamos no Estreito, e que o navio,
 n'elle grudado , finda derepente a sua
 derrota : vou ja dar ordens para cami-
 nhar ávante.

Holá piloto !
 Ja , ja soltar
 As vélas todas ,
 No mesmo instante
 De Gibraltar
 A dura rocha
 Quero evitar.

Obediente piloto ! eis Gibraltar , sí-
 tio de marcial fortaleza , e de poetico
 furor :

Salve suberbo rochedo ,
 Tropheu do valor Britano ,

Onde as forças se quebraram
De todo o poder Hispano.
Elliot, eu te saúdo ;
O teu nome não esquece ,
Não cuides que o homem dete
Todo inteiro á sepultura *.

Defronte assoma sobranceiro ao mar
o celebre castello de Ceuta, que me
faz correr pelas veias entusiasmo pa-
triotico; lembra-me João I^o, e a sua
familia heroica.

Aqui, ó musa! prepara
Novas cordas, novo canto ;
Escutae cheios de espanto ,
Mortaes, meus sublimes versos.

Stava quasi emprendendo uma ode ;
mas quando me lembra que éstas em-
presas militares dos Lusitanos tinham
por origem ou pretexto, persuadir
os Mouros, com a espada na mão, pa-

* *Non omnis moriar.*

ra abraçar uma religião adorável que ensinava a morrer pelos Mouros, para os converter, não a mata-los; esfria-se-me todo o enthusiasmo. Passemos pois adiante, se o consentir

Calma ociosa
Que, espriguiçando-se,
Vai estirando-se
Per entre as vélas.

Triste figura tem o tal sujeito do
sexo feminino chamado *Calma*.

Quasi sempre bocejando,
Se abre um olho, fecha e outro,
Pela boca respirando
Pestilente ingrato alento.

Tem por noivo o inerte somno,
Que a dormir a acompanha,
Com tregeitos se arreganha,
Quando fino quer fallar-lhe.

Vive roncando
De noite e dia,
Adormentando
Tudo á porfia.

Dos pés lhe sobem,

Quaes trepadeiras ,
Mil domideiras
Emtórno ao corpo.

Sorve em uma hora ,
Com grande asseio ,
Quintal e meio
De opio Indiano.

Froxo se estende
A dormirar,
Vinte e tres horas ,
Sem acordar.

Que spôso tam commodo! Quan-
tas mulheres da nosõa terra desejariam
um marido que dormisse vinte e tres
horas per dia; Deus me livre d'ellas;
temo-as mais que peste, fome e guerra :

Qual soldado em dura guerra ,
De feridas retalhado ,
Como morto abandonado
Sôbre o chão de imiga terra.

Se depois no pobre albergue ,
Chega em paz a agasalhar-se ,
Sente o sangue congelar-se ,
Ouvindo o som dos tambores :

Assim eu que em mil batalhas

De amor cego fui ferido ;
 Ai de mim ! e das feridas
 Vivo mal convalecido.

Tremo e perco a côr do rosto,
 Ao lembrar-me do inimigo ,
 Que me fez per tantas vezes
 Desprezar mortal perigo.

Disse pouco , * inda a belleza
 Mais feroz é do que Marte ,
 Apezar do ferro e fogo
 Que o seguem per toda parte. *

Se o soldado graça implora ,
 E se rende prisioneiro ,
 Marte abranda o ardor primeiro ,
 Perde a raiva que o devora.

Não assim n'esse combate
 Que o homem chamou Amor,
 Seduzido da doçura
 De um veneno enganador.

Se curva os froxos joelhos
 O captivo miseravel ,
 Cada vez mais se lhe torna

* E não *per toda a parte*. Os classicos quasi sempre omittiam o artigo *a*, tanto em razão da euphonia, como por evitarem o hiato *a a*.

• Cantando espalharei *per toda parte*,
 Se a tanto me adjudar o ingenho e arte.

CAMÕES, *Lusiadas*, cant. I, est. 2.

Seu destino insoportavel.

So se alegra a vencedora ,

Rasgando a torpe ferida ,

N'ella mais, e mais cravando

Da flecha a ponta embebida ;

E triumpha quando em gritos ,

Ve fugir espavorida ,

A melindrosa innocencia

Que val mais que e mesma vida.

Mas ai de mim ! quem me acode ?
Ah ! que aparece de novo o diabolico
Tritão ; maldicto ! em tam pouco tem-
po vir desde o cabo de San' Vicente
até o golpho de Malaga ; e para maior
desventura não vem so , com elle vem
um exército de Tritões !

Uns a cavallo ,

Outros nadando

Véem manejando

Armas que callo ;

E callo com razão por serem de um
uso raro e difficil , e algum tanto sor-
didás. Não me obrigue a dizer-lhe que
são odres.

Onde cerrados ,
Os ventos rugem ,
E tudo estrugem
Assim liados ;

Que será abrindo-se, e concedendo-se
saída franca ? Ah ! que se abriram tres
derepente ; para que logar heide fugir ?
vejo o navio, o ceo, e as ondas :

Ja de assustado
Todo estremeço
E desfalleço
Quasi sem tino.
Tritão mofino,
Vai-te em má hora ;
Ah ! não te encare
A meiga Aurora
Com brando rosto ,
Quando mimosa
Occupa o posto
Do louro Phebo.
Fervente cebo
Te abraça a gruta
Onde recolhes
A mal enxuta
Face musgosa.
Nunca te encontre
Doris formosa ,

E perra um dia
De furor cega,
Na costa fria
Da Noroega,
Sem te escutar,
Te mande altiva
Que vas morar
Onde não vejas
Nadante nympha,
Que as tuas lagrymas
Possa enxugar.

Ja nenhum odre vejo por abrir; ai de mim! pobre de mim! coitado de mim! Eu bem queria ir per algum outro mar que não fôsse este mar Mediterraneo, infestado per tantos naufragios; pelo qual ha mais de mil annos, nenhum homem de juizo devia navegar; pois não ha n'elle um so porto a que os habitantes da Europa não possam ir per terra, se exceptuarmos algumas ilhas, que podiam muito bem ficar desertas. Triste mania é ésta de andar pelo mar!

Dos ventos toda a fôrça unida bate
 Na solitaria vèla que guarnece
 O misero baixel; duro combate,
 Em tanto, o mar bramando lhe offerece.

De instante a instante as ondas agitadas,
 Umás sôbre outras com furor rebentam,
 E quaes medonhas bombas, remessadas
 Per inimiga mão, tudo amedrentam,
 Assim quebrando no navio estalam,
 E os nautas todos com teunor se calam.

Chama-se a isto o princípio de uma
 tempestade: se tiver outra para con-
 tar-lhe, recèberá o meio; e na terceira
 o fim: inveje quem quizer o destino
 dos que vingam o cabo de Boa-espe-
 rança, para ir trocar patacas por pa-
 godes, e amontoar fortuna e bens; eu
 por mim, de boa vontade lhes deixo
 toda

A preciosa canella
 Da mal-segura Colombo;
 De Bengala a rica e bella
 Musselina tam gabada.
 É melhor viver sem nada,

EPISTOLARES.

171

Que abrir-se perfido rombo
Na vistosa caravella
Que surca as ondas ousada,
E que do mar a braveza,
Faz com furia deshumana,
Ir dar com dono e riqueza
La no reino de Pantana.

Ésta desgraça é o que eu tremo que nos aconteça, com a tempestade horribil, que sobrevem no golpho de Valença. É tanto mais lastimosa, quanto fórma um durissimo contraste com a ideia, que eu faço do clima doce e ameno d'êsta região, do character e ventura de seus habitadores, e dos fertes campos, que elles cultivam. Apesar d'isto,

Quaes montanhas escarpadas
Erguem-se os máres raivosos,
Sopram ventos ás rajadas,
Sempre e sempre mais irosos.
Sóbre as nuvens quasi sóbe
O navio mal seguro;
Desce logo derepene

Té do abysmo ao centro escuro.

Balancia a um lado e outro,

Per mil pàrtes estalando ;

Rouca a voz, ja mal se intende

O piloto commandando.

Suor' frio banha o rosto

Não somente ao passageiro ;

Corre até pelo semblante

Do robusto marinheiro.

Cambaleia o corpo todo ;

Falta o pe escorregando ;

Ja parece que nas veias

Vai-se o sangue congelando.

Agora é muito serio ; a tormenta
ameaça sossobra-nos, e ja se tracta de
fazer actos de contrição. Direi eu hoje
um adeus eterno aos meus amigos ?
Será de veras

Que, sem piedade,

Intente a morte

Tragar-me agora ?

Nenhuma idade

Contra ella é forte ;

Fere e devora,

Em um momento

O macilento
Velho teimoso,
E o corpulento
Mancebo airoso
Que em verdes anos
Se confiava,
E so de enganos
Se apascentava.

Paciencia! morrerei, e ficarei sumido no abysmo, sem haver mão que possa ir lavar um epitaphio sôbre a minha sepultura. Mas de balde eu vejo o susto pintado sôbre o rosto de um antigo piloto d'estes máres; de balde as trevas da noite acrescentam um horror de morte ao espectaculo temoroso que os ventos, e as ondas apresentam; de balde tudo me faz estremecer; ainda a esperança me não fugiu de todo, ainda me stá dizendo,

Muito em segredo:
« Não tenha medo, »
Inda verei

Os meus amigos ,
Estes perigos
Lhes contarei ;
E a catadura
Horrenda e dura
Da morte fera
Lhes pintarei .

Se eu aomenos soubesse nadar, per ventura me furtaria á morte que me stá imminente. Como é louco e barbaro ó systema de educação que os Europeus tem adoptado ! Tomaram dos Gregos, e dos Romanos o que estes tinham de peor ; aprenderam a fazer-se pedantes, e esqueceram-se de fazer-se homens. A adolescencia, idade preciosa, gasta-se em grangeiar vicios, e decorar cousas muitas vezes inuteis. Depois de muita fadiga, um rapaz europeu finda a sua educação nos collegios, e nas universidades, quando tem acquirido um corpo effeminado ou doente, e um espirito

vaidoso, frívolo, recheiado mais de nomes que de cousas, e tam extraviado do caminho das sciencias, que ordinariamente nunca mais atina com elle. Como stou serio! como stão sisudas todas as miubas ideias! e que excellente cousa sería o star para morrer, si se quizesse compor um bom tractado de politica ou de moral! Até ja não sei fallar em verso; e sea tempestade não amaina, ficarei fazendo eternamente prosa. Que me diz ao tempo, meu amigo? la estalou e fez-se pedaços * a vèrga do mastro grande.

Ah! se Homero navegasse,
E de Ulysses a jornada,

* *Fazer-se pedaços em vez de fazer-se em pedaços,* é locução usada pelos nossos scriptores de bom século. Exemplos:

Quanto mostra de amor pequeno effeito
Uma alma a quem a dor não faz pedaços.

BERNARDES, *Rimas*, pag. 36.

Os corpos deixam feitos mil pedaços.

J. CORTEREAL, *Cêrco de Diu*, cant. V.

Pelos máres contrastada,
 Curioso acompanhasse;
 Se o navio ameaçasse
 Nos rochedos sossobrar,
 E toda a pobre equipage
 Entre as ondas sepultar :
 Póde ser que não contasse
 Do astuto Grego a viagem,
 Ou que aomenos, ao canta-la,
 Muitas vezes gaguejasse.
 As musas pintam a morte,
 Mas tremem so de avista-la;
 E la no Pindo,
 Castello forte
 Teem levantado,
 Onde subindo
 Nada receiam
 Do vento irado.

Ja se ouve menos motim, e dizem que
 o vento quer serenar; boa noticia que
 apparece com o romper do dia. Sere-
 nou com effeito, e nunca mais a pro-
 posito se applicaram aquelles mages-
 tosos versos de Camões:

« Depois de procellosa tempestade,

Nocturna sombra, e sibilante vento,
Traz a manhan serena claridade
Esperança de porto e salvamento.» *

Que prazer! que alegria brilha em
todos os rostos! não conhece o pra-
zer aquelle que nunca steve a pique
de naufragar, ou que per algum outro
modo não viu a morte acenar-lhe de
perto. Como tudo, variou em um mo-
mento!

Viva aquelle que accrescenta
Novos riscos de morrer;
Porque tambem multiplica
Novas causas de prazer.
Ja não quero maldizer
O mortal aventureiro

* A polidez da lingua de nossa poesia anterior a
Camões não tinha cores para traçar uma pintura
com vivacidade de colorido tal como ésta, que se
nos mostra desenhada com tanta bizarrria, facilita-
de e harmonia, que em vão se procurára outra si-
milhante em toda a immensidade da poesia Tos-
cana, etc.

F. D. GOMES.

Que sôbre as ondas primeiro
Arriscou tudo perder.

Para que é maldize-lo , pois lhe de-
vo estes instantes de alegria? Quero
antes largar a penna , e ir considerar
os ultimos enfadamentos do mar ,
quando começa a desagastar-se. Ain-
da faz bulha; mas a sua ira ja não
mette medo : parece mais bazofia do
que ira, e faz-me lembrar uma bella
passagem de Virgilio :

Qual a languida setta ,
Da mão velha e cansada
De Priamo em furor arremessada ,
Nem levemente enceta
As armas do inimigo embravecido ;
Antes , mal fere o ar, cai ja sem força :
Tal inda o mar se esforça ,
E lança algum bramido ;
Mas sem vigor, e lento
As ondas ergue e abate
Em o mesmo momento,
E no navio bate,
Ja quasi sem alento.

Desafio agora todos os Tritões, todos os ventos do mundo, não os temo, porque depois de escapár d'êsta tormenta, não ha modo de conseguir que eu pereça naufragando.

Invulnerabil
Sôbre elemento
Tam implacabil,
Que privilegio!
Não concedido
Nem ao Collegio
Dos Eleitores
Que em Ratisbona
Imperadores
Vam coroar.

Se D. Quixote pilhasse este privilegio, vê-lo-hia-mos talvez arremessar sôbre as ondas o seu Rocinante, e com a lança em reste ir atacar tubarões e baleias, e pôr em convulsão todo o reino de Amphitrite. Em Hespanha nasceu a imaginação feliz que desenhou este homem extraordinário, e com elle a engraçada familia dos Panças.

Não conheço quem legasse
 Tal porção de attico sal,
 E aos vindoiros preparasse
 Um prazer que tanto val.

Se, no afinamento alegre em que
 stou, pudesse haver á mão o Cer-
 vantes, e lê-lo;

Sóltas risadas,
 Com todo o ceito
 As gargalhadas
 Eu largaria,
 E a gente toda
 Convidaria
 A pôr-se emroda
 Para escutar.
 So de o pensar,
 Já estou rindo
 Sem descançar.
 Mas onde stamos?
 Qual é a costa
 Que navegamos?
 Espere um pouco;
 Vou perguntar:

Stamos defronte da Catalunha.

Provincia indomita
 Triste presagio
 Que algum adagio
 Promette á Hespanha !

Declaro, para que este quarteto se-
 ja entendido, que *adagio* aqui signi-
 fica o contrário de *allegro*; e se assim
 mesmo me não intenderem,

Bem pouco importa :
 Fico saltando,
 Sempre brincando
 Co'as louras filhas
 Do claro Apollo,
 Que desde o berço
 No meigo collo
 Ja me afagavam,
 E me eusinavam
 Altos segredos
 Com tque, algum dia,
 Troncos, rochedos
 Abalaria.

Como risonhas
 Me vêem buscar !
 Deixam o Pindo
 Por me afagar.

Eis Terpsicore !

PARNASO LUSITANO.

Um beliscão
Pretendo dar-lhe
Na linda mão.
Foi muito forte;
Ficou queixosa,
E de mimosa
Se fez mais bella.

Euterpe a lyra
Traz sobraçada,
Pede que seja
Per mim tocada :

Ah! vai-te Euterpe,

Não posso agora :

Sem alto stylo

E voz sonora,

O grande Pindaro

Quem imitasse,

Melhor seria

Que se lançasse

No fundo mar;

Onde um concérto

Co'os surdos peixes

Fosse entoar.

Vem ca Thalia;

De fina graça

Vem salpicar

Os lindos versos

Que vou cantar.

Mas caprichoso,

Ja não te quero :
Rosto severo
Pareces ter ;
Queres discursos
Longos fazer ?
De fel amargo
Meu peito encher ?
Foge depressa ,
Desaparece ,
Engana a quem
Mal te conhece.

E tu Calliope
Impertinente
Mandas que intente
Uma epopeia ?
Galante ideia !
Que me faria
Perder de todo
Minha alegria.

Como é possibil
Ó Mēpomene !
Que o mar serene
E o vento abraude
E nem assim
Teu rosto acene
Algum prazer ?
Sempre a verter
Pranto de dor,
E de furor

PARNASO LUSITANO.

Scenas traçando,
 Punhaes e mortes,
 Vives, sonhando.

Hoje á poggia
 Todas damnadas,
 Para enfadar-me,
 Vindes ligadas.
 Deixae-me embora,
 E do Parnasso
 No monte escasso
 Ide habitar.

Sois nove doudas,
 Ó nove Irmans!
 Envergonhae-vos;
 Ja tendes cans. .

Foram-se embora, deixaram-me todas, e muito a proposito; porque entramos no golpho de Lyão que banna as costas de França; em materias de França, *chiton*. Estas musas são falladoras, e se ficassem, podjam inspirar-me alguns versos *Catonicos*: o que sería cousa mui arriscada. É melhor pacificamente

Entrar em Genova;

Onde engolphado,
Vivo no Estado
Das *Senhorias*,

D'aquí vagaram
Per toda Europa;
E vento em popa
Tudo inundaram.

De hispanos *Dons*
Gyram cercadas,
Que lhes preparam
Ricas pousadas.

Palacios, casas,
Hospicios tem,
Onde endoudecem
Gentes de bem.

Té do Mondego
Na van cidade,
Possuem grossa
Famosa herdade.

Feliz o dia
Em que a nobreza
Do *tu* romano,
Hade outra vez,
Da *Senhoria*
Do *Dom* hispano,
A van grandeza,
Ver a seus pes!

Quem achar que reprimir n'estes

ultimos versos, não tem razão ; porque eu fallo n'este pontò , não como politico , mas como orador e poeta , que se zanga muitas vezes de sacrificar energicos pensamentos á prelixa etiqueta dos tractamentos. Em todo o caso ainda quando por encurtar a lingua e obsequiar os oradores , se tirassem os *dons* ás meninas de Lisboa; as *senhorias* aos cavalheiros de Provincia , e aos juizes-de-fóra; as *excellencias* ás morgadas do Minho e Tralozmontes , e ás mulheres dos negociantes do Porto ; não vejo que d'isto se seguisse grande mal , nem que as leis do reino fossem por isso menos bem observadas. Agora é bem justo que eu leia o que tenho scripto. Li e confesso que não sei como é possibil achar uma cabeça assás disparatada para combinar , entre cousas sérias , tantas cousas frivolas. Descubro porém

uma ideia que é de molde para a nossa terra, e que póde sugerir a alguns dos sabios que n'ella habitam un *in-folio* semelhante a outros que compoem a nossa litteratura. Fallo do meu dialogo com o Tritão, que lembra tam naturalmente uma obra que tivesse por titulo: — *De Antiquitate à Tritonibus venerata* — obra immortal so pelo titulo: e que aperfeiçoaria o edificio de nossa *immensa*, e quasi sempre *inutil litteratura lusitana*. Se algum padre *Caetano* lhe ajunctasse a genealogia dos Tritões, ficara uma obra completa e digna ao depois de ser commentada per todos os que fazem prologos em language de *seiscentos*, ou mesmo de *quinhentos*; e nunca na que convem para o nosso *seculo*. Stava quasi traçando alguns capitulos para ésta obra, mas comêço a cançar, e é melhor guarda-los para outra carta na qual

sei, meu querido amigo, que hade ler,
sempre com gôsto particular, o pro-
testo ardente e sincero com que sou.

’ O SEU CALDAS.

CARTA I.

Hoc maxime officii est, ut quisque magis opis indigeat, ita ei potissimum opitulari.

CICERO.

Et tant que quelqu'un manque du nécessaire, quel honnête homme a du superflu?

ROUSSEAU.

De que vem, Mathevon, * que poucos hoje
Teem liso o coração? teem a alma limpa
De ambição, de malevolas invejas? **

Nascemos para amar e ser amados;
Servindo, *** ser-mos uteis uns aos outros:
E o nosso amor so jaz, e o bom serviço
Nas doces fallas, no chapeo cortez.

* O Senhor Antonio Mathevon de Curnieu.

** Invejas ha de tantas côres e feitios!

*** *En ce monde il se faut l'un l'autre secourir;
Il se faut entr'aider, c'est la loi de nature.*

LA FONTAINE.

Que o rancor lavra dentro, lavra a astucia
Para rasgar a fama, e a innocencia,
Para ronbar os bens do cortejado.

Quam poucos vi, no meu desastre duro,
Lastimar-me sinceros, dar-me alívio,
Com mavioso seio, amiga sombra!
Os mais se deslemberraram... talvez folgam
Que os satellites torvos da calúnnia
Me despojem.... dos olhos seus arredem
Um padrasto, que lhes travessa a vista;*
Um exemplo d'aquella antiga e rara
Lealdade e franqueza bemfeitora,
Que na alma, que no rosto bem parece;
Um reflexo sem mácula e singelo
Do são merecimento, e san virtude,
Sem desdem, sem vanglória,— que reprende
C'o puro obrar, as fe perjuras ** fallas
Do vício, do amor proprio occulto e torpe,
Que tanto com me ver se desprazia. ***

** Invident ei, qui virtutem capere potuit, et inique
ferunt id habere aliquem quod ipsi non habent.*

LACTANCIO.

** Damião de Goes, Chronica d'el-rei D. Manuel.

*** *Invidia præterea multitudinis, atque ob eas,
benemeritorum saepe civium expulsionones, calamitates,
fugæ.*

*Urit enim fulgore suo, qui prægravat artes
Infra se positas; extinctus amabitur ipse.*

HORACIO.

Disseras, que os cörtejos, e os protestos
 (Douradura bem falsa de alma iniqua!)
 Eram perfida aragem, que ajunctava
 Nuvens e dava fôrças á tormenta,
 Que desparou depois com raios, pedra
 No misero baixel, que navegáva
 Descuidado, inexperto, em mar de leite,
 Entre infidas voragens e cachopos.

Ei-los contentes! Derrubou-se a rocha
 Que aos olhos lhe empecia: desterrou-se
 A lisura, que os peitos lhes cançava.*

Como podes tu ver, tractar taes monstros
 Abrochados, de vésgo engano cheios,
 Tilheiros de traições, vasos de infamia!

Porque com nevoa espessa e feia sombra
 Deus encubriu dos homens mal-guardados
 O escuro livro dos fataes destinos?
 Se uma hora so, na vida, aos mortaes fosse
 Concedido o poder de abri-lo, e le-lo;
 Eu so quizera, com lembrados olhos,
 Nas páginas vedadas ler os nomes
 Dos amigos fieis, e os dos fingidos. —

Quando, as véias soltando, a foz do Tejo
 Já atrás de si deixava o pio lenho,

* *Expedit enim vobis neminem videri bonum;
 quasi aliena virtus, exprobratio delictorum vestro-
 rum sit.*

Que os Fados meus, comigo carregava ;
 Subindo á tolda, e o tres-noitado corpo
 Encostando ao debrum das amuradas,
 Para a fugiente Elysia os longos olhos,
 Estendendo ás moradas dos amigos,
 Comigo debuxava a saúde,
 Que lhes anceiava os peitos pesarosos ;
 E pela minha dor, media a sua.

Ja dizia entre mim : Agora junctos,
 O meu funesto caso deplorando,
 E os sobresaltos, e os bebidos sustos,
 Se consolam, no meigo pensamento,
Que ás mãos da Tyrannia, e Inveja cruas,
Salvou-se illesa a victima votada.

Da Virtude a Amisade é companheira ;
 De si, como a virtude é esteio, é prémio :
 Opposta ao vicio, como a luz ás trevas,
 Não entra em corações, que o vicio enfusca.
 E é chrysol da amisade o desfortunio,
 Que as fezes do interêsse apura e queima.
 No lance estreito o amigo sobresai ;
 Disfere o vigor da alma, expõe o peito
 Ao pelouro que silva, á setta hervada,
 Por cubrir o, que jaz per terra pôsto,
 Caro amigo, que os tiros derribaram.

* Nos onse dias que stive homiziado, nunca o se
 cego de spirito foi tam sobejo, que dêsse largas ao
 somno.

Então no rijo encontro, nas refregas,
 No assomo de accodir com fôrça e brios
 Ao prostrado valor, aos golpes dados
 Pela mão da ferrenha Desventura; —
 Então o forte amigo, ao rijo assôpro
 Que lhe espalha as quietas mudas cinzas,
 Lança a chamma de luz, que lhe dormia
 Nas brazas da feliz seguridade.*

C'è raio da esperança bonançosa
 Corre, allumia, aquece, anima, esperta,
 Do desvalido amigo descorçoado
 O lastimado peito escuro e frio.]

Taes no embate das ondas verde-negras
 Alastradas de escuma sonora,
 De entre os horrendos roncões da tormenta,
 Que estala, que assovia, que ensurdece,
 Se erguem, no irado mar, amigos lumes,**
 Que vão pousar nas assustadas vérgas;
 Annúncio alegre aos marinheiros lassos,
 Que fraqueia a borrasca, e cede em pouco

* Vid. Addison's Cato. Act. II. scen. 4.

The Gods, in bounty workup storms about us that give etc., etc.

** O Spirito-sancto lhe chamam os marinheiros;
 outros lhe chamam San'telmo.

Concidunt venti, fugiuntque nubes,

Et minax. ponto

Unda recumbit.

HORACIO.

O equoreo campo * á placida bonança.

Oh dom do ceo! delicias dos humanos,
Amisade Divina, as tuas chammias
Ateia em corações virtuosos, limpos,
(Raros, por nosso mal, no esquivo mundo!)
Homens humanos, dignos de os prenderes
Com regalado cinto de venturas:

As opulentas mãos sôbre elles véрте
De almos jucundosfortunosos dias. **

Quando da Elysia os tectos alterosos,
Co' a fuga do baixel, vão abatendo,
E da alva Cynthia o pedregoso pico
Apenas mostra, em mal-distincta sombra,
A verde fralda de aspera espessura,
Té que inteiro se esconde em roixas nuvens,
Que o sol pintava, entrando saúdosos
No humido seio do inquieto Oceáno:
Outra nuvem de lobrega tristeza
Os olhos me abafou desconsolados,
E sôbre o peito me pesou escura.

Então, a mim tornado, revolvia
Todas as folhas da loquaz Memoria,
E oom prazer interno repassava
As fallas, as caricias da Amisade;
Prazer puro, na sequidão da ausencia,
Irmão da Saúde, e seu alívio;

* *Æquora campi.*

** *Amen! Amen!*

Prazer puro, que so deleita almas egregias,
Que em seus braços prendeu mutua virtude.

Ateiado no fogo que ella sopra
Nos peitos bem-formados, dignos d'ella,
Tómo na alegre mão a prompta pluma,
E, na folha estendida, fiel lanço
Rápidos nomes, que efficaz lembrança
Em rondão de seus cofres me entornava.

Aqui meu gósto, sem-igual, pendia
Da leitura das cartas, das respostas
Tecidas de reciprocas saudades,
Com que enchesse da ausencia as horas longas.*
Que quadro tam formoso me eu pintava
De constancia fiel, vivaz lembrança!
Que obras me prometia generosas,
Abonadoras dos sentidos peitos
Dos Lusitanos Pilades e Orestes;
Iguaes das abundosas esperanças,
De que trazia o seio inchado e rico!

N' ésta doce lisonja embellezado;
Quando entrei em Paris, novo horisonte
De brilhantes douradas ventoínhas

* Quando eu screvia estes versos, tinha ainda debaixo do borrador a lista, que então tracei mui cuidadoso, na firme speranza, que teria mais de duzentas pessoas, que me screvessem..... Vinte e seis annos ha, que screvi a lista, e outros tantos ha, que me é inutil, sòbre penosa.

Se me abriu ante os olhos; e corados
 Os grossos véos do sobranceiro susto,
 Mais puro o ar, o t'eo mais radioso,
 Se retratou á cubiçosa vista.
 Qué é moi forçoso o incanto da esperança,
 Quando vem refinado nas promessas,
 E adubado de prosa, lisonjeira....
 Por moeda de lei o toma e guarda,
 A Amisade, encostada em sancta crença
 D'um innocente coração singelo,
 Limpo de ambiciosa torpe nodoa;
 Que per genio obra bem, e bem spera.

Ah! quanto em meu conceito errei o prumo!*
 Quanto aqui descontei do largo sonho,
 Que acordado tracei na mente ingenua!
 Que mal dos homens conhecia o peito
 Avarento, esquecido, refochado,
 Quando, por este meu, os seus media!

Então sondei ao justo a differença,
 Qué corre entre a esperança lisonjeira:
 E o tardo obrar, esquivo e descontente.

Sim, Mathevon, a tarda Experiencia,
 Quando, c'o dedo mostrador, me aponta
 As gravadas figuras do passado,
 Me inteira bem da sua vera effigie.

* *Pro superi! quantum mortalia pectora caecae
 Noctis habent!*

Vejo o nosso esperar , como um menino
Mui formoso , mui louro e boqui-rubio ,
Borbotando assomados appetites ;
Nada tem por defeso , nem custoso ;
Quanto c'os olhos cerca , audaz cubiça ,
E a abrango-lo c'os braços prompto accode.
Da-lhe uma caua : ufano cavalleiro .
Vai campeando airoso , e se contenta
Dos regos , que lavrou pela poeira .
Pendurado do altivo papagaio ,
(Senhor dos ares , precursor dos Globos ! *
De vê-lo remontar tem regosijo ,
Então lhe sóta mais folgadas redeas ,
Por que se entranhe pelas cegas nuvens ,
E em perde-lo de vista se recreia .

Não assim nosso obrar . Pintam-no um vello
De alva melena raro-semeiada ,
Que ronceiro e pesado tira a rôjo
Ora uma perna resequida , ora outra ;
Curvo o corpo , e em muletas derreiado
Traz perdida a vontade , os olhos turvos ,

* É certo que ninguem preconizou aos homens ,
que algum dia peregrinariam pelos ares . Todavia
já os papagaios lhes tinham apontado o caminho :
assim elles attentassem bem no modo , com que o ar
sustentava materias mais pesadas que elle . Mas o
acaso ensinou sempre aos homens , o que as Univer-
sidades ignoravam .

Froxas as mãos, gelados os sentidos ;
 Sóbe um monte empinado , pedregoso ,
 De intricado silvedo abastecido,
 Para ir colhêr das pontas dos pinheiros
 Duro mesquinho aperreado fructo.

E como bem senti quanto discordam
 Esperanças e obras ! Quanto amargo
 Me verteu pelo seio ésta experiencia ;
 Quando , assaltado de improvisos golpes
 Do pungente pezar desmerecido ,
 Envidou contra mim a sorte crua ,
 De suas íras a atraíçoada fôrça !

Bem poucos dos amigos se lembraram ,
 Que desterrado em França era Philinto ;
 A quem , quando presente e venturoso :
 Protestaram sinceros pensamentos.
 Poucos que (em rara scripta) breve prazo
 D'elle buscaram desleixadas novas :
 Os mais... (Nem que o miserrimo Philinto
 Das cruas Parcas fôra ja despojo)
 A Amisade enterraram com a Ausencia
 Na mesma deslemburada sepultura.

Viram com seccos olhos, — e com surdas
 Orelhas despiedosos escutaram ,
 Que um innocente amigo, alvo das settas
 Da Inveja pertinaz, e do Ódio injusto ,
 N'um tam prolixo hinverno * rigoroso,

* Não ha memoria que se sentisse em París tam

Vazia a bolsa, a guardaroupa nua,
 Bassou, sem lume, as noites desabridas,
 E os dias com mesquinhos alimentos,
 De acerbissimas lagrymas molhados.
 Homens ingratos, infieis amigos
 Souberam com desdem — mais que descuido,
 Que sôbre as minhas cans desemparadas
 Rodou tres lustros o tardio Tempo
 O carro de pesados infortunios;
 Que fome e frio, e roedor cuidado,
 Desdouro e desvalidas esquivaças
 Foram manjar usado em meu destêrro.*

Viram — e ouviram — Mathevon honrado,
 Este fio tam longo de desditas, **
 Sem dar um passo, sem criar no peito
 Um so desejo de amansar o rijo

rigoroso frio. Publicas são as desgraças e mortes
 que elle causou; e signalou o Thermometro 18 graus
 abaixo do gèlo.

* *Is locus officio, cum cessant prospera cumque
 Dura ad opem fortuna vocat. Nam læta fovere
 Haudquaquam magnanimi est decus.*

SILIO ITALICO.

** *En ego non paucis quondam munitus amicis
 Dum flavit velis aura secunda meis,
 Ut fera nimboris tremuerunt æquora ventis
 In mediis lacera nave relinquitur aquis.*

• OVIDIO.

Tesão da minha estrella deshumana.*
 Nem que eu, de homens, e numes execrad
 Sanguento malfeitor, facinoroso
 Roubara aos cidadãos os bens, e a vida,
 E os ossos de meus paes aos cães lançara!

Dae credito aos cortejos, ás promessas,
 A lisonjeiras cavillosas fallas
 De amigos, sôbre ingratos, esquecidos!
 A vossa ingratidão, feio desprezo
 Apenas que eu a sinto, ou que eu o alcaço
 Gravados na lembrança vingativa,
 Quizera ser remorso, e a cada instante
 Morder-vos da alma as barbaras medullas;
 Que, nem de abutres esfaimados, Tytio
 Devorado no inferno, padecesse
 Intima dôr igual ao cru remorso.

Amigos infieis, e ousaes sem péjo
 Profanos próferir o sacro sancto
 Nome da fidelissima Amisade?

Envergonhae-vos!—Se ella as alvas nnuens
 Rasgando, aqui baixasse a criminar-vos....
 Cuido, que ouço bater azas de Genios
 Nas campinas dos ares, e de entre elles,
 Descer á terra o numen da Amisade....
 Cuido, que ouço romper-lhe a voz do peito,

* *Oh quantum caliginis mentibus humanis obicit magna felicitas!*

E ultrajada de vós, de vós queixar-se,
Exprobrando esse duro esquecimento:

— « Ja da memória vos caiu Philinto,
Aquelle, a quem chamaveis *caro amigo*,
Sincero observador de meus preceitos,
Objecto de cortezes rendimentos,
De festejos annuaes, em quanto a aara
Lhe soprou da ventura; que hoje (oh infamia!)
Objecto é de descuido e desamparo;
C'os bens que ahí perdeu, perdeu amigos? *
Acaso esperaes vós, que venha a Morte **
(Que astristezas lhe apressam, lhe aguilhoam)
Cortar-lhe com a fria fouce o laço
De maviosos dias malogrados; ***
Para acudir-lhe com tardio amparo;
Como ao vate Camões, ja n'outras eras,
Ingratos a deshoras accorreram?

Como tendes de o pôr sôbre as esterllas
Quando morto de angústia, e de miseria,

- * Tendo respeito so a vivo interêsse.
- ** Inclinação perversa dentro escondem
Nos peitos attestados de malicia;
Amigos mostram ser nas apparencias.

J. CÔRTEREAL.

*** *Heu nefas!*

*Virtutem incolumem odimus,
Sublatam ex oculis quærimus invidi.*

HORACIO.

Do péso do soccorro vos descargue?
 Como haveis, entre os gabos da amisade,
 Mostrar, na mão ufana, a ode impressa,
 Com que decora o vosso ingrato nome! —
 E vivo — (oh ingratidão!) não teve abrigo!

Erguei olhos aos meus altares puros,
 Onde as amigas leis estão sculpidas;
 Lede o desdouro vil, as sevas penas,
 Que ameaçam a amigos negligentes;
 Meditae figurados os exemplos,
 Pelas paredes de meu Templo illustre.
 Aqui por seu Orestes aventura
 O seu amigo, a todo o custo, a vida:
 Alli Theseu, por outro amigo, desce
 Do Inferno ás profundezas temorosas....

Quanto efficazes sempre, quanto activos,
 Vos devera encontrar o desditoso!
 Sempre abertas as mãos, aberto o peito;
 Ellas para aparar, no broquel de onro
 As settas da Pobreza, e da Desgraça,
 Que ao são merecimento o Ódio atira;
 Este para acolhér com meigo affago,
 A dor, o pezadume do affligido....

Amigos insensiveis, animaes-vos;
 Á férvida amisade abri o seio,
 Té-qui cerrado com ferrenhas portas,
 De quem Philaucia torpe as chaves guarda;
 Imitae os dous * unicos amigos,

* *Vix duo vel tres de tot superestis amici*

Que hoje de tantos, tam promettedores,
 Fieis conserva; a quem com toda a ira
 De sua atroz e negra catadura,
 Não pode afugentar iniqua estrella.
 Por elles põe Phlinto, noite e dia,
 Nas aras de meu Templo, agradecido,
 Sagrados votos de perenne affecto;
 Porque lhe sejam taes no curso escasso
 Dos dias, que cançados mal-espera,
 Quaes té-qui os sentiu, leaes e honrados,
 Nas improbas refregas do infortunio. »
 . Não posso mais. *—(1) frio as mãos me gela,
 E põe atalho ao despenhado rio,
 Que da alma despeitoso se despenha!
 Não t'ó encareço: o frio é desmedido;
 O vento corúa a cara, e pica no osso;
 Brancos os tectos, brancas as campinas,
 São ás ruas, um gèlo, o rio é strada,
 É praça, é corro de homens, de carroças. **

Cætera Fortunæ, non mea turba fuit.

OVIDIO.

* A Amisade ainda ia com a ladainha per diante;
 mas eu fiz-me surdo; e metti as mãos debaixo dos
 braços. — *Apaga!* Cresceria a carta além da medida
 de san' Christovão.

** Diante de mim, quando o atravesssei, ia uma
 berlinda com um Bispo dentro, e atrás d'ella um
 carro de pipas de vinho: stava o gèlo tam duro per

'Como novo Moyses , a pe enchuto ,
 D'uma á outra ribeira atravessando ,
 Deixo , com sêcco passo , o duro Sena ,
 Mais que o mar roixo nomeiado e visto .
 E tu poderás crer , que me alvejava
 Nas pestanas e embuço do capote ,
 O bafo , que recúa ao desferido
 Açonte do Nordeste arripiado ?
 Ainda agora ao pe de dous tições ,
 Que se beijam na morna chaminé ,
 C'os engelhadados dedos , que sacndo ,
 Que esfrego uns pelos outros , por que aqueçam ,
 A mão entorpecida traça a trôncos
 Éstas barbaras linhas , e c'o pallido ,

baixo , como uma pederneira , e per cima c'o rolar
 das carruagens esmiñdava-se em poeira .

Amigos meus me afirmam que grangeei com a
 minha carta acêrca da pureza de nossa lingua , mui-
 tos inimigos . Não o posso crer . Eu achei ridiculo
 que quatro Tarellos , porque se enlabuzaram no Fran-
 cez , mettam á queima-ronpa , phrases d'um idioma ,
 que elles intendem mal , n'uma lingua como a
 Portugueza , derivada da latina , onde phrases taes
 nem a murros entram . Virem-me dizer que doctos
 Jurisconsultos , eloquentes Prégadores , elegantes
 Cortezãos se amuaram comigo , é dar-me a ler o dic-
 tado de — *quem se queima alhos come* — É possivel
 que esses senhores ignorem , que para o officio , que
 teem , é principal encargo saber bem a propria lin-

C'o mal-tepido sópro ; a tincta présa,
Na inerte pluma descoalho e sólto.

gua , se não querem que os que a aprenderam , d'elles zombem :

*Sans la langue, en un mot, l'auteur le plus digne,
Est toujours, quoiqu'il fasse, un méchant écrivain.*

Deverão por seu bem calar-se , 'engulir a pírola ,
stodar os Classicos , e fallar depois como compete
ao seu stado ; — agradecer-me o aviso , em vez de se
amuarem , e dar exemplo aos outros , para que nos
intendamos todos.

 CARTA II. *

O sabio * doutrinou-o a Natureza :
 Os filhos d'Arte , garrulos prolixos ,
 Frustradas gralhas grasnam
 Olympia a ave de Jove.

PINDARO.

*Ingenium cui sit , cui mens diviniior , atque os
 Magna sonaturum , des nominis hujus honorem .*

HORACIO.

Tu dizes , que meus versos são mordidos * *
 D'um , e d'outro censor , que marca á unha
 « Este que é duro , a ideia é mal-atada ,
 O sentido é difficil por escuro. »
 Dizes , que as damas fazem meigo aprêço

* Ao Senhor***

** Pindaro dá aqui o nome de sabio (*sophos*) por excellencia ao poeta lyrico , o qual no seu parecer, é o que tem uma imaginação capaz de produzir, sem estudo, um grande número de ideias inteira-

Dos molles versos do affectado Mevio,
 E da prósa rhymada de Medaço;
 E enraivas d'esse aprêço, e d'essas unhas?

Com bem pouco te ferve na alma a íra!
 Por versos criticados te apaixonas?
 E por versos não-teus?—Os pobres versos
 Meus filhos são, amigo, e eu não me dão
 Dos golpes, que lhes dão.—« São d'um amigo:
 São versos (dizes tu), que achei moldados
 Nas regras, que deixou o Venusino,
 E magoa-me o ver, que os abocanham
 Os enfrestados dentes d'um Tareco. »

Espanca essa amargura despeitosa,
 Philosopho Avellar, desfranze a testa;

mente novas, e dignas dos deuses e heroes. Os que á fôrça de leitura e arte, fazem odes, recitam poemas alheios que decoraram, ou dão, polo assim dizer, somente um novo verniz ás ideias poeticas de outros, não são outra cousa mais do que uns garulos atrevidos, cujos versos ou canto, Pindaro compara aqui, por desprezo, ao grasnido frustrado, que levantam os corvos contra a poderosa voracidade da aguia.

*Critiquer, selon eux, c'est ne pardonner rien,
 Grossir toujours le mal, et déguiser le bien;
 Qui, faux aigles, et vrais butors,
 S'imaginent, dans leur aveugle ivresse,
 Planer sur les eaux du Permesse,
 Dont ils n'ont jamais vu les bords.*

PIROS.

Mira-te ao bom espelho, a que eu me miro,
 Quando alimpo da critica as mascarras:
 Bebe da fonte, d'onde eu bebo a fio
 O almo licor da jovial Pachorra.

Invejas não me agastam, dão-me riso:
 Inveja, antes que lástima, procuro.
 Fôrça é subir, co'a inveja sempre ao lado,
 Do immortal Templo a alcantilada rocha.

A vida é curta, se as paixões a rallam.
 Zomba do Zoilo, zombarei contigo.

Que ha muito n'este arrimo estou seguro:
 — *Imita os bons, se queres iguala-los.*

Despreza o Zoilo da empestada lingua. —
 Paixões não são de lucro: as paixões nossas
 São pratos, com que os críticos engordam.

Eu quando os screvi, esses, que agora,
 Versos mordem (meus filhos mal-fadados)
 Foi porque quiz dar folga a muita ideia,
 Que na pejada testa borboalhava;
 Quiz abrir campo á gratidão, aos justos
 Louvores da benevola amisade;
 Quiz ornar meus poemas com os nomes
 De Lindana, de Marcia, e de Delmira.
 O Prazer os gerou, não a vanglória:
 Que bem sabes quam pouco os julguei dignos
 Do traslado, ante quem sempre os compunha,
 Minhas delicias, meu prezado mestre.*

* HORACIO.

Sem sossóbro soltava então os diques
 Á corrente apollinea despenhada ,
 Sem temer unhas , sem buscar louvres ,
 Como quem d'uns , e d'outras se surria.
 O verdor juvenil , o sancto lume
 Que as Musas põem no sprito digno d'ellas ,
 E o fogo , que Amor lança nas estranhas ,
 N'essa idade viçosa e presumida ,
 Rompeu na labareda , que em *sonetos* ,
 Em *odes* campanudas saia fóra.
 Mas não tam fóra , que deixasse o claustro
 Das gavetas do vate , ou dos amigos ;
 Onde com médo do profano vulgo ,
 Quaes virgens pudibundas se encerravam .

O Prazer os gerou , hoje a Penuria *
 (Mau fado o quiz assim!) os põe na rua.
 La vão deseparados , sem valias
 Correr tormenta entre os baldões , e as mofas
 De mil versejadores assanhados.
 Que navalhas , ** que gumes não se affiam
 Contra o innocente buço barbi-louro
 De meus coitados versos? Zoilos, comprem-nos,
 Comprem-nos ; e critiqueu-mos embora.
 Dinheiro , e não louvores necessito .

* *Paupertas impulit audax ut versus facerem.*

HORACIO.

** *Molem et montes. VIRG., por montes magna molis.*

Qual, na Guiné, o negro os filhos vende,
Em tanto amor gerados e nascidos, *
 Para manter a mãe; muito que saiba,
 Que hão ser açoutados e pingados
 Das brutas mãos do squalido mineiro.
 Tanto pôde a fatal necessidade!

—São duros. ** *Costumadas as orelhas*
 Ao molle Albano, á molle Damiana,
 Ao molle semsabor de ternas glosas,
 Não podem supportar guerreira tuba,
 Um som alto, uma furia sonora,
 Qual Camões a pedia á sua Musa. —
 Se temem, que as orelhas se lhe estraguem
 Co'a dureza dos meus.... Ah! não os leiam:
 Que eu c'um vate direi: « Não leio os seus***».
 Contentar-me-hei com poucos de bom siso,
 De estudo, de criterio delicado,
 Que os leem, sem lhe arranharem os ouvidos.

O molle cortezão, que veste hollandas,
 Que traja tafetas, calça pellicas,
 Fraqueia ao morrião, geme no ferro
 Do rebatido arnez, prendem-no as grevas,
 De sopesar a grossa lança, sua.

* Camões.

** *Duri chiama i miei carmi*
Ma che? son duri, e pur son belli i marmi.
 Tasso.

*** Garção ' *Satyr I.*

Versos molles, ensossos e aprosados
 Nunca do Pindo entraram nas balizas ;
 C'um latego nas mãos, Pindaro, Horacio.
 Das fraldas da montanha, os afugentam.
*Não soffre'as altas Musas * meanmente*
Serem tractadas. Rojarás ** per terra,
 Por pouco que da altura te desvies.

Muitos (pelo adoçar) suam, tres-suam,
Roando o triste verso, como traça,
Sem sangue o deixam. Muito mimo
Empece á terra planta. Qual é a lingua
Que em bem-nascido verso prove os fios ?
Verso primeiro vem, que ás vezes tanta
Natural graça traz, que uma das nove
Deusas, parece, que o inspira e canta.
 Ferreira, Oh bom Ferreira ! bem te queixas
D'estes juizes cegos, que igualmente
Gostam da Musa doce e Musa fria.

Eu amo o verso brando e torneado,
 (E alguns se acham talvez em meus poemas)
 Quando o requer o assumpto. Quando acaso
 Sentado na sombria e verde margem
 D'um limpido ribeiro saudável,
 Olindo canta ao som, ao murmurio
 Da branda veia as mágoas d'uma ausencia.

* Ferreira, liv. 1, carta 8. a Pero d'Andrade Caminha.

** Horacio, na *Arte-Poetica*.

Quando Tyrso ós auritos arvoredos
 Contente narra a chamma doce e pura ,
 Que lhe accendeu no peito um olhar meigo
 Da formosa Amaryllis. N'outro assumpto
 Sempre terei em mofo e menosprêzo
 Mulher caiada e verso delambido.

Quero nos versos , que gostoso leio ,
 Valentia de phrase , e de sentença ,
 Robustas côres no formoso rosto ,
 Meneio marcial , d'onde respire
 Antes cheiro de polv'ra, que de almiscar.
 Outros prezam melhor versos de alfeloa : *
 La tem o Chagas , chupem-no, regalem-se
 C'os seus doces romances de ovos molles :
 E se inda o acham duro , teem o Zuniga ,
 Que em seus versos de fofa caramelo ,
 Não tem Lunar, ** não tem *Simul-cadente*
Simul-soante, ou verbo, que não venha
 Na Cartilha do padre-mestre Ignacio.

La ressumbra uma ñodoa , que segundo
 O parecer dos doctos meus censores ,
 Que apprendem portuguez pela Gazeta ;
 Uma nodoa é , que afeia os meus scriptos .

* *Quam citò id, quod valde dulce est, aspernatur
 et respuit.*

CICERO.

** Vid. a approvação das obras de Domingos dos
 Reis Quita.

Que enxovalha o melhor das minhas *odes*.
 Termos *novos* ou *droguas* da *antigualha*,
 Que se acham so em Barros, em Lucena,
 Velhos Sebastianistas, que este mimo
 Do fallar Luso-Gallico não provam:
 Termos, de que jamais na Academia
 Usou tanto auctor sabio e respeitavel,
 Que tam vastos volumes compozeram
 Da estampas régias, de opulenta margem.
 — « Um auctor de *folhetos* (dizem elles)
 Por quatro *odes*, que fez, mal-alinhadas,
 Quer mais auctoridade ter, mais péso,
 Que tam dignos varões? Melhor lhe fóra
 Escrever como nós. * O sapateiro
 A rascoa, inda o mais boçal mochilla
 Intendem nossos versos, e os decoram:
 Os seus, so o Diniz, so o Pereira,
 Ou algum d'essa récova os descifra.
 O Mattos nunca usou de *sotto-postos*,
 De *aferrolhar*, de *niidos*, nem *fulgidos*,
 Nem d'outros termos vis, avelhentados,
 Carcomidos nas trovas Afonsinhas. »
 — « Teem razão (lhe dirás) dirás comigo;
 Para esses meus senhores nunca screvo,
 Nem para quem decora taes refugos.

* *Ecrire en vers pour les faire mauvais est la plus haute de toutes les sottises.*

Escrevo para mim, para Dorindo,
 Para ti, Avellar, que sem piedade
 Aqui cortas o ramo mui-viçoso,
 Alli o pécco, o escuro me esclareces,
 « E o baixo e vil, me dizes que levante. »
 Assim Virgilio, Horacio poetavam
 Para Augusto e Mecenas, para Vario,
 E com chufas aos Mevios respondiam.

Os que como Diniz, * Garção, Ferre ire
 Meditam, folheando noite e dia **
 Os Gregos e Romanos de alto preço,
 E dão moldados versos n'estes cunhos,
 Dignos de entrar ne Templo do Bom-Gôsto;
 São os que estimo so ***, de quem recebo
 Com gôsto, e com respeito o bom reparo. ****
 Que muitos ha, que studam com prezo;

** Pindarici fontis qui non expalluit haustus.*

HORACIO.

*** Neque concipere, aut edere partum mens potest,
 nisi ingenti flumine litterarum inundare.*

PETRONIO.

**** Cæteri autem aut non viderunt viam quæ ire-
 tur ad carmen, aut visam timuerunt calcare.*

PETRONIO.

***** Cette flamme qui brûle au sein des grands auteurs,
 Doit être le flambeau qui guide les conseurs;
 Il faut également que le ciel les inspire,
 Les uns pour critiquer, les autres pour écrire.*

Mas faltos de escrever (ja de medrosos ,
 Ja de esquiva priguica avassallados)
 Como campos não tem , nem tenras vinhas
 Que o saltante granizo lhes pedreje * ,
 Zombam das sêccas , zombam dos negrumes ,
 E do pobre rendeiro , que anda á espreita
 Do soão , da tormenta furiosa ,
 Que lhe creste os botões , lhe arranque os troncos :
 Não temem nos escriptos tempestade ,
 Despiedadamente nos mais ferem .
 Por mui seyeros , estes o recusos ; **
 E aos que não lêem , por criticos rejeito ;
 Que são cegos , de côres não distinguem .
 E quem não sabe d' arte , não a estima ***

Quem escreve : quem sabe o quanto é arduo
 Vestir de rico trajo a ideia nobre ,
 Com que appareça honrada entre esse vulgo ,
 Que , mais que na virtude e modo honesto ,
 Repara na riqueza , e no vestido : —
 Que é penuria todo o ouro d' uma lingua ,

* Dizemos *junctar* , *sentar* , *levantar* , e *ajunctar* , *assentar* , *alevantar* — *pedrejar* e *apedrejar* . —
 Ponho esta nota , porque não sei com quem fallo .

** *Ceteros pudeat , si qui ita se litteris abdiderunt
 ut nihil possint ex his neque ad communem afferre
 fructum , neque in aspectum lucemque proferre .*

CICERO.

*** Camões.

Se alma e feições dar queres ao conceito :
 Que se estranhas , antigas novas vozes
 No taboleiro escolhes , uma apenas
 Acha graça em teus olhos rabujentos. —
 Que ésta no verso é longa , aquella é curta ,
 Chocha não soa , ou ritinindo estruge. —
 Esse orna so c'o merecido louro
 O verso cheio de uteis pensamentos,
 Novos * na phrase, novos na substancia ;
 Esse arroja da banca studiosa ,
 (Costumada a leituras escolhidas) ,
 Dourado livro de garridos versos ,
 Cuja dicção trivial , ouca harmonia **
 Brilhou ja nos corrilhos do Erario ,
 Ou trouxe-a do Brasil fofa e confeitada ,
 N'um barril de mellasso , um Carioca. ***
 Esse da banca arroja os (per alcunha)
 Do Sentimento deslavados versos,

* *Summendæ voces a plebe summotæ, ut fiat.*
Odi profanum vulgus, et arceo.

PETRONIO.

** *Fabula nullius veneris, sine pondere et arte,*
Versus inopes rerum, nugæque canoræ.

HORACIO.

*** Sei que ha muitos Brasileiros de bons estudos,
 que desprezam os momos e affectações de quatro
 bandalhos, que por ellas campam : com esses não
 fallo; antes os louvo, e os estimo.

Que das paixões não veem, que não veem da alma
 Nem põem á luz, em quadros falladores,
 De bém-sentido affecto os vivos rasgos :
 Versos, que Apollo condemnon á queima,
 Por frios e enfeixados em má prosa,
 Que a Moda, e não as Musas inspiraram.

Que thesouro não cumpre ter aberto
 De opulenta liuguagem : ante os olhos,
 O grandiloquo vate, ás Musas caro ;
 Ou que serras não corta, minas rompe,
 Sangrando ricas veias de ouro puro,
 Com que releve e enfeite a *ode* altiva,
 Enuladora da aguia ali-potente,
 Que fita o sol na fulgida carreira,
 E na nuve enrolada esconde o vôo ;
 Ou, franqueiando estreitas leis, devolve
 Dithyrambo atrevido, embriagado,
 Dos onteiros do Menalo ruído,so,
 Rodeiado da Ferulas, de Thyrsos,
 De capripedes satyros saltantes ?

Aqui os transes são ; aqui da fronte
 Do trabalhado vate corre em fio
 O suor, que reluz na roixa face :
 Aqui... mas la lhe traz do verde Pindo
 Meigo soccorro o affabil soberano
 De altos versos.... La franco lhe concede *

* Geralmente foi dada boa licença
 A's linguas ; umas a outras se roubaram.

Cartas para a plebeia, que ennobreça
 Com foro e moradia; a peregrina *
 Naturalize, e cidadan se ehame;
 Assente em tribunal (entre as modernas
 Barbi-louras) a antiga; ** veneranda
 Pelas honradas cans, grandes serviços;
 Ou junctando em travado matrimonio
 (Estrenado dizer lhe chama Flacco) ***
 Duas bem-conhecidas, forme a nova
 Com cunho portuguez, embora vinda,
 Com que a si, com que aos seus mais enriqueça.

Mas ca me vein dos brejos de Aganippe
 Um grasnido **** rouquenho do vulgacho
 Arrumador dos ados, idos e osos, *****

Amat peregrina verba....

Latio fonet cadant parce detorta.

HORACTO.

Na qual quando imagina,
 Com pouca corrupção orè que é a Latina.

CAMÕES.

** *Multa renascentur quæ jam cecidère.*

HORACIO.

*** *Dixeris egregie, notum si callida verbum
 Reddiderit junctura novum.*

HORACIO.

**** *Clamore nequicquam procaci*

*Rauca crepant crocitantque corni
 Contra ministrum fulminis alitem.*

***** *Si par hasard, en cherchant une rime, on*

Que o verso estimam so , que os consoantes
Sacode , como guisos na colleira.

— « Não ha um consoante n'essas *odes* ,
N'esse escuro delirio. Abate o vôo.
Desce do Pegaso. Ata as tuas trovas ,
Que não lhe achâmes ponta , nem atilho. * »

Musa , que me prendaste com a lyra
Que Horacio pendurara d'um loureiro ,
Do sacro bosque, em frente do aureo throno,
Em que Pindaro e Orpheu estão sentados :
Musa , que sôbre as cordas sonoras ,
Quando a mão me adestravas, e influías
Canto divino em minha voz grosseira ,
Me dizias mormente : — « Novo alumno ,
Foge , fuge do humano humilde idioma ,
Que nascido na terra , a terra busca ,
Prêso caminha , prêsa ao lodo a ideia.
Tu estuda o fallar dos altos numes ,
D'onde te vem o sprito, o raio puro
Que gera o vate , gera alados versos ,

*trouve une pensée , on renonce souvent à employer
une pensée vive, délicieuse ou sublime , faute de pou-
voir l'incruster dans les bornes du vers, ou de la faire
sonner par le grelot de la rime.*

VOY. PHIL.

— *Mihi nunquam
Bilem, sæpe jocum vestri movère tumultus.*

HORACIO.

Que pelos soltos ares, soltos voam
 A chegar-se , nos ceos, á sua origem.» *
 Que mandas , Musa , que responda agora
 Aos baldões, que em meu nome, a ti disparam?
 Permites que o segredo lhes descubra ;
 Que a vereda escondida patenteie
 Per onde voa o remontado vate,
 Quando em conselho radioso os Numes
 Vai escutar, e c'o elles gosta o nectar,
 Na fatidica taça do alto Apollo?

Qual pallido na Eleusis treme e jura
 Guardar o Grego os mysticos arcanos ;
 Tal eu jurei, nas tuas mãos mimosas,
 Guardar o arcano dos sublimes versos,
 Que me trouxeste da morada olympia.
 Assim juron o teu Rousseau divino :
 E bem (como eu) vexado per pedantes,
 O vedado segredo encerron na alma.

Ouvi , como este vate mais-que-humano ,

* *Majores ego spiritus*

Gestans, sub pedibus degenerem metum

Proiecti, et sola deserens

Ad cælum rapior plenus Apolline :

Indoctisque reconditos

Fontes AEmonia visens gestiens,

Magnum, crudus adhuc senex,

Flaccum ponc sequar per nemora inuia.

J. B. D. S. R.

Tomado do furor que Apollo inspira ,
Cresce no sprito, e ufano se agiganta :
Subindo ao cume do partido monte ;
Aos detractores do estro snblimado ,
Aos criticos pygmeus abate o orgulho ,
E sem que estrague o honrado juramento,
Os esconsos juizos vexadores
Co'a rocha do desprêzo esmaga e enterra.
Ou qual Perseu no alado bruto monta ,
E descobrindo a anguifera Gorgona,
C'o terrífico escudo assombra, impetra
Esguios Zoilos de franzida fronte. .

—«Fraco esprito * que a torta senda ignora
Do Pindo, e medir queres c'o de Euclides
Compasso, o devaneio de meus versos,
Aprende, que iguaes raptos deu Virgilio
Ás Sicelides musas. Tu so podes ,
Feliz delirio, eternizar o canto
Dos mestres da alta Tyra.» — Emmudeceste
Marreco grasnador? Comtigo falla ,
Comtigo , que ves tudo escuro e sólto ,
Se não t'ó poem á porta em taboleta,
Ou qual ramal de peros enfiado.

Quererás tu , que Pindaru ruidoso ,
Quando mais ferve, e da profunda boca
Delirado desata a gran'torrente
Per fragas , per barrancos despenhada....

* Ode ao nascimento do duque de Bretanha.

Aqui alaga , alli violento arranca.
 Rôchedos e pinheiros... va a tento ,
 Com uma arte na mão , * costeando as regras
 D'um etico roteiro de aprendizes ,
 Por não te molestar o çafio ingenho ?
 Pisco censor, que perdes de olhos a aguia ,
 Quando desprega as implunadas fôrças ,
 E acømmette dos ceos a azul barreira ;
 Não canta para ti Pindaço altivo.

O sprito segue a Apollo , a ovelha o trilho.
 O estylo impetuoso de uma ode
 Atropella , não piza ; esconde a esteira ,
 Que talhou despedida , a turvos olhos.
 Os que criou Calliope divina
 Em seu inclyto seio ; os que nascendo
 Bafejou Phebo com ardente sôpro ,
 Podem sos , com a vista , rastreá-la.

O Venusino , imitador do cysue
 Dirceu , que em alvo cythne ** transformado ,

* *Non enim res gestæ versibus comprehendenda
 sunt.... Sed per ambages, doorumque ministeria, et
 fabulosum sententiarum tormentum præcipitandus
 est liber spiritus; ut potius furentis animi vaticina-
 tio appareat, quam religiosæ orationis sub testibus
 fides.*

PETRONIO.

** *Jam, jam residunt cruribus asperæ
 Pelles et album mutor in alitem.*

Maior que inveja, deixa Roma em baixo,
 Para estender o vóo até os Pólos:
 Que lidas, que suor * não deixou prestes
 A Salmasios, a causticos Lambinos,
 Quando o laço escondeu d'êsta Ode egregia:
 — « Ao varão justo e firme em seu proposito
 Não lhe abalam a mente incontrastavel
 Injustas ordens de assomado povo,
 Nem de tyranno o rosto resoluta,
 Austro, revoltado rei do Adria inquieto,
 Nem de Jove tonante a mão ingente.
 Caia, sôbre elle, espedaçado, o mundo,
 Feri-lo-hão, mas impavido as ruinas.
 Pollux n'êsta arte, e o vago Alcides fixos,
 Os alcaçares igneos alcançaram:
 Entre elles bebe, com purpurea boca,
 Augusto o nectar recostado; n'êsta
 Benemerito, Oh Baccho! pae, teus tigres
 Te rodaram, tirando o indôcil jugo;
 N'êsta arte fixo Romulo se escapa,
 Nos cavallos de Marte, do Acheronte. » —
 Aqui punha Scaligero as balizas,
 E o fim á ode: outra ode lhe era o resto.

*Invidiaque major
 Urbes relinquam.*

HORACIO.

* *Quantus adest sudor!*

HORACIO.

Não viu, não c'o elle viram muitos outros ;
 (Com que te envergonharas pôr-te á barba ,
 Tu que euojosas críticas arrojás)
 Que a soltara apparente , que o delirio ,
 Que subito se apossa do poeta ,
 Não se deixa colhêr de olhos vulgares :
 Poucos , que Apollo amou , em cuja mente
 Poz throno , poz morada ; e correr podem
 (Bemque de longe) a strada Venusina ,
 Véem o fio e vereda do sentido.

—«Muito sei (diz) que é peça de obra-prima *
 A poetica falla , onde contra Ilio
 Juno disfere o seu rancor inteiro ;
 Onde (mau grado seu) toda a grandeza
 Ja , dos Romanos , ante-diz , futura.
 Mas onde prende , onde é que está o laço ,
 Que ésta falla ao principio entronca e une ?
 Eu não o vejo ** » — Horacio beu o via ;
 Que via mais que tu , mais que Scaligero ,
 Que os seus netos em crítica , e os bisnetos.

Mas vem comigo ainda , aguça a vista ,
 Para veres prodigios mais occultos.
 Ve se os listões distingues , com que Pindaro

* *Chefe-d'obra* lhe chamam alguns.

** M. le Fevre , pae de madama Dacier , foi quem primeiro descobriu o sentido , e o nexó d' ésta ode. Os que não teem as obras d' este erudito , podem ver as notas , que seu genro M. Dacier fez a Horacio.

As estrophes liberrimas enlaça,
 Quando seignala ao rei, * que illustre off'rece,
 Na taça nupcial micante orvalho
 Do rubido Lyeu, ao genro egregio....
 —« Assim brindo eu, c' o a taça, os vencedores,
 Do almo nectar da Fama transbordando,
 Doce fructo do ingenho, dom das Mnsas.
 Rhodes, noiva do Sol; de Venus filha,
 Que longe-reinas nos cavados mares,
 Teu filho canto, coroado Athleta
 Do Alpheu nas ribas e Castalia fonte.
 Quero pregoar no Orbe, que em Alcides,
 Por Tleptolemo entronca o nascimento.
 Quanto error pende sôbre o peito humano! —

Censor, que buscas nexo, que investigas
 Os fios, com que o vate urde o delirio,
 Segue a Pindaro agora extraviado
 Per longes terras, per prolixas ondas,
 Prêso, aos fados do invicto Tleptolemo.
 Do fatidico Apollo eis busca as aras:
 Eis peregrina a essa ilha afortunada,
 Onde Jove choveu os floccos de ouro,
 Quando, da frente, per Vulcaneas artes,
 Pallas lhe rebentou, gritando: « Á l'arma!
 Á l'arma!» que abalava os ceos, e o mundo.

—« Então o deus, que os Orbes allumia
 No carro chammejante, aos caros Rhodios

* PINDARO, *Olymp.* VII.

Manda erguer aras á guerreira filha,
Do ouri-chuvo deus : Minerva grata
Arte e ingenho esparziu com mão profusa ;
E as , que , státuas nas praças lhe respiram ,
Dão largo nome a Rhodes no Universo. » —

Enfezado maisim do verso escuro ,
Espreita o ovante Pindaro , que bate
Ás esculpidas portas da Memoria :
D' ésta Ilha illustre os titulos consulta ;
Alli ve qual partilha os denses fazem
Entre si , das cidades que protegem ;
Como o Sol (vindo tarde) é desherdado :
Mas Jove , juiz recto , ao Sol concede
Uma Ilha , que (correndo a méta usada)
Brilhar víra * nos seios de Neptuno.

—«Sóbe Rhodes á flor da azul campina ;
O Guia dos ignívomos gínetes
D'ella ha sette mancebos (desposando-a)
De gentil rosto , de estremado siso ,
De sette altas cidades fundadores.
Poz termo a seus errores u'uma d'ellas
Tleptolemo , e das gentes , por virtudes ,
Por trabalhos , qual deus é adorado. » —

Conta depois as croas , as victorias ,
Que Diagoras válido ganhara :
Despede a Jove poderosos rogos ;
Que dê fôrça e virtude ao sen Athleta

* Apollo.

Ólha de longe o grato regosijo
 Da vencedora patria , o empenho alegre
 Dos Rhodios cidadãos , e fecha o canto.

Onde a trama ves tu , onde a urdidura
 Da bem-tecida , bem-bordada téla ?
 Se da croada Élide avistar-te ,
 C'os teus atilhos , c'o teu claro e doce ,
 Pisco pygmeu , se Pindaro podera ,
 N'este arredado seculo mesquinho ,
 Cuidas , que para ti baixando o vóo ,
 Iria passo a passo pela estrada
 Contando pelos dedos os successos,
 Qual nos conta apoucado gazeteiro
 Os navios que entraram pelo Sunda ?

—«Que tenho eu ca com Pindaro (respondes)
 Que Grego para os mais , para mim Turco ,
 Me falla desvairada algaravia ?
 Digo , que quero ler versinhos claros ,
 E que os teus não intendo , por escuros.»

Tambem eu no Camões , no bom Ferreira
 No principio alguns li , sem que colhesse
 Logo o sentido : mas releio e estudo ,
 E o que era escuro , claro se me torna.
 Toma este meu costume por conselho ,
 E não serás por nescio reprimido.
 Mas se de sprito bôto e vista curta
 Te amuas contra Pindaro e Horacio ,
 Contra mim , que de longe os sigo e canço ;

Não quero porfiar, façamos pazes.
 Comtigo assás zombei; assás fui duro.
 Somos amigos; consolar-te quero.
 La vejo vir, com rosto prazanteiro,
 Minha gorda Pachorra, amiga velha;
 Se ella adjuda-me quer a dar-te gôsto,
 Não desconfio de compor-te uns versos
 Claros, molles, versinhos para Freira,
 Recheiados de affectos, de finezas,
 De frautas, de surrões, e de cajados,
 Atados com brilhantes maravalbas,
 Sonoros, bem farfantes, campanudos,
 Com cascaveis de guapos consoantes;
 E assucará-los-hei com palavrinhas
 De muito não-sentido *sentimento*, *
 Com que, lendo-os, de mim sejas contente,
 E eu, compondo-tos deite uma can fóra...

Longe de mim, mēdrosos consoanteiros,
 Flegmaticos na fragoa dos furores,
 Que dictaes, per capitulos, as odes:
 Phebo seu fogo vos negou avaro.
 Amo o poeta, que embocando a tuba:
 —« Não sou mortal (me diz): Apollo, Apollo
 Me revolve as ideias, m'as escolhe,
 E ordenadas á lingua m'as envia. »
 Que assim cheia do deus a Pythia alheada
 Pela boca exhalava o vapor sancto,
 Que da tripode ao peito lhe batia,

E insano lhe lavrava nas entranhas.....* †

Não tens tu , Avellar, que eu sou ja longo,
E que a minha priguica enfastiada
Boceja e quer dormir, de ver o serio ,
O estomagado texto d'uma carta ,
Que comeceti por mero defastio ?
Pois, boa noite : adeus ** , que vou deitar-me.

* — *Ubi vaticinos concepit mente furores
Incaluitque Deo, quem clausum pectoris habebat.*

OVIDIO.

Alguns amigos me dizem — que eu não faço bem em citar tanto os auctores; e que é desluzir os meus pensamentos, o apontar as palavras de outros, que ja o tinham dicto: mas eu que n'essas trovas, me não dou nunca por talento divino, que diz com sublimidade o que ninguem antes d'elle disse, allego o auctor, se elle me lembra, e as trovas irão como poderem, á eternidade — ou á tenda para embrulhar adubos. Outros amigos se enfastiam de que eu dé tanto cavaco. — Tens 84 annos; tens dado mais de 2000 satisfações, citando em teu-abono, auctores e approvadas razões. Ou teus leitores confiam em ti, ou não. Se confiam, basta de cavaco; se não confiam, 40,000 cavacos pouco valeriam. *

** *Trop paresseux pour abrèger,
Trop occupé pour corriger,
Je vous tiens mes rêveries.*

J'abandonne l'exastitude

PARNASO LUSITANO.

*Aux gens qui rient par métier.
D'autres font des vers par étude, •
J'en fais pour me désennuyer.*

GRASSET.

EPISTOLA.*

DEFEITOS DA PHILOSOPHIA.

*On a banni les démons et les fées ;
Sous la raison les graces étouffées
Livent nos cœurs à l'insipidité.*

VOLTAIRE.

Em quanto nossos paes , nossos avós ,
Encostados na fe do padre-cura ,
Criam fadas , duendes , criam bruxas ,
Quam felices que foram ! Que socêgo
Lhe adormentava então o intendmento !
Não lhe davam tormento as barafundas
D'esse fiscal espirito , que aforoa
Que examina hoje tudo , e que amplos gostos

* Esta epistola foi offerrecida ao Sr. José Bonifacio de Andrada , naturalista então enviado pela rainha N. S. a França , Allemanha , etc. etc.

De enfeitadas chymeras afagenta.

Juncto do lar ardente, em curvo cerco,
 Baixas as testas, corpos bem cerrados,
 Toda a familia nos serões do inverno
 Embellezada n'estas ventoinhas
 Inquilinas do muudo imaginario,
 Não seute o como ronca, esbravejando,
 O vento pelo tremulo arvoredado;
 Nem como a telha-van remeche e grita
 Per saltante pedrisco fustigada.
 Apenas, quando vai o conto em meio,
 Arreda do leitor, um tanto, os olhos,
 Para dar um meneio á frigideira,
 Ou virar o bom lombo que re-pinga.

Um cavalleiro, que a viseira cala,
 Embrança o seu broquel de amaute mote,
 E vai correr o mundo, coufiado
 Na aguda lança, e na talhante espada;
 Que acoumette arriscadas aventuras
 Por livrar incantadas formosuras
 De mimosas princezas; de esquecidas
 Masmorras retirar ao claro dia
 Um Montesinos, guapo cavalleiro
 (Saúdades da misera Balerma!)*
 Que para o conquistar, em campo afronta

* Haja vista ao minuete de *Balerma misera*, que vem nas operas do Judcu. Creio que é (segundo minha lembrança) na opera de D. Quichote.

Gigantes, malandrins, dragos, duendes,
 E de toda a refrega sai com brio. —
 Descrever (como digo) essas proezas
 Era o talento d'uma *sábia pluma*
 Estimada na côrte, e na cidade;
 Farta leitura de villões e nobres,
 Que enchendo-lhe a alma de gostoso enlêvo,
 Criava nos guerreiros mais sabidos
 Campanudo valor, cõrtex agrado.

De Carlos Magno o folheado livro,
 C'os doze Pares de esforçado pulso,
 Pariu mais valentões * á nossa Elysia,
 Que não darão (nós seculos vindouros)
 Embrulhos para as tendas, as fidalgas
 Folhas d'um certo auctor la dos Algarves
 Nos copiados seus bastos volumes. **

Em duros corações que ternos golpes
 Não deram sempre as lagrymas pudicas,
 Os saxifragos rogos da formosa
 Lastimada Floripes? Qual foi nunca
 A dama bem-nascida, bem-creada,
 A donosa donzella bem-fallante,

* Vêde na *Côrte-na-aldeia*, discurso primeiro, o soldado da India, que ouvia nos quartéis ler livros de cavallarias.

** É auctor a quem a composição d'um volume custa o esforçadissimo desvelo de trasladar d'outro volume.

Que lendo na novella os altos feitos ,
 Galhardias de justas e torneios
 Às bellas dedicados, e vencidos,
 Não bebesse vanglória e bons desejos
 De correr semelhantes aventuras ,
 A desconto d'um susto em negro bosque ,
 D'um assalto de amor em leito de ouro?
 Conversando , sonhando (aomenos) n'ellas,
 Em quanto de as correr não chega o dia ,
 Quantas horas com gôsto se não passam?
 Não ãssim esses livros engoiados ,
 Com que hoje enguiçam guapas livrarias ;
 Cartapacios de linhas, de figuras
 Nigromanticas , barbaras , insolitas ,
 De algebrías , de chymicas , de phósphoros ,
 De syntheses, de analyses , *et reliqua* ;
 Com que tantos ingenhos parafusam ,
 Com perda de papel , perda de tempo ,
 Sem deleite do auctor, nem dos leitores.
 Ah! quanto o bem merecem (muito fólgo)
 Lhe venham no garupa as escoimadas
 Críticas finas, caústicas censuras,
 Bichos desconhecidos nos bons tempos
 Do bom siso dos nossos bons maiores.
 Que cousa ha hi nos matos espinhosos
 D'essa magra e subtil philosophia *

* *La poesia cava ben piú partito da un'illusione interessante, che da una verità fredda.*

Que emparelhar se atreva c'um bóm conto
De fadas , c'o condão d'uma varinha ?
N'uma volta de mão , c'um leve toque
D'essa bemdicta vara milagrosa ,
Vos faziam saír la das entronhas
Da terra obediente , altos palacios
De alabastro , com seus capiteis de ouro
Engastados de fina pedraria ,
Sumptuosos jardins, fontes, passeios
Que recebiam , que servem , que afermosam
Mil pagens cortezãos , mil nymphas bellas.
D'uma casca de noz cair a rôdo
As perlas , em chuveiro , as esmeraldas ,
São prodigios , que pasmam , que divertem
O mais triste fidalgo embezerrado
De não ter conseguido uma comenda
Por cançados serviços , por vinte annos
A fio ter cursado os venerandos
Tijolos de palacio , e feito airosas
Nos beijamãos as sólitas medidas.
Nem conto os nimos , musicas e amôres
Surdindo da caverna mais escura ,
Que as princezas amantês , pensativas
Na solidão maviosa delectavam.

Oh rico Ariosto ! oh vate nobre e farto
De brilhantes ideias variadas !
Um cento de palacios de alabastro
Nunca te custou mais que quatro rasgos
Ja riquíssima pluma creadora.

Não sem razão a sapiente Crusca
Te dera sobre o Tasso a primazia.

Oh ricas fadas ! rico incantamento !
Enleio dos sentidos agradavel ,
Com que sandade crua , e com que pena
Vos choro de entre nós afugentadas ,
Per esses maus philosophos, esquivos
De todo o bom saber , toda a delicia
De entretida lição , de util estudo !

Assim , amigo Andrada , a minha musa
Em seu ocio sagrado divertida ,
Com desenfado um dia assim traçava
Esse embrião de ensossos destemperos,
Acceitos com desdem , ou com sorriso ,
Segundo te achem lepidio ou trombudo.

EPISTOLA II. *

Em quanto punes polos sacros foros
Da lesa humanidade, e te malquistas
Famoso pregador, co' esses esteios
Da nutante assombrada tyrannia,
Indignado Salicio estes lançava
Rapidos rasgos de aquecida veia
No borrador inculto, que te envia.

Deixa oh ministro ignaro, deixa livre
Ao pensamento, á pluma o stadio aberto,
Onde desfira a rapidez, a fôrça
Das sublimes lembranças arrojadas.
Se lhe encolhes o vôo, a fôrça atalhas,
Mais rijo, mais violento rompe os ferros,
Mais irado dispara trovejando.

Não vil algoz da candida verdade,
Não foj dado té-qui ao Despotismo
Algemar o alvedrio, que sob'rano
Dentro de seu sacrario zomba e mofa
De satellites vis, de escravas ordens.

Se lhe enervas a lingua , a mão lhe prendes,
 Em quanto habita o chão, que torvo opprimes,
 Ve como sólta os laços feiticeiros
 Da suspirada patria , * e vai ao longe
 Beber, nos ares livres largo alento.

Debalde então povóas as fronteiras
 De esfaimados malsins , pousas vexa mes ,
 Na cidade, na aldeia, nos caminhos ,
 Levantas tribuuaes devassadores
 Da palavra , attributo innato do homem.
 Como se a livre voz , que nos é dada
 Para entreter commercio de alma a alma ,
 Navegando nas azas do ar corrente,
 Da plena boca aos ávidos ouvidos,
 F'óra çampeche, ou sordido tabaco ,
 Mercancia de cauto contrabando.

Em vão profanas o sagrado sêllo
 Das cartas , que reclamam violadas
 O público foral, público asylo.
 A verdade (que engrossa n'outro clima)
 Estendendo seus raios luminosos ,

* Hoje quatro de julho , foi o dia
 Em que os *clerigos tristes* me mandavam
Citote, e seu morcego me queriam
 Nas tócas do Rocio .

Oh luz divina ! oh Deus das providencias !
 Tu dás nos corações certas pancadas...
 Tu me salvaste ; e aos pés fizeste aceno
 De pôr-se em polverosa.

Vem chegando , e ja bate nas muralhas,
 Nas masmorras—'que tremem c'os pavôres ,
 C'ós vaivens do futuro esclarecido.

Éstas piedosas terras , que rodeias
 Com triple cinto de yenaes espias ,
 Teem de ser (e quanto antes!) libertadas
 Do jugo vil da tabida ignorancia.

A longa experiencia , que prevista
 No ante-mural dos seculos se encosta,
 Nos aponta o pharol , que a natureza
 Ergueu para guiar-nos á ventura.
 Nem podem (que não valem seus podêres)
 Tolher-nos os tyrannos os luzeiros ,
 Que as sombras dos enganos lhes destecem :
 Como quando , arraiando nos cabeços
 Das mais altas montanhas, afugenta
 O sol os veos da noite denegridos ,
 E mette a dia pelo largo mundo.

N'um mar de erros fluctua o nosso ingenho,
 Em quanto aos olhos fermentidos Bonzos
 Da opinião as vendas nos apertam.

Soffri desterroes , fomes , e as miserias ,
 De quem dobrões não roda em terra estranha,
 Perdi amigos , e mui meigas damas

Na saúdosa patria ;

Mas fallei sem mordança inquisitoria ;

Escrevi , sem temer maisins censorios :

Dei dous trincos bem rijos para os Bonzos,

E mais dous para os Nayres.

Mas um desejo, que de ser felizes
 No centro da aluna brota, e sempre cresce,
 Rodando per montões de altos eubustes,
 De despenho em despenho, dá de acérto
 Por fim, com a vereda da verdade,
 Estão mais forte que os cerrados cereos;
 Que astucia vil lhe oppõe, sobrepujando,
 Atropellando obstaculos absurdos,
 Derribará as aras da mentira,
 Inda tinctas do sangue da innocencia!

Se, dos golpes dos despotas azêda
 A natureza erguesse o véo antigo,
 Que cobre tantos crimes, tanto engano,
 Que inferno de attentados, commettidos
 Contra a singela fé da liberdade,
 Patente fôra aos olhos te-qui cegos
 C'o lenço, que a Superstição lhe punha!

Sempre o philosopho, através do manto
 Sagrado, que lançara em todo o tempo
 O tyranno per cima das cruezas,
 Viu luzir o punhal acicalado,
 Os fachos, as dolosas labaredas
 Que queimam da verdade as sacras fôlhas:
 Ouviu pizar as hervãs venenosas,
 As cicutas dos Socrates modernos,
 E passando enojado a mão afouta
 Na prega da vedada cobertura,
 Poude o tronco empunhar envenenado
 Da árvore, que alimenta os ruíns fructes.

Já subida em seu lucido oriente,
 As flammigeras ondas a verdade
 Derramando no Pólo, aclara o mundo,
 Rompe a treva ferrenha, raia luzes,
 Nos juizos, que os erros enlutarão:
 Todos os dias cresce, e vem correndo
 A tomar pósto na central esphera.
 Tal vem Phebo, nos ultimos dezembros,
 Subindo ao frio Aquario, e medrar busca
 Na zona mais amena, até que vingue
 Ao cume do zenith, e espalhe a froxo,
 Limpa de nuvens, a dourada coma.

Faquires, Talapões, Bonzos, Dervizes,
 Tremei, arestas vis de despotismo:
 Canalha multi-forme hoje temida,
 Mas pizada ámanhan e destruída.
 Teimei o nobre esforço da virtude,
 Das curvadas té-qui lettras, talentos.
 Teimei, oh charlatães supersticiosos,
 As settas da sciencia penetrantes,
 Bem dirigidas per sagaz despeito,
 Quaes ja soam na forja, e ja se aguçam
 Na moral philosophica officina.
 Já se atesam os arcos recurvados,
 Que poeem a mira no damnado peito
 Da devota calúnnia e sancto orgulho.

Não ouvis a stridente e refrçada
 Trombeta da razão, que perto soa?
 Que abalados os montes, e as florestas

Já retumbam, já tremem, já pregoam
 A sentença voraz, que vinga o insulto,
 Contra as livres ideias commettido?
 Consumir ameaça no alveo ingente
 Toda a turba de edictos vedadores,
 Deixando apenas a mordaz lembrança
 Para labeo dos réis.—réis que os passasteis,
 Cuidaveis que ereis réis, e escrevos ereis
 Dos Bonzos, por quem, stultos, perseguieis
 Os mais puros, os mais fieis vassallos,
 Os sequazes da lucida verdade,
 Ingrata ao falso zêlo, ao fanatismo,
 Á lucrosa ignorancia. — Já la assôma
 Montando augusta um carro de ouro puro
 A sublime Razão, acompanhada
 De severos ministros, que ante os olhos
 Da celeste rainha irão julgando
 Estolidos verdugos, que empregavam
 Toda a crua officina dos tormentos *
 Nos membros da verdade, e pretendiam
 Privar do mais cabal de seus direitos
 O homem, que nasceu para ser livre,
 Livre em suas acções, em seus conceitos,
 E livre em largamente derrama-los,
 Quando á social ventura não empecan.

* Leiam-se os capitulos V e VI, da terceira parte
 da *Historia da Inquisição*, de Llorente, traduzida
 em francez per Gallois.

—«Morra o torpe impostor, que onsou astuto
 Do auctor proficuo agrilhoar a pluma,
 Que esclareceu dos homens os juizos,
 As hypocritas mascaras rasgando.
 Morra quem alvitrou ir persuadindo
 Assim credulos réis com feio engano.»
 Falla assim a Razão: Mas diz o Erro:
 «Quem disse aos réis que os Bonzos embrutecem
 Os póvos para haver d'elles riquezas
 É ímpio, e blasphemou das Escripturas:
 Quem dos povos defende os sãos direitos,
 Ou quer embrandecer o sceptro de aço,
 Protector da ignorancia e tyrannia,
 É mais que Barrabás e ruivo Judas.»

Sabios, mostrae-lhe aos olhos enganados
 O escuro horror e detestando crime
 D'essa alma apodrecida na maldade.

America feliz! nação briosa
 Que rompeste os grilhões do eaptiveiro!
 Tu os fachos viste, viste as labaredas,
 Que os livres pensamentos, que os da pluma
 Rasgos mais nobres, linhas mais valentes,
 Com soffrega violencia consumiam.
 O sancto lume da commum ventura
 Vos rutilou na mente: —«Erguei (vos disse)
 N'estas placidas terras avisadas,
 O pendão da celeste tolerancia:
 Vêde, quaes vos d'aqui mostro patentes,
 Que horrendos são os penetraes occultos

Da sagrada vingança enraivecida,
Que afoga e queima a próspera verdade,
Mal que ella (em damno seu) no Orbe apparece
Quê tristes, que piedosas são as terras
Em que ella o torvo seu imperio exerce!
Ve seus povos mesquinhos desprezados,
Faltos da luz do sol da liberdade;
Da mãe das artes, do saber sublime,
Como arrastram nos brejos da ignorancia
Duas tam grossas, tam brutas cadeias,
Que atou superstição e despotismo!
Esse estandarte que arvoraes proudeutes,
Tecido per Franklin com mão divina,
Será phanal, que avise dos baixos,
Em que tantas provincias naufragaram.
Seja brazão, que honrando a humanidade,
Desperte invejas, afervore as gentes
(Té-qui cegas e froxas) a imitar-vos.»

Oh ditosos! oh bons Americanos,
Porque o tam venturoso exemplo vosso,
As protectoras azas despregando,
Não visita, e empenhado não consola,
Com seu vôo, os imperios desastrosos,
As miserandas gentes opprimidas
Da fradesca reló tyranna e nescia?

Oh França illustre, das nações rainha.
Tu sacudiste o vergonhoso encargo,
Que á imprensa abafava o claro grito:
Tu a remiste, ella hoje te liberta.

Indocil remordias duro freio,
E o despeito aldavadas ja mui-rijas
Dava ás portas do brio esperguiçado,
Quando as armas, que emtórno de teus muros,
Começam a luzir, e os ameaços
Da escravidão mais dura, e mais estreita
Erguem na alma as lembranças desabridas
De extorsões, de tributos, de masmorras
Abertas para os bons, pará os zelosos
Do bem da patria, os escriptores claros,
Descobridores de verdades uteis,
Vítimas de sagrados impostores,*
De inertes cortezãos, de incastas damas.
Nós magnanimos peitos ferve e estoura
Ancia briosa de metter os hombros
Á conquista da cara liberdade.
Escravos hontem, são Romanos hoje!
Cerram c'os muros, co'as horrendas portas
Da armada tyrannia; — Ao despeitoso
Vaivem de anciãos vinganças assestadas,

* O governo portuguez, em recompensa dos muitos serviços, que durante dêseseis annos Camões tiuha feito como soldado, e em attenção ao lustre que dava á nação, e ao reinado do senhor D. Sebastião, com a immortal obra dos *Lustadas*, so lhe deu a mais que mesquinha pensão de quinze mil réis, e com a obrigação de residir na córte, e de tirar novo alvará todos os seis meaes para a cobrança d'ella.

Não é ao Senhor D. Sebastião (contado então ape-

Rodam per terra aluídos baluartes,
 Descobre-se a hedionda bruta face
 Do maleficio irado Despotismo.
 Soa no aureo salão do laxo impuro
 O estrondo das masmorres arrasadas;
 E o voraz monstro, do covil saído
 Torpe do negro sangue mal-coalhado
 Das vítimas, serpente enorme e squalida,
 Torcendo e destorcendo a longa cauda,
 Vai rojando o squamoso largo ventre,
 E, olhando para trás, silva raivosa.

Dos despotas, nos pateos assustados
 Clama vinganças, e impotentes íras.
 Eis logo os braços, que atesava o orgulho
 Para descarregar pesado açoute,
 Co'a triste nova desmaiados caiem,
 Tam debeis, quanto outrora corajosos
 C'o esteiô dos canhões, das bayonnettas.
 De encolhidos, c'o susto, não são vistos:
 Que se vão pouco a pouco desfazendo

mas de idade déseseis annos) quem podê-mos culpar d'êsta vergonhosa acção, mas os ministros e validos, que então governavam, e de que os príncipes eram os dous irmãos, o padre Luis Gonçalves da Camara, seu confessor, e Martim Gonçalves da Camara, escrivão da Puridade. São estes os que merecem a maior censura, e que devem ser nomeados, para que a posteridade lhe ponha o ferrete d'êsta culpa.

J. M. DE SOUZA, *Vida de Camões.*

Aquellas pélas de vaidoso vento. —
Eis que arraucam a rapida fugida,
E o som da liberdade, que os atroa,
Mette esporas no bójo dos cavallos.

Povo feliz, que resgataste os foros
Da liberdade, a tantos desvestida!
Sovós sois homens. Sim, que os mais quacs brutos
Enfreados per mãos do Despotismo,
De ouca superstição, de enrêdo cego,
De tantas leis dolosas e oppressivas,
Sentem nas curvas fustigadas costas
Do açoute despiedado os vergões roixos,
Per mãos imperiosas sacudido,
Se bôto o ingenho, com vendados olhos
Nã vã calcando a re-trilhada senda,
Que lhes traçou, mofando, a astncia altiva.

Ai do escravo infeliz, se dos açoutes
Se doe, desprega a voz ou rasga a venda!
Apertam-lhe os grilhões, em calabouços
Lhe aggravam mor tormento, e la na praça
Lhe estão tecendo undi-flammas fogueiras —
Estremeço de horror! bravejo de íra!

Quem forjará na nossa Elysia (oh patria!
Oh patria, que soubeste ambos os jugos
Sacudir do Hespanhol, do Mouro, e dar-te
Claro nome!) quem forjará os raios
De livre ideia, que de Deus vem livre,
E livre a Deus, de si, razão so deve,
Raios, que assustem pallidos tyrannos?

De vós nos venha, oh povo generoso !
Que em vós achou asylo, em vós impera
A verdade, a razão, a estima, o brio
Avexados no mundo e foragidos.
De vós nos venha o rubido ferrete,
Que assignala de hypocritas a fronte,
Lançados, por miserrimo ludibrio,
As pragas, aos baldões tão mercedos.

FRANCISCO MANUEL.

EPISTOLA. *

A PHILINTO.

Apenas soltou Phebo a lyra d'ouro ,
No teu dia primeiro, e tu , Philinto ,
Viste agitar do vento os seus cabellos ,
Sôbre os despídos montes da Thessalia ,
As deusas engraçadas do Permesseo ,
D'alvos cysnes um bando á terra enviam.
Os prodigios de Delos renovando ,
Sette vezes, emtórno do teu bërço
Repetindo , as canções meigas soltaram :
Sette vezes o vôo remontando ,

* *Esta epistola é d'uma fidalga em quem os dotes do ânimo superam a antiquissima e bem-illustrada nobreza. A belleza e a altivez de seus versos a farão destinguir de quantas, e ainda de quantos correm da mesma vereda.*

FRANCISCO MANUEL.

Batem nos ares musicas sublimes.
 Prenhe de sons da parte do seu nome
 Co'a septi-corde lyra te prendaram.

Então as cordas d'ouro vendo absorte
 Co'a terra mão ja feres uma ou outra,
 Té que firme, qual novo Orpheu, soltaste
 Os podéres immensos da harmonia.
 Novos prodigios cada dia surgem.
 Se a meiga Venus cantas, sai das ondas
 O corpo, serenando os ceos, e a terra,
 A espada cai da mão ao rijo Marte;
 Os numes se revêem na bella fôrma;
 E das filhas de Themis leve dança
 Festeja em Chypre a densa dos amores.
 Se cantas a virtude, os echos vagam
 D'um Orbe ao outro, os ceos todos atroam,
 Ve-se o nume despido, qual meteóro,
 Que, brilhando, consola os povos tristes,
 De quem Delio não fia as luzes gratas;
 E os corações auritos se desfazem
 Em desejos, que a lyra te bafejam.

As Leinniades mansas véem dos pégos
 Curiosas mostrar a verde testa:
 — « *É Philinto, — é o vas* » — n'agua soa;
 E a crespa superficie se revólta,
 Mandando o gósto espuma aos leves ares.
 Hamadria não ha, que não conserve
 Teus versos, mutilando os proprios membros.
 Por entalhar no tronco as canções lindas,

Que dos beijos colheste á branda Euterpe.*
 D'este valle aè napeyas (valle agreste)
 Quantas vezes, Philinto a lyra forçam,
 Porque diga um louvor digno a teus versos.
 O comprido cabello aos ventos sólto,
 Entrelaçado de frondente louro,
 Cinjo a venda sagrada, o véo me cobre;
 O rosto acceso em chammas apollineas,
 Alternadas cantigas sólto a Daphne,
 Sem que arte ou mestre reja os sons na lyra:
 É Phebo mesmo quem me inspira o canto,
 Quem revolve o futuro, quem me brada:
 —«Honra a Philinto, honra a cópia minha.»
 E os esforços do deus, que nos possui,
 Quasi que a alma desprendem de seus laços.
 O prophético sópro rompe as bocas.
 Agouro, a teu favor, mil cousas bellas;
 E depois de rasgar os veos da noite,
 Com raios, que em meus beijos lança Apollo,
 Pallida, fatigada, ouço em silencio,
 As Dryas, que ao luar formam choréas.
 E com teu nome as musicas adornam.**

Como pagas, Philinto, ao gentil sexo?....
 Ah! que inda ardentes lagrymas me banham
 O rosto descorado pelo susto.
 A lyra, que cantar devia os numes,

* Como é poetica e bella ésta expressão!

** Pintura sublime no sentido, e no stylo!

Canta os erros das Tagides sinceras ?
E as grinaldas virentes de assucenas ,
Com sêcca mão a satyra desfolha !
Ah Philinto , piedade ! não , não roubes ,
Em versos immortaes , a immortal nuvem
Com que abafa a cautela melindrosa
Do travêso Cupido insanos furtos.

Mas , tu , longe de tí , nada me escutas :
Ao furor da poesia o peito aberto ,
Agitado , arquejando communicas
O fogo , que te abrasa , ao verso altivo :
A torrente de ideias pullulantes
D'essa mente fecunda , onde combatem
D'onde opprimidas , férvidas se expulsam
Variadas pinturas da desordem ,
Prodigamente aos olhos teus presentam.
Do enthusiasmo ardente conduzido
Ergues o panno á scena pavorosa ,
E arrasando segredos * , me recordas
A ousada mão de Cesar derrubando
A floresta dos médos , respeitavel
Ao Druida , que a investiga desmaiado.
Dos mysterios , que aos Luscs hoje escreves.
Desviaram os olhos temerosos
Os heroes , que a nação inda celebra.
Bemcomo vendo a selva denegrada
Torcia o raio tímido o caminho ,

* Elegancia nova no idioma.

Voava longe o passaro medroso ,
 E os ventos fugitivos , la distantes
 Murmuravam temor com srdo sópro *
 Applica a tocha Cesar atrevido ,
 E a chamma , que devora o altivo bosque ,
 Mostra em logar de nume , um fero spectro
 Tentatis , devorando entranhas cruas ,
 Enroscados dragões , que a si se mordem ,
 Erynnes feias , Scyllas horrorosas ,
 Cujos bramidos entre a chamma estalam.

Taes verdades no mundo que aproveitam ?
 Feliz uma illusão , quando é suave !
 Feliz quem julga a candida innocencia
 Batendo as puras azas sôbre os tectos
 Das donzellas ; quem crê que dos ceos desce
 De nacar puro um carro magestoso ,
 Onde o Pudor com roseas mãos dispende
 Cestons ás nymphas , glória a seus costumes :
 Bemcomo naufrago Ajax ** se segura
 A um penhasco , que o mar emtôrno açouta ,
 Um gentil bando pega-se ao silencio :

* Isto é que é locução verdadeiramente poetica !

** Este principe grego tendo forçado Cassandra no templo de Minerva (ao qual se ella acotthera quando Troia foi incendiada) a deusa a fim de castiga-lo , pediu a Neptuno sublevasse uma furiosa tormenta , logoque elle desaferrasse do porto. Mas Ajax conseguiu salvar-se sôbre um rochedo , disse com a sua costumada impiedade: — *Aqui escaparei apezar*

Mas qual Neptuno fero parte a rocha
 C'um golpe de tridente : tu , Philinto
 Divides ésta penha ; * assim naufrága
 A esperanza das tristes Portuguezas ;
 A patria brada , a pudica Ulyssea
 Ante meus olhos surge enternecida,
 Cercam-na os ais das miseras donzellas.
 Qual vaga , como Cynthia , sem alinbo
 A esconder-se no bosque envergonhada,
 Toda n'um feixe d'ouro a loura trança
 Negligente lhe cai nos hombros aivos :
 Qual mostra descorado o lindo rosto ,
 Per onde em fio lagrymas serpeiam **
 Arguindo c'os olhos crystallinos
 A mão que o véo lhe rasga , o ceo que o soffre.
 Purpureos ais das bocas vem rompendo ***
 Quaes fagulhas , que voam vingadoras
 A abrasar de Cupido as leves azas,
 Em crespo fumo as plumas consumidas
 Sóbem aos ares. Sóbem os suspiros :
 Férvidas queixas tornam-se em coriscos.

dos deuses - Neptuno encholericado fendeu com o tridente o rochedo, e o submergiu nas aguas.

* Applicação delicada.

** Que bem poetica pintura ! A metaphora é quem dá copia e elegancia aos idiomas.

*** Estes atrevimentos mais se podem sentir que analysar.

E quem sabe, Philinto, se este fogo
Colhido pelas aguias la nos ares
Virá, vingar as nymphas lusitanas ?

D. LEONOR D'ALMEIDA.

Esta illustre senhora (além d'outros poemas onde brilha aquella audacia d'expressão, graça, e nobreza de pensamentos, que as pessoas de gosto acharão n'este) enriqueceu a nossa litteratura com uma elegantissima versão da *Arte-poetica de Horacio*, outra de *Ensaio-sôbre-a-crytica de Pope*, e outra do *Psalterio de David*, inda não impressa. É digno de louvor o soneto que vem em testa do volume que contém as duas primeiras versões. N'elle verá o leitor o quanto a dicta senhora sempre anhelou ser util á sua patria, offerecendo-lhe produções uteis e agradaveis.

 EPISTOLA.

*Cependant laisse gronder quelques censeurs ,
Qu'aigrissent de tes vers les charmantes douceurs.*

BOILEAU.

Em vão suave Eurindo em vão pretendes ,
Fugir á chusma de mastins damnados,
Qu'em tudo as présas venenosas ferram :
Teve Homero Aristarcos , teve Zoilos ,
Bavios e Mevios ao cantor ladravam
Qu'ao pio Teucro heroe salvou do Lethes.
Sempre o merito foi víctima infausta
Nas torpes aras da faminta Inveja :
É com desprezo , com descuido olhado
Silvestre arbusto , qu'a ninguem faz sombra.
Nada tem, quem não tem, que se lhe inveje.
Mas quanto me não cança , ingenuo Eurindo ,

Foi dirigida ao Senhor José Thomaz da Silva
Quintanilha.

Vençertos Petimetres, vates novos,
 Que em sabendo grasnar francez mourisco,
 E a Madama de tal compor aos annos,
 Na lingua dos Pascazios, fofas *odes*;
 Não so uns novos Pindaros se julgam,
 Mas de crítico-sabios arrotando,
 Dão per paus, e per pedras, ladram, mordem,
 Não lhes escapa ninguem, tudo vai raso:
 Camões na boca d'estes foi pedante,
 Ferreira escuro, insípido Bernardes,
 Monotono Diniz, Garção rançoso.
 E quando a qualquer d'estes perguntar-mos,
 Quaes os poëfas são, que podem ler-se?
 Fallando-nos de papo, em tom de mestre
 Dirá — « que tres na Grecia, dous no Lacio,
 Voltair na Gallia, Milton na Britania,
 E um so no reino Luso, » pretendendo
 Que intendamos ser elle o *non plus ultra*.
 Se no fim d'êsta arenga lhe rogarmos,
 Que nos repita alguns dos seus poemas:
 Depois de nos matar com vans escusas,
 De fragil a memoria criminando,
 Parem os montes, nasce um vil ratinho.*
 De Gongora restricto plagiaro,**
 Com voz de trovoada irá ralhando

* *Parturient montes, nascetur ridiculus mus.*

HORACIO.

** *Suban ellos, que yo no baxo dixia Gongora aos*

Poesias taes , que nem o Demo as pesque:
 De proposito buscam gallicismos ,
 Ja *disfarca* não presta , vem *deguisa* ,
 Por banquete *repas* , *sommet* por cume ,
 E capricham de ver nos seus poemas
 A tórre de Babel nas várias linguas:
 Nada importa que a phrase seja escura ,
 Barbaro o estylo , o verso mau , com tanto ,
 Que a palavra da moda não esqueça ,
 Em Africa uma lança teem mettido.
 Outros na profissão menos Doctores ,
 Mas em estro suppondo-se uns abortos ,
 Gabam-se qu'a insultante Paderia ,
 Assim qu'a voz lhes ouve nos outeiros ,
 Emtórno boca aberta , ouvido á escuta ,
 Troca em palmas , em vivas , em obsequios
 O picante *dieterio* , o chulo *á parte* ;
 Se ouvir um d'estes busco , vou topa-lo
 Entre nymphas boças , marmanjas velhas ,
 Tescões peraltas , que não lêem per cima ,
 D'improviso glosando a cada mote
 De *sonetos* e *decimas* chörrilhos ,
 Sem nexo , sem language , sem cadencia ;
 Partos informes da loucura humana :

que não intendiam versos como este que me lembra d'um *soneto* seu :

Sombras estaiha en paramos de nieve.

FRANCISCO MANUEL.

E é comtudo applaudido ; porqu'um nescio
 Acha outro nescio , que lhe dê louvores : *
 Mas ha inda , a meu ver , peor canaglia ,
 Que sem nada compor, descompõe tudo : **
 E infecundia galranté , echo dos outros ,
 Sem que , nem para que , a qualquer cousa ,
 Aristoteles vem , Horacio , Vida ,
 Luzan , Boileau , Voltair, chovem preceitos
 Sem preceito allegados : se caímos
 Em ler perante um d'estes obra alguma ,
 Com sardonico riso desdenhoso
 Arqueiando e franzindo as sobrançelhas ,
 Como que la comsigo está passando
 Pela bitola d'arte os nossos versos ,
 Com momos , aos que o cercam dará mostras,
 Que são vans frioleiras , quanto escuta. ***

* *Un sot trouve toujours un plus sot qui l'admire.*

BOILEAU.

** O mais ridiculo pedante toma hoje a vara de
 censor , e como novo Midas condemna o canto do
 Rouxinol por muito variado nos sons , e applaude o
 zurro do Burro , que orneia com uniformidade.

FRANCISCO MANUEL.

*** Quando a veia lhe inflamma
 Prophetico furor , altisonante ,
 E aos borbotões derrama
 Maravilhas da boca redundante ,
 Mal devinha o coitado¹,

¹ Porta.

São d'êsta casta os perros, que nos ladram,
 E que offuscar teu merito pretendem :
 Mas trapeado o painel de nós e d'elles,
 Que tem, que n'alta noite á clara lua
 De ladrar enrouqueçam cães vadios ?
 Ella com luz igual seu gyro acaba.
 Comtudo é para rir ver o que vemos ;
 Lembram-se um dia, que ser vate é prenda,
 No outro não so compoem, mas ja criticam.
 Não põe loje o barbeiro sem ter findo
 O tempo de aprendiz, e feito exame:
 Mas hoje para ser poeta insigne
 Basta dizer : — *Componho inelytos versos* * —

Que um crítico fleugmatico, se embica
 No termo aventurado ;
 Na phrase de 'travez, que o mortifica,
 O nariz encrespando desdenhoso,
 Mofa do charro estylo ;
 Taxa de trevial, desengenhoso, }
 O lidado desenho ;
 Dá aos hombros, faz beico, desaprova :
 — . Esta palavra é velha, est'outra é nova
 Eu riscara aqui isto, alli aquillo.
 Para tammanho empenho
 O auctor tem poucas fôrças : eu quizera...
 Bem, nescio é n'êsta era
 Quem apura a saúde, o tempo, a vida
 Na arte a mais ignorada, e mais mordida.

FRANCISCO MANUEL.

* *Nunc satis est dixisse : Ego mira poemata pangit*
 HORACIO.

E depois de vestir com falsas côres
 Hyperbole ou antithesi rançosa,
 Exclamar: — *Isto é meu! isto não mais!*
 O amor proprio dá leis, reina a vaidade;
 Ninguém quer correcção, mostram seus versos,
 Pedem censura, e esperam-lhes louvores:
 Se um d'estes nos consulta, e lhe apontamos
 O defeito, que tem certa passagem;
 Testudo salta em campo a defende-la,
 Trazendo á balha mil que a tem louvado.
 Porém, graças aos ceos! inda se encontram
 Livres d'este contagio insignes Genios:
 Inda Montano* vive honra dos Lusos,
 Mestre da lingua, de preceitos mestre.
 Elmiro** não morreu, inda ergue os vãos,
 Inda emboca suave epica fúba,***
 Elmiro traductor claro e nervoso
 Do difficil a Pope, agudo Estacio. •
 Inda Alfeno**** tem vida caro ás Musas,
 Que práctico do Pindo nas veredas
 As gregas instrucções bebe na origem.

* O Sr. D...

** O Sr. José Agostinho de Macedo, tam grande poeta, como eloquente orador.

*** Quando compoz o patriotico poema — *Oriente* — no qual reluz a sublime inspiração do auctor dos *Lusiadas*.

**** Domingos Maximiano Tórres.

Inda Ismeno* rival do Cysne Ismeno
Da morte audaz triumpho : e inda tu vives,
Tu que de Hybla, e de Hymetto escondes n'alma
Suave mel , que entornas em teus versos ,
E que escutando impavido os latidos
Da matilha feroz , que a tudo avança ,
Subplantas o agrilhoas a Calúmnia ,
E fazes que teu nome á frente pôsto
Dos ternos hymnos , que te afama Erato ,
Voando illeso va per entre a chusma
Dos seculos futuros devorantes ,
Até se ir encontrar co'a Eternidade.

B. M. C. SEMEDO.

* O Snr. Vicente Maldonado , auctor de sublimes
e energicas poesias.

EPISTOLA. *

Ah! vem deliciosa variedade,
Accode-me c'o teu risonho enleio,
E borriba de agrado éstas rabiscas.

FRANCISCO MANUEL.

Era o anno meiado, e o lonro Phebo,
Da cúpula azulada ardentes raios
A pino contra a terra dardejava;
Quando se escuta do atabale o echo
Casar-se ao som da rouca charamela;
Alvorçado o povo corre em barda;
Guapas moçoulas as janellas pejam;
E o fognete arrojado que se embebe
Do ar pela planicie, e la rebenta,
Abre nos corações stadio largo,
Per onde almo prazer entra de golpe.

Que seria, meu rico, que seria?
Certo o não adivinhas, e o aposto;
Era o Cirio, que á mull' miraculosa

Imagem da senhora sancta Marthã,
É costume offertar de anno em anno.

Não pára aqui : affixam-se cartazes,
Voam todos a lê-los ; oh ventura !

Mascafidadas e touros se annunciam :
Para a banda d'além se muda a côrte ;
Erma fica Lisboa ; e de Eva eu filho,
Pelo vício primeiro aguilhoado ,
Vou tambem na crianca tomar parte. *

Eis-me novo Argonauta demandando,
Não o reino de Colchos , mas Cacilhas ; **
Cacilhas em que muitos vellocinos
Descocado Jason roubar podera.

Não tinham os carolas , oh descuido !
Propiciado Eolo , *** e nem das aves
Nos agoureiros vôos reparado.

Mansamente rasgava o curvo barco
O seio ao padre Tejo , eis de improviso
Rugindo rompem da Cimmeria grutta
Os tufões , as rajadas , as refegas
Trazendo á testa o furibundo Eolo :
Aqui arrancam , acolá derribam
Esporeiam Neptuno em seus dominios ,

* Phrase proverbial.

** Lugar bem conhecido na margem opposta do
Tejo e defronte de Lisboa.

*** Rei das ilhas Eolias , dicto rei dos ventos ,
das tempestades.

E raivosos e feros nada poupam
Em vingança do chefe estimulado.
Foge do rosto a còr, e quasi foge
A esperança dos peitos mais seguros :
Serras e serras s'erguem pavorosas ,
E o atribulado lenbo em cova enorme
Breve presume ser acapellado.
Então de todo exsangues , invocamos
Da festejada sancta o patrocínio ,
E subito , oh prodigio ! oh pasmo ! oh gosto !
Vemos fugir o desabrido Bolo ,
Do turbido cortejo acompanhado ,
E sumir-se nos antros tehebrósos ,
Onde é seu uso arrebanhar os ventos.
Despe o Tejo a aspereza dos vestidos ,
E azulado setim sereno traja :
Volve aos nautas a còr , e vem com ella
Aos inanidos peitos a esperança :
Surde o batel veloz , e dentro em pouco
No pontal nos achamos sãos e salvos.
Beu não tínhamos pósto pe em terra ,
Eis-nos ja rodeiados de garotos ,
Que á porfia ornejantes creaturas
Impingir-nos queriam mui lampeiros.
Aqui os cotovélo , alli empurro ;
Te que da rapazia grialhadora
De todo livre , os passos endereço
Á pousada d'um jarra de seiscentos.
Dousas môças me aguardavam léstes

Para o festivo burrical passeio ,
 Que , a modo de romagem , pretendiam
 Fazer á boa sancta no seu dia.
 Apenas me lobrigam , correm todas
 Ao topo da escada a receber-me ;
 E mesmo alli ; porque esperar não podem ,
 Nem a curiosidade lh'o consente ,
 Inquirem de tropel— « Como chegara ?
 Que tal fóra a maré ? se houvera susto ?
 Quantas pessoas vinham ? se era em bote ,
 Se em fragata ou falúa ? » enfim tal grita
 Tal azoinada emtórno me fizeram ,
 Que victima quizera antes ter sido
 Dos ventos irritados , que atura-las.
 — « Sim, sim, maré de rosas, » (lhe respondo)
 E *sim* a tudo mais foi quanto disse.

Entrámos para a sala, véem liquores ,
 Querem todas beber, porque os sobejos
 Bebendo-os eu , bebesse-lhe os segredos.
 Oh fineza inaudita ! oh régosijo !
 Sempre o diabo as tente , que os taes restos
 Deitaram para la d'um bom quartilho.
 Soam n'este entrementes quatro horas ,
 E soa a voz geral—Qué * d'os burrinhos ? —

* Onde estão os :

Qué d'o menino Ascanio teu querido ,
 Que em Troia teve ja seu nascimento ?
 Goza da aura vital ?

J. F. BARRETO, *Encada*, liv. III, est. 78.

Salto en como um gamo , saltam outros ,
 Eis-nos no pateo serviçaes Quichotes ,
 Cadaqual para a sua Dulcinea
 Procura descobrir cavalgada
 Que leve as lampas ás demais do rancho :
 Emtanto ferve a sancta la per cima :
 — « Antonia dá-me as luvas , ouves ? ólha ,
 As verdes ; percebeste ? vem depressa . »
 — « Joaquina , o meu leque ; ápre co'a sorna !
 Não achas ? forte peste ! eu vou busca-lo . »
 — « Anda Rufina (diz a mãe gaiteira
 Á filha qu'inda busca certo dixø)
 As mais estão montadas ; ve se perdes
 O favor d'estes guapos cavalheiros
 Polas tuas mollezas do costume . »

N'isto vinha descendo uma que os trinta
 Ha seis verões fizera n'este sítio ,
 Preciosa do buque das que pinta
 O Terencio francez * com tanta graça.
 Havia-lhe esquecido o chicotinho ,
 Ou antes de proposito o deixara
 Para ostentar linguagem d'alto bordo.
 Descida meia escada se envieza ,
 E diz para a criada em voz mui clara :
 — « Traze da guarda-roupa o meu *flagicio* ,
 Aliás este *ebrio* animalejo

* Moliere.

Tem de ficar atrás dos mais *quadrupias*. »

Bravo ! bravo senhora, Dona A....

Accudo eu , acodem os demais ,

Isso é que é remontar-se ! e ella ufana

Desce os degraus restantes , e presenta

Da albarda no coxim nafadas bebas. *

— « Vamos que é tarde, » clama em vão o jarra,

Da casa dono , sem que tal pareça ,

Apezar das sangrias, que na burra ,

Por éstas brincadeiras dá frequentes.

— « Aperta este silhão. » (uma dizia)

Outra amanhar os fatos ordenava ,

Té que enfim soa a voz — Estamos promptas. —

Então sóbre o jumento me escarrancho ,

Encarapitam-se os demais Adonis ,

E do pateo á calçada nos passamos .

Como do teso arco parte a setta

E do ar nas campinas rarefeitas , *

O incola ferir vai n'um momento ,

Tal o burri-montante scio bando ,

Mais depressa que o demo esfrega um olho ,

No sitio do folguedo se apresenta

Investem logo co'a ermida as môças ;

* A palavra *bebas* não é tam despicienda que se não ache em uma *ode* de Francisco Manuel dos casmurros Hollandezes :

Paciência ! dae , comtudo, ao baço ensanchas ,

Que enchentes vêem de riso. — Olhae composta

E vão rogar a virgem sancta Martha
 Que do péso virgineo se alivie.
 Que um tal ou qual marido lhes depare;
 Porque o caso não é ter bom marido,
 Mas ter marido, que no dia de hoje
 É um traste de luxo, em summa, um traste.
 Concluída ésta scena surdem fóra,
 E nós os campões no adro á lerta,
 Vamos ligeiros enganchar o braço
 Na, do que para nós, os tem abertos.

Era o tempo em que os fêrvidos Etontes
 Tocado haviam ja do Occaso as portas,
 E Thetis no regaço crystallino
 Fresco repouso aos encalmados corpos
 Com semblante fagueiro lhe offertava.
 Do opposto lado o rosto alevantando
 Vinha mui mansamente a meiga Phebe:
 Macias virações brincavam ledas,
 Do vizinho pereiro co'as madeixas;
 E os corações no peito embrandecidos
 Aos de Amor feros golpes se entregavam.
 Assim dispostos enfiámos presses

D'esses fucinhos as chorudas *bebas*
 Cum nariz, e um cachimbo.
 Que a taes caras tam gordas, tam vermelhas
 Do ardor genebro, da batata himpante.
 Não convem nome de avivado rosto,
 Mas de fucinho e *bebas*.

O que á feira conduz curto caminho ,
 Não tam curto que tempo não houvesse
 Para vir á memoria dos amantes
 A prenda que á parceira dar deviam.
 Maldicto seja o que inventou primeiro
 Prendar senhoras per diversa guisa *
 Da que os nossos maiores practicavam.
 Felpudo historiado ramilhete,
 Um joelho per terra , uma fineza ,
 E outras ninharias d'este lote
 Era quanto expendia a boa gente :
 Oh costumes ! oh tempos venturosos !
 Que tam asinha d'entre nós partistes !
 Quem vos não chorará ? Quem não quizera
 Picar-se antes das rosas nos espinhos ,
 Que d'uma mina tressuar na cava,
 Para extrair ensanguentadas barras
 Com que do toucador em nossos dias
 Compramos os tarecos corruptores ?
 Ah meu caro Doctor , como são parvos
 Os namorados d'êsta ferrea idade !
 Que Amor é liberal , dizer ouviram

* *Maneira, modo.* — Não tenho por grande vicio
 aproveitar algumas palavras antigas muito bem usa-
 das em outro tempo, e desterradas sem razão na
 nossa idade. Não faltam curiosos, que por acharem
 pobre a lingua, ou por elles o starem de seus voca-
 bulos, fazem alguns a seu modo

F. R. LOBO, *Côrte-na-Aldeia*

Mas não sabem que amor não faz Quintellas.*

Episodios porém aboudonando,
 Emendemos o fio á historia nossa,
 E os coucados amantes contemplemos
 Mettendo mãos ás engelhadas bolsas.
 Ésta escolhe um anuel, aquella um pente;
 Uma quer um toucado, est'outra um leque;
 Emfim tanto appetecem, tanto feiram,
 Que as bolsas quasi, quasi escorripicham.
 Aliviados pois do aureo péso,
 Volvemos os mesquinhos namorados
 Em demanda da recua zurradoura;
 Mais leves que uma penna nos lançamos
 Das podres alimarias sôbre o dorso;
 E partimos do sítio esconjurando
 A hora que a tal sítio nos trouxera.
 Calados, cabisbaixos e sombrios
 Trilhamos a estrada que nos vira
 Ha pouco alegres, falastrões, altivos.
 Emtanto as raparigas que não sabem
 A causa do silencio desusado,
 Poltrões nos chamam, fracalhões, maricas;
 E com chufas nos tiram a terreiro.
 Necias, que não atinam c'o motivo!
 Mas emfim taes chalaças nos disseram,
 Desinvolveram pieguices tantas,
 Que nós mais distraídos da massada,

* Negociante bem conhecido.

Na liça das graçolas nos mettemos.
Jucundo foi o resto do passeio,
E convinha que o fôsse, porque a limpo
A despesa tirassemos da feira.
Eis-nos chegados ao portão da quinta
Onde outra rede nos estava armada:
Quiçá não adivinhas? era a paga
Dos maldictos burrinhos e gurgetas:
De novo nos coçámos, e com mágoa
Dos ultimos tostões nos despedimos.

Era ja tarde, e a calada noite
Propícia a Venus convidava os pares
Á lucta com que outrora povoaram
Pyrrha e Dencalione a erma terra*,
E.....Mas chiton senhora Dona Clio!
Attenda que o Doctor é chocalheiro,
Embetsgue no bucho o seu segredo,
Aliás tem de vê-lo assoalhado.
Boa laia de Musa! Ei-la ja moita,
E eu moita com ella. Adeus meu rico.

● PAULO JOSÉ DE MELLO.

* Veja-se a nota da página 311, no III volume
d'êsta escolha.

Pastoraes.

LYCORE.*

ACTO III.

SCENA IV.

DESPEDIDAS DE LYCORE E SILVANO.

PALEMO.

Eisaqui, soberano sacerdote
 A donzella infeliz, cujo destino.
 Nas gruttas chorarãe as brandas nymphas,
 E soltarão gemidos ns outeiros,

* O poema de *Lycore* é um poema nacional, que em quanto durar a lingua portugueza fará o prazer dos poetas, e o chlyve dos intendedores.

J. M. DA C. N SILVA.

** A *Lycore*, drama pastoril excede a *Aminta* e *Fili de Sciro*, o *Pastor Fido* e *Alpheu*, com que os Italianos se gloriam, tanto na viveza, e no interessante da acção, quanto na observancia das regras

De inconsolavel dor enternecidos.

SILVANO.

Oh deuses, soccorrei um pae afflicto!

SACERDOTE.

Vem, oh virgem ditosa, a quem os deuses
Dos ceos a clara entrada estão abrindo,
Vem receber no templo as religiosas
Sagradas libações.

LYCORÉ.

Ah tristo velho!

Deixa, fiel ministro, que primeiro,
Em tanta dor console um pae magoado.
Amado pae, debaixo de que estrella
Me déste a fragil desgraçada vida?...
Mas ai de mim! que digo? onde me lançam.
As acerbas extremas amarguras?
Quer a Deusa o meu sangue; e tu juraste
De observar seu oraculo terribil.
Sim, meu pae, é feliz a minha morte,
Pois te allivia do funesto pêso
Das horriveis fataes imptecações,

do theatro e belleza dos pensamentos, livres d'aquellas argucias epigrammaticas, mais duras, que solidas, tam contrarias á natureza, e tam alheias da verdadeira expressão dos affectos, que a cada passo se encontram n'aquelles famigerados dramas: pois Domingos dos Rêts nunca procurou flores, quando era tempo de colhêr fructos.

PEDEGACHE, *Vida de Quitã.*

Com que o solemne voto confirmaste.
 Oh ceos! a voz me falta.... pae afflicto,
 D'este logar odioso te separa,
 Não accrescentes unhas agonias....
 Ah! não vejam meus olhos lacrymosos
 Ao levantar do ferro, a ferir prompto,
 Teu rosto desmaiar, e sôlto em pranto,
 Gemidos exhalar de angústias cheio.
 Foge, velho infeliz, eu t'ó supplico
 Por aquelle suave amor paterno,
 Que o desolado coração te abrasa.
 Adeus, meu pae, adeus, em paz te fica,
 Pela última vez os braços abre
 A esta amada moribunda filha.

SILVANO.

Emfim chegastes, misero Silvano,
 Ao doloroso funebre momento,
 De ver sacrificar a filha amada,
 Qual paciente corça ou mansa ovelha,
 Seu innocente peito traspassado,
 As aras tingirá de vivo sangue?
 Ah! que ja do cruento ferro sinto,
 N'êsta alma afflicta o golpe... Immortal densa,
 O duro sacrificio em mim começa....
 Ai de mim, cara filha, digno objecto
 De meus ternos cuidados.... Sim, recebe.
 Em meus braços os ultimos affagos....
 Adeus querida filha, unico abrigo
 De minha triste e languida velhice....

Ah! queira o ceo clemente em recompensa
 Da nossa submissão cubrir-nos ambos
 Co'a fria terra n'este mesmo dia....
 Adeus, em paz expira, filha amada,
 Eu resolute parto, e tu humilde
 Sôbre o sagrado altar o collo estende.

SCENA VII.

AS DONZELLAS, E DEPOIS O SACERDOTE,
 LYCORE E SACRIFICADORES.

UMA PASTORA.

Que chuveiro fatal de agudas settas
 Desatam sobre nós os ceos irados!

OUTRA PASTORA.

Ah tristes companheiras, vede, como
 Ao lado de Lycore o sacro ferro
 Brilha nas mãos do rígido ministro!
 A dôr me rasga as miseras entranhas.

SACERDOTE.

Oh la, donzellas, com semblaute alegre
 A victima applaudi, um so suspiro
 A magoa não derrame; tam jucundo
 Holocausto os altares nunca viram.

LYCORE.

Compassivas donzellas, companheiras

PASTORAES.

277

De meus alegres doces passatemplos ,
Os derradeiros funebres suspiros
Recebei entre meus amantes braços...
Ja nos sómbrios vales e florestas
Saltar não me ouvireis a voz sonora ,
A cujo som as aves se calavam ;
Nem mé vêreis nas rapidas choréas
O destro pé mover em leve salto....
Adeus , caras , adeus , fideis amigas....
E tu , que foste sempre , terna Alcippe ,
Da minha sociedade inseparabil ,
Vem atar-me a funesta mortal venda
Nos ja turvados olhos : não me negues
Esta piedade no momento extremo. *

SACERDOTE.

Sim , piedosa pastora , o rosto afflicto
Co'o sacro véo lhe cobre.

A PASTORA. **

Que amargura !

LYCORÉ.

Ah desgraçado pae ! oh triste Amintas !

SACERDOTE.

Propicia acceita , soberana deusa ,
Da voluntaria victima placabil....***

* Chega-se para o altar.

** Atando-lhe a venda.

*** Na acção de ferir.

SCENA VIII.

DAMETA E OS MESMOS.

DAMETA.

Ah! suspende , benigno sacerdote ,
Suspende o sacrificio doloroso.

SACERDOTE.

Que profano sacrilego interrompe
O sagrado holocausto ?

DAMETA.

Attento escuta
O mais raro prodigio , que Diana
N'estas divinas selvas tem obrado.

SACERDOTE.

Que dizes , imprudente ?

DAMETA.

O feroz monstro
A vida ja rendeu a duros golpes.

SACERDOTE.

Que escuto, immortal deusa !... Tu deliras,
Ou intentas, pastor, hallucinar-me ?

DAMETA.

Não , supremo ministro , em vão não fallo.

SACERDOTE.

E que mão destemida e valorosa
Dar poude a morte a tam cruenta fera ?

DAMETA.

O vigoroso Amintas.

SACERDOTE.

Como expor-se
Foi ousado um mancebo a tal perigo?

DAMETA.

Emfim entregue o namorado Amintas
À desesperação, á dor violenta,
Determina dar fim a seus pezares,
Morrendo junctamente com Lycore,
Ou ving-a-la, matando a brava fera.
As duras armas toma, e pelas selvas
Se lança como tigre, que arremette
O caçador, que a farpa lhe cravára.
As matas hate, as gruttas investiga:
Avista o bruto enorme, e resolute
Acommette-lo vai com braço armado:
Mais audaz e terrível não se pinta
O valoroso Alcides, combatendo
A formidavel hydra: o feroz monstro
As medonhas guelas lhe apresenta,
E ja para traga-lo se avançava:
Pôrem com dextra mão o dardo agudo
O pastor lhe arremeça, e pela boca
Nas vorazes entranhas lh'o sepulta.
A cruel fera suffocada brama,
Vomita em borbulhões o sangue immundo,
Arrasta o corpo horribil, com as garras
Os troncos arrancando: o bravo Amintas

Levanta o forte braço , e na cabeça
 Lhe descarrega repetidos golpes
 Com a pesada clava : ao estampido ,
 Com que as asperas couchas estalavam ,
 As cavernas emtórno respondiam :
 Exhala o broto os últimos arrancos ,
 Amintas a cabeça lhe separa ,
 E carregado c'o fatal despojo
 O verá brevemente.

SACERDOTE.

Que portento !

Oh la donzellas , a funesta venda
 Desatae a Lycore.

UMA PASTORA.

Ah companheiras ,
 Vêde o triunphante Amintas , que a seus hombros
 Traz a cabeça da espantosa fera !....

SCENA IX..

AMINTAS , PALEMO , A TURBA DOS
 PASTORES , E OS MESMOS.

AMINTAS.

Inda vive Lycore ?

DAMETA.

Sim , Amintas.

SACERDOTE.

Vem glorioso pastor : esse despojo

Offrece sôbre aquelle altar sagrado.
 Que impenetraveis são dos grandes deuses
 Os occultos juizos ! Quanto errada
 É dos fracos moſtaes a mente cega !
 Ja comprehendendo , alto nume , ja dos olhos
 Me dissipaste a sombra , que a luz pura
 De teu sancto mysterio me encubria .
 Vive innocente e candida donzella ;
 A densa não pedia sangue humano ,
 So queria , pastores , na constancia ,
 E na prompta obediencia exp'rimentar-vos .

SILVANO.

Vem a meus braços , valoroso filho ,
 Libertador feliz dos patrios campos .
 Vem digno esposo de Lycore amada ,
 Tu me arrancas da fria sepultura...
 Ah deixa filha minha , que te banhe
 Com as suaves lagrymas , que sóto
 De prazer , de alvorôço transportado...
 Tua piedade emfim clemente Delia ,
 Consola um triste pae ! A cara filha
 Restituindo a seus amantes braços !
 Sempre hemdicta sejas... Ah pastores ,
 Eu sinto remoçar-me , o vigor torna
 A meus cançados vacillantes membros .

DAMETA.

Viva o triumphante Amintas !

TODA A TURBA.

Viva ! viva !

AMINTAS.

Emfim Lycore bella , nossas mágoas
Em jubilos mudou o ceo piedoso.

LYCORE.

Sim , extremoso Amintas , tu me salvas
Das crueis mãos da sanguinosa morte.

SILVANO.

Vinde , meus filhos , adornar as fronte
Co'as nupciaes capellas

SACERDOTE.

Não , primeiro

Vinde por tam immenso beneficio
Cantar os hymnos das devidas graças :
Pois em tam fausto memoravel dia
Franqueiar as sagradas portas mando
Do templo inaccessible : vinde todos.

SILVANO.

Sim , ministro adoravel , os louvores
Da benefica deusa cantar vamos.

DOMINGOS DOS REIS QUITA.

Dramaticos.

Tragicos.

CASTRO *.

ACTO I.

EXPOSIÇÃO.—AMOR DE PEDRO E IGNEZ.

CASTRO.

Colhei , colhei alegres ,
Donzellas minhas , mil cheirosas flôres ;
Tecei frescas capellas
De lirios , e de rosas ; coroaes todas

* A *tragedia* , genero de poema o mais util e sublime , tam prezado dos antigos , como fonte da mais pura moral , e onde se achavam consignados os prin-

As douradas cabeças.
 Espirem suaves cheiros
 De que se encha este ar todo.
 Soem doces tangeres, doces cantos.
 Honrae o claro dia,
 Meu dia tam ditoso! a minha glória
 Com brandas lyras, com suaves vozes.

AMA.

Que novas festas, novos cantos pedes?

CASTRO.

Ama, na creação ama, no amor mãe,
 Adjuda-me ao prazer.

cipios da mais sublime educação; este genero de poema (digo) tanto do gosto dos antigos gregos e latinos, totalmente esquecido e desterrado pela barbaridade que invadira toda Europa, foi restituído pelo prelado Trissino, que no principio do seculo decimo sexto publicou a *Sophonisba*, a primeira tragedia regular que appareceu na Europa em lingua vulgar depois da restauração das lettras. Teve o nosso Ferreira a glória de ser o segundo n'este genero, compondo a sua *Castro*, o mais interessante de todos os assumptos tragicos; o qual não obstante peccar contra a unidade de logar, stá muito bem executado segundo a norma dos tragicos antigos; e pelas infinitas bellezas de estylo é tida pelo mais glorioso monumento, que n'este genero possui a lingua portugueza.

F. D. GOWE.

* Que alegria não inspiram estes versos!

AMA.

Novos extremos vejo.
 Nas palavras prazer, agua nos olhos.
 Quem te faz junctamente leda e triste ?

CASTRO.

Triste não póde star quem ves alegre.

AMA.

Mistura ás vezes a fortuna tudo.

CASTRO.

Riso, prazer, brandura n'alma tenho.

AMA.

Lagrymas signaes são de má fortuna.

CASTRO.

Tambem da boa fortuna companheiras.

AMA.

Á dor são naturaes.

CASTRO.

E ao prazer doces.

AMA.

Que fôrça de prazer t'as traz* aos olhos ?

* Muitas das durezas que se notam n'esta *tragedia* não eram n'aquelle tempo, em que a pronunciação era em parte differente da do nosso, e por consequencia não serão durezas, senão relativas ao modo de pronunciar de agora : e se assim não fôsse, não deixaria Camões, que é o mais harmonico de todos os poetas modernos na Europa, este verso quasi no principio dos *Lusiada* :

Da gente tam amada *sa romana*.

CASTRO.

Vejo meu bem seguro, que receiava.

AMA.

Que novo caso foi? que bem te veio?

Porque me tens suspensa?

Abre-me já, senhora, essa alma tua.

O mal se abranda, o bem, contando-o, cresce.

CASTRO.

Ó ama, amanheceu-me um alvo dia,
 Dia de meu descanso. Soffre um pouco
 Repetir de mais alto a minha história,
 Em quanto o sprito ledo co'a lembrança
 De seu temor, de que já stá seguro,
 Ajuncta ó mal passado o bem presente.
 D'aquelle grande Afonso forte e saucto
 Per poderosa mão de Dens alçado
 Entre armas, ante imigos e real sceptro
 Do grande Portugal, que inda stá tincto

Além de que, éstas durezas não são tantas em numero, que possam escurecer o merecimento de todo o poema; pois constando de 1683 versos, entre elles so se encontram 100, que mereçam verdadeiramente o nome de duros; o que justamente vem a 6 por 100: cálculo bem diminuto em comparação das infinitas bellezas, em que abunda este excellente poema: além do relevante merecimento de ser o seu auctor um dos mais assinalados aperfeiçoadores de nossa lingua, tanto no verso, como na prosa.

F. D. GOMES.

Do sangue de infieis per seu bom braço ,
Por legitima herança rege e manda
O bom velho glorioso da victória
E nome do Salado , Afonso quarto ,
Dos réis de Portugal septimo em ordem .
Filho do gran'Diniz , de Isabel sancta ,
Ambos ja no alto ceo claras estrelas ;
Cuja alta casa e accrescentado imperio ,
Pelos grandes avós , espera alegre
Seu desejado herdeiro o ifante Pedro ,
Meu doce amor , minha esperança e honra .
Sabes como , em saíndo dos teus braços ,
Ama , na viva flor da minha idade ,
(Oa fosse fado seu , ou strella minha)
C'os olhos lhe accendi no peito fogo ;
Fogo , que sempre ardeu , e inda arde agora
Na primeira viveza inteiro e puro .
Por mi lhe abotreciam altos stados ;
Por mi os nomes de princezas grandes :
Per tam grande me havia nos seus olhos .
Um tempo duro , mas emfim forçado ,
Deu a Constença a mão ; Constança aquella
Per tantas armas e furor trazida ,
Ja quasi de seu fado triste agouro :
Deu a Constança a mão ; mas alma livre ,
Amor , desejo e fe me guardou sempre .
Quantas vezes quizera honestamente
Pode-la dar a mi ! quantas mais vezes
Se arrependeu despois de se ver prêso !

Não lhe apagoi o amor a nova spósa,
 Nem o tam festejado nascimento
 Do desejado parto; antes mais vivo
 C' o tempo, e c' o desejo ardia o fogo.
 Que fará? se o encobre, então mais queima:
 Descubri-lo não quer, nem lhe é honesto.
 Mas quem o fogo guardará ne seio?
 Quem esconderá a amor, que em seus signaes
 Apezar da vontade se descobre?
 Nos olhos, e no rosto chammejava:
 Nos meus olhos os seus o descobriam.
 Suspira e geme e chora alma captiva*
 Forçada da brandura e doce sôrça,
 Sujeita ó cruel jugo, que pesado
 A seu desejo sacudir anela.
 Não póde, não convem: a furia cresce:
 Lavra a doce peçonba nas entranhas:
 Os homens foge, foge a luz, e o dia:
 So passeia, so falla, triste cuida.
 Castro na boca, Castro n' alma, Castro
 Ante si tem presente em toda parte.
 Elle á mulher cuidado, eu ódio e ira.
 Arde o peito a Constança em furor novo:
 Nem me ousam deschnbrir, nem vedar nada.

* É digna de notar-se a ternissima saudade amorosa que infunde a' alma do leitor sensível esta passagem.

D'antiga casa Castro em toda Hespanha,
 Ja antes do real sceptro d'este reino
 Por grande conhecida, inda meu sangue
 Do real sangue seu tiuha gran'parte.
 Mas inda á natureza dobram fôrça,
 Arte ajunctando e manha: el-rei ao neto
 Por madrinha me dá, comadre ao filho.

AMA.

Cegos, que quanto mais vedam, mais chamam.
 Cresce co'a fôrça amor e o que á vontade
 Se faz mais impossibil, mais deseja.

CASTRO.

Emfim, fortuna, que me ja chamava
 Ésta glória tam grande, quebra o nó
 D'aquelle jugo a meu amor contrário:
 Leva ante tempo a morte a ifante triste:
 Herdo eu mais livremente o amor constante,
 Que a mi se entregou todo, e todo vive
 Na minh'alma, onde stá segoro e firme,
 Ja com doces penhóres confirmado.
 Mas ó sprito inquieto c'os clamores
 Do povo e rogos graves, que trabalham
 Apartar este amor, quebrar-lhe a fôrça,
 Me traziam medrosa, receiando
 A volta da fortuna, que ora amiga,
 Ora inimiga cruel alça e derriba;
 Que sempre do mor bem, mor mal promette
 Falsa, inconstante, cega, vária e forte.
 Lograva, como a medo, os meus amores.

Criava o grande amor desconfiança;
E a consciencia errada sempre teme.

AMA.

Quem te seguiu ja? quem novo sprito
Te deu aos temores?

CASTRO.

O meu medo.

AMA.

Contrárias cousas falias.

CASTRO.

O medo ousa

Às vezes mais que o esforço: tomo os filhos
Co'as lagrymas nos olhos, rosto branco,
A lingua quasi muda, em choro solta
Ant'elle assi começo: — « Meu senhor,
Soam-me as crueis vozes d'este povo,
Vejo d'el-rei a fôrça o imperio grave
Armado contra mi, contra a constancia,
Que em meu amor té-gora tens mostrado.
Não receio, senhor, que a fe tam firme
Queiras quebrar a quem tua alma déste;
Mas receio a fortuna que mais póssa
Com seu faror, que tu c'o amor teu brande.
Por éstas minbas lagrymas, por ésta
Mão tua, que em signal de fe me déste,
Porq's doces amores, doce fruito,
Que d'elles tens diante, se me deves
Amor igual ó meu, ou se algu'hora

Fui a teus olhos vista alegre e doce,
 Me segures, me guardes, me conserves
 Contra os duros mandados de teu pae,
 Contra impórtunas vozes dos que podem
 Mudar acaso teu constante peito.
 Ou quando minba estrella e cruel genio
 Te poder arrancar d'est'alma minba,
 Com teu armado braço involta em sangue
 Me arranques d'este corpo, que não veja
 Tam triste dia, tam cruel mudança;
 Eu tomarei por doce a minha morte:
 Por piedoso amor, tal crueldade.»

AMA.

Movesta-me a alma, e os olhos.

CASTAO.

Assi disse. Elle então lançando os braços
 Estreitamente em mi, mudado todo
 Em vão trabalha de encubrir a mágoa
 De meu temor e lagrymas. — « E póde
 Ó dona Ignez (me diz) póde teu peito
 Conceber tal receio? aquelle dia
 Primeiro, que te vi, não mostrou logo
 Que ésta minh'alma á tua so se deve?
 Por ti me é doce a vida, e por ti spero
 Accrescentar imperios: sem ti o mundo
 Duro deserto me pareceria.
 Não poderá fortua, não os homens,
 Não estrellas, não fados, não planetas
 Apartar-me de ti per arte ou fórça.

N'essa tua mão ponho firme e fixa
 Minh'alma; por ifante te nomeio,
 Do meu amor senhora, e do alto estado,
 Que me spera, e ten nome me faz doce.
 O grande movedor dos ceos e terras
 Invoco e chamo aqui: o ceo, me escute,
 E mea intento sancto approve e cumpra.»

AMA.

Intendo o teu prazer, as tuas lagrymas.
 Tambem de prazer choro: tam contrária
 Nos é sempre a alegria, que inda toma
 Lagrymas emprestadas á tristeza.

CASTRO.

Ja não temo fortuna, ja segura
 E leda vivirei.

AMA.

No real sprito
 Não se deve sperar leve mudança:
 Adjuda tua stella c'o bom siso.
 Muitas vezes a culpa empece ao fado,
 Prudencia e bom conselho o bem conserva:
 A suberba o destrue, e em gran'mal muda.

CASTRO.

Rege tu, ama minha, este mea peito,
 O subito prazer engana e erra.

AMA.

Encobre teu segredo.

CASTRO.

N'alma o tenho.

AMA.

Deus t'o conserve.

CASTRO.

Humilde aos ceos o peço.

CÓRO I. *

Quando Amor nasceu,
 Nasceu ó mundo vida,
 Claros raios ó sol, luz ás estrellas ;
 O ceo resplendeceu,
 E de sua luz vencida
 A escuridão mostrou as cousas bellas.
 Aquella que subida.
 Está na tertia sphaera,
 Do bravo mar nascida

* A observancia das unidades : o nexo natural e subtil, que deve unir entre si as partes proporcionalmente correspondentes, e que formam um todo extenso : o interesse, que reina em toda a composição ; e a moral pura e solida, que constitue a utilidade da obra : o admiravel modo de tractar os affectos, que desde o prmeiro acto se vão accendendo e elevando ao maior auge de commoção : a pintura dos costumes : e emfim as virtudes do estylo puro e correcto, imitado dos melhores tragicos gregos : os bellissimos, os bem cantados *coros*, tudo concorre para o relevantissimo merecimento d'esta *tragedia*, a qual, per si so deu ao idioma portuguez mais elegancias e phrases concisas e nobres, do que algumas obras de *dés vezes mais avultado volume*.

F. D. GOMES.

Amor ó mundo dá, doce amor gera.

Por amor s'orua a terra

D'aguas, e de verdura,

As árvores dá folhas, còr ás flores;

Em doce paz a guerra,

A dureza em brandura,

E mil odios converte em mil amores.

Quantas vidas a dura

Morte desfaz, renova:

A fermosa pintura

Do Mundo, Amor a teu iuteira e nova.

Ninguem tema seus fogos,

E chammas furiosas.

Amor é tudo, amor suave e brando,

Sujeito a braudos rogos,

As aguas amorosas

Dos olhos com brandura stá limpando.

Douradas e fermosas

Settas n'aljava soam

Á vista perigosas;

Mas amor levam, dos amores voam.

Amor em doces cantos,

Em doces lyras soe,

Torne seu brando nome, este ar sereno;

Fujam mágoas e prantos;

O ledo prazer voe,

E claro o rio faça, o valle ameno;

No terceiro ceo toe

D'Amor a doce lyra,

E de la te coroe

Castro, d'ouro o gran'deus, que amor inspira.

CÓDO II.

Antes cego tyranno

Dos poetas fingido,

Cruel desejo e engano,

Deus de van gente, de ócio so nascido;

Geral estrago e dano

Da gloriosa fama,

Com sua setta e chamma

Tirando a toda parte,

Ardendo fica Apolló, ardendo Marte.

Vai pelos ares voando;

Arde ca toda a terra,

E d'aljava soando

O tiro empece mais, quanto o mais erra.

Tem por glória ir junctando

Estados differentes:

Os mais convenientes

A Amor, e iguaes aparta;

Nunca de sangue e lagrymas se farta.

No tenro e casto peito

Da môça vergonhosa,

Tempo sperando e geito,

Entra com força branda ou furiosa.

O fogo ja desfeito

Da cinza outra vez cria,

* Hoje screveriam — quanto mais o erra.

No frio sangue e fria
 Neve outra vez se accende.
 Dos olhos no meio d'alma o raio prende.
 D'alli sua peçonha
 Vai per todas as veias;
 A alma dormente sonha
 Em sea engano, e tece doces teias.
 Foge a casta vergonha,
 Foge a constancia forte,
 Entra tristeza e morte
 Debaixo da brandura,
 Que a razão mata, o coração endura.
 Quem a ferrada maça
 Ao grande Alcides toma?
 E quer que assi os pés jaca
 Da môça, feito môça, quem leões doma?
 Quem da spantosa caça
 Os despojos famosos
 Lhe converte em mimosos
 Trajos de dama, e o uso
 Das duras mãos lhe põe no brando fuso?
 Jupiter transformado
 Em tam várias figuras,
 Deixando desprezado
 O coo, quam baixo o mostrâm mil pinturas!

* Omphale rainha de Lydia. Hercules teve-lhe tal amor, que, por seu respeito, tomava a roca, e se entretinha a fiar com ella.

Poderosas branduras ,
 Que assi almas convertem
 No que amam! assi sovertem
 Per manha a grande alteza
 Do sprito, que s'enterra em vil fraqueza!
 De que outro fogo ardia
 Dos Teueros a alta glória?
 De que deixou historia
 Tam triste ó mundo Hespanha a forte e pia?
 Amor cego veucia :
 Amor cruel matava :
 Um môço triumphava
 De tanto sangue e vidás

N'êsta tragedia é que Antonio Ferreira se constituiu unico, não tendo dos seus quem seguisse, nem talvez quem até-gora o igualasse. Muitas são as singularidades, que conciliam á sua *Castro* os mais subidos louvores, e a fazem credora de particulares observações, quaes são a sua antiguidade, a vantagem que leva ás mais célebres das outras nações n'aquelle tempo, quando com ellas se confere, o profundo conhecimento das regras da arte, a imitação dos Gregos, e mais que tudo a feliz escolha do argumento, per si mesmo tragico, interessante á nação, para que screvia, e nunca antecedentemente tractado.

Vestigia græca

Ausus deserere, et celebrare domestica facta.

HORATIO.

P. J. DA FONSECA.

Por um vão appetite mal vendidas.

Ditoso, ó quam ditoso!

Quem o seu peito armou

Contra o raio furioso:

Ou, em alçando as chaimmas, o apagou!

Poucos, que Deus amou

Dos ceos tanto alcançaram.

E mil e mil choraram

Do vão contentamento

Ao cego ifante seu rependimento.

ACTO. II.

SCENA I.

EL-REI D. AFONSO *incerto entre o rigor, e a piedade.*

REF.

Oh sceptro rico, a quem te não conhece,*
 Como es fermoso e bello! e quem soubesse,
 Bem quam differente es do que promettes
 N'este chão que te achasse, quereria

* Que sublime philosophia não encerra toda esta falla d'el-rei D. Afonso! e quam felices seriam os povos se fossem regidos per um rei que assim pensasse!

Pizar-te antes c'os pés, que levantar-te.
 Não louva, os que se louvam, por imperios
 A ferro, sangue e fogo destruírem,
 O seu proprio estendendo : mas aquelles
 (Ó grandeza espantosa e ânimo livre!)
 Que tendo-os muito grandes, os deixaram.
 Mor alteza, e mor ânimo é as grandezas
 Desprezar, que aceitar: e mais segno
 A si cada um reger, que o mundo todo.
 O resplendor d'este ouro nos engana :
 É terra enfim, e terra a mais pesada.
 De uma alta fortaleza stamos sempre
 Postos per atalaias á fortuna :
 Per escudos do povo, offerecidos
 A receber seus golpes; não faze-lo
 É usar mal do sceptro; e bem faze-lo
 É não ter vida mais segura e certa,
 Que quanto estês perigos nos promettem.

CONSELHEIRO.

Gloriosos perigos e trabalhos !
 Oh bemaventurados ! pois te sobem
 Da coroa da terra á que nos ceos
 Mais rica, mais gloriosa te darão.

FACHECO.

Trabalho, mais que stado, teem o réis,
 Os bons réis, que não amã assi seus vicios
 Como as obrigações de se mostrarem
 Contra si mais isentos, e mais fortes
 Que o baixo povo, que anda após so elles.

E tal rei como tu, senhor, é rei.
 Não te peze de o ser, que virá tempo,
 Que te hajam mais inveja a esses trabalhos
 Soffridos com paciência, e bem regidos,
 Que a victorias famosas com gran' perda
 De homens, e de riquezas mal ganhadas.
 Isto faz os réis grandes, dignos sempre
 De memoria immortal; soffrer trabalhos
 Polo público bem, quebrar a fôrça
 Do sangue e proprio amor; fazer-se exemplo
 De todo bem ao povo; atalhar prestes
 O mal em seu comêço, antes que empeça;
 Depois nem fôrças bastam, nem conselho.
 Atalhando este mal, que te assi agora
 Tam trabalhado ** traz, ficarás livre,
 Rindo-te da fortuna, e de seus médos.

REI.

Vence o mal ao remedio. Vejo o ifante
 De todo contra mi determinado,

* *Faça damno.*

** *Lasso, cançado.* — Aristoteles no livro III da rethorica adverte «haver sido a locução da *tragedia* em sua origem fraca e baixa» e o mesmo que elle diz dos Gregos, se observa nas primeiras de quasi todas as nações; porém o nosso poeta a contrario usou logo da mais sublime e magnifica, qual unicamente convem a este poema. Os que entenderem outra cousa, quando talvez topando uma, ou outra expressão, que por muito vulgarisa da haja com o

Duro aos rogos meus, duro aos mandados.
 Que estrella foi aquella tam escura?
 Que mau signo, ou que fado, ou que planeta?

FACHECO.

Em quanto ha occasião, dura o peccado :
 Tirando-lha, ei-lo livre.

REI.

Forte cousa
 Endurecer-se assi sua vontade!

FACHECO.

Endureça-se a tua com justiça.

REI.

Duro remedio! quanto melhor fôra
 Amor e obediencia! meus peccados
 Quam gravemente sobre mi caíram!

CONSELHEIRO.

Senhor pera que é mais? morra esta dama.

REI.

Que morra todavia?

tempo contrahido aquella baixeza, que um simi-
 lhante contacto costuma communicar, devem n'este
 caso reflectir ser este o destino ordinario de muitas
 palavras em todas linguas. Nenhum scriptor, por
 mais elegante que seja, se poz ja mais a salvo d'este
 inevitavel risco: e quando estes termos, que os
 nossos ouvidos presentemente estranham, foram pe-
 los melhores auctores contemporaneos empregados
 em assumptos igualmente sublimes, como eram ao
 certo todos os do nosso poeta, qualquer censura fi-
 cará sendo indiscreta e injusta. P. J. DA FONSECA.

FACHECO.

Senhor, morra,
Por salvação do povo.

REI.

Não é crueza
Matar quem não tem culpa?

CONSELHEIRO.

Muitos podes
Mandar matar sem culpa, mas com causa.

REI.

Com que côr, com que causa ésta matámos?

FACHECO.

Não basta que em sua morte so se atalhem
Os males que sua vida nos promette?

REI.

Ella que culpa tem?

FACHECO.

Dá occasião.

REI.

Oh que ella não a dá, o ifante a toma.
Que lei ba, que a condemne, ou que justiça?

CONSELHEIRO.

O bem commum, senhor, tem taes larguezas
Com que obras justifica duvidosas.

REI.

Assi que assentaes n'isto?

CONSELHEIRO.

N'isto : morra.

Morra.

FACHECO.

REI.

Uma innocente ?

CONSELHEIRO.

Que nos mata !

REI.

Não haverá outro meio ?

FACHECO.

Não o temos.

REI.

Mette-la-hei n'um mosteiro.

CONSELHEIRO.

Ei-lo queimado.

REI.

Manda-la-hei d'este reino.

CONSELHEIRO.

O amor vos.

Este fogo, senhor, não morre logo.

Quanto lhe mais resistes, mais se accende.

Contra amor que logar darás seguro ?

REI.

Mata-la é cruel meio e rigoroso.

FACHECO.

Não ves, não ouves quantas vezes morrem

Muitos, que o não merecem ? Deus o quer

Polo bem, que se segue.

REI.

Deus o faça,

304 PARNASO LUSITANO.
Cuja vontade é lei , e a minha não.

PACHECO.

Essa licença teem tambem os reis
Que em seu logar estão.

REI.

Antes não teem
Licença pera mais , que quanto pede
A razão e justiça : a mais licença
É barbara crueza de infieis.

PACHECO.

Pois que dirás d'aquelles que a seus proprios
Filhos , e a seu amor não perdoaram
Polo exemplo commum e bem do povo ?

REI.

Aos que o bem fizeram , hei inveja ;
Os outros , nem os louvo , nem os sigo.

CONSELHEIRO.

Indaque houvesse excessos , todavia
Mais males atalharam , do que deram.

REI.

Não se ha de fazer mal por quantos bens
Se possam d'hi seguir.

CONSELHEIRO.

Nem bem nenhum
De que se sigam males.

REI.

Mal parece
Matar uma innocente.

FACHECO.

Não é mal ;

Que a causa o justifica.

REI.

Antes Deus quer

Que se perdoe um mau , que um bom padeça .

CONSELHEIRO.

O bem geral quer Deus que mais s'estime ,
Que o bem particular. Nas circumstancias
Se salvam, ou se perdem as obras todas.

REI.

E enganam-se os juizos muitas vezes.

CONSELHEIRO.

Os dos reis bem fundados Deus inspira.

REI.

Terei medo de deixar nome de injusto.

CONSELHEIRO.

De justo o deixarás, pois te conselhas
C'os juizos dos teus leaes prudentes.

FACHECO.

Ves , poderoso rei , ves c'os teus olhos
A peçonha cruel, que vai lavrando
Gerada d'este amor cego : ves quanto
A soberba e desprêzo d'estes homens
Contra ti , e contra todos vai crescendo.
Se em tua vida nos tememos tanto ,
Que faremos depois de tua morte ?
Por dar saúde ao corpo , qualquer membro
Que a podrece , se corta , e pelo são ,

Porque o são não corrompa. Este tem corpo
 De que tu es cabeça, stá em p'riço
 Por ésta mulher so : corta-lhe a vida,
 Atalha ésta peçonha, te-lo-has salvô :
 Medico, senhor es d' ésta republica.
 O podér que tem o medico n'um corpo,
 Tens tu sôbre nós todos : usa d'elle.
 Se te parece em parte isto crueza,
 Não é crueza aquella, mas jnstiça,
 Quando de cruel ânimo não nasce.
 Tua tenção não pécca, em si se salva.
 A aspereza d'est' obra é medicina,
 Com que s'atalham as mortes, que adiante
 Muitos é que per fôrça te mereçam.
 A clemencia por certo é gran'virtude,
 E digna mais dos réis, que outras virtudes,
 Polo perigo grande, que ha na ira,
 Em que tam livremente assi a exerce :
 Mas com ésta o rigor é necessario,
 Por não vir em desprezo tal virtude.
 Este é o que se chamou severidade,
 De que tantos exemplos nos deixaram
 Os famosos Romãos * em paz e guerra.

* *Romanos*. — Assi screviam os antigos ésta palavra. Exemplo :

• Ves tu aquella cidade que constrangida foi per mi, que obedecesse ao povo *Romão*, e agora renova a primeira guerra e não póde assocegar ? •

DUARTE DE RESENDE, *Sonho de Scipião*, p. 85.

Éstas columnas ambas são tam fortes,
 Que bemaventurado este teu reino,
 Que n'ellas per ti so stá tam fundado.
 De tal modo, senhor, has de usar d'ellas,
 Que uma va sempre d'outra acompanhada.
 Exemplos tens mostrado de clemencia,
 Mostra agora, que é bem severidade.

REI.

A parte, que me cabe d'este feito,
 Eu a ponho em vós toda, como aquelles
 Que sem ódio e temor sois obrigados
 Aquillo conselhar-me, que é so justo,
 Mais serviço de Deus e bem do povo.
 Vós-outros sois meus olhos, que eu não vejo:
 Vós sois minhas orelhas, que eu não ouço:
 Minha tenção me leve, ella me salve:
 O engano, se é vosso, em vós so caia.

PACHECO.

Sobre nós descarrega esse teu péso.

CONSELHEIRO.

Eu tómo minha parte, ou tómo-o todo.
 Almas e honras temos: éstas ambas
 A ti, senhor, se devem, a ti as damos.
 Éstas sos te conselham, que bem ves
 Quam grande mal é nosso, o que fázemos:
 Aventurámos vidas e fazendas,
 Que em ódio de teu filho ficam sempre;
 Sob cujos pés ficámos, e em cuja ira:
 Mas percamo-nos nós, percamos vidas;

Sofframos crueis mortes ; nossos filhos
 Fiquem orphãos de nós , e desherdados ;
 A furia de teu filho nos persiga ,
 Antes que esse tal médo em nós mais pòssa ,
 Que o que a virtude manda , e te devemos.

REI.

Ivos * apparelhar, que em vós me salvo.
 Senhor, que stás nos cecs , e ves as almas
 Que cuidam, que propoem , que determinam;
 Alumia minh'alma , não se cegue
 No perigo , em que stá : não sei que siga.
 Entre médo e conselho fico agora :
 Matar injustamente é gran' crueza ;
 Socorrer o mal público é piedade.
 D'uma parte receio , mas d'outra ouso.
 Oh filho meu , que queres destruir-me !
 Ha dó d'éssta velhice tam cançada :
 Muda essa pertinacia em bom conselho :
 Não dês occasião para que fique
 Julgado mal na terra , e condemnado
 Ant'aquelle gran'juiz , que stá nos ceos.
 Ó vida felicissima , a que vive **

* *Ide-vos.*

** Note-se a facilidade com que o nosso tragico
 exprime esta sentença na boca de um rei !

Se a nação portugueza fosse mais amiga de lou-
 var suas cousas , não se esquecerá de engrande-
 cer a mesma passagem , assim como tem feito os
 Francezes a outra semelhante do seu tragico Racine ;
 à qual em nada é superior a do nosso. A dicta pas.

O pobre lavrador so no seu campo;
 Seguro da fortuna, e descansado,
 Livre d'estes desastres, que ca reinam!
 Ninguem menos é rei, que quem tem reiuo.
 Ah que não é isto stado, é captiveiro
 De muitos desejado, mas mal crido!
 Uma servidão pomposa, um gran'trabalho
 Escondido sob nome de descanso.
 Aquelle é rei somente, que assi vive;
 (Inda que ca seu nome nunca se ouça)
 Que de médo e desejo, e d'esperança
 Livre passa seus dias. Ó bons dias!
 Com que eu todos meus annos tam cançados

sagem é na *Iphigenia*, e tambem proferida per um rei :

*Heureux qui satisfait de son humble fortune,
 Libre du joug superbe où il est attaché,
 V'it dans l'état obscur où les dieux l'ont caché!*

Aqui se póde fazer uma pequena reflexão da abundancia, graça e simplicidade de nossa lingua; pois nos quatro versos portuguezes se não ve repetição de palavra; porque os dous *que*, *qué* relativos, que se acham no primeiro e quarto verso, além de starem muí distantes, nunca se devem julgar repetições e defeitos de variedade; porque os relativos e as conjunções são os laços, que atam e unem os incisos aos membros, de maneira, que uns e outros, per meio da junctura artificial venham a formar o corpo do periodo, ficando d'este

Trocara alegremente. Temo os homens ;
 Com outros dissimulo : outros não posso
 Castigar ou não ousa. Um rei não ousa.
 Também teme seu povo : também soffre :
 Também suspira e geme e dissimula.
 Não sou rei, sou captivo : e tam captivo
 Como quem nunca tem vontade livre.
 Salvo-me no conselho dos que creio
 Que me serão leaes : isto me salve,
 Senhor, contigo, ou tu me mostra cedo
 Remedio mais seguro, com que viva
 Conforme a este alto stado, que me dêste :

modo a oração de textura natural. Ao contrario tendo a passagem francezá o mesmo pensamento, se bem uenos circunstanciado ; e sendo além d'isso manejado pelo mais feliz Ingenho, que couheceu a França no seculo de Louis XIV, não pôde ser expri-
 mido sem repetição do adverbio *ou* repetido nos dous ultimos versos, e na mesma collocação syllabica, formando n'um, e n'outro verso a mesma cadencia metrica, e tam próxima, que augmenta a monotonia, que nunca deixa de causar tedio. D'aqui se colhe pois, que a lingua portugueza não so abunda de vocabulos e phrases de expressão de extrema vivacidade em todo genero, mas também em tons e clausulas de diversa structura, que muito concorrem para a variedade do estylo, sem a qual não pôde haver oração, que não fique pesada e fastiosa.

F. D. GOMES.

E me livra algum tempo , antes que morra ,
De tanta obrigação , pera que pôssa
Conhecer-me melhor, e a ti voar
Com mais ligeiras azas do que pôde
Uma aluna carregada de tal péso.

côro.

Quanto mais livre , quanto mais seguro
É aquelle stado , que de si contente
Não se levanta mais que quanto pôde

Fugir miserias.

Tristes pöbrezas ninguem as deseje ;
Cegas riquezas ninguem as procure ;
N'um meio honesto stá a flicidade

Dos ceos e terra.

Réis poderosos , principes , monarchas
Sôbre nós ponde vossos pés ; pizae-nos ;
Mas sôbre vós está sempre a fortuna ;

Nós livres d'ella.

Nos altos muros soam mais os ventos,
As mais crescidas árvores derribam ;
As mais inchadas vélas no mar rompem ;

Caiem mores tórres.

Pompas e ventos , titulos inchados
Não dão descanso , nem mais doce somno ;
Antes mais cançam , antes em mais mêdo

Poem e p'ri go.

Como se volvem no gran'mar as ondas ,
Assi se volvem estes peitos cheios
E nunca fartos , nunca satisfeitos ,

Nunca seguros.

S'eu me pudesse, á minlia vontade,
Formar meus fados, mais não quereria
Que incianmente, segurar a vida

C'o necessario.

Quem mais deseja, muitas vezes se acha
Triste, enganado: poucas vezes dorme
Temendo o fogo, ventos, ares, sombras,
Temendo os homens.

Rei poderoso, tu porque desejas
Nunca ter reino? porque essa coroa
Chamas pesada? pelo pêso d'alma
Que te carrega.

Quam poucas vezes vimos
Tardar a gran'justiça,
Que não decesse sôbre
Aquelles livres filhos,
Que contra a natural
Obrigaçã e lei
Negaram obediencia
Àquelles que os geraram!

Peccado torpe e feio
Ante Deus, ant'os homens,
Mais pera hyrcanos tigres,
Mais pera leões bravos,
Que razão não conhecem,
Que pera quem so d'ella,
E per ella é formado.

Aquelle amor tam grande

Dos paes , com que te criam
C'o sangue do seu peito ,
Que fereza ha tannabha
Que tal brutalidade ,
Que contr'elle te mova ?

Rei dom Afonso , rei ,
Lembra-te de ti mesmo :
Aquelles erros feios
Com que tu perseguiste
Teu pae tam cruamente,
Lhe dão de ti vingança
Por outro tu teu filho ,
Que te desobedece.

Viram-se as reaes Quinas
Pejo mesmo Deus dadas
Áquelle rei primeiro
De que herdaste esse nome
Com esse sceptro rico ,
Levantadas per ti
Não contra cinco rês
Com cujo sangue as houve ,
Mas contra el-rei teu pae ,
Mas contra tens vassallos.

Viram-se as reaes Quinas
Cruéis contra si mesmas
Em bravo fogo accesas
Contr'uma parte e outra ,
De que tam cruelmente
Corria um mesmo sangue!

Quantas vezes a saucta
 Rainha tua mae
 Se metten n'esse fogo
 Por te salvar a vida?
 Per ella era apagado,
 Por ti tornava arder:
 Agora ardes n'est'outro:
 Justiça de Deus grande!

ACTO III.

SCENA II.

O côro annuncia a Iguéz a sentença de sua morte.

CÔRO.

Tristes novas crueis
 Novas mortaes te trago, dona Iguéz.
 Ah coitada de ti! ah triste! triste!
 Que não mereces tu a cruel morte
 Que assi te vem buscar.

AMA.

Que dizes? falla.

CÔRO.

Não pôsso: chôro!

CASTRO.

De que choras?

CÓRO.

Vejo

Esse rosto, esses olhos, essa....

CASTRO.

Triste

De mi, triste! que mal? que mal tammanho

É esse que me trazes?

CÓRO.

É tua morte.

CASTRO.

É morto o meu senhor? o meu ifante?....*

CÓRO.

Ambos morrereis cedo.

CASTRO.

Ó novas tristes!

Matam-me o meu amor? porque m'o matam?...

CÓRO.

Porque te matarão: por ti so vive,
Por ti morrera logo.

AMA.

Deus não queira

* Este rasgo sublime (que ja se acha apontado na pagina xxvij d'esta obra) occorre-me á lembranca outro de Vieira, referido per Francisco Manuel. Ouçamos este grande homem:

• Vieira, no sermão dos pretendentes, prégado diante de el-rei, na capella-real, aconselha ao soldado, que bem serviu a patria, que não lhe mostre mais as honradas cicatrizes, de que ella desvia in-

Tal mal, tal desventura.

CÓRO.

Vem mui perto.

Nem te tardará muito, põe-te em salvo:
Foge coitada, fuge, que já soam
As duras ferraduras, que te trazem,
Correndo, a morte triste. Gente armada
Correndo vem, senhora, em busca tua.
El-rei te vem buscar determinado
D'em ti vingar sua furia. Ve se podes
Salvar tambem teus filhos, não lh'empes
Parte de teus maus fados.

CASTRO.

Ó coitada!

So, triste, perseguida! ai meu senhor!
Onde stás que não vens? el-rei me busca!

CÓRO.

El-rei.

CASTRO.

Porque me mata?

gratamente o rosto, por lhe não accodir com o premio: — *Morra... e vingue-se...* — que mais perle a patria, que elle. Este — *Morra e vingue-se* — m'pareceu sublime, sempre que o li. E muitos rasgos tam sublimes como este encontraríamos nos nossos classicos portuguezes, se os indagassemos, como nas nações estranhas fazem os doctos, nos seusuctores, e com elles os assoalhassemos. -

CÓRO.

Rei cruel!

Cruéis os que o moveram a tal crueza!
 Por ti vêem perguntando. Esses teus peitos.
 Vêem so basear, pera com duro ferro
 Serem furiosamente traspassados.

AMA.

Cumpriram-se teus sonhos

CASTRO.

Sonhos tristes!

Sonhos cruéis! porque tam verdadeiros
 Me quizeste sair? ó sprito meu!
 Como não crêste mais o mal tammanho
 Que crias e sabías? Ama fuge,
 Fuge d'êsta ira grandé, que nos busca:
 Eu fico, fico so, mas innocente.
 Não quero mais adjuda, venha a morte:
 Morra eu, mas innocente. Vós meus filhos
 Vivireis ca por mi: meus tam pequenos,
 Que cruelmente vêem tirar de mi.
 Soccorra-me so Deus, e soccorrei-me
 Vós môças de Coimbra. Homens que vêdes
 Êsta iuocencia minha, soccorrei-me.
 Meu filhos não choreis; eu por vós choro:
 Lograe-vos d'êsta mãe, d'êsta mãe triste,
 Eu quanto a tendes viva. E vós amigas
 Cercae-me emroda todas, e, podendo,
 Defendei-me da morte, que me busca.

CÓRO.

Teme teus erros, mocidade cega;
 Foge a ti mesma, logra-te do tempo,
 Que assi te deixa correndo e voando
 Com suas azas.

Ó quanto um' hora, quanto um somom'nto
 Breve, algum' hora, quererás debalde!
 Poupa o presente, guarda-o, enthesoura-o.
 Tê-lo-has seguro.

Todo ouro e prata, pedras preciosas,
 (A que correndo vão todos perdidos,
 Per agua e fogo, não temendo a morte,
 Cavar nas veias.)

Nunca poderão, nunca poderão
 Comprar um ponto d' este tempo livre.
 Que assi deixa atrás principes, senhores,
 Como os mais baixos.

Igual a todos, igualmente foge;
 Não valem fôrças, não val gentileza;
 Per tudo passa, tudo calca e piza;
 Ninguem o fôrça.

Com sua souce, cruel vai cortando
 Vidas a moços, trabalhos a velhos:
 So boa fama, so virtude casta
 Póde mais que elle.

Ésta se salva somente em si mesma;
 Ésta o spirito segue, sempre vive;
 Ésta, seguindo, vencerás o tempo;
 Rir-te-has da morte.

Vive pois, vive, mocidade cega,
Vive c'o tempo; d'elle te enriquece;
D'elle so t'arma contr'aquelle dia

Do grande apêrto.

Após amor vem morte,
Ou da vida, ou da honra,
E d'alma junctamente,
Que em noite escura poem,
Sem ver, o elaro dia
Da razão, que lhe diz
Os males e perigos
Em que este amor acaba.
Ó principe tam cego!

O principe tam duro!
Que cerraste os teus olhos
Áquelles bons conselhos;
Que cerraste as orelhas
Áquelles bons avisos.
Tu dormes, ou passeias
E pelos campos vem
Do Mondego correndo
A cruel morte em busca
Da tua doce vidá,
Do teu amor tam doce.

Cruel morte, que vens
Buscar ésta innocente,
Ha piedade e mágoa
De seus fermosos olhos,
De seu fermoso rosto;

Não desates um nó
Tam firme, com que dous
Corações ajunctou
Amor tam streitamente.

Cruenza farás grande
Partir uns olhos d'outros ;
Uma alma assi d'outr'alma :
E derramar o sangue,
O sangue tam fermoso
De seu fermoso corpo.
Doam-te aquelles peitos
De marfim ou de neve.

Doam-te aquellas faces
De frios, e de rosas,
Que ja perdem a cõr
Pola falta do sangue,
Que nõ coração juncto
Lhes tens frio e coalbado
Com medo do teu nome.

Aquella alva garganta
De crystal ou de prata,
Que sustem a cabcca
Tam alva, e tam dourada,
Porque cortar a queres
Com golpe tam cruel ?
E derramar nos ares
Aquelle sprito digno
Do corpo em que vivia !
Ha piedade e mágoa

De tanta fermosura ,
 D'aquelle triste ifante ,
 E d'estes seus penhóres.
 Detem-te, em quanto chega ,
 Detem-te, em quanto tarda.
 Corre, ó ifante , corre:
 Soccorre a teu amor.
 Ai tardas! saberás
 Como o amor sempre acaba.

ACTO V. *

SCENA UNICA.

*O messageiro participa ao ifante a morte de
 Castro.*

MESSAGEIRO.

Ó triste nova! triste messageiro
 Tens ante ti senhor.

IFANTE.

Que novas trazes?

* No acto V, que commiserção não causa o infeliz principe, quando todo embebido em lisonjeiros discursos, recebe de súbito o penetrante golpe que lhe traspassa a alma! a sua desesperação é exprimida com toda aquella vehemencia, que a natureza dicta em circumstancias taes. Nada é mais

MESSAGIEIRO.

Novas cruéis ; cruel sou contra ti,
 Pois m'atrevi traze-las. Mas primeiro
 Socega teu sprito: e n'elle finge
 A mor desaventura, que té-gora
 Podia acontecer : que gran' remedio
 É ter o sprito armado á ma fortuna.

IFANTE.

Tens-me suspenso ; conta : que accrescentas
 O mal, com a tardança.

MESSAGIEIRO.

É morta dona Ignez , que tanto amavas.

IFANTE.

Ó Deus ! ó ceos ! que contas ? que me dizes ?

MESSAGIEIRO.

De morte tam cruel, que é nova mágoa
 Contar-ta... não me atrevo...

IFANTE.

É morta ?

fel que o retrato de seu atribulado coração. Todas as paixões ganham d'elle posse, umas interruptamente se succedem a outras; todas fallam a sua propria language; todas emfim são vivissimas e subidas ao seu mais elevado ponto, sem nunca enfraquecerem. Esta scena não cede n'este genero a quanto ha de mais, recommendavel entre antigos e modernos. Nem tambem é de pouco merecimento saber reservar affectos tam vigorosos para o fecho da *tragedia*.

P. J. DA FONSECA.

MESSAGEIRO.

Si. *

IFANTE.

Quem a matou ?

MESSAGEIRO **.

Teu pae com gente armada
 Foi hoje salteia-la. A innocente,
 Que tam segura stava, não fugiu :
 Não lhe valeu o amor, com que te amava ;
 Não teus filhos, com quem se defendia ;
 Não aquella innocencia e piedade,
 Com que pediu perdão aos pés lançada
 D'el-rei teu pae, que teve tanta fôrça
 Que lh'o deu ja chorando. Mas aquelles
 Cruéis ministros seus e conselheiros
 Contr'aquelle perdão tam merecido
 Arrancando as espadas se vão a ella
 Traspassando-lh'os peitos cruelmente ;
 Abraçada c'os filhos a mataram,
 Que inda ficaram tiuctos do seu sangue.

IFANTE.

Que direi ? que farei ? que clamarei ?

* No tempo em que Ferreira screvia dizia-se *si*,
 e não *sim* como hoje.

** Esta palavra acha-se assim impressa em todas
 as boas edições classicas :

Despachou um *messageiro*.

FR. LUIS DE SOUZA *Vid. do Arcebispo*.

Ó fortuna ! ó crueza ! ó mal tammanho !
Ó minha dona Ignez ! ó alma minha
Morta m'es tu ? morte ouve tam ousada
Que contra ti podesse ? ouço-o , e vivo ?
Eu vivo , e tu es morta ? ó morte crua !
Morte cega mataste a minha vida ,
E não me vejo morto ? abra-se a terra ,
Sorva-me n'um momento : rompa-s'alma ,
Aparte-se de um corpo tam pesado
Que m'a detem per fôrça.
Ah minha dona Ignez ! ah , ah minh'alma !
Amor meu , meu desejo , meu cuidado ,
Minha speranza so , minha alegria ,
Matarain-te ? mataram-te ? tua alma
Innocente , fermosa , humilde e sancta
Deixou ja seu logar ? ah de teu sangue
S'encheram as espadas ? de teu sangue ?
Que espadas tam crueis , que crueis mãos ?
Ah como se moveram contra ti ?
Como tiveram fôrças , como fios
Aquelles duros ferros contra ti ?
Como tal consentiste rei cruel ?
Imigo meu , não pae , imigo meu !
Porque assi me mataste ? ó leões bravos !
Ó tigres ! ó serpentes ! que tal sêde
Tinheis d'este meu sangue , porque causa
Vós não vinheis em mi fartar vossa ira ?
Matáreis-me e vivera. Homens crueis
Porque não me mataste ? meus imigos

Se mal vos merecia, em mi vingareis
 Esse mal todo. Aquella ovelha mansa
 Innocente, fermosa, simples, casta
 Que mal vos merecia? mas quizestes,
 Como imigos crueis, buscar-me a morte,
 Não da vida, mas d'alma. Ó ceos, que vistes
 Tammanha crueldade, como logo
 Não caistes? Ó montes de Coimbra,
 Como não sovertestes taes ministros?
 Como não treme a terra, e s'abre toda?
 Como sustenta em si tam gran'cruenza?

MESSAGREIRO,

Senhor, para chorar fica assás tempo:
 Mas lagrymas que fazem contra a morte?
 Vai ver aquelle corpo, vai fazer-lhe
 As honras, que lhe deves.

IFANTE.

Tristes honras!

Outras honras, senhora, te guardava:
 Outras se te deviam. Ó triste, triste!
 Enganado, nascido em cruel signo,
 Quem m'enganou? ah cego, que não cria
 Aquellas ameaças! mas quem crera
 Que tal podia ser?
 Como poderei ver aquelles olhos
 Cerrados pera sempre? como aquelles
 Cabellos ja não de ouro, mas de sangue?
 Aquellas mãos tam frias, e tam negras,
 Que antes via tam alvas e fermosas?

326 PARNASO LUSITANO.

Aquelles brancos peitos traspassados
 De golpes tam crueis? aquelle corpo ,
 Que tantas vezes tive nos meus braços
 Vivo e fermoso , como morto, agora ,
 E frio o póssao ver? ai como aquelles
 Penhôres seus tam sos? ó pae cruel!
 Tu não me vias n'elles? meu amor
 Ja me não ouves? ja não te hei de ver?
 Ja te não póssao achar em toda terra?
 Chorem meu mal comigo quantos me ouvem.
 Chorem as pedras duras , pois nos homens.
 Se achou tanta crueza. E tu Coimbra
 Cobre-te de tristeza pera sempre.
 Não se ria em ti nunca , nem se ouça
 Senão prantos e lagrymas : em sangue
 Se converta aquella agua do Mondego.
 As árvores se sequem , e as flôres.
 Adjudem-me * pedir aos ceos justiça
 D'este meu mal tammanho.
 Eu te matei, senhora , eu te matei :
 Com morte te paguei o teu amor.
 Mas eu me matarei mais cruelmente
 Do que te a ti ** mataram, senão vingo
 Com novas crueldades tua morte.

* Os antigos, por euphonia, supp.íam a preposição *a* quando diante do seguinte verbo havia *ao aos* : evitavam assim a hiato *a aos*.

** E não a *tí te* como hoje screvem.

P'ra isto me dá Deus somente vida.
Abra eu com minhas mãos aquelles peitos;
Arranque d'elles uns corações feros,
Que tal crueza ousaram : então acabe.
Eu te perseguirei, rei meu imigo :
Mui cedo lavrará um bravo fogo
Nos teus, na tua terra, destruídos
Verão os teus amigos, outros mortos,
De cujo sangue se encherão os campos,
De cujo sangue correrão os rios,
Em vingança d'aquelle : ou tu me mata,
Ou fuge da minh'ira, que ja-gora
Te não conhecerá por pae. Imigo
Me chamo teu ; imigo teu me chama :
Não me es pae, não sou filho, imigo sou.
Tu senhora stás la nos ceos, eu fico
Em quanto te vingar ; logo la voo.
Tu serás ca rainha, como fôras :
Teus filhos, so por teus, serão ifsntes.
Teu innocente corpo será pôsto
Em estado real : o teu amor
Me acompanhará sempre, té que deixe
O meu corpo c'o teu ; e va ést'alma
Descançar com a tua pera sempre *.

FERRARIA.

* Emfim eu não pretendo fazer um acabado e perfeito exame d'este excellente poema, que isso

pedia mais larga scriptura, do que em si contem; seria trabalho de immensa fadiga, e de agudissima penetração de entendimento, formado pelas melhores regras do gósto, não so na theorica, mas tambem na práctica. Os tragicos gregos foram sempre a todas as nações do mundo os mais perfeitos modelos n'este género; pois certamente se não encontrará nas suas *tragedias* tanta, e tam veemente fôrça de pathetico d'aquella intensissima commoção, que costuma penetrar os corações mais duros, como no quarto acto da nossa *Castro*; tambem se não achará com facilidade tammanha, e tam violenta copia de dizer, como no derradeiro acto, o qual so per si póde fazer honra ao idioma. O papel do secretario é inimitavel; o dialogo em toda a peça é bem sustentado; emfim alguns defectos, que se possam descobrir n'esta *tragedia*, todos se perdem na immensidade de bellezas de que stá cheia: *Ubi plura nitent in carmine, non ego paucis offendar maculis* (diz o bom Horacio.)

F. D. GOMES.

Quereis vós ver da musa o sócco humilde
 Em argivo cothurno tras mudado?
 De rosto grave, mas pesado e triste,
 Nas frias margens do ancião Mondego
 Abre a scena Melpómene severa,
 Nunca vista té então na lusa terra:
 Inda antes que Corneille, que Racine
 Novo theatro sóbre o Sena alçassem;
 As fluctuantes roupas desaperta,
 E arrastra pelo chão o longo manto.
 Véem a par d'ella os horridos cuidados.

Feras suspeitas, tristes ais gementes,
Terror e compaixão do peito humano,
Tingidos todos de pallor funesto.
C'roado d'amaranto eterno o vate
Pela primeira vez desfere em Lysia
Tragicos sons da maviosa frauta;
Eis apparece com magoado aspecto
Donzella divinal, Ignez formosa,
Descendente de rês, de rês so digna,
Nascida para amar, e ser amada.
Ja no centro da dor geme em silencio;
Ja sólta o pranto dos cançados olhos,
Que dão a clara luz ao sol e ao dia;
Onde arde o casto amor em chamma pura:
Mas em vão chora, em vão a ama a consola:
Cresce a fatal tormenta em negras sombras;
O rei vacilla; os conselheiros instam:
O caro espôso ausente, e a espôsa entregue
Aos momentos escuros do seu fado,
Cai abraçada c'os filhinhos tenros,
Ao barbaro punhal aberto o peito:
Sôbre o marmoreo pavimento ondeia
Sangue innocente, que sens filhos tinge;
Estremece a natura, que a formara
Em mostras de immortal belleza: choram
Os lamentosos coros: alçam gritos
Ao surdo ceo as nymphas espantadas
Do gelido Mondego, e ás gruttas correm
Em crua dor, em negro lucto involtas:
Desafiae, senhora, as nações todas,
Argivos vates, laciaes poetas,
Que vos amostrem, onde com mor fôrça,
Com maior energia os sons exprima
A lingua das paixões; onde mais falle

Per si a natureza mais sublime,
Que toda a arte; aonde amor, ternura,
Saúde e desejo e ância e susto,
Tristeza e compaixão, terror e ira,
E todas as paixões, que n'alma reinam,
Com mor viveza as expressões devolvam.

A. R. DOS SANTOS.

CASTRO. *

SCENA VI.

**REI, PACHECO, COELHO, LEONOR,
IGNEZ E SEUS FILHOS.**

IGNEZ.

Rei piedoso,
Ésta infeliz, que cheia de amargura
Ves prostrada a teus pés em pranto sólta,
É a causa dos erros de teu filho.
Estes tenros infantes são teus netos,
Que vêem com mudos innocentes rogos
Aplacar tuas íras. Chegae, filhos,
Beijar de vosso avó a mão augusta;
E ja que a vossa idade inda não póde

* Quita, nas *tragedias* que compoz, bem prova
que sabia com igual harmonia tocar a trombeta he-
roica, como a frauta bucolica.

PEDREGACHE.

332 PARNASO LUSITANO.

Exprimir da alma os ternos sentimentos;
Implorae em favor de um pae afflicto,
E d'êsta mãe cercada de agonias
Com os chorosos olhos a clemencia,
Que seu benigno aspecto vos promette.
Ah, senhor, sôbre mim volta os castigos,
Se inda meu triste pranto desarmado
Não tem as justas íras de teu peito.
Eu so a culpa tenho, eu so padeça;
Porêm o meu senhor, o meu espóso
Das rigorosas penas allivia.
Se desobediente a teus preceitos
Da prínceza Beatriz a mão despreza,
É por não quebrantar as leis divinas,
Pois ja ligado a ésta infeliz vive
Em secreto e legitimo consorcio,

RRT.

Filho imprudente, e deshumano filho,
A que tribulações, a que violencias
Teus loucos desatinos me entregaram!

PACHECO.

Senhor, não necessitas de mais prova.

IGNEZ.

Não opprimas, senhor, perdoa a um filho:
Que é da tua ternura doce objecto :
Perdoa ao caro filho, cuja glória
Em amar-te e servir-te so consiste.
Por ésta mão, que beijo : t'o supplico :
Por estes innocentes, que nas veias

Lhes circula teu sangue esclarecido ,
Em cujo amabil gesto e gentil rosto
Estás vendo teu filho retratado.
E ja que de minha alma atribulada
O doloroso estado te descubro ,
Com o signal mais leve de clemencia
As minhas afflicções mortaes consola :
De teu peito magnanimo a brandura
Nunca negou piedade aos desgraçados :
A perseguida e misera innocencia
Em tí sempre acha defensor seguro.
Mas ai de mim , senhor ! tu emmudeces ?
Não merecem as minhas duras mágoas
A clemencia , que aos miseros não negas ?
Como cheio de horror voltas o rosto
Para não ver o pranto , que derramo ?
Ah não , senhor , não cerres os ouvidos
Aos ternos rogos d'êsta mulher fraca.
Vê que venho chamar-te em meu soccorro
Com ais , e com gemidos ; não afastes
De minhas tristes lagrymas teus olhos..
Ah ! que eu vejo , senhor , que o teu silencio
Minha fatal sentença está dictando !

ARI.

Dura consternação !

IGNEZ.

Amados filhos ,
São verdadeiros meus presentimentos.
Vós perdeis vossa mãe : sim tristes filhos ,

334 PARNASO LUSITANO.

Vosso preclaro avó a gritos surdo,
Insensibil a mágoas, e a lamentos,
A dura e prompta morte me condemna.
Vós perdeis vossa mãe, tenros meninos,
Sem que possa das mãos dos crueis verdagos
Vosso pae valorosó defender-me.

REI.

Afflicta Iguez, não julgues que impiedade
Insensibil me faz a teus clamores:
Mais, que teu coração, atormentado
Geme em silencio o meu dentro no peito.
Mas como póde consolar teus males
Quem do mesmo remedio necessita?

COELHO.

Não vacilles senhor.

PACHECO.

Apressa os passos,
Ao designio recorre meditado.

REI.

Deus immenso, que se os mortaes não guias,
Como cegos sem tino se despenham,
Vem assistir-me, vem allumiar-me.

IGUEZ.

Senhor, deixas-me entregue a meus temers,
As minhas afflicções sem deferir-me?

DOMINGOS DOS REIS QUITA.

ELECTRA.

SCENA IX.

ELECTRA, ISMENE, ORESTES E PYLADES.

Orestes depois do involuntario parricidio.

ORESTES.

Onde stou?... desgraçado !... onde me leva
O furor, que me agita?... Ó mil, mil vezes
Orestes infeliz !... Ah ! que fizeste ?...
Ó impias mãos.... o sangue maternal
Ousastes derramar !... Um cego engano
Vos arrojou ao crime.... horrendo crime !
Ceos, porque não quizestes que eu jazesse
Aos vivos golpes de Cleon valente ?...
Porque não consentistes que ficasse
Para sempre nas ondas sepultado ?
Cruéis , de mil perigos me salvastes ,
Para agora me expordes aos horrores
Dos tormentos mais asperos e duros !

Mais te valêra, ó sem ventura Orestes!
 Nunca ter visto o sol resplandecente.
 Ah! que te aproveitou a glória illustre
 De tantos, e tam inclytos triumphos,
 Se evitar o delicto não podeste,
 O mais negro de todos os delictos?...
 A execração dos seculos futuros
 Sôbre ti cairá. Eternamente
 Verás cheio de espantos temorosos
 Do abominabil crime o aspecto enorme.

ELECTRA.

Ó desgraça inaudita! ó ceos, que horrores!

ORESTES.

No fervor do combate sanguinoso,
 Que contra o ferreo Egisto sustentava,
 Entre os fulmineos golpes se offerece
 Minha adorada mãe, com vivo empenho
 De converter em paz tanta discordia?
 Ai de mi desgraçado! infelizmente
 É seu peito innocente penetrado
 De um golpe infando do sanguineo ferro,
 Que minha infame dextra fulminava.
 É possibil que eu visse, mãe amabil,
 Vosso sangue correr, os vossos olhos
 Nadar nas sombras horridas da morte,
 E de dor não morresse e mágoa acorba!
 Povos da terra, tende piedade
 De um triste criminoso involuntario.

ELECTRA.

Que é o que vejo?... Orestes, que mal triste
 Tam vivamente te consterna e afflige?...
 Ja deixaste de ser quem d'antes eras ?
 Onde stá o valor heroico e altivo ,
 Que famoso te fez em toda a terra ?
 Como póde um delicto involuntario
 Tanto opprimir um coração sublime ?

ORESTES.

Ja fui Orestes : ja la vai a glória ,
 Que da terra ás strellas me elevava.
 Atéqui fui no mundo celebrado
 Per illustres acções dignas de fama ,
 Desde agora serei.. . ó dor !... ó mágoa !...
 Digno da execração de toda a terra.
 Serei modelo aos maus... solemne escusa
 Em mi terão de seus ímpios delictos...
 Ó lembrança do crime , que me opprimes,
 Tira-me a vida triste e aborrecida ,
 Ja que valor não tenho, esfôrço e audacia
 Para attentar contra os meus proprios dias ,
 E dar fim a meus males lastimosos.
 Mas... ah !... que vejo ? os fogos da vingança
 Em vossa mão ja brilham... Negras furias...
 Monstros, deixae-me.. um triste, e um desgraçado ,
 Que até a compaixão vossa merece :
 Que horrores !... ah !... não... não.. crueis, deixae-me.
 Abre-te ó terra ! esconde-me em teu seio :
 Rouba-me a luz do sol : ja não sou digno

De ver seu resplendor aureo e sereno....
 A terra treme... rasga-se... eu vacillo.
 Ó ceos, que horror!... eu vou precipitar-me
 Nos tremendos abysmos tenebrosos....
 Eu vou... eu vou...

PYLADES.

Aonde te arrebatá
 A fôrça da paixão , que te consterna ?
 Se em ti se nutre um ânimo elevado,
 Agora, mais que nunca , mostrar deve
 Os sublimes quilates , que o distinguem
 Dos animos vulgares e abatidos.
 Serena o teu espirito : socega.
 Nos maiores combates da fortuna
 Mais constante se mostra um nobre peito.

SCENA X.

ELECTRA , ISMENE , ORESTES , PYLADES,
 E CLYTEMNESTRA *nos braços de duas per-
 soas.*

CLYTEMNESTRA.

Filhos , meus caros filhos , aqui junctos
 De uma mãe triste as ultimas palavras
 Nos vossos corações depositae.
 Já nos braços da morte enfim me védes
 Em castigo dos meus crueis delictos.
 Os ceos , os justos ceos para vingar

Os manes de Agamenon ultrajados,
Do proprio filho sen a dextra armaram :
Ella precipitou na sepultura
O sanguinoso Egisto; a mãe traidora
Dos mordaces remorsos devorada....
Caro filho. . socoga... não te entregues
Á furia do pezar: da minha morte
Tu complice não foste: os meus delictos
Irritaram dos ceos o furor justo.
Em paz reinae: ás miserândas cinzas
Da vossa infeliz mãe séde indulgente....
Não fulmineis... ó não... filhos, sôbre ellas
A vossa execração... meus tristes olhos
Ja nas sombras mortíferas fluctuam :
Eu morro... eu morro... adeus, ó caros filhos!...
Infeliz quem mal vive, e mal acaba!
Ditoso quem bem vive, e quem bem morre.

FRANCISCO DIAS GOMES.

POLICENA.

ACTO II.

SCENA III.

IDOMEO, POLIDORO, POLICENA
E OLINDÁ.

Reconhecimento de Policena e Polidoro.

POLIDORO.*

Oh deuses!

É Policena aquella? Nos seus olhos
Habitam os pezares!

POLICENA.**

Um mancebo

Não vês? Afflicto vive, e nos seus beijos
Parece que o meu mal está fallando.

IDOMEO.

A tristeza e afflicção, em que fluctua,

* Ao entrar Policena.

** A Idomeo.

Do peito a dor lhe exprimem , e os trabalhos
O genio terno e docil lhe formáram.

POLICENA. *

Vem a mim , infeliz : chora comigo
A tua... Ah !... ampara-me , Idomeo. **

POLIDORO.

Deuses!...

Triste mãe !... mas que faço ? Ah ! Polidoro...
Fujamos da fatal Numancia !

IDOMEO.

Numes!

É vivo Polidoro ?

POLIDORO.

Idomeo , teme

Articular meu nome !

POLICENA.

Polidoro ,

Meu filho... triste filho , és tu , quem vejo ? ***
Abraça-me outra vez : toca meu seio :
Tu vivo !... Coração , tu me annuncias
Vaticinio cruel... Oh desgraçado ,
Chamar-t'iam á vida os patrios denses ,
Para te abandonarem ?... Para eu vér-te
Depois de mil desgraças nos meus braços

* Indo para elle.

** Fica absorta fixos os olhos em Polidoro , e encostada sobre os hombros de Olinda.

*** Abraçara-se , e ficam per um espaço suspensos.

Soffrer a dura sorte de Aristides ?

POLIDORO.

Sim, mãe, mãe infeliz: os nossos dias
São victima do fado, os ceos fulminam
Sobre nós com rigor, com crueldade:
Das ondas me salvaram, para hoje
O meu sangue co'o teu banhar o sangue
Do infeliz Aristides.

POLICENA.

Não, meu filho!

Espero inda abrandar os ceos com rogos,
Prostrada a seus altares atroando
Os ares com gemidos dia e noite,
Eu jamais cessarei. Desfallecida
Quando bradar não possa, que os meus beijos
Pallidos se enregelem, então mesma
A vida enviarei, e n'esse instante,
Em que as sombras desprezas livremente
Os Orbes todos rapidas penetram;
La irei despertar os surdos deuses
As bronzeadas portas.

POLIDORO.

São inuteis

Lagrymas de amargura; o cruel fado
Nossos dias contou com mão de sangue.
Em horridos perigos tropeçando,
Cair me sinto ja nos ferreos braços
Da morte deshumana: ao menos quero
Adoçá-la. A buscar corré o tyranno,

E apertá-lo entre meus raivosos braços,
Té que a vida exalemos um ou outro.

ÍDOMEO.

Arrastam-nos, senhor, os tenros annos
A delirios fataes : não obedeças
Ao juvenil furor do ardente sangue.

POLICENA.

Tambem tu, Polidoro., intentas fero
Redobrar minha dor? Ah não, meu filho!
Não te exponhas á morte: vem comigo,
Vamos ambos, corramos ao tyranno,
A ceder-lhe a côroa, e que nós deixe
Abraçados viver.

POLIDORO.

Não me traspasses
Com tão aguda dor o afflicto peito!
Mais doce me será soffrer a morte,
Que viver com vileza no meu reino
Olhando escrava minha mãe soffrendo
Oppressões de um traidor, de um seu vassallo.
Não, não, tyranno! Tu não has de ver-me
Implorante a teus pés em vil affronta.

POLICENA.

Polidoro, eu te perco. Oh triste filho!
A meus olhos vieste, para eu vêr-te
Entre âncias crueis de infame morte
Espirar nos meus braços! Verei hoje
No seio da afflicção e horror teu sangue,
E as pulantes entranhas em pedaços.

Correrem, e alagar-me as mãos, e o collo!
 Oh deuses, que me ouvis, que occulto braço
 Os meus dias persegue, e ostenta injusto
 Retratar n'esta triste a triste imagem
 Dos infelices todos!

POLIDORO.

Vou, tyranno,
 Entregar-me a teu ferro. A si elle chama
 A rouca voz da morte: a terra se abre,
 E a sombra de meu pae co'os mais Numantes⁵
 La do centro clamar vingança eu ouço.

POLICENA.

Se vas, eu tambem vou, junctos morramos.

IDOMEIO.

Policena, que fazes? Polidoro,
 A cholera não ouças. O soccorro
 Esperemos do ceo, e ao pe das aras
 Vamos-lhe supplicar, que nos descubra
 O meio de salvar-nos: o seu braço
 Tyrannicas cautelas anniquila.

OLINDA.

Policena! Idomeo! Oh ceos, amparo!
 Polifonte, senhor....*

POLICENA. **

Foge... mas onde?...

* Para Polidoro apontando para a scena, porque
 ve vir Polifonte.

** Correndo a abraçar-se com o filho.

Em que brenha !...

IDOMEU.

Que intentas, Policena ?

POLICENA.

Eu vejo a Polifonte erguer o braço,
O braço ensanguentado...

POLIDORO.

Eu vos invoco,
Oh manes ultrajados de Numancia !
Ódio e furor, que em suas almas bramas,
Vem adjudar-me !...

IDOMEU.

Foge, Polidoro :

Se os teus dias vigia o ceo, Numancia
No centro das ruínas será salva.
Quem sabe se per cima de seus crimes
A tremendo supplicio os deuses guiam
O cruel Archelauro !

POLIDORO.

Ceo : és justo :

Dirige o men furor. *

JOAQUIM JOSÉ TABINO.

* Vai-se rapido.

VIRIACIA.

ACTO I.

SCENA IV.

Viriacia resoluta a resistir a todo o poder dos Romanos.

CORROBO.

Chegou, rainha, o opportuno instante
De expôr por vós gostosamente a vida,
Se é que devo arrisca-la, sendo vossa.

VIRIACIA.

Senhor, não vos intendo: outros cuidados..

CORROBO.

Digo, senhora, que melhor seria
Conservar-vos em paz, viver ditosa
No meio da pacífica alliança,
Que Roma vos propõe: Indecorosos
Os partidos não são, quando são justos:

Vêde bem, que do mundo são senhores
Nossos feros contrarios; mas comtudo
Se vós o permitís, se é gôsto vosso
Que hoje me vejam acabar no meio
Das inimigas, das agudas lanças,
Poderão, sim, por vós tirar-me a vida,
Mas não tirar-me a glória de perdê-la.

VIBACIA.

Sei muito bem senhor, quanto vos devo :
Todo quanto é valor e glória estimo :
De vosso braço o gran'podér respeito,
E torno a respeitá-lo, porque é vosso.
Mas eu não sei, senhor, se estes discursos
São indignos de vós e improprios d'elle.
Que procuram de nós estes Romanos?
Cidade é Roma, como as mais cidades,
Mais direito não tem : ésta fortuna
Que lhe ergueu a cabeça sôbre as outras,
Não foi para as mandar : e que destino
Fez ao Tibre senhor, ao Tejo escravo ?
As armas fazem so conquistadores ;
Podem fazer e desfazer imperios ;
Porém a natureza , e a justiça
É so quem dá legítimos podêres.
Éstas leis são a unica baliza
Que demarcou , que repartiu as terras :
Roma tem leis iguaes ; se abusa d'ellas,
Nós faremos o mesmo ? Não , Corrobo ;
Crime será não defender o proprio ,

Como injustiça conquistar o alheio.
 Se ja não cabe em seus districtos Roma,
 Dentro da Lusitania nós cabemos.
 Fomos queimar-lhe as terras, as cidades?
 Roubar-lhe as povoações? pôr-lhe tributos?
 So para elles será feito o mundo?
 Principe, somos livres, temos armas,
 Valor e capitães: se isto não basta,
 Temos justiça, somos Lusitanos.

CORROBO.

Que isso baste, ó rainha, os deuses queiram:
 Mas se elles forem taes, quaes foram d'antes
 A favor dos Romanos, que faremos?
 Vêde, lembrae-vos; meditae pouco
 No destino de Antiocho: lembrae-vos
 D'aquelle rei, que dominando a Asia,
 De um numeroso exército seguido,
 Cuidando ser conquistador do mando,
 C'os soccorros de Anibal, derrotado,
 Perden mil terras n'urna so batalha.
 Quem teve mão no throno vacillante,
 Que herdara de seus paes? Quem? a aliança
 D'esses mesmos Romanos, que algum dia
 Tantas vezes olhou de um ar soberbo:
 Vêde emfim de Mithridates * a sorte,

* D'este Mithridates referem graves auctores, que
 costumado desde moço a beber veneno adquiria

Grande em fortunas , em desgraça grande :
 E que fez este rei em campo armado ?
 Outra cousa não foi vencer os Gregos ,
 Que preparar triumphos aos Romanos :
 Vêde qual fôra a sorte de Jugurta , *
 Outros exemplos.

VIRIACIA.

Principe , não podem.

Esses , nem outros assustar-me agora :
 Não temo Roma , nem imito a Asia :
 Asia suberba , poderosa e rica ,
 Encurvada c'o péso do seu ouro
 Às armas manejar não saberia :
 Nem resiste melhor aos duros golpes
 O dourado broquel , que a ferrea malha.
 Não conquisto , defendo o que me toca :

uma tal constituição d'humores , que querendo-se no fim matar com o que sempre trazia na espada , vendo que o tal veneno nada obrava n'elle , se matara com'o mesma ferro. Paterculo o chama — um varão que nem se deve passar em silencio , nem se deve mencionar , sem uma grande reflexão. *Vir neque silendus , neque dicendus sine cura.* — A sua desmarcada corpolencia deu motivo a outro sublime dicto de Sallustio , que Quintiliano depois celebrou : — *Mithridates corpore ingenti perinde armatus.* Mithridates armado até com o seu grande corpo.

A. PRAEIRA , *Compendio das Epochas.*

* Rei de Numidia

As nossas lanças como as outras ferem :
Frescas memórias ante os olhos temos :
Os veneráveis muros de Palença ,
Testimunhas authenticas e eternas ,
Ainda não caíram , não caíram
Ao impetu romano. O sítio forte ,
Que Luculo lhe poz, soffreu constante ,
Té que se retirou de envergonhado.
O intrigante , o inconfidente Galba
Á traição (de outra sorte o não faria)
Á traição intentou , matando os nossos ,
Lavar no nosso sangue a sua affronta.

CURIO.

Ja para nós , com passos diligentes ,
Um estranho guerreiro se encaminha.

J. X. DE MATOS.

OSMIA.

ACTO IV.

SCENA VI. ★

OSMIA E O VETÃO; *este quando Osmia o chama, volta do acto de desesperação, em que se conservava, sem attender ao que se passava no theatro.*

Osmia reconhecendo o spóso que julgava morto.

OSMIA.*

Que voz!... oh ceos! que tom de voz escuto?
Os passos... a figura... um sentimento
Interior... Vetão! ** ah!

VETÃO.

Osmia! Osmia...

* Observa o Vetão.

** Volta Rindaco, e corre a abraçar Osmia.

Mas que estranho vestir! * Que ! tu supportas
 Tammanha humilhação ! Tu minha esposa!

OSMIA.

Consorte... quanto pôsso... não sei como...

VETAÕ.

Osmia se confunde?... **

OSMIA.

Quando afflicta

Tenia ouvir a nova confirmar-se

(Nova fatal) de seres fallecido...

RINDACO. ***

Pois se vivo me ves , que te perturba ?

Sa não é que inda um resto do virtude

Contra esse estranho traje em ti relucta.

Falla ; não me respondes ?

OSMIA.

Melhor tempo

Tereunos de fallar ; partamos logo ,

Sim , partamos , espôso. A sorte amiga

Salvou-te, conduziu-te em meu soccorro

No ponto delicado : não subiram

Os meus votos de balde ao ceo piedoso.

RINDACO.

Eu não venho roubar-te. Inda os Romanos

A decisão não deram.

* Trudo-a nos braços.

** Affasta-a de si com desabrimento.

*** Interrompe-a com impaciencia.

OSMIA.

Dependia

O ponto de mim so. Ao pretor mando
A certeza de haver-me resolvido. *

RINDACO.

Espera , espera : e tu porque resolves
Em negocio, que a Roma so pertence ?

OSMIA.

Não é melhor, espôso, que partamos ?
Não ponderas , senhor, que estás exposto
Ao perigo de ser reconhecido
Como falso legado ? Ah ! que um tal crime
Levemente não fôra em ti punido.

RINDACO.

Eu legado não sou , nem tenho crime
Senão o de soffrer que me retardes
A resposta de tudo o que t'inquiro.

OSMIA.

Salvemo-nos , depois...

RINDACO.

Depois ! agora ,

Agora mesmo quero saber tudo.
A tua confusão, teu sobresalto
Assás, assás me dizem ; mas eu quero
Da tua boca ouvi-lo.

OSMIA.

Ceos ! que estranha ,

* Em acto de partir.

Que barbara afflicção!

RINDACO, *

Se não te explicas...

OSMIA.

Eu me explico, senhor, mas não te irrites
Sem de todo m'ouvir : depois a morte,
Se queres, podes dar-me : eu mesma a peço;
Eu a desejo, espôso.

RINDACO. *

E como ? a morte!

Osmia a pede? ** Osmia pois culpada ..

OSMIA.

Socega-te, senhor, não sou culpada;
Mas do crime a apparencia me perturba.

RINDACO.

Acaba, d'uma vez me rasga o peito.

OSMIA,

O pretor... tem mostrado que se agrada...

RINDACO.

De ti! (oh raiva!) e tu?...

OSMIA.

Eu... não te nego...

Não te nego, senhor, que seus crimes,
Seus termos generosos m'obrigaram.

* Indignado.

** Com assombro.

*** Com indignação.

RINDACO.

Dize que o amas , e que por ama-lo
Até d'esse vil traje te carregas.

OSMÍA.

Não , Rindaco ; melhor conhece Osmía :
Este traje infeliz , que tanto pésa
Sobre a minha virtude , foi o preço
Por que alcancei de Lelio que habitasse
Comigo a sabia Eledia : seus conselhos,
Seus rígidos costumes quiz ao lado ,
Quando a sorte de ti me separava.

RINDACO.

E Eledia é testemunha de teus passos ?

OSMÍA.

Hoje Eledia alcancei. O pretor mostra
Querer aqui deter-me ; mas podendo
Recusar o resgate , quer que eu mesma
Em liberdade a decisão profira.
Na ignorancia fatal do teu destino ,
A resposta dilata ; os ceos quizessem
Que nem um so instante a deferisse !
No momento porém... (oh Deus !)

RINDACO.

Que dizes ?

OSMÍA.

Tudo o que n'alma tenho ; e tu repara
Que generosa e firme t'o declaro.
N'esse triste momento em que a noticia
Da tua morte , senhor , s'acreditava

Menos cauta...

RINDACO.

Insolente!

OSMIA.

Menos cauta,

Ao pretor deixei ver que a sua virtude
Sôbre o meu coração imperio tinha.
Infel não te fui; sou desgraçada.
Tudo, Rindaco, sabes, so nos falta
Partirmos ja d'aqui.

RINDACO.

Partir, Osmia!

Sem que eu pôssa vingar-me?

OSMIA.

Oh! ceos, que escuto!

Pois se vingar-te julgas necessario,*
Com essas fortes mãos, senhor, bem podes
A vida suffocar-me na garganta,
E se um ferro te falta...toma, aperta.**

RINDACO.

Que dizes (infeliz) nem ja percebes,
Que uma occulta vingauça.... uma tal mancha

* Desatando a cinta, com a qual em quanto diz os tres versos seguintes, dá uma volta á roda da garganta; e dictos elles, entrega uma ponta da cinta a Rindaco, ficando com outra na mão.

** Rindaco lança mão da faixa com uma especie de furor, que não deixa perceber o seu intento.

Com sangue eu lavarei... mas sangue, Osmia,*
Que toda a mancha lave.

OSMIA.

E que outro sangue
Póde a mancha lavar, que o meu não seja?
Se a culpa em mim reside... se eu sou causa...

RINDACO.

Eu não decido, Osmia, se tens culpa :
Se tanto imaginasse... mas não quero
Eu mesmo dar calor á sanha crua,
Que o coração começa a devorar-me.
Se innocente pretendes que te julgue,
Dá-me a prova tu mesma. Occulto ferro,
Osmia, trago aqui * toma, e repara...
Que um espóso aggravado de ti fia
Uma vingança digna de ti mesma.
Chama o pretor.

OSMIA.

Que dizes? eu chama-lo!

Ah consorte! não queiras arriscar-me
A que de mim se diga uma baixeza.

RINDACO.

Se de Rindaco es digna um so momento,
Te farão injustiça. Perca a vida

* Desfaz o laço, sem tirar a faza.

** Rindaco tira um punhal, quo apresenta a
Osmia, a qual não lança mão d'ello senão no lugar
notado.

Às mãos d'aquella mesma a quem se atreve.

OSMIA.

Mas tam feia traição ! tam negro opprobrio
 Sôbre mim cairá ! Salva-me, espôso,
 Depois em campo raso te prometto
 Combate-lo valente, abrir-lhe o peito,
 Farpar-lhe o coração, despedaçá-lo :
 Á vista das cohortes em combate
 Singular, que de glória me coroe,
 E a teus olhos, enfim, me desaffrontem.

RINDACO.

Não me enganas, Osmia.

OSMIA.

Eu enganar-te !

Salvar quero a tua glória, e quero a minha.

RINDACO.

Mas o modo me toca,

OSMIA.

Não me atrevo.

RINDACO.

Não te atreves, ingrata ? Pois eu mesmo
 Direi que o chamas tu, e quando venha
 (Repara que eu t'o mando) has de cravar-lhe
 No peito este punhal.

OSMIA. *

Que atrocidade !

Ah ! senhor ! tu não ves que o teu projecto

* Aceita o punhal.

Um diluvio de males precipita
 Sobre os nossos Vetões e Turdetanos ?
 Assim pagarei eu o generoso
 Esfôrço , que elles fazem por salvar-me ?
 Com esse horrendo abominabil golpe ,
 Eu mesma os farei victimas votadas
 Ao furor vingativo dos Romanos.
 Ah ! reflecte e retracta o que me ordenas.

RINDACO.

Tenho alcauçado , iufame ! que me offendes...
 Que es indigna do sangue Turdetano :
 E pois que assim recusas o vingar-me ,
 Bem pouco tardará que o mundo saiba
 Quem eu sou... quem tu es...

OSMIA.

Assás conhece

A Lusitania toda quem nós somos.
 Sempre Osmia incapaz d'uma baixeza
 O mundo julgará. Vulgar virtude
 Meu peito não respira. Sou eu mesma
 Quem severa me julgo. A mim primeiro,
 Do que a ti me é preciso ter contente.
 A ti pôsso enganar-te, a mim não pôsso.
 Guardo o ferro... e este ferro (não duvides)
 Ha de o templo da Glória franqueiar-me. *

RINDACO.

Es minha espósa , e basta : reconheço

* Guarda o ferro.

A virtude que exaltam os Romanos.
 Escuta pois , Osmía , e treme emtanto
 D'infringir o preceito que t'impunho,
 E do segredo as santas leis respeita.
 Nas florestas vizinhas escondidos
 Tenho de meus Vetões os mais constantes
 Generosos guerreiros; se o resgate
 Me fôsse recusado , d'improviso
 Sôbre o romano campo se lançaram,
 E o raivoso furor d'aspra vingança
 Te arrancaria , Osmía , de seus laços.
 Nova causa m'impelle a minha affronta,
 D'uma rouca buzina o som medonho,
 O furor soltará dos emboscados:
 Triumpharemos , Osmía ; o pretor chamo,
 Satisfaça co' a vida meus ultrajes.
 Mas se o golpe retardas , ve que a minha,
 E a tua mesma vida sacrificas.

OSMÍA.

Differe ao menos o fatal momento.

RINDACO.

Não : demoras não]soffro : a meu precelto
 Obedece , se queres que te julgue
 Digna do sangue meu , e do teu sangue.

OSMÍA.

Que preceito ! que lei ! que atrocidade !....

ANÓNIMO.

CASTRO.

ACTO II.**SCENA I.****D. AFONSO E D. PEDRO.***D. Pedro recusa a mão de Beatriz.***D. AFONSO.**

Basta , principe , basta : prescindamos
De justas arguições , de escusas futeis ;
Não quizesstes ir , vim eu . Quero esquecer-me ,
Perdoar quero mesmo as tuas faltas ,
Uma vez que obediente hoje as repares .
Concluam-se éstas nupcias proveitosas ,
Que para teu prazer , e a bem do estado ,
Prudente contratei . Verás com gósto ,
Quando Lisboa entrares a meu lado ,
Com quanto regozijo o povo todo ,
Teu consorcio applaudindo , a festeja-lo

Com pompa jamais vista se prepara.
 Que doçura não é para os monarchas,
 Espalhar alegria entre os vassallos!
 Vé-los mandar ao ceo ardentes votos,
 Pola conservação da regia prole,
 Que lhe segura a paz, a dita, a glória!
 Ver que as suas acções o povo approva,
 E contente abençoa o seu reinado,
 Curvando-se de grado ao leve jugo,
 Que somente os maus réis fazem pesado!
 Mil graças dou aos ceos, pois satisfeitos
 Julgo starem de mi os Lusitanos.
 E nada mais desejo que deixar-lhes
 Em meu filho, outro eu, que sempre os ame,
 E que per elles seja sempre amado.
 Começa desde ja n'este consorcio
 A firmar-se seu bem. Sim, hoje mesmo
 Deves partir comigo para a côrte,
 A fim de o celebrar, logo que chegue
 A infanta de Castella, digno objecto
 Que escolhi para spôsa de meu filho.

D. PEDRO.

Ah! Que seja possibil, por meu damno,
 Que o melhor dos monarchas do universo,
 Igualmente não seja o pae mais terno!
 Que um rei, que desvelado buscou sempre
 Fazer os seus vassallos venturosos,
 Queira fazer seu filho desgraçado!...
 Contratares, senhor, sem consultar-me

Um consorcio , ignorando se teu filho
Póde ou quer d'hymeneu ás leis cingir-se !
Se essa , que lhe destinas para spósa ,
Póde a seu coração ser agradavel !
Acaso julgas tu desnecessaria
A minha approvação para éstas nupcias !
Não será livre nm coração ao menos
Na escolba d'uma spósa , que amar deve...
Ah ! não queiras , senhor, com tal violencia..

D. AFOSSO.

Emmudece , insensato ; não prosigas
Indignas expressões que me envergonham...
Bem conheço a razão porque assim pensas.
Que indignos sentimentos , que fraqueza ,
Para quem deve um dia ser monarcha !
Como , quando do imperio as redeas tomes,
Quando na mão a espada formidabil
Da severa justiça sustentares ,
Da paixão punirás o torpe effeito ,
Sendo tu proprio das paixões escravo ?
Como jamais serás obedecido ,
Se tú mesmo a teu rei desobedeces ?
Com quanta repugnancia os Portuguezes ,
Murmurando, verão no luso solio ,
(Que de tantos heroes tem sido assento)
Um rei dado ás paixões effeminado ,
lucapaz de empunhar o sceptro augusto !

D. PEDRO.

Mas capaz de os reger e defende-los.

Se das grandes paixões sou susceptibil,
 A molleza detesto, bem o sabes:
 Quando cumpre, senhor, em campo armado,
 Ensinado per ti, brandindo a espada
 Sei per acções mostrar que sou teu filho;
 Nem para ser bom rei (senhor, perdoa)
 Eu julgo necessario uma alma dura;
 Mas antes me persuado não devera
 O que fosse insensibil reger homens.
 Corações que á ternura se não rendem,
 Jamais sabem carpir albeios males
 Nem doer-se das lagrymas do afflicto.

D. AFONSO.

Apagada a razão, cego deliras:
 Isentos de paixões os réis ser devem;
 Manam dos seus os publicos costumes:
 Se exemplificam mal os seus estados,
 Os vicios dos vassallos são seus vicios;
 Devem sacrificar os seus desejos,
 Ser comsigo crueis a bem dos povos
 Que o ceo lhes confiou; e os que se ensaiam
 Para lhes dar as leis, devem mostrar-se
 Capazes d'estes nobres sacrificios.
 Os consorcios dos principes são obra
 Dos int'resses do estado, elles decidem,
 Elles dispoem de nós. Deixem-se ao vulgo
 Caprichosos melindres com que exige,
 Que aos laços d'hymeneu Amor presida.
 As doçuras de amor para os monarchas

São de pouca valia : a nossa glória
 Não se firma em tam fracos alicerces.

D. PEDRO.

Se aos que devem reinar é necessario
 Ceder dos privilegios, dos direitos
 Que a natureza deu aos homens todos ;
 Por tal preço, senhor, não quero o throno !
 Laços formar, que o coração repugna,
 Origem de desgraças, e de crimes...
 Assás o exp'rimentei... grilhões tam duros,
 Per tuas mãos lançados, longo tempo
 Com bem custo arrastei... Supportar outros...
 Ah ! não, senhor, não pôsso.

D. AFONSO.

Temerario !

Basta ja de soffrer um filho ingrato.
 Se aos rogos, ás razões de um pae benigno
 Tu não queres ceder; cede ós preceitos
 De um monarcha severo e justicoso.
 Eu dei minba palavra, has de cumpri-la :
 Os tractados dos réis não são falliveis :
 Debalde pois te oppões....

D. PEDRO.

Mas ah! pendera...

D. AFONSO.

Tenho emfim decidido. Acaso queres,
 Deixando de cumprir o meu tractado,
 Entre os povos soprar a horrenda guerra ?
 Queres ver Portugal nadando em sangue ?

Contra nós conspirada a Europa inteira,
 Abraçando o partido de Castella,
 Vir vingar sua injúria? Ah!...

D. PEDRO.

Que receias?

Portugal vencedor, nunca vencido,
 Zombará do poder do mundo inteiro.
 Tam ousada será, tam nescia a Hespanha,
 Que contra nós se atreva a mover guerra?
 Não ha de inda lembrar-se o seu monarcha,
 Que te deve os dominios que possui?
 Que ha bem pouco, cercado de inimigos,
 Vendo nas mãos o sceptro vacillaote,
 Mandou a propria spôsa, filha tua,
 A implorar-te que fôsses soccorre-lo,
 Ou antes sôbre o throno sustenta-lo?
 E que do filial pranto commovido,
 Não contente em mandar-lhe tuas tropas,
 Tu proprio á testa d'ellas generoso
 Quizeste ir debellar seus inimigos,
 E segurar-lhe a c'roa na cabeça?
 Ha de offender quem soube defende-lo?
 Quem póde, apenas queira, aniquillá-lo?
 Não; quem viu pelejar a teu commando,
 Nas margens do Sallado, os Portuguezes,
 A atacar Portuguezes não se atreve;
 E se a tanto chegar a sua insania,
 Á maneira dos seus antepassados,
 Chorando o opprobrio de ficar vencido,

Caro lhe custará seu louco arrôjo,
Oxalá que elle á guerra nos convide !
Poderia teu filho então mostrar-te,
Que te sabe imitar quando é preciso ,
Novos louros cingindo a teu diadema.

D. APOSSO.

Que desatino ! oh ceos !... Eu me envergonho
De te haver dado o ser : de te ouvir tremo...
Tristes vassallos meus, amados filhos,
Que monarcha vos deixo sóbre o throno !
Tu desejas a guerra? esse flagello ,
Que envergonha e devasta a humanidade?...
O capricho dos réis que importa aos povos ?
Ouve as lições de um pae , pôstoque iroso
So devêra tractar do teu castigo.
Eu não pôsso deixar quando te escuto ,
De reprehender-te , ó filho, e de ensinar-te :
Talvez per ti mandado á sepultura ,
Bem depressa no throno me succedas :
Não te esqueças então dos meus dictames :
Poupa o sangue dos miseros vassallos ,
Do mais infimo d'elles preza a vida
Outro tanto que a tua ; teme a guerra
Que ao proprio vencedor sempre é funesta :
No meio do triumpho , os bons réis choram .
N'essa mesma tam célebre batalha ,
- Que julgas me cingiu de louro eterno ;
Quando juncávam do Sallado as margens
Os montões de cadaveres seu conto

De infieis derrotados inimigos ;
 Por perder trinta so dos meus soldados,
 Muito cara julguei ésta victoria ,
 E , dentro de mi proprio recolhido ,
 Mais pranto derramei , do que elles sangue.
 Os réis devem ser paes de seus vassallos ;
 Nada mais que o seu bem deve importar-lhes...
 Elle exige éstas nupcias , que te ordeno ;
 Suas vozes escuto , e não as tuas.
 Ja te disse que dei minha palavra ,
 E torno-te a dizer , que has de cumpri-la.
 Afonso é teu monarcha : mando , e basta.
 Hoje mesmo comigo para a córte
 Ve que deves partir , vai preparar-te.

D. PEDRO.

Teus passos seguirei , porém de balde...
 Celebrar o consorcio que pretendes...
 Quizera obedecer-te , mas não pôsso...
 Sem que te diga mais , assás te digo.

ACTO IV.

SCENA III.

D. AFONSO, IGNEZ, ELVIRA, DOUS
 MENINOS FILHOS DE IGNEZ.

Ignez aos pés de Afonso com seus filhas.

IGNEZ.

Chegae , filhos , chae , vinde prostrar-vos

Aos pés de vosso avô ; vinde beijar-lhe
Pela primeira vez a mão augusta.
Eis, * ó senhor ! os filhos de teu filho ,
Que vêem com tristes lagrymas rogar-te ,
Que d'êsta triste mão te compadeças.
Choras, choraes comigo , tristes filhos ,
Intercedeí por mi com vosso pranto ,
Pranto mais expressivo do que as vozes ,
Que a vossa tenra infancia não permite:
Adjudae meu perdão. Sim, rei clemente,
Eis a mãe desgraçada de teus netos ,
Que abraçada com elles te supplica ,
Que a miserrima vida lhe conserves,
Sei que vai decretar-se o meu supplicio !
Alvo da intriga , victima da inveja ,
Temorosa , infeliz , desemparrada ,
A morte ja diviso , a injusta morte ,
Que raivosos tyrannos conselheiros ,
Illudindo a piedade de tua alma ,
Fulminam contra mi... Que atrocidade ! . .
Porque enormes delictos sou punida ?... .
Amar, senhor, teu filho , e ser amada ,
Crime acaba será digno de morte ?
Imploro, ouse attestar tua justiça,
Ah ! consulta , senhor, tua clemencia ,
Teu coração consulta , que elle mesmo

* Prostra-se com os meninos aos pés de Afonso , e
Elvira se retira.

Te ha de dizer, que a morte não mereço.

D. AFONSO.

Levanta-te, infeliz... * Oh natureza ! **
 Oh de nm monarcha rígidos deveres !...
 Levanta-te , infeliz. *** Funesta origem
 Das crueis afflicções que me consternam...
 Ao vêr-te me enfureço... e me commovo....
 O paé quer perdoar-te... o rei não póde.

IGNEZ.

Ah senhor ! perdoar aos desgraçados
 É dos réis o poder mais doce e augusto :
 Sim , do teu coração segue os impulsos ;
 Triumphe a compaixão , e a natureza ,
 Não te has de arrepender por ser piedoso ;
 Antes porém se á morte me condemnas ,
 Hão de eternos remorsos flagellar-te ,
 Incessantes angústias consumir-te :
 De Portugal a glória , as esperanças
 Vão sóbre a minha campa espedaçar-se.
 Verás per ti mandado á sepultura
 Comigo , a teu pezar, descer teu filho.
 Matando-me, senhor, ah ! ve que o matas !
 Os nossos corações unidos ambos
 Tam ligados estão , que o mesmo golpe

* Enternecido.

** Vai abraçar os netos , volta o rosto afflicto .
 exclama.

*** Levanta Ignéz.

Que retalhar o meu , traspassa o d'elle ;
 Existir um sem outro não podêmos...
 Por elle , e não por mi t'imploro a vida.
 Sim, * de rójo outra vez tórno a abraçar-me
 Com tuas régias plantas. Tem piedade
 Da spósa de teu filho. Ah ! senão fosseja
 Estas doces prisões , que me constrangem
 A viver infeliz , e amar a vida ,
 Longe de instar por ella , sem queixar-me
 Tranquilla recebera o fatal golpe..-
 Mas deixar para sempre o que mais amo !...
 Sou spósa , sou mãe... ceos ! desfalleço ! *
 Queridos filhos... desgraçados orphãos !...
 E que será de vós quando vos falte
 A mais terna das mães , o pae mais terno !...
 Ah senhor ! se inflexibil ao meu pranto ,
 A minha situação te não commove ,
 Presta ouvidos á voz da natureza :
 Mova-te a compaixão o desemparo
 D'éstas victimas tenras e innocentes :
 Elles culpa não teem dos meus delictos.
 Não te lembres , senhor, que são meus filhos ,
 Ah ! não : lembra-te so , que são teus netos...
 Mas tu choras ? que vejo! os ceos me ouviram :
 Tuas lagrymas vêm em meu soccorro ,

* Prostra-se outra vez aos pés de Afonso.

** Abraça os filhos com a maior ternura e afecção.

372 PARNASO LUSITANO.

Ellas o meu perdão ja me annunciam.
Acaba de extinguir os meus temores,
Dize, dize, senhor, que me perdoas.

D. AFONSO.

Não posso resistir... Oh quem podera
N'este instante deixar de ser monarcha!

JOÃO BAPTISTA GOMES.

O TRIUMPHO
DA NATUREZA.

ACTO I.

SCENA VI.

ALONZO E LAS CASAS.

*Alonso conta a Las Casas a historia de seus
amores com Cera.*

LAS CASAS.

Alonzo, eu t'o predisse, eis o momento
Que tanto tem custado a meus temores,
Eis o funesto prazo, em que a ruína
Vai d'este vasto imperio effectuar-se.
Tu claro defensor de um povo docil
Tu dos Indios o amigo e seu opoio,
Que servir preferiste a humanidade
Á causa d'ambição ; tu não ignoras

Quaes té-gora teem sido os meus esforços
Para os progressos suspender do crime.
Dos Indios a defeza era o meu pleito.
Mas justiça e razão so são chymeras
Em peitos que devora a sêde de ouro ;
Por seu cruento influxo em breve espaço
Foi degolada uma nação inteira ,
Um vasto imperio reduzido a cinzas ,
Um rei do throno expulso e dado á morte.

Oh vergonha da Europa ! oh patria nossa !
Foi do seu seio , berço de taes crimes,
Que nós vimos sair com sancto aspecto
O genio da cubiça , e tincto em sangue
Sôbre as azas da morte os ceos cubrindo ,
Qual abutre voraz que a prêsa aferra
Esfainado decer sôbre estes climas ,
Derramar seu veneno , e seus pavores
Des o antartico gêlo ás frias Ursas ,
Que podia eu fazer ? Baldadas queixas ,
Um esforço impotente, um zêlo inutil
Pola causa innocente era o que eu tinha
Para oppor á brutal voracidade
Dos feros vencedores , tu somente
Comigo horrorizado a tantos males
As bandeiras do crime abandonando
Os Indios lastimaste , e os tens servido.
Mas quaes scrão desde hoje os nossos sustos
Se o destruidor do Mexico prosegue
Nas suas intenções ? Pizarro volta

Munido deve vir de authoridades ,
A que a sua ambição não põe limites.
Mais altivo tornando a vez segunda ,
Ja ves com que symptomas horrorosos
Annunciar deve na chegada sua
O trovão de Madrid ao novo mundo.

ALONZO.

Ah caro amigo , os males que persentes
Como a ti de iguaes sombras me horrorisam.
O destino dos Indios me enternece ,
Por elles combati ; riscos, pavores
Tudo tenho afrontado ; e heide por elles ,
Pola causa do justo , expor meus dias.
Taes foram sempre os nobres sentimentos
Que inspirar-me soubeste. Tu doido
Des males que este imperio ameaçavam ,
Apezar das fadigas, e dos annos
Ao seio do Peru vens procurar-me.
Vens comigo abraçar sua defeza ,
E a defeza de Alonzo. Sim , amigo ,
Mais não devo occultar-t'ó. De Ataliba
A causa é tambem minha ; estreitos laços
Nosso mutuo destino enterlaçaram.

Ouve os successos meus, e os meus desastres.
Sabes como Ataliba pretendendo
De seu irmão pôr termo ás desavenças ,
Na minha intervenção esperançado ,
A Huascar me envjrou. Com sacrificios
Que fez primeiro ao sol , d'êsta embaixada

Os auspícios buscou. Cuidando honrar-me
 Ao lado seu me apresentou no templo;
 Assisti á cerimonia. É necessário
 Para os homens servir, servir seus erros.
 Longe então de pensar, que a minha perda
 D'aquella occasião se originasse:
 Uma das virgens, que nas mãos trazia
 O pão sagrado para o sacrificio
 Vejo vir para nós. Oh ceos! que assombro!
 D'entre o véo, d'entre as flôres, que a adornavam,
 Belleza divinal se patenteia.
 O extasi occupou logo a minha alma;
 E em quanto mudo e attonito contemplo
 Este prodigio, que illusão julgava;
 Dos olhos seus sympathica scentelha,
 Que então meiga vibrou, veio a meus olhos.
 Não, o fogo dos ceos tam promptamente
 Não fere, não abraça como a chamma
 Que em meu seio lavrou n'esse momento.
 Minha alma áquelle incanto entregue toda
 N'um vasto mar de glórias se absorvia.
 Findou-se o sacrificio dos altares,
 E o meu principiou. Deixando o templo
 Mais não sube de mim.

LAS CASAS.

Como? e não foste
 Cumprir tua missão?

ALONZO.

Perdoa, amigo,

Se interésses liguei de amor e glória.
Fiel ao meu dever fui de Ataliba
O negócio ultimar; serenei tudo.
Porém tornado a Quito, era so Cora,
(Este o seu nome) da minha alma emprêgo.
Sube nascida ser da regia stirpe,
Ser filha de Palmor; do resto ignaro
Não conservava mais da minha dita
Que um vão desejo e inutil esperanza.

Quando uma noite, que ao redor vagava
D'esses muros, que encerram meu thesouro,
Começou a tremer mugindo a terra.
Labaredas de fogo ao ceo subiam.
De subita ruína um feio estrondo
Á roda sinto do sagrado alvergue.
Da pavorosa noite entre os horrores
Objecto do meo susto era so Cora.
Corro a salva-la; aberta uma passagem
Acho per entre es arrasados muros.
Trepo montões de lugubres ruínas.
Vi logo pelo meio do arvoredó
A luz vermelha de vulcanéos fogos,
Aqui e alli correr pallidas virgens
Attonitas de susto, e a poucos passos
Achei nos braços desmaiada Cora.
De um movimento estranho arrebatados
Ambos seguimos de ermo valle a senda.
Pouco tempo depois despiu-se a noite
De seus medonhos veos, e os brandos raios

Vinha esparzindo solitaria a lua.
Cora éntão de seu susto a si tornada
Ao ver um homem so quiz retirar-se;
Porém chamada de um secreto incanto
A meu seio tornou. Sua fraqueza
Precisava um soccorro, e seu asylo
Meus braços e um deserto eram somente.
N'elles sentia Cora os meus transportes,
Da minha turbação participava;
Os nossos corações, que palpitando
Em mutuos sobresaltos se intendiam,
Ancias, suspiros, que por nós fallavam.
De seus labios os meus sorvendo o nectar,
Reciproca effusão d'alma e sentidos
Olhos viva expressão da lingua muda
O sítio, a solidão, mysterio e noite,
Tudo para perder-nos coucorria.
Oh extasi de amor! momento eterno!
Comtudo qual relampago ligeiro
Passou este momento, e densas trevas
Lançou sóbre o futuro. O meu projecto
Era Cora deter, fugir com ella.
Mas depois de rogar-me em pranto involta
Que não sacrificasse uma familia
Para o templo voltou, segui seus passos,
Entrou, não a vi mais. Sua sorte ignoro,
E a minha desde então soffrer não póssô.
No tormento, em que vivo, crê-me, amigo,
Ou Cora possuir, ou morrer devo.

Nada me resta mais , e o teu soccorro
Minha amisade implora.

LAS CASAS.

Oh caro Alonzo !

Joven que amei da terra flor dos annos ,
Quanto sôlgo por vinculo tam doce
A' causa da justiça unido vêr-te.
Faltava amor somente á tua glória.
O ceo auxiliando a nossa empresa
Poz no teu seio a bemfazeja flamma,
E ao nosso mutuo esfôrço entrega o jresto.
Cora tu amas? sim, tua ser deve;
Devem unir-se corações que se amam,
E a lei que o veda barbara , oppressora
Calca a razão , e ultraja a natureza.
Amor o maior bem , que ha sôbre a terra ;
A melhor das paixões , que aos homens coube,
O mais seguro mobil da virtude ,
Nunca póde ser crime ; a cega crença
Que essa mancha lhe poz, grosseiro absurdo
Foi da superstição , que em seus delirios
As leis da natureza prevertendo ,
Do mais puro prazer seccando as fontes,
De ventura incapaz , chamou virtude
A esteril isenção , e ergueu-lhe altares.
Ceos ! que infausta illusão ! Porque prestigio
Póde sôbre a verdade alçar-se o erro !
Eis aqui Cora misera arrastando
Desabridos grilhões, gemendo escrava

N'um jugo involuntario, que insofribil
A virtude lhe torna, que a rebella
Contra as leis, contra si, contra o ceo mesmo.
Direitos, que são seus, recobrar deve,
Obra do fanatismo a prisão sua
É justo desatar. Porém que intentas?
Queres tu no momento, em que é preciso
Todo o zêlo empregar, o esforço todo
Por salvar este imperio, abandonar-te
Aos cuidados de amor? E com que maucha
Iria Alonzo aos seculos vindouros,
Se o grande chefe da mais nobre empresa
Cegamente illudido a seus prazeres
Sacrificasse o bem de um povo inteiro?
Inda quando sem risco aos interesses
D'êsta exposta nação fosse possibil
Tirar Cora do asylo, em que se encerra,
Nunca usar de violencia util seria.
De um povo, que se educa e regenera
A crença desprezar nunca aproveita.
Crimes de opinião não muda a fôrça,
So longa experiencia é que os dissipa.

ALONZO.

Não querido Las Casas, não prezumas
Que um delirio de amor faça esquecer-me
Da glória, que bei ganhado expondo a vida
Por salvar este povo, nem que eu busque
So para contentar meu peito amante
Sua crença insultar roubando Cora.

De perfidia esse exemplo aviltaria
 Todos os meus esforços, e eu não lucto
 Para fazer-me vil. D'essa ignominia
 Hade escapar Alonzo. Outras ideias
 Na minha alma revolve; eu so pretendo.
 Persuadir este povo a que revogue
 A lei austera que agrilhoa Cora.
 Quero então livremente ir esposa-la.
 Eu sei quanto é difficil aos humanos
 Nos erros de piedade o dasabuso;
 Porém não desespéro, os meus trabalhos
 Meu ardor por servi-lo e defende-lo,
 Tudo emfim quanto eu fiz, tudo o que eu pude
 Vou ostentar aos olhos d'este povo
 Pretendo illumina-lo, heide move-lo,
 Ou morrer a seus olhos. Não, não soffro
 Que em perpetuos grilhões Cora lastime
 Dias, que á paz, e á amor sagrar devera.
 Cora livre nasceu, quero torná-la
 Aos direitos que herdou da natureza.
 Não é menos serviço a qualquer povo
 Os erros destruir, que os inimigos.

LAS CASAS.

Alonzo, com prazer teus sentimentos
 Conformes vejo em tudo á san justiça.
 Mas moderando um pouco os teus transportes
 Pondera bem na empresa a que te arrojas.

É facil conduzir de um povo a sorte
 A quem o influxo tem da authoridade.

É facil dar-lhe as leis , e os ferros dar-lhe.
Fazê-lo supportar sem que murmure
O péso do grilhões, do oçoute os golpes.
Ser dos bens , ser das honras despojado
Póde o homem soffrer ; mas se lhe atacam
Os vãos prestigios de uma crença futil ;
Eis revoltó e phrenetico delira ,
E sem que freio algum contê-lo póssa ,
Qual tigre embravecido então raivando
O vemos ensopar-se em saugne humano ,
E á amizade rebelde, e á natureza
Soltar do fanatismo as fnrias todas.
Tal dos tristes mortaes o ser se ostenta !
Bem sei que um povo humano, um povo docil
Que das cultas nações ignora os crimes,
Mais facil se convence. É necessario
Comtudo d'ente mão sondar seus chefes.
Cumpre ouvir de Ataliba os sentimentos,
Eu vou fallar ao rei , quero dispo-lo
Para ver se á razão presta os ouvidos.
Tu parte emtanto a prevenir os votos
E o spirito do povo ; um so momento
Não deve este negocio retardar-se.

VICENTE PEDRO NOLASCO.

Comicos.

FILODEMO. ***ACTO IV.**

Scena comica entre dous criados.

VILARDO.

Quem chama ?

SOLINA.

Vem ca, môço ; eu te chamo.

Qué de teu amo ?

* Esta peça é uma novella em fórma de drama, e um aggregado de scenas comicas e sérias, em prosa e em verso, accomodadas á aventura que constitue o enredo do drama. Em algumas scenas, o dialogo é natural e engraçado ; e algumas das situações são comicas.

J. M. DE SOUZA.

VILARDO.

Ah que dama!

Perguntais-me por meu amo,
E não por um que vos ama?

SOLINA.

E quem é esse amador,
Que quer ter comigo passo?
Será elle algum madraço?

VILARDO.

Eu sou o mesmo, que o amor
Me quebra pelo espinhasso.
E mais vós sabeí de mi,*
Se eu a dizê-lo me atrevo,
Que desqu'esses olhos vi,
Que yo, ni como, ni bebo
Ni hago vida sin ti.
E mais para namorado
Não sou ora tan madraço.

SOLINA.

Sois muito desmazelado.

VILARDO.

Mas antes de delicado
Caio pedaço a pedaço.
E mais eu soffrer não posso

* *Les bons grammairiens, les bons critiques, ont toujours désiré qu'on rimât à la fois pour l'œil et pour l'oreille.*

Que me façais tanto fero , *
 Qu'estou ja pôsto no osso,
 Porque sou vosso e revosse ,
 Por vida de quanto quero.

SOLINA.

Feros está cheia a rua :
 Ora estou bem aviada.

VILARDO.

Cupido, per vida tua,
 Que a não faças tam crua ,
 Pois que te não faço nada.
 Amor, amor, mas te pido , **
 Que quando se for deitar ,
 Que *le digas al oido* :
 « Devieis-vos de lembrar
 N'este tempo de um perdido. »

SOLINA.

E tu ja fazes coprinhas ?
 Ainda tu trovarás ?

VILARDO.

Quem eu ? Por éstas barbinhas
 Que se vós virdes as miuhas ,
 Que digais que não são más.

SOLINA.

Ora pois me quereis bem ,
 Dizei-me uma.

* Bravata , despeito.

** *Peco*—Assim se dizia n'essa epocha.

VILARDO.

Ei-la aqui;

E veja o saibro que tem ;
 Porque ésta trovinha assi,
 Saiba qu' é trova do assem.

Diz o móço a trova.

Passarinhos que voais
 N' ésta manhan tam serena ;
 Sabei que so minha pena
 Póde encher mil cabeçais.

SOLINA.

O rifão está salgado :
 Essa pena te dou eu ?

VILARDO.

Vós e Amor, que de malvado
 Me tem melhor empennado,
 Que nenhum virote seu.
 Pois se me ouvíreis cantar !

SOLINA.

E tu es tambem cantor ?

VILARDO.

Canto melbor que um açor.
 Quereis que vos venha dar
 Musiqueta de primor ?
 E que vos mande tanger
 Muito melbor que ninguem ?

SOLINA.

Ja isso quizera ver.

VILARDO.

Querer-m'eis se o eu fizer,
Algun pedaço de bem ?

SOLINA.

Querer-t'ei trinta pedaços.

VILARDO.

E esse querer dará fruto,
Que me tire d'estes laços ?

SOLINA.

E que fruto ?

VILARDO.

Dous abraços.

SOLINA.

Esse fruto custa muito.

VILARDO.

Esse é o amor que em vós ha ?
Pezar de minha mãe torta.

SOLINA.

Ora hi, chamae logo la
Vosso amo que venha ca,
Porque é cousa que importa.

VILARDO.

Logo ?

SOLINA.

Logo n'essas horas.

VILARDO.

Não estarei aqui mais ?

SOLINA.

Não. Ainda ahí estais ?
Vós haveis mister esporas.

VILARDO.

Irei , porque me mandais.
CANÕES.

SESSAO

DE ARTISTAS E EMPRESARIOS.

SCENA IV.

APRIGIO, JOFRE, INIGO, E OS MESMOS.

APRIGIO.

Aqui trago, compadre, estes senhores,
Ambos um *non plus ultra* do theatro:
São musicos, actores, dançarinos,
Grandes poetas; tudo ao mesmo tempo:
São dous tomos de rara miscellanea.
Em ambos quiz mostrar a natureza,
Que sabia fazer uma *obra prima*.
O senhor Jofre, quando as arias canta,
As almas arripia, cala os ventos.
Pois o mancebo ca, o meu Inigo!

* *Chefe d'obra* lhe chamam os Francelhos.

390 PARNASO LUSITANO.

Este vivo Bemol, este magano,
Nos lances amorosos, é um pasmo!

ARTUR.

Ambos, bem me parecem: gentis moços!

JOFAR.

Sou antigo criado d'êsta casa,
E mestre da senhora Dona Aldousa;
Por tam honrado titulo me julgo
Merecedor de grandes elogios.

ARTUR

Logo o mestre saiu o mais esbelto!

INIGO.

Eu não pôsso allegar antiguidades;
Mas vou tambem na folha: Venturoso,
Se de applauso e favor me vejo digno,
Apezar de não ter merecimento.

ARTUR.

Ambos discretos são.

AFRIGIO.

Mais que discretos!
São os melhores Ciceros da côrte,
Capazes de prégar! Aqui o amigo,
Um Drama ja compoz: logo o veremos.

INIGO.

Dize-me, Branca, que Afousinho é este?

BRANCA.

É padrinho da mana.

ARTUR.

O senhor Jofre,

Quanto tempo ha q'ensina n'êsta casa ?

JOFRE.

Ha ja tres annos , pouco mais ou menos.

ARTUR.

Com que tres annos ha , que n'êsta casa
Tem entrada o senhor!

APRIGIO.

Ai , meu compadre

Tu cuidas q'inda tam alarves somos,
Como no tempo em que d'aqui te foste?
Ja la vão os biocos portuguezes ;
Mourisca usança , barbaro ciúme ,
Que uma pobre mulher aferrolhava ,
Quaes se guardam freneticos orates :
Ha gente mais feliz ! Outros costumes
Adoptou a nação , abriu os olhos.

ARTUR.

Eu cuido que os tapou.

BRANCA.

Que rabugento ?

JOFRE.

Adeus senhor Aprigio.

ALDONSA.

Espera , Jofre.

JOFRE.

Que espere ! para que ?

APRIGIO.

Para tractarmos

D'este novo theatro.

JOFRE.

Que theatro ?

Com este prégador, mandas chamar-me
Para ouvir a missão de um Carioca ?

ARTUR.

Olhem la si se doe da matadura.

INIGO.

Não desespere, Jofre ; tem prudencia.

SCENA V.

GIL , E OS MESMOS.

GIL.

Senhor Aprigio Fafes , aqui venho
Cumprir as suas ordens.

APRIGIO.

Caro amigo ,
Homero portuguez , Pindaro nosso :
Ja ca te suspirava : véem contigo
As Musas , véem as Graças.

GIL.

Basta , basta :
Não estamos nós-outras os poetas
A fartos elogios costumados :
Os mesmos que nos pedem um soneto
Para render a dama desdenhosa ,
Ou os annos louvar de uma Abbadessa ;

Depois de ter campado por discretos
 Á custa de um poeta , sem vergonha ,
 Juram que são uns doudos os poetas.

SCENA VI.

BRAZ, MONSIEUR ARNALDO, E OS DICTOS.

BRAZ.

Amigo Aprigio Fafes , aqui trago
 Monsieur Arnaldo , práctico Architecto,
 O Pozzi, Paradossi e Bibiena
 Traz alli no emicraneo ; a perspectiva
 Na pineal lhe vellica com tal fôrça ,
 Que em cada pulsação da traca-arteria ,
 Um theatro magnifico levanta.

APRIGIO.

Viva , viva senhor Arnaldo ! Agora
 Que estamos todos junctos comeceinos
 A nossa conferencia : venha a banca :
 Vossês não ouvem ? tragam mais cadeiras.

ARTUR.

Quero que a par de mim se assente Aldonsa.

BRANCA.

Queres q'eu fique ca da outra banda?
 (Para Inigo.)

IOFRE.

Para bem , para hem , senhora Aldonsa.

ALDONSA.

Se tu souberas, Jofre....

JOFRE.

Bem intendo.

INIGO.

Que te parece, Branca, o Tupinamba?

BRANCA.

Velho e velho.

APRIGIO.

Sentemo-nos, senhores:

Que grave tribunal! que magestoso!
 Mal sabe o mundo agora, que pendente
 D'este conclave está o seu destino.
 Oh quanto, amada patria! quanto deves
 A teu bom cidadão Aprigio Fafes,
 Suando, e tressuando por salvar-te
 Do pelago profundo da ignorancia,
 Onde pobre jazias, atolada
 Entre pessimos Dramas corriqueiros!
 D'êste cano real hoje te saca,
 Qual saca o gardaeiro um prego torto
 D'entre os chichelos velhos da enxurrada.

GIL.

Senhor Aprigio Fafes, isto é tarde,
 E eu tenho que fazer: vamos ao ponto.

APRIGIO.

Sita, senhor, sim senhor: o caso é este:
 E bem o sabeis vós, ha quanto tempo
 Que eu desejo fundar um bom theatre:

Agora que a fortuna me depara
 Feliz occasião de executa-lo
 Com o favor, alli, de meu compadre,
 É preciso ajuntar a sarabanda,
 Repartir os papeis, escolher obra,
 As vistas ideiar, e celebrarmos
 Com solemne scriptura este contracto.

GIL.

Senhor Aprigio Fafes, o theatro
 Depende, mais que tudo, do poeta:
 Que fazem bastidores, e instrumentos
 Sem Dramas regulares? Uma boa
 E perfeita tragedia, iuda despida
 Da magnifica pompa do apparatus,
 Tem mais graça, e mais fórça, q'um mau Drama
 No theatro de Reggio, ou de Veneza,
 Com suberbas tramoias recitado.

JOFRE.

Amigo Gil Leinel, ninguem te nega
 O constante poder da Poesia:
 Mas quem ha de soffrer Catão ou Dido
 Do grande Metastasio, repetido
 Entre velhas cortinas, sem orchestra?

APRIGIO.

Nada, nada, senhores; d'esse modo
 Aqui nos amanhece: todos junctos
 Não podemos fallar: irá votando
 Per turno, cada qual quando lhe toque.

Continúa, meu Gil , dize o que intendes

GIL.

Errado vai , quem julga que o theatro
So para divertir o povo rude ,
Dos antigos poetas foi aebado.
Com mais alto designio , Athenas , Roma ,
E outras cidades mil , o receberam :
Póde n'elle ensinar-se á mocidade
Guardar as sanctas leis , a fe devida
Á cara patria , ao principe , aos amigos :
Póde n'elle mostrar-se quanto é feio
O pallido semblante da Cubiça ;
Da Avareza infeliz ; da triste Inveja :
Mas para recolher tam grande fructo
É necessario , Aprigio , que o poeta
Em sisuda dicção , em phrase nobre ,
Com sonoroso verso torneado ,
Exponha ao povo fábulas sublimes ,
Tragedias ou Comedias regulares.
D'aqui venho a tirar , que no theatro
Não devemos soffrer drama imperfeito ,
Cuja graça consiste na doçura
D'effeminada musica moderna ,
Na remendada phrase de mil vozes
Barbaras ou guindadas ou rasteiras.
Longe , longe de nós ésta mania :
Restauremos o portuguez theatro ;
Dasaggravando a casta lingua nossa

Dos ajeives que sem razão lhe assacam. *

APRIGIO.

Viva o doctor Leinel, doctor das gentes !
 Quem me dera que o bom Goldoni ouvisse
 Como ronca um poeta de Lisboa !
 Agora falla Braz Licenciado.

BRAZ.

Eu que pôsso dizer? que me parece
 Muito mal tudo quanto aqui se disse.
 Que proveito tirámos em metter-nos
 No principio em camisa de onze varas?
 Tragedia é cousa que ninguem atura :
 Quem ao theatro vem, vem divertir-se,
 Quer rir, e não chorar ; la vai o tempo
 De lagrymas comprar ás Carpideiras :
 Não faltam boas Operas, Comedias
 Em Francez, Italiano, em outras linguas,
 Que póde traduzir qualquer pessoa,

* Sem motivo, nem razão, desacreditam nosso dioma, muitas pessoas indoctas e ignorantes, que tendo leve conhecimento de algumas linguas estrangeiras, éstas so louvam e prezam, culpando frequentemente a nossa de pobre e difficil de se aprender ; como se os taes tivessem os precisos requisitos para decidirem do merecimento de um idioma tam antigo, fixado e authorisado com tanto número de scriptos, que muitos d'elles em nada cedem no seu gencro aos antigos.

F. D. GOMES.

Com enrêdo mais comico; que o povo
 So se agrada de lances sôbre lances :
 Quem isto não fizer, jamais espere
 Que o povo diga *bravo*, e dê palmadas.
 É o voto que dou.

APRIGIO.

Optimamente.

Arnaldo, agora vota.

ARNALDO.

Meus senhores,

Venho ajustar o preço do theatro;
 Com Dramas não me metto : os bastidores
 É so o que me tóca. Porém digo,
 Que regular tragedia nas *Italias*
 Muito ha que se não usa; que a mudança
 De vistas sôbre vistas; as tramoias,
 Máres, incendios, dragos e batalhas,
 São causas de que o povo se namora.
 Ja eu fiz em theatro trovoadas,
 Com raios e relampagos tam proprios,
 Que as damas desmaiavam : era um gôsto
 Ver a gente fugir dos camarotes
 Espantada, bradar « misericordia ! »

ALDONSA.

Negro gôsto ! Quem pôde divertir-se
 Co'a pavorosa scena de um flagello ?

BRANCA.

Bom architecto ! magico parece.

APRIGIO.

Calae-vos, filhas. Vote agora Inigo.

INIGO.

Muito dizer podia, porque tenho
Experiencia bastante de theatros;
Actor de profissão; isto me basta:
E tambem, senhor Gil, o louro Apollo,
De comigo tractar não se envergonha:
Mas p'or não demorar a conferencia,
Em branco assignarei; estou por tudo.

ARTUR.

O cão é Mouro.

APRIGIO.

Inigo, desabafa;

Dize quanto souberes: falla, falla:

Es a columna do theatro novo.

INIGO.

Pois se devo fallar, digo, senhores,
Que o theatro sem dança pouco vale;
Muito menos sem musica. Podia
Quem a glória quizesse de primeiro,
Pôr no theatro as Óperas cautadas
Na lingua portugueza: eu aqui trago
Uma per mim composta n'este gôsto.
É a perda de Troia: vê-se Eneas
Sair c'o pae ás costas: vai Ascanio
Com os caros Penates abraçado:
Arde a cidade: caiem as altas tórres:
Embarca a gente phrygia: muitos annos

400 PARNASO LUSITANO.

Per inhospito mar andam vagando ,
Até que surgem no distante Lacio ,
Onde Eneas a Turno tira a vida ,
E casa com Lavinia.

APRIGIO.

Bravo ! bravo !

INIGO.

Tem varios duos, arias, cavatinas :
Eu cuido que desbanco a Metastasio.

BRANCA.

Agora sigo-me eu.

APRIGIO.

Espera , Branca.

Perdoa, amigo Jofre, que a memoria
Principia a faltar-me : preterido
Per engano ficaste ; e bem podias
Pedir a tua vez. Perdoa e falla .

JOFRE.

Em tal não reparei : eu sou sincero,
Digo o que intendo ; e cuido que o theatro
Sem musica , e sem dança , nada vale:
Ha cousa mais formosa, que a ligeira
Calada Pantomima, cujos gestos ,
Sem auxilio das vozes representam
Reconditas paixões , mudos suspiros ,
Que intende o coração , ouvem os olhos ?
Que melhor espectaculo , que os leves
Grandes saltos mortaes ? Que ver nos ares
Bater c'os calcanhares oito vezes,

Forcer o corpo e revirar os braços !
 Mas nunca votarei em que façamos
 Ópera em Portuguez toda cantada ;
 Para tanto não é a lingua nossa ;
 Algumas arias, duos, recitados
 Se podem tolerar ; o mais em prosa :
 Para o theatro nós não temos versos.

APRIGIO.

Fallas como um Catão. Que dizes, Branca ?

BRANCA.

Eu sou de parecer, que so se façam
 As portuguezas Óperas impressas :
Incantos de Medéa ; Precipicios
De Phaetonte, Alecrim e Mangerona : *
 Em outras nunca achei galanteria.

APRIGIO.

Esse voto era digno de mais annos.
 A ti, amigo Artur, que te parece ?

ARTUR.

Que podem parecer-me taes loucuras ?
 Estou tonto de ouvir estes senhores !
 Parece-me que stou entre Paulistas,

* Houve edictor que modernamente deu á luz
esses non plus ultra do genero dramatico; e Gil
 Vicente e Prestes e outros classicos ficarão para
 sempre no cadoz? Oh vergonha! oh ingrata in-
 curia !

FRANCISCO MANUEL.

Que , arrotando Congonha, me aturdiam,
 Co'a fabulosa illustre descendencia
 De seus claros avós, que de ca foram
 Em jaleco e ceroulas. Mas pergunto:
 As comedias de Calderon, Mureto,
 Candamo e Salazar, isso não presta?
 Tem bichos, meus senhores? Tanta gente,
 Imperadores, réis, infantes, duques,
 Os condes, e os marquezes, que as ouviam
 Com gósto e com prazer, eram uns asnos?
 So estes meus senhores tem juízo?
 Que Colombos e Gamas denodados
 Para achar novos climas, novos máres!
 Pois digo-vos, que so se a minha Aldonsa
 Fôr de contrario voto, o meu dinheiro
 Servirá para as barbaras ideias,
 De que prenhes trazeis essas cabeças.

APRIGIO.

Aldonsa, minha Aldonsa, que nos dizes?

ALDONSA.

Eu digo, que me louvo no teu voto.

GIL.

Falla, formosa Aldonsa, tu bem sabes
 Quaes são as leis e regras do theatro.

ALDONSA.

Não acceito a lisonja; porém digo.
 Que enfim approvo quanto tu votaste.

APRIGIO.

Eu que tenho dous votos, digo o mesmo.

ARTUR.

Acabou-se a questão ; vivamos todos.

APRIGIO.

Agora, amigo Gil, que obra faremos ?

GIL.

Eu tenho varios Dramas traduzidos
De Sophocles, d'Euripides, Terencio.

APRIGIO.

Nada de Grego, nada; fóra, fóra :
Sempre te ouvi dizer, que elles não tinham
Os lances amorosos de que gosta
O povo portuguez.

GIL.

Queres a *Castro*,

Tragedia do Ferreira ?

APRIGIO.

Deus me livre !

Amigo Gil Leinel, eu desejava
Um Drama teu : conheço n'esses olhos
A suave ternura de teus versos.

GIL.

Pois, amigo, encetemos o theatro
Com a minha *Ifgenia*.

APRIGIO.

Bello nome !

Isso é que eu chamo titulo arrogante ;
E que em vermelhas letras, nas esquinas
Ha de pescar curiosos a cardumes.
Repartam-se os papeis ; vamos a isso.

GIL.

Ifigenia, será Aldonsa bella.

ALDONSA.

É extenso o papel?

GIL.

Não; é pequeno.

O senhor Jofre seja Achilles: seja...

ARTUR.

Espere; tenha mão, senhor poeta,
Veja como reparte essas garrochas,
O primeiro galan a mim me tóca.

GIL.

Não pôde ser galan; ha de ser barbas.

ARTUR.

Eu barbas! eu que empresto o meu dinheiro!

GIL.

E que tem o dinheiro co'a figura?
Um velho nunca pôde ser mancebo.

ARTUR.

Senhor poeta Gil, faça-me a graça,
E ponha-se na rua. (*Levantam-se todos.*)

APHIGIO.

Artur... amigo. .

Onde stá a prudencia d'esses annos?

ARTUR.

Quaes annos. *Antes que todo es mi Dama:*
Aldonsa, não a largo: tenho dicto.

JOFRE.

Que tal, senhora Aldonsa?

ALDONSA.

Escuta , Jofre.

BRANCA.

Senhor Artur Bigodes , não se engrile ;
Será o que quizer : quer ser Achilles ?

BRAZ.

Arnaldo amigo , vamo-nos çafando ,
Que isto não pára aqui.

ARNALDO.

É gente douda.
(*Vam-se os dous.*)

SCENA VII.

TODOS , MENOS OS DOUS.

APRIGIO.

Oh Paz , serena Paz ! que nos deixaste ,
E abrindo as brancas azas te sumiste !
Inspira-me palavras , com que póssa
O velho socegar encarniçado.
Amigo Artur Bigodes , que me perdes !

ARTUR !

Queria o doctor Gil , esse harbicas ,
Poeta bordalengo , desfraudar-me
D' ametade de mim ! Fóra c' o talbo !

INIGO.

Jofre amigo , despede-te de Aldonsa.

GIL.

Amigo Aprigio Fafes , eu attendo
 Ao respeito devido á tua casa ,
 Por isso não respondo a taes injúrias.

ARTUR.

Adeus , senhor poeta ; faça versos
 Ás môças do seu bairro ; não se metta
 A padre-cura de outra freguezia.

GIL.

Senhor Artur Bigodes , fallaremos. (*Vai-se.*)

SCENA VIII.

OS MESMOS , MENOS GIL.

JOFRE.

Adeus , ingrata Aldonsa.

ALDONSA.

Ouve-me , Jofre.

JOFRE.

Não venho do Brasil ; eu ca sou pobre.

BRANCA.

A mana não tem culpa : crê-me , Jofre.

ARTUR.

Senhor mestre de solfa , va-se embora ,

Que esta menina toma agora estado ,
E vai senhora ser da sua casa.

INIGO.

Branca , o mineiro cuida que esta casa
É senzala ou posilga de crioulos.

BRANCA.

Assim convem , assim melhor se encrava.

APRIGIO.

Amigo Artur , as noivas não costumam
Os mestres despedir : levam consigo
Cravo , livros de solfa. O mestre attento
Vai logo no outro dia visita-la.

ARTUR.

Se for a minha casa , hei de parti-lo.

JOFAE.

Sim , barbas lhe deu maio. Adeus , Aprigio.
(*Vai-se.*)

ALDONSA.

Infausta sede de ouro , a quanto obrigas
A cara liberdade ! O puro affecto
A duro captiveiro hoje condemnas !

ARTUR.

Amigo Aprigio Fafes , de theatro
Bem te podes deixar ; assás nos bastam
Os theatros que temos em Lisboa :
Nem tudo ha de ser Óperas ou Comedia.
Eu caso com Aldonsa e doto Branca :
O noivo , la o busca ; pois conheces

408 PARNASO LUSITANO.
Os bonifrates de chapeo pequeno ,
De rabicho e casacas estiradas,
De que gostam as môças d'êste tempo.
GARÇÃO.

PREPARATIVOS
.DE UMA ASSEMBLEIA.

SCENA I.

BRAZ CARRIL E GIL FUSTOTE.

BRAZ.

Intendes , Gil Fustote , o que te digo ?

GIL.

**Intendo , intendo : dizes que partida
Hoje em casa terás ou Assembleia ,
Amigo Braz Carril , éstas galhofas ,
Jantares e merendas são o fructo
Da reloucada teima de fidalga ,
Com que tua mulher sagaz te enloixa ,
Ou te embrolba na rede em que perneias :
Compaixão , grande compaixão me deves.
Partidas ! Assembleia ! que mania !**

BRAZ.

E chamas tu mania , Gil Fustote ,
 O viver, como vive a gente séria
 Hoje em Lisboa ? grandes , e pequenos
 Todos querem gozar das sans delicias ,
 Do suave prazer da companhia .

GIL.

Sem esses bons prazeres e delicias
 Nossos avós , e nossos paes viveram
 Fartos , alegres , ricos e contentes .

BRAZ.

Ora ja que traziam retorcidos
 Os grizalhos bigodes ; estirada
 A esqualida guedelha ; no pescoço
 Crespas golilhas ; gorra na cabeça ;
 As calças retalhadas e pantufos ;
 Não tragas tu casaca e cabelleira ,
 Nem ates com fivelas os sapatos ,
 Mudam-se os tempos , mudam-se os costumes :
 Não vés no frio hiuverno ao tronco annoso
 Cair-lhe as marchas cans , e quando torna
 A fresca primavera , verdejarem ,
 Cubertos de mil folhas , novos ramos ?
 Assim as modas são , assim os usos :
 E devemo-nos todos sujeitar-nos
 A tam perpétuas leis da natureza .

GIL.

Amigo , amigo , estás perdido.... doudo...

BRAZ.

Com os olhos abertos.

GIL.

Não t'ó invejo,

Nem quero governar a casa alheia :
Fica-te em paz com tuas Assembleias,
Podes sem mim fazer a synagoga.

BRAZ.

Caro Fustote, espera que não pôsso....

GIL.

Eu não canto, nem sou arreburinho :
Pouco gósto de cha, menos de jógo :
Falta ca não farei: adeus, amigo.

BRAZ.

Espera, espera, podes divertir-te,
Ouvindo duas arias, temos doce,
E doce delicada, se quizeres.

GIL.

Não caio n'esse anzol.

BRAZ.

Meu Gil Fustote,

Espera, escuta....

GIL.

Dize, que mais queres?

BRAZ.

Eu queria pedir-te algum dinheiro,
Porque stou sem real: olha em que dia!

GIL.

Pois a perpétua lei da natureza,

Que murcha as folhas, e que traz partidas,
 Não dá também diuheiro para o gasto?

BRAZ.

Amigo Gil Fustote, eu pouco peço;
 Dá-me, sequer, seis mil e quatrocentos;
 Accode-me; e conforme o nosso ajuste,
 Sette e duzentos lançarás na conta.

GIL.

Seis mil e quatrocentos! Quem m'os dera!
 Não me pagam tam bem os meus foreiros;
 E a dívida vai ja de foz em fóra.

BRAZ.

Oito mil réis porás.

GIL.

Isso é perder-te.

BRAZ.

Qual perder-me.

GIL.

Amigo, eu não podia;
 Mas vejo o grande apêrto... Toma... escuta:
 Eu chamo a Deus dos ceos por testemunha
 Sem juro te levar, sem interêsse
 De tam forçosa vexação remir-te;
 E que o pouco que mandas que accrescente
 Á nossa conta, é dado, e não per força,
 Sint de livre vontade. Adeus, amigo,
 Que vou vestir-me, e logo tórno. (Vai-sc.)

SCENA II.

BRAZ SOMENTE.

BRAZ.

Tenho

Para sequilhos, cha, café e cartas ,
 Falta so para luzes. Que remedio !
 Recorro ao coscorrinho da senhora ,
 Que é fonte limpa. D. Urraca.... Urraca....
 (*Cantando.*)

SCENA III.

BRAZ E URRACA.

URRACA.

Assim se chama , Braz, uma fidalga ?

BRAZ.

Perdoa, filha, que hoje não me lembro
 Nem de excellencias, nem de senhorias :
 Mandando á via stou a nau ronqueira
 Com vento escasso , e com estofas aguas.

URRACA.

O rato sempre foge para a pulha ;
 E preto velho não aprende lingua.

BRAZ.

Que vens a dizer n'isso? que me esqueço
 De etiquetas, medidas, ceremonias,
 E mais ritos e leis da fidalguia,
 Com que queres Urraca ser tractada?
 Ou intendes, que meus Progenitores
 Descendem de outro Adão, e que não foram
 Per seus honrados feitos estimados,
 Bons vassallos fieis e servidores?

URRACA.

Tem bem que ver Carrís, com Azevias
 Per linha masculina descendentes
 De príncipes, de réis, imperadores,
 E que até nos colchetes dos costados
 Tem mitras e roquetes!

BRAZ.

Basta, basta!

Senhora, excellentissima senhora,
 Dona Urraca Azevia! mas menina,
 Vamos ao caso: falta para a noite
 (*Fazendo-lhe muitas cortesias.*)
 Dous arrateis de vélas... Eu não pôsso....

URRACA.

Queres, ja sei, pregar-me esse callote.

BRAZ.

Não é callote: que pagar prometto.

URRACA.

Quando tiverem dentes as gallinhas;
 Mas para que conheças que não falto.

Quando é preciso, mandarei busca-los.

BRAZ.

Onde mezas não ha, não ha cadeiras,
Colhéres, castiçaes, pratos, bandejas;
Querer dar Assembleias, e partidas,
É nadar sem bezigas.

URRACA.

Mas com labia

Tudo se vence, tudo se consegue;
Porque a gente ordinaria agasalhada
Com uma tal lhaneza, facilmente
Deixa cardar a lan. Anda o diuheiro
Pelas mãos de villões contra vontade:
E como galgo em trela cubiçoso
De entrar nas algibeiras de fidalgos,
Para brilhar com pompa e luzimento
Em ricas mezas, em custosas galas.

BRAZ.

Ab, vossa senhoria ou excellencia,
É perdida entre nós: que san doctriua,
Que politicas maximas de estado,
Caíndo não lhe estão per entre os dedos?
Que florente não fôra o vasto imperio
Das fulas Amazonas, se o regera
Tam gentil coração, alina tam nobre!

URRACA.

So me julga capaz de mandar gente
Tam çafara e boçal? negros, Tapuias?
Agradeço-te, Braz, o bom conceito

416 PARNASO LUSITANO.

Que tu fazes de mim : bem me conheces ,
Se fôsse outra qualquer d'essas que campan
Por lettradas, que gostam de ouvir versos,
Que os repetem, que os fazem (se lh'os fazem)
D'essas....

SCENA IV.

UM GALLEGO COM UMA TEÍGA , E OS
MESMOS.

GALLEGO.

Aqui, senhor, manda meu amo
Seuho Jacob Bilhostre, o que se pede :
Vem oito castiças; diz que tesoura
É traste que não tem, menos de prata :
Que virá a seus pés, como lhe ordena;
Que sempre estimará podêr servi-lo.

BRAZ.

Vai-te, dize ao senhor Jacob Bilhostre,
Que tudo recebi, que fica entregue
(*Vai-se o Gallego.*)

SCENA V.

BRAZ E URRACA.

BRAZ.

Vejamos que taes são. Oh la ! suberbos !
Que sécia , minha Urraca ! Stás contente ?

URRACA.

Nunca vi castiçaes ? Tu imaginas
Que em berço de cortiça me embalaram ?
Que nasci n'um curral ?

BRAZ.

Não digo tanto ;
Mas ólha , são magnificos e novos.

URRACA.

Ná verdade são bons, mal empregados
Em casa , onde bastava uma candeia ;
E talvez que nem essa ella teria,
Quando cebo vendia aos Remulares
Na fetida baiúca... Mas o tempo ..

SCENA VI.

OUTRO GALLEGO COM TEIGA, E OS
MESMOS.

GALLEGO.

Aqui manda o senhor Gaspar Picote
Açucareiro, bulle e cafeteira
Com tres duzias de chicaras e pires,
Que sente não ter mais ; e fica prompto
Para a vossas mercês servir em tudo.

URRACA.

Mercê, a min mercê ? mercê, maroto !

(Irada e furiosa.)

Atrevido, insolente, vai-te embora,
Tu não sabes fallar ? Dize a teu amo
Que te mande ensinar : logo pareces
Criado de villão ...

URRACA.

Urraca, Urraca....

URRACA.

Tolo, tolo ! E pretendes que tolere
Semelhante dizer ? Fôras tu outro,
E' souberas melhor desaggravar-me.
Mas tenho quem nas veias lhe circule
O sangue generoso de Azevias,
Que vingar saberá tamanha offensa. *(Vai-se.)*

SCENA VII.

GALLÉGO E BRAZ CARRIL.

GALLEGO.

A senhora está douda ? coitadinha.

BRAZ.

Vai-te, rapaz, adeus, vai-te depressa,
Não te venha pregar alguma surra.

GALLEGO.

A mim ! senhor, porque ?

BRAZ.

Çafa-te, foje.

(*Vai-se o gallego.*)

SCENA VIII.

JOFRE, URRACA, FLORESTÃO, LOU-
RENÇA E BRAZ.

JOFRE.

Maroto... patifão... villão... gallego...

Atrevido... insolente...

(*Correndo todo o theatro.*)

BRAZ.

Oh la, que é isto ?

420 PARNASO LUSITANO.

Jofre, não ouvês ? onde vas? espera.

(*Correndo atrás de Jofre.*)

JOFRE.

Este villão ruim , ladrão , patife...

URRACA.

Mata, filbo, mata. A ferro e fogo
Assolaram teus inclytos maiores
Tetuão, Azamor, Tangere, Arzilla.

FLORESTAÕ.

Mate, fidalgo, mate esse gallego;
Seja David, do sordido Golias.

(*Com uma tesoura.*)

BRAZ.

Tem mão, tem mão. (*A Jofre.*)

JOFRE.

Senhor, deixe-me.

URRACA.

Mata,

Mata, meu filbo, mata.

FLORESTAÕ.

Morra, mate.

BRAZ.

A quem, a quem? (*Enfadado.*)

JOFRE.

Villão...

URRACA.

Filho....

FLORESTAÕ.

Fidalgo...

LOURENÇA.

Mate...

BRAZ.

Tem mão, oh la Jofre, que fazes?
(*Péga-lhe no braço.*)

LOURENÇA.

Cum a pa de varrer n'êsta batalha
A forneira serel de Aljubarrota.
(*Dando em Jofre.*)

BRAZ.

Não ouves, marotão? Anda patife. (*Dá-lhe.*)

URRACA.

Villão...

FLORESTAÕ.

Fidalgo.

URRACA.

Assim se tracta um filho
Descendente de heroes?

FLORESTAÕ.

Fidalgo.

(*Sustendo a Braz.*)

LOURENÇA.

D'algo.

FLORESTAÕ.

Vossa excellencia, vossa senhoria...

SCENA IX.

JACOB BILHOSTRE E OS DICTOS.

JACOB.

A partida per Entremez começa?
 Senhora Dona Urraca... amigo, amigo.

BRAZ.

Senhor *Monsieur* Bilhostre, este magano...

URRACA.

Senhor Bilhostre, um filho meu... fidalgo
 Descendente do grande Lançarote,
 Que a Barbarroixa arrancava as barbas,
 Que arrastou pelos sordidos cabellos
 Solimões, Mustafás, e Mafamedes,
 Não devêra seu pae injuriá-lo,
 E na minha presença.

BRAZ.

Mas que injúria?

URRACA.

Não é injúria dar-lhe bofetadas?
 Alma fidalga de meu pae, que gozas
 No empyreo ao menos do logar de duque,
 Como não desces a vingar tammanha,
 Tam desmedida affronta?

JACOB.

Não, senhora,

O castigo de um pae não é injúria.
 Mas, senhores, o dia de partida,
 Um tam solemne dia, não é dia
 De arruídos, de rixas e disputas:
 Em Londres, em París, Parua e Veneza
 Estes bons dias são em todo o mundo
 Ao prazer e secêgo dedicados.
 Sólto e mil farpas de ouro despedindo
 Anda voando Amor nas Assembleias,
 E qual sonora abelha em lindas flôres
 Bebe o suave nectar nos formosos
 E triumphantes olhos das madamas,
 Com que ferozes corações abranda,
 D'homens os mais austeros e sisudos.

BRAZ.

Muito bem me parece: pazes, pazes.
 Leva a teiga d'ahi: ouves, Lourença?

URRACA.

Que perdestes, men Jofre?

JOFRE.

Uma arrecada,
 Que me caíu da orelha, e tenho sangue.
 (*Apalpando-a.*)

BRAZ.

Uma orelha?

FLORESTAÕ.

Não, senhor, um brinco.

URRACA.

Busca, Lourença.

LOURENÇA.

Um... dous... tres e argolinha

(Brincando e cantando.)

Ei-la... não... finca pe de pampollinha.

(Parando.)

FLORESTÃO.

Ei-la, fidalgo. Alviçaras, fidalga.

BRAZ.

Ora está bem, senhora, va vestir-se:

Vai tu, Lourença, vai limpar a prata:

E tu vai, Florestão, comprar o doce.

GARÇÃO.

O FALSO HEROISMO.

COMEDIA.

ACTO I.

SCENA VII.

D. THADDEU, LOPES.

D. THADDEU.

Lopes. (*Dando o espadim e chapeo a Lopes.*)

LOPES.

Fidalgo.

D. THADDEU.

Amigo, venho ardendo.

LOPES.

Pois que te succedeu ?

D. THADDEU.

O maior caso,

Que até-gora tem acontecido

Á famosa linhage dos Montaltos.

LOPES.

Tremendo estou: que foi, acaba, dise?

D. THADDEU.

A cruel Petronilha....

LOPES.

Eu o dissera,

Que d'ahi é que vinha a tosse ao gato;
Mas vamos adiante. Petronilha...

D. THADDEU.

• Não so despreza, cheia de vaidade,
Meus amantes obsequios,

LOPES.

N'essa parte

Hei d'ella compaixão, pois não conhece
A honra, que lhe fazes em amá-la.

D. THADDEU.

Pois sem reparo algum ousa antepor-me...

LOPES.

Quem senhor?

D. THADDEU.

Um villão de sua estofa.

LOPES.

Caspite!

D. THADDEU.

Ésta manhan o cha touando,
Quiz ao dar d'uma chavena servi-la,
Ao mesmo passo Lucio se atrevesa:
E ella sem olhar quem offendia,
E sem caso fazer do meu obsequio,

A chicara lhe den toda risonha.

LOPES.

Forte insolencia ! e tu, senhor, que obraste ?
N'esse instante fatal, de meio a meio,
Tal qual uma pêsca da, não o abriste ?

D. THADDEU.

Essa é boa ! com que eu manchar havia
A minha espada de um villão no sangue ?

LOPES.

Oh alma de fidalgo ! oh alma grande !
(Sempre dos fracos foi ésta a rodela) *A' parte.*
Perdoe-me, se em tal não reparava;
Nós outros os mechanicos tam alço
Não sabemos pensar como os fidalgos.

D. THADDEU.

Ah meu bom Ferramonte ! quanta falta
N'este caso me fazes ! se ao meu lado
Eu agora te visse, afoutamente
Podia segurar minha vingança.

LOPES.

Não me dirás que Ferramonte é esse,
Que te merece tantas saúda des ?

D. THADDEU.

Foi um fiel criado, que ja tive,
Uma joia, um modelo de criados :
Em quanto me serviu, oh que respeito
N' ésta cidade conseguiu meu nome !
Ninguem a alçar direitos se atrevia
Os olhos para mi.

LOPES.

Oh que criado!

D. THADDEU.

Entre muitas, que fez, quero contar-te
 Uma historia, que é digna certamente
 De ser em todo tempo celebrada:
 Servia eu certa dama, e uma tarde
 Estando junctos a tomar o fresco
 N'uma janella, passa um d'estes moços,
 Que trazem escarpins, e não sapatos,
 E relógio, qual macho de liteira
 Com muita franja e muita campainha;
 O cabello era cousa façanhosa:
 A rapariga ao vê-lo, ou fôsse graça,
 Ou fôsse porque assim lhe parecia,
 « Bello cabello (diz) leva esse móço! »
 Enchi-me de paixão; porém calei-me.
 Chegado a casa, digo a Ferramonte,
 Que por maior affronta á minha vista,
 E á vista da moçoila sem fallencia
 Devia tasquear o tal galante.
 Dicto e feito: ao outro dia ás mesmas horas
 Torna a passar o tal pintalegrete
 Todo pós e pomada, todo almiscar,
 C'um topete mais alto, que uma torre.

LOPES.

Que lindo que viria o marinelo! *

* Mulherengo, afeminado; tolo, etc.

• Velhaco *marinelo*, engana meninos. •FERREIRA, *Bristo*, comedia.

(Com que de mais a mais este é d'aquelles ,
Que são lincees em ver no olho alheio
*O argueiro, e no seu não vêem a tranca? **

(*A' parte.*)

D. THADDEU.

O bom de Ferramonte soltamente
 A elle se aremessa , e agarrando-o
 Pelo honrado grossissimo chicote ,
 Á vista de nós ambos rés lh'o corta.

LOPES.

Oh que galante cousa ! oh que criado !

(*Rindo-se.*)

Nunca por tal acção as mãos te doam.

D. THADDEU.

Ainda aqui não pára a tal historia.
 O maior chiste está , amigo Lopes ,
 Em que o feroz athleta triumphando ,
 Como despojo da cruel batalha
 Nos veio apresentar o gran'chicote.
 A cauda de um Bachá não faz mais vulto ,
 Porém que muito se indo a examina-lo ,
 Entre quatro farripas lhe encontrámos ,

LOPES.

O que , senhor ?

D. THADDEU.

O que? ve se adivinhas.

* Assim acontece a muitos que hoje blasonam de
 Aristarchos.

LOPES.

Deixa-me' discorrer : talvez seria
De cabello de hode algum crecente?

D. THADDEU.

Qual crecente ?

LOPES.

Não ? pois então aposto
Que foi de grossa estopa alguma estriga.

D. THADDEU.

Qual estriga ?

LOPES.

Pois ja que não acerto
Dize tu o que foi, pois por sabe-lo
Rebentando estou,

D. THADDEU.

Cousa nunca vista !
De grosso zambujeiro um grande taco ,
O qual eu desde então tenho guardado
Com cuidado maior, que o com que guarda
Concha exquisita soffego antiquario :
Queres vê-lo ?

LOPES.

Pois não ? cousa tam rara
Merece ser per todos admirada.

D. THADDEU.

Pois abre essa gaveta, e d'ella o saca.

(*Abre Lopes a gaveta, e tira um grossu
taco de pau.*)

LOPES.

Nome de Deus ! e pôde haver cabeça
 Que sustentasse tam disforme péso ?
 Certamente , senhor, que o Franchinote
 Devia de o trazer per penitencia ;
 Tu lbe fizeste grande beneficio ,
 Pois não podia ter maior castigo
 Que o trazer esta tranca sôbre as costas.

D. THADDEU.

Que pasmas ? pois meu Lopes , saber deves,
 Que estes grandes chicotes, que hoje campam,
 Todos como esse teem igual miôlo.

LOPES.

Tam leves devem ser essas cabeças ,
 Que para não voarem com o vento
 Precisam de trazerem contrapêso :
 Mas tornemos , fidalgo , a Ferramonte ;
 Um môço de taes manbas certamente.
 Que havia de medrar mnito comtigo.

D. THADDEU.

Oh se medrou ! porém fez tantas d'estas ,
 Que sem podêr valer-lhe m'o prenderam.

LOPES.

Sempre pelo mais fraco quebra a corda.

(*A' parte.*)

D. THADDEU.

E porfim o mandaram para Angola.

LOPES.

Grande despacho teve ! Não lh'o invejo.

D. THADDEU.

Desde então fiquei manco , pois com elle
O meu braço direito me cortaram :
Tu , meu Lopes , não es para éstas cousas.

LOPES.

A fallar a verdade , eu sempre fujo
De metter-me em camisas de onze varas ;
Não fólgo de ver sangue , nem pendencias :
Amo o descanso , e a paz , e os meus talentos
São mais de gabinete , que de campo ;
Sóretudo receio , que m'os moam ,
Ou que me deem c'os ossos em Angola ,
Como esse meu collega Ferramonte :
Porém se tu quizeres , eu conheço
Um amigo capaz d'essas façanhas.

D. THADDEU.

Oh meu Lopes , que dizes ? esse amigo
Intendes que é capaz de despicar-me ?

LOPES.

Como ? não so capaz , mas capacissimo :
É um homem de todos os diabos ,
Um corisco , um trovão , uma centelha.

D. THADDEU.

Bello , bello !

LOPES.

Tem dés mortes ás costas.

D. THADDEU.

Excellent !

LOPES.

Tres vezes degradado

Tem sido para a India.

D. THADDEU.

Excellentissimo!

Meu Lopes, sem demora reboiando

Esse homem vai chamar-me ; ólha que a paga

Segura em mi a tens.

LOPES.

Não haja falta

Da sua parte, que eu não sei da minha

Faltar ao que prometto. (*Vai-se.*)

D. THADDEU.

Ja minha alma

Começa a descansar : terei o gôsto

De ver moer os ossos a um maroto,

Que sem ver a relé de que procede,

Com um fidalgo a competir se atreve.

ACTO II.

SCENA VI.

D. THADDEU, LOPES.

LOPES.

Basta , senhor, de ler : com tanto estudo

Que pretendes ? queimar tuas pestanas ?

D. THADDEU.

Estou-me deleitando em ver, meu Lopes,

V.

28

434 PARNASO LUSITANO.

As armas, e os varões assignalados
Da clarissima stirpe dos Montaltos.

LOPES.

Isso ha de ser um mar de sangue illustre.

D. THADDEU.

Que dizes tu? um mar? ha muitos máres.
Chega ca, ves aqui este colchete?

LOPES.

Onde está o colchete? eu nada vejo,
Mais que duas rabiscas e umas lettras.

D. THADDEU.

Isso mesmo? pois este em si encerra
O senhor Dom Gosendo de Montalto
Que é meu septimo avô per varonia.

LOPES.

Segundo p que discorro, certamente
Que o senhor Dom Gosendo de Montalto
Foi em seu tempo grande cavalheiro.

D. THADDEU.

Oh la se foi! serviu uma commenda
Sendo Fronteiro em Africa com lanças,
Com homem e cavallo á sua custa.
D'alli passou á India, e achou-se em Dia
No forte do Badur c'o grande Cunha.

LOPES

Oh que homem! oh que heroe! oh que fidalgo!

D. THADDEU.

Foi em primeiras nupcias recebido
Com a senhora Dona Urraca Calva,

Herdeira do solar dos Alcarrazes
Do illustrissimo sangue dos Peraltas.

LOPES.

D'esses ha hoje muita descendencia.

D. THADDEU.

Per ésta parte prendo c'os Magudos
Serrasins de Lanhoso Carpinteiros,
C'os Girões, c'os de Riba de Rizelá,
C'os de Caimbra.

LOPES.

Esses tinham mau achaque.

D. THADDEU.

Aqui tens o senhor Dom Egas Fafes,
De quem per minha avó, a muito illustre
Senhora Dona Elvira Esgarafanha
Décimo neto sou, que foi *cadete*,

LOPES.

Em algum regimento la do Minho?

D. THADDEU.

Não homem, não é isso. (Oh que trabalho
Tem em fallar com gente mal creada
Um homem que é polido!) Ésta palavra
Quer dizer, que não foi o *primogenito*;
Porém nós os que somos instruídos,
Usamos d'ella, e de outras semelhantes *

* Tem la em Portugal chrismação, com tanto
nome francez, as cousas que no meu tempo eram
baptisadas com nome portuguez, que temo que a

Por affectar nas grandes companhias
 Que tambem do Francez temos dous dedos :
 Este (como dizia) foi *cadete*
 Da casa solarenga de Brunhudos ;
 Achou-se na batalha de Trancoso ,
 E n'ella recebeu vinte feridas ,
 Que do seu brio foram vinte linguas.

LOPES.

Oh que homem! oh que heroel oh que fidalgo!

D. THADDEU.

Per elle toubo a hora de entroncar-me
 C'os Barrocos , c'os Ambias , c'os Ansures.

LOPES.

Estou tonto,

D. THADDEU.

Que ? pasma ? pois espera.

LOPES.

(Triste de mi ! em boa estou unettido ;
 D'êta feita me estafa sem piedade ,
 Com a sua estudada parentella.) (*A' parte.*)

minha *conduta* não pareça *affrosa* aos senhores
 que hoje *juissam* do mais alto *rango* entre os *senti-*
mentistas e *massacrantes* : metter-me-hei debaixo
 do *egidio* da obscuridade ; a fim que a *populacea* de-
 bandando os *rassortes* de sua vingança , me não
écrase d'affaires vilipendiosos , faltando-me as *res-*
surças do espirito tocante , com que *esquisse* o
detalhe das *recherches* , e dos *regardes*.

FRANCISCO MANUEL.

D. THADDEU.

Ves est'outro ca ?

LOPES.

Muito bem.

D. THADDEU.

Pois este

É o senhor Dom Mendo de Montalto ,
 Meu Tresavó , que foi Mestre-de-campo
 De um terço auxiliar de Tras-os-montes :
 Achou-se na batalha de Montijo ,
 E nas do Ameixial , e Linhas-d'Elvas ;
 No assalto de Valença , e sítio d'Evora :

LOPES.

Oh que homem ! oh que heroe! oh que fidalgo!

D. THADDEU.

Casou com a senhora Dona Aldonsa
 Sarraza Gandarei , Pintalha Parda ,
 Que d'estes appellidos tinha o sangue ,
 E mais o dos Picheis , e dos Asnares.

LOPES.

Essa não me parece a melhor raça.

(A' parte.)

D. THADDEU.

Que dizes ?

LOPES.

Que direi ? que agora acabo

De conhecer quem es

D. THADDEU.

Pois que cuidavas ?

Que era algum escudeiro ou fidalgo?

De tres ou quatre avós ? per este lado
Aparento c'oa Piscos Sadorninhos.

LOPES.

(Sancta Barbara seja em minha adjuda,
Que a grande trovoada ainda dura !)
(*A' parte.*)

D. THADDEU.

C'os de Maia e Cabrera , c'os Quartelas;
Porém , ah cão de mui ! de que me serve
O sangue illustre, que nas veias tenbo,
Se offendido me vejo ? se não corro
No vil sangue a lavar de quem me affronta
A minha injúria ? Lopes.

LOPES.

Meu fidalgo.

D. THADDEU.

Fallaste ao teu amigo ?

LOPES.

Essa é bonita !

**Eu sou homem capaz de descuidar-me
Das cousas de teu gosto ? menos de hora
Haverá que stivemos ambos junctos :
Prometteu-me , que dentro em pouco tempo
A buscar-te viria ; porém como
Seu prestimo é de muitos conhecido ,
Não tem mãos a medir com encomendas
Similhantes á tua ; e disculpa-lo
É justo , porque julgo que não tarda.**

D. THADDEU.

Está bem; vai buscar-me chocolate,
 E toma a paga d'esse teu trabalho,
(Abre a bolsa, e dá dinheiro a Lopes.)

LOPES.

Venha, e depois trarei o chocolate.
 (Oh la! duas moedas! não ha cousa
 Como servir um d'estes namorados;
 De esmola não darão nem um seutil;
 Porém para pagar a quem os serve
 Em cousas de seu gosto, sem reparo
 A camisa darão que teem no corpo.)
(A' parte, e vai-se.)

ACTO III.

SCENA XVI.

*Abre-se a porta das casas de LANÇAROTE,
 que sai com uma espada, como quem vem
 accodir á pendencia: com elle sairão alguns
 criados com luzes; CARMOSINA e PETRO-
 NILHA chegam á janella: e n'este tempo sai-
 rão brigando LUCIO E THADDEU.*

CARMOSINA.

Muito fólgo de ver uma pendencia.

PETRONILHA.

Triste de mi, que é Lucio!

(Mettendo-se para dentro com muita pressa.)

CARMOSINA.

Onde, senhora,
Com tanta furia corres?

LANÇAROTE.

Paz, senhores.
Entre amigos? que é isto? paz: apartem-se.

D. THADDEU.

Desgraçado de mi! estou perdido.

*(Cae-lhe a espada da mão.)**Sai Petronilha correndo a Lucio e Carmosina.*

PETRONILHA.

Ah Lucio!

LANÇAROTE.

Petronilha, que loucura

É a vossã?

LUCIO.

Senhora, socegae-vos.

SCENA XVII.

OS DICTOS E LISUARTE, *que sai com uma
espada nua.*

LISUARTE.

Fugiram os cobardes.... mas que vejo!
Dom Thaddeu! oh que infamia! não debalde
O discurso este lance suspeitava.

LUCIO.

Dom Thaddeu, vós sem causa, nem motivo
 Pretendeste vilmente assassinar-me :
 Na minha mão está tomar vingança
 De tam indigna acção, tam detestavel,
 Mas n'uma alma, que estima a honra e brio,
 Tam indigna paixão logar não acha.
 Agora o que pretendo, é so mostrar-vos
 Como nm homem honrado se despica :
 Aqni tendes, tomae a vossa espada,
 E de mi apprendei d'hoje em diante
 Com que brio deveis tirar per ella.

LANÇAROTE.

Que honrado coração !

LISUARTE.

Que nobre peito !

LOPES

Eis alli o que eu chamo ser fidalgo.

D. THADDEU.

Estou corrido : que isto me succeda !

LANÇAROTE.

Dom Thaddeu, ésta casa sempre aberta
 Esteve para vós, quando intendia
 Que ereis, qual deve ser um cavalheiro,
 A's leis fiel, fiel com os amigos :
 Hoje porém que vejo me enganava,
 O favor me fazei de não tornardes
 A pôr n'ella os pés. Lucio, Petronilha,
 Para dentro nos vamos : Lisuarte,

Honrae-nos com a vossa companhia. *

(*Vai-se.*)

LISUARTE.

Ja vos sigo, senhor.

PETRONILHA.

Ah! que de susto

Inda bem não respiro, amado Lucio!

LUCIO.

Querida Petronilha, a gozar vamos
Do nosso puro amor o doce fructo.

(*Vão-se.*)

LISUARTE.

Dom Thaddeu, como amigo verdadeiro,
Trabalhei por poupar-vos esta infamia,
Mas do vosso furor precipitado,
Tanto contra a razão vos obstinastes,
Os ouvidos cerrando aos bons conselhos,
Que chegastes a ser um assassino;
O escarneo, o ódio, a fábula do povo,
Ficae pois c'os infames companheiros,
Que escolhestes; mas tende na memoria,
Que sem virtude é van toda a nobreza.

(*Vai-se.*)

LOPES.

Eu tambem, meu fidalgo, que amo e estimo
A paz, mais o socêgo, e que não quero
Por amor d'éstas suas travessuras
Á dependura pôr-me, ou que me mandem
A Cabo-Verde a penteir bugios,

Que é o prémio mais certo, que se tira
De taes serviços; ja desde este instante
De sua companhia me despeço.

Carmosina.

CARMOSINA.

Que queres?

LOPES.

Do banquete

Póssso esperar tambem algum bocado ?

CARMOSINA.

Oh la se podes ! entra sem receio,
Que não has de perder tuas passadas.
Mea senhor Dom Thaddeu, sou sua escrava,
Fique-se c'os oitenta avós fidalgos.

(Fazendo uma mesura, vai-se com Lopes.)

D. THADDEU.

Que é o que por mi passa ! eu espancado !
Dos meus deseparado ! escarnecido
Com tanto opprobrio meu de todo o povo !
Mas este é sempre o fructo que recolhe
Quem das proprias paixões segue o capricho,
E de paixões tam loucas como as minhas,
Quem os ouvidos fecha aos bons conselhos
Do sabio virtuoso ; quem escolhe
A companhia vil de homens perdidos ,
Que procuram dos grandes com a sombra
Seus delictos cubrir ; pois que remedio ?
Que remedio ? Thaddeu, mudar de vida ;
E se até hoje escandalo da gente

Fui com minha suberba, com meus vicios,
 Desde aqui detestando a van ideia
 De um heroismo falso, que seguia,
 Dar-lhe em minhas acções justas, honradas,
 Altos exemplos de immortal virtude,

DINIZ.

Outros Tragicos e Comicos illustraram a nacional litteratura com as suas composições. Mas, prescindindo das comedias de Sá de Miranda, Ferreira, e J. F. de Vasconcellos, etc. (scriptas em prosa, e que, por isso, não entram n'êsta escolha), quasi todas as mais comedias ou tragedias que li dos modernos auctores, são scriptas em stylo tam pouco castigado, ou antés tam afrancezado, que não ousei inseri-las n'uma selecção, em que ésta essencial parte me deveu summo desvelo. Além de que, tragedias feitas de improviso, como as que ora se publicam em Lisboa, e com as quaes se pretende dar um *theatro tragico* á nação, pouco podem interessar os veros conhecedores, que sabem quam difficil é este *genero de poesia*, e que tempo é necessario para bem limar uma obra. Hoje na pressa de imprimir, e no número dos scriptos é que muitos auctores fazem consistir á sua nomeada.

Advertencia.



Com indizível prazer (aguado todavia co'a incuria dos typographos) rematei ésta penosa tarefa. So as pessoas versadas em similhantes trabalhos e studos, poderão avaliar o dissabor que me causou a leitura de compridissimos poemas, para d'elles extraír algum pedaço menos-mau; além de outros muitos, onde nada achei digno d'extracto. Accresce, as diversas officinas em que essas obras foram impressas; umas em ruim papel e com

pessimos typos; outras tam minadas de erros ja orthographicos, ja de language, que não ha hi, em muitos logares, intender a mente do auctor. Afora um pequeno número das taes obras (e n'elle incluo as de Camões, tiradas á luz pelo padre Thomaz Joseph de Aquino, ou as de Ferreira, pelo benemerito e laborioso professor Pedro José da Fonseca) as que restam, pertencentes a poetas quinhentistas, foram publicadas per edictores, que so fictavam ó interêsse, e não á honra litteraria da patria, ou á glória dos grandes Genios, que tanto a esclareceram com suas porfiosas vigalias; bem avessos, n'esse particular, dos edictores estrangeiros, que sempre se esmeraram em dar a público edições nitidas e correctas dos classicos. Ora é tambem de attender, que os susodictos poemas destituídos, como correm,

de juizo critico relativo a seu muito ou pouco merito, quasi são nullos ós mancebos, que, inda noveis na carreira poetica, não acham quem lhe n'ella aponte os spinhos e as flôres *.

É pois no stado da actual decadencia em que jazem em Portugal as Bellas-lettras, por falta de applicação e gôsto, que eu procurei adicionar ás peças inteiras, que compoem ésta collecção, os juizos que acerca d'ellas formaram os homens de gôsto; isto é aquelles que por suas obras e talentos poeticos tinham juz de bem pesar-lhe as bellezas e defeitos. Igualmente procurei explicar em notas algumas palavras, que, por seu arredado uso; poderiam embaraçar a intelligencia dos

* - A melhor *Arte-poetica* (diz La Fontaine) é uma escolha de excellentes versos em todos os generos: escolha tanto mais propria a formar o gôsto, que todas as peças que a compoem, instruem e delectam junctamente. -

leitores; aponteí tambem varios lugares que os nossos vates imitaram dos latinos; e até mesmo aquelles, a que, nos scriptores das linguas vivas, podia o texto referir-se; mas em modico número; porque o tammanho dos volumes m'o embargou. Além do *Resumo historico da lingua e poesia portugueza*, composto pelo Snr. J. L. Garrett, e da *Epistola* de Francisco Manuel, que servem de introdução a ésta obra; para que os studiosos n'ella achassem um arresoado corpo de doutrina, lancei em nota as opiniões de alguns auctores graves, concernentes á orthographia que adoptei. Muitas notas me pertencem, e soldeias ós poemas, porque reflecti que em materias de gôsto, cadaqual é livre de manifestar as sensações que experimenta na leitura das hoas obras poeticas e oratorias. Quanto ás notas my-

thologicas, historicas, grammaticaes, criticas, etc., julguei-as indispensaveis áquellas pessoas que, sem tal soccorro, ignorariam no texto, inda as cousas mais simples. Ésta *escolha* não foi so ordenada para sabios, foi-o para todo genero de leitores.

É pois hoje de sperar que os Portuguezes (e hemassi os estrangeiros, que se dão ó studo de uma das mais bellas linguas de Europa; pois so nos originaes, e não em cópias que tudo lesfiguram *, poderão avaliar o merito os lzos scriptos) acolham favoravelmente ésta edição, onde encorporei quanto o permittia a estreitura dos lumes) o mais precioso da poesia

Grande desconsolação, por certo, para um Portuez, quem ama a sua patria, e a sua lingua, ver m pouco é ésta conhecida em França! Que n' Camões em inspidas versões, e que não com Camões em Camões mesmo!

FRANCISCO MANUEL.

nacional. Se porêm alguns leitores (difficeis de contentar) me argüirem de haver omittido algumas peças excellentes, talvez impressas em Portugal, ou mesmo no Brasil, respondo-lhes : — que ésta *escolha* foi feita em París, onde se taes peças não acham; — que as livrarias d' ésta capital quasi nada possuem de poesias portuguezas; — e que os extractos que formam a presente *collecção* foram (pela maior parte) tirados da minha bibliotheca — comtudo, se ésta edição for bem accetada, procurarei ser mais rico na segunda. As primeiras obras nunca são completas; e ésta é a primeira no seu genero.

Agora so me resta pedir ó leitor benevolo, que, se pelo corpo d' ésta obra encontrar algumas falhas orthographicas ou de stylo, queira desculpa-las; pois applicuei toda attenção

que ella saísse limpa de anomalias e erros ; mas é impossibil conseguir isto cabalmente , quando se tracta de reduzir a uma so orthographia as de tantos livros , e tam desvairadas ; e muito mais, quando os impressores não teem o minimo conhecimento da lingua em que trabalham.

FONSECA.



INDEX
DO TOMO V.

EPISTOLARES.

SÁ DE MIRANDA.

Carta a el-rei D. João III. Pag. 1

FERREIRA.

Carta a Diogo Bernardes. 18

Castro. (tragedia) 283

CAMINHA.

Carta a Antonio Ferreira. 28

BERNARDES.

Carta a Francisco de Sá de Miranda. 33

A Antonio Ferreira. 38

GARÇÃO.

Carta ao doctor João Evangelista. 43

Sessão de artistas e empresarios. (comedia) 389

A assembleia. 409

NICOLAU TOLENTINO.

<i>Carta em que o auctor offereos um perum a uma senhora.</i>	49
<i>A uma preta.</i>	52
<i>A um cabelleireiro.</i>	59
<i>Memorial a sua alteza.</i>	65

BOCAGE.

<i>Epistola ao marquez de Pombal.</i>	75
<i>Ao marquez de Ponte-de-Lima.</i>	81
<i>Ao marquez de Abrantes.</i>	85
<i>Ao senhor Sebastião Botelho.</i>	88

ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS.

<i>Epistola a Almeno.</i>	92
<i>Ao doctor Nogueira.</i>	95
<i>Os causticos.</i>	98
<i>A desigualdade dos premios e fortunas.</i>	102
<i>Jornada a Vallongo.</i>	106
<i>A Francisco José da Serra.</i>	110
<i>Os prazeres da vida.</i>	114
<i>Ao doctor Ricardo Raimundo Nogueira.</i>	11

MALHÃO.

<i>Carta ao marquez das Minas.</i>	129
<i>Ao principal Castro.</i>	140

CALDAS.

<i>Carta a João de Deus Pires Ferreira.</i>	144
---	-----

FRANCISCO MANUEL.

<i>Carta a Antonio Mathevon.</i>	189
<i>Ao senhor ***.</i>	206
<i>Epistola ao senhor José Bonifacio de Andrada.</i>	231
<i>A Fr. José do Carmelo.</i>	237

D. LEONOR D'ALMEIDA.

<i>Epistola a Philinto.</i>	249
-----------------------------	-----

SEMEDO.

<i>Epistola a José Thomaz da Silva Quintanilha.</i>	256
---	-----

PAULO JOSÉ DE MELLO.

<i>Epistola, o Cirio.</i>	263
---------------------------	-----

PASTORAES.

QUITA.

<i>Lycore.</i>	273
<i>Castro. (tragedia)</i>	331

DRAMATICOS.

TRAGICOS.

GOMES.

<i>Electra.</i>	335
-----------------	-----

456	INDEX.	
	SABINO.	
<i>Pollicena.</i>		340
	MATOS.	
<i>Viriacia.</i>		346
	ANONYMO.	
<i>Osmia.</i>		351
	JOÃO BAPTISTA GOMES.	
<i>Castro.</i>		361
	NOLASCO.	
<i>O triumpho da Natureza.</i>		373
	COMICOS.	
	CAMÕES.	
<i>Filodemo.</i>		383
	DINIZ.	
<i>O falso heroismo.</i>		423

ERRATAS.

TOMO I.

PAG.	VERS.	ERROS.	EMENDAS.
CXVIJ	23	qna ,	que.
56	18	elle ,	ella.
155	15	esura ,	escura.
163	15	ja ,	ia.
230	23	vulc o ,	vulcão.
231	12	explo so ,	explosão.
235	15	no ,	não.
237	27	ossam ,	possam.

TOMO II.

14	10	e ,	o.
83	(nota)	da lingua ,	na lingua.
316	4	echores ponde ,	echo responde .

TOMO III.

275	(n. v. 8)	sobre ,	alvo.
364	3	lastimoso ,	lastimoso.

TOMO IV.

93	1	espantado ,	espantados.
202	14	o ,	a.